UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS -
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

MARIANA CAROLINA MANDELLI

Allianz Parque e Rua Palestra Itália: práticas torcedoras em uma arena multiuso

Versão corrigida

São Paulo

2018

MARIANA CAROLINA MANDELLI

Allianz Parque e Rua Palestra Itália: práticas torcedoras em uma arena multiuso

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Heitor Frúgoli Junior.

Assinatura: _____

Data: _____

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M271a Mandelli, Mariana Carolina
 Allianz Parque e Rua Palestra Itália: práticas
torcedoras em uma arena multiuso / Mariana Carolina
Mandelli ; orientador Heitor Frúgoli Junior . - São
Paulo, 2018.
 224 f.

 Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Antropologia. Área de concentração:
Antropologia Social.

 1. Futebol. 2. Torcidas organizadas. 3.
Sociabilidade. 4. Espaço urbano. I. Frúgoli Junior ,
Heitor, orient. II. Título.

Nome: MANDELLI, Mariana Carolina

Título: Allianz Parque e Rua Palestra Itália: práticas torcedoras em uma arena multiuso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Heitor Frúgoli Junior.

Aprovado em: 28 de setembro de 2018

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Simoni Lahud Guedes

Instituição: Universidade Federal Fluminense (UFF)

Assinatura: _____

Prof. Dr. José Paulo Florenzano

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Assinatura: _____

Prof. Dr. José Renato de Campos Araújo

Instituição: Universidade de São Paulo (USP)

Assinatura: _____

À Maria Henrique Bezerra, minha avó querida e minha
são-paulina preferida, que me mostrou desde cedo que
ser mulher é um ato de coragem.

Ao Augusto Abdon Bezerra, meu avô arretado, pelos
sucos azedos de limão, pelas tapiocas cheias de manteiga
e pelo meu primeiro passeio de ônibus.

Ao Benedito Mandelli, meu terceiro avô, pelos pássaros,
pelas roseiras e pelos jogos do “Parmera” no radinho de
pilha.

AGRADECIMENTOS

Eu ingressei no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo quando ainda era aluna de graduação em Ciências Sociais na mesma instituição. Realizei toda a minha pesquisa de campo e cumpri todos os créditos do mestrado enquanto ainda tinha aulas do bacharelado. Durante todo esse período, também mantive um emprego fixo. Equilibrar todos esses pratos e chegar até aqui com quase nenhum quebrado foi extremamente difícil, bem mais do que eu imaginava. Mas de alguma forma eu cheguei. E não cheguei sozinha, pois tive apoio de inúmeras pessoas, próximas ou nem tanto, que se dedicaram, cada uma à sua maneira, a não me deixar esmorecer.

Começo agradecendo à Universidade de São Paulo, minha segunda casa e minha maior escola, por me abrigar por quase uma década, entre idas e vindas. Nossa história ocupa quase metade da minha vida – com alguns desvios, é verdade. Mas foi nela que encontrei tudo o que eu sempre busquei. Eu não estava assim tão errada em insistir em ser uma uspiana.

Agradeço imensamente ao Prof. Dr. Heitor Frúgoli Junior. pela orientação, apoio e paciência, mas principalmente pelas aulas da graduação, que me despertaram como nenhuma outra e trouxeram-me a esta dissertação de mestrado. Obrigada por expandir meu olhar para a Antropologia e para o mundo, professor.

Aos Prof. Dr. José Paulo Florenzano, Prof. Dr. José Renato de Campos Araújo e Prof^{ra}. Dr^a. Simoni Lahud Guedes, convidados para compor a banca de defesa do mestrado, agradeço pela dedicação, leitura e generosidade. Agradeço também ao Prof. Dr. Bernardo Buarque de Hollanda, presente no exame de qualificação, cujos conselhos foram de grande relevância para a composição deste texto.

Agradeço aos professores e professoras de todas as instituições de ensino pelas quais passei: Crescem, Colégio Stocco, Colégio Singular, Universidade Estadual Paulista, Faculdade Cásper Líbero e Universidade de São Paulo. daquelas que me alfabetizaram a aqueles e aquelas que me abriram os olhos para o mundo. Toda a minha gratidão a quem dedica a vida à docência.

Também agradeço aos funcionários queridos da Seção de Alunos de Ciências Sociais da USP, em especial ao palmeirense Cássio, meu gandula preferido, que me deu todo o apoio institucional e burocrático nesses longos de graduação.

Obrigada aos funcionários do Departamento de Antropologia, em especial ao palmeirense Celso, sempre tão gentil e receptivo, e à Juciele.

Agradeço aos colegas de pós-graduação pela trocas dentro e fora de sala de aula, com carinho especial pelo Carlos, que tanto me ouviu na reta final desse processo, e ao Raphael,

pelas mensagens de áudio cheias de companheirismo. Obrigada também ao Yuri, amigo uspiano, por me ouvir e entender.

Obrigada aos companheiros e companheiras do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC) por terem me recebido de braços e abertos lá em 2015: Guillermo, Gabriela, Daniela, Julio, Júlia, Maurício e Gabriel. Vocês presenciaram o início da gestação desta pesquisa.

Ao Enrico, agradeço pela generosidade, pelas cervejas, pelas caronas e pelo carinho. Pelas leituras, pelo apoio, pela parceria. Pelos e-mails, pela consideração, pela honestidade. Eu te devo tanto que não sei dimensionar. Do projeto de pesquisa até esta dissertação, você esteve presente. Sempre pude contar contigo. Obrigada.

Agradeço à toda a equipe do Todos Pela Educação, em especial ao Rodolfo, por me mostrar que eu posso ser muito forte do que penso que sou; à Carolina, por ser muito mais do que uma colega de trabalho, e à Isis, por sempre saber quando eu preciso de um doce e de um abraço.

Nelson, Daniel, Beatriz e Talita, meus amigos tão queridos, obrigada por colorirem a minha vida de uma forma que eu não achava mais ser possível. Nosso encontro é um acontecimento.

Ao Pedro, meu amigo-irmão, por sempre ter escolhido permanecer, em todos os anos, em todas as minhas fases, inclusive nessa. Você é minha constante.

Agradeço à Aline, por ser meu girassol; ao Marco, por ter me ajudado a dar voz aos meus interlocutores; à Caroline, por se importar; ao Acácio, por se preocupar; ao Leonardo, por entender; à Lilian, por nunca se esquecer de mim; à Lidyanne, por ser minha amizade além-mar; ao Carlos, por me fazer rir; à Silvia, por me dar forças; à Karla, por ser minha “amega” do coração.

Obrigada ao Fernando e à Irene, por terem feito parte do meu 2016 inesquecível.

Agradeço imensamente à Rosely, por ter me salvado trinta vezes em três meses. Seu apoio e profissionalismo foram cruciais para que eu conseguisse, enfim, terminar este processo. A diferença que você fez na minha vida é espetacular.

Agradeço ao João e à Bete pelas melhores memórias de férias e por serem, de uma maneira bastante curiosa, os responsáveis por uma das escolhas que me fizeram chegar até aqui. A história dessa dissertação começa em janeiro de 1993 e vocês são parte disso.

Aos meus seis avós, cada um à sua maneira, agradeço por me mostrarem que o segredo para existir e resistir neste mundo é a simplicidade. Leontina, Benedito, Maria, Augusto, Conceição e Santo: obrigada pela infância mais bonita possível, vocês são as minhas raízes.

Agradeço ao meu amado tio Rogério, por ser meu espelho em quase todos os sentidos.

À minha irmã Heloisa, minha melhor amiga, agradeço por nunca soltar a minha mão, independentemente das escolhas que eu faça. Você é a minha melhor amiga.

Ao meu irmão Vitor: obrigada por sempre estar por perto e por se importar, mesmo que em silêncio.

Aos meus pais, não sei como agradecer por terem investido suas vidas em mim e nos meus irmãos. Obrigada, mãe, por ser meu único lar. É para onde eu sempre volto, não importa onde eu esteja. Obrigada, pai, por ser meu maior desafio e ao mesmo tempo um dos maiores alicerces da minha vida.

Também preciso agradecer imensamente aos torcedores e às torcedoras que compartilharam comigo suas experiências e histórias de quem vive a Sociedade Esportiva Palmeiras dentro e fora dos estádios, dentro e fora de campo, dentro e fora de casa – na arena e nas ruas. Agradeço pela disposição e pelo tempo, mas principalmente por me permitirem escutar o que vocês tinham a dizer. Foi um privilégio.

Por fim, obrigada ao Fernando e ao Eduardo, por terem tornado os meses de pesquisa de campo – no campo – inesquecíveis.

Esse tic-tac dos relógios
é a máquina de costura do Tempo
a fabricar mortalhas.

Mário Quintana

RESUMO

MANDELLI, Mariana Carolina. **Allianz Parque e Rua Palestra Itália: práticas torcedoras em uma arena multiuso**. 2018. 215f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

A presente pesquisa teve como principal objetivo compreender quais os efeitos que a transformação de um estádio brasileiro de futebol em uma arena multiuso, à luz das exigências da Federação Internacional de Futebol (FIFA), traz para as formas de torcer. Para tanto, foi realizada uma etnografia nos jogos da Sociedade Esportiva Palmeiras (SEP) disputados no Allianz Parque, inaugurado em 2014 após quatro anos de reforma no Estádio Palestra Itália, campo pertencente à Sociedade Esportiva Palmeiras (SEP), considerado um dos clubes de maior relevância no cenário futebolístico de São Paulo e do Brasil. Com base em meses de observações, pôde-se perceber um fluxo de práticas torcedoras entre o que acontece dentro e fora da arena. Isto porque a localização do Allianz Parque, na zona oeste paulistana, possibilita a criação de uma territorialidade palmeirense, onde equipamentos físicos, tais quais bares e sedes de torcidas organizadas, misturam-se a um código moral, regido pelo clubismo, nas ruas do entorno da arena.

Palavras-chaves: arenas; estádios; rua; futebol; torcedores.

ABSTRACT

MANDELLI, Mariana Carolina. **Allianz Parque and Palestra Itália Street: practices of support in a multi-purpose arena.** 2018. 215f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

This research sought to understand the effects that the transformation of a Brazilian football stadium into a multi-purpose arena, according to the demands of FIFA - International Federation of Association Football -, brought to the act of supporting a club. In order to do so, it presents an ethnography of the games played at the Allianz Parque. The arena was inaugurated in 2014, after four years of renewal work on the Palestra Itália Stadium, a field belonging to the Sociedade Esportiva Palmeiras (SEP), considered one of the most relevant football clubs in both São Paulo and Brazil. After months of observations, it was possible to notice a flow of practices of support between what happens inside and outside the arena. That happens because the place where the Allianz Parque is built, to the west of town, creates a 'Palmeiras territoriality' in which physical equipment such as pubs and football firms headquarters mix themselves into a moral code guided by the club itself in the streets surrounding the arena.

Keywords: stadium; football; street; supporters; fans.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Rua Caraibas durante a transmissão de Santos x Palmeiras, jogo de ida da final da Copa do Brasil, em 25.11.2015 (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	33
Figura 2: Torcedores abaixam-se na Rua Caraibas antes de cantar o hino do Palmeiras, em performance semelhante à realizada no Allianz Parque, em 25.11.2015 (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	33
Figura 3: Manchistas comemoram após fim da partida Santos x Palmeiras, em 25.11.2015	34
Figura 4: Itens de um dos agrupamentos de torcedores na Rua Caraibas, antes do jogo de volta da final da Copa do Brasil no dia 02.12.2015 (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	34
Figura 5: Show de reggae organizado pela Rasta Alviverde na Rua Diana antes de Palmeiras x Santos pela final da Copa do Brasil em 02.12.2015 (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	35
Figura 6: Bandeira da Força Jovem, principal organizada do Vasco, durante o pré-jogo da final da Copa do Brasil em 02.12.2015 (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	35
Figura 7: Torcedores na Avenida Francisco Matarazzo, na frente do Bourbon Shopping, antes da final da Copa do Brasil em 02.12.2015 (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	36
Figura 8: Mosaico 3D da Mancha Verde final da Copa do Brasil em 02.12.2015 (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	36
Figura 9: Painéis móveis alusivos à história do Palmeiras, dentro do Allianz Parque durante um tour na arena em 15.05.2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	60
Figura 10: Corredores internos do setor Gol Sul, por onde circulam os torcedores antes de acessarem seus assentos, em 15.05.2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	60
Figura 11: Vista do setor Gol Norte, com o anfiteatro à frente, e o sistema artificial de cuidado do gramado, em 15.05.2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	61
Figura 12: Fachada da arena, sem escudos do Palmeiras, em 15.05.2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	61
Figura 13: Entrada do Portão A do Allianz Parque, na Rua Palestra Itália em 15.05.2016	62
Figura 14: Vestiário do Palmeiras revestido com escudos e imagens das conquistas do clube em 07.09.2016. É um dos únicos pontos da arena em que é possível ver a identificação com o time. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	62
Figura 15: Setores da arena (Imagem retirada do site do Programa Avanti Palmeiras)	68
Figura 16: Ponto de observação (Imagem retirada do Site Oficial do Palmeiras)	78
Figura 17: Palmeiras x Chapecoense, 27.11.2016. Telão da arena “apropria-se” das músicas cantadas pela Mancha Verde. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	107
Figura 18: Palmeiras x Grêmio, 19.10.2016. Torcedores do Gol Norte em cima das cadeiras. Foto: Mariana Carolina Mandelli)	107

Figura 19: Palmeiras x Santos, 12.07.2016. Torcedores do Gol Norte comemoram gol do Palmeiras subindo na grade que separa a Central. Foto: Mariana Carolina Mandelli)	108
Figura 20: Palmeiras x Santos, 12.07.2016. Torcedor do Gol Norte vê o jogo na escada e com os pés nas barras. (Foto: Mariana Carolina Mandelli).....	108
Figura 21: Palmeiras x Santos, 20.02.2016. Chegada dos instrumentos na arquibancada antes da proibição. (Foto: Mariana Carolina Mandelli).....	109
Figura 22: Palmeiras x River Plate (URU), 14.04.2016. Mancha Verde acende sinalizadores. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	109
Figura 23: Palmeiras x Atlético-MG, 24/07/2016. Placas posicionadas em frente à Mancha Verde: “Palmeirense, não prejudique o Palmeiras. Identifique o infrator” e “Não acenda sinalizadores”. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	110
Figura 24: <i>Match Day</i> . Encarte produzido e distribuído pelo Palmeiras em 2016 e 2017. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	110
Figura 25: Match Day. Encarte produzido e distribuído pelo Palmeiras em 2016 e 2017. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	111
Figura 26: A Voz do Porco. Zine produzido e distribuído pelos irmãos Fábio e Flávio em 2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	111
Figura 27: A Voz do Porco. Zine produzido e distribuído pelos irmãos Fábio e Flávio em 2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	111
Figura 28: Sinalizadores acesos em 18.04.2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	112
Figura 29: Placa com regras para torcedores voltada para o setor Gol Norte em 22.03.2017. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	112
Figura 30: Torcedores ocupando a arquibancada amarela do Pacaembu em 07.04.2017. (Foto: Mariana Carolina Mandelli).....	113
Figura 31: Torcedores no alambrado do Pacaembu em 07.04.2017. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	113
Figura 32: Mapa/As sedes das Torcidas Organizadas	117
Figura 33: Mapa/Distribuição dos agrupamentos.....	128
Figura 34: Mapa/Bares	144
Figura 35: Torcedores reunidos na Rua Caraibas para acompanhar a partida entre São Paulo x Palmeiras, 29.05.2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli).....	153
Figura 36: Rua Palestra Itália no pré-jogo, quando ambulantes eram permitidos em 21.11.2015. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	153
Figura 37: Rua Caraibas no pré-jogo, quando barracas eram permitidas em 21.11.2015. (Foto: Mariana Carolina Mandelli).....	154

Figura 38: Palmeiras x Flamengo, 14.09.2016. Faixa de um dos agrupamentos torcedores na Rua Palestra Itália. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	154
Figura 39: Palmeiras x Corinthians, 12.06.2016. Agrupamentos recorrente de torcedores identificado na etnografia, com bandeira própria, na Rua Caraibas. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	155
Figura 40: Mapa/Trajeto	163
Figura 41: Mapa/Pontos de interdição	176
Figura 42: Bandeiras e torcedores de ambas as torcidas na Rua Caraibas no pré-jogo entre Palmeiras e Vasco em 23.11.2015. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	206
Figura 43: Palmeiras x Atlético-MG, 24.07.2016. Torcedores do Galo circulam livremente na Rua Padre Antonio Tomás. Entre as torcidas organizadas Mancha Verde e Galoucura existe uma relação de amizade. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	206
Figura 44: Palmeiras x Grêmio, 19.10.2016. Último jogo de 2016 antes dos bloqueios das ruas, com barracas, ambulantes e torcedores sem Avanti. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	207
Figura 45: Palmeiras x Peñarol, 12.04.2017. Com o cercamento das ruas, fluxo de torcedores é menor. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	207
Figura 46: Palmeiras x Sport-PE, 23.10.2016. Primeiro jogo em que as ruas foram bloqueadas. Imagem da Rua Caraibas. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	208
Figura 47: Palmeiras x Sport-PE, 23.10.2016. Primeiro jogo em que as ruas foram bloqueadas. Imagem da Rua Diana. Ao fundo, bandeiras da T.U.P. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	208
Figura 48: Palmeiras x Chapecoense, 27.11.2016. Devido ao bloqueio na Rua Caraibas, torcedores concentram-se na Rua Venâncio Aires. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	209
Figura 49: Porta com alusão ao centenário do clube, 10.03.2016. Rua Palestra Itália. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	209
Figura 50: Lambe do grupo de torcedores, , 10.03.2016. Avenida Pompeia. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)	210

SUMÁRIO

1. Introdução	16
1.1 “Noite de batismo, casa nova”: um título e um “bairro arrebatado”	16
1.2 A pesquisa: aspectos da entrada em campo, hipóteses e objetivos	24
1.3 Estrutura da dissertação	31
1.4 Iconografia	33
2. Allianz Parque e a “arenização” dos estádios brasileiros: um contexto	37
2.1 Megaeventos esportivos, arenas e estádios: um tema para a antropologia	37
2.2 Parque Antarctica, Palestra Itália e Allianz Parque: as atualizações palmeirenses	47
2.3 Práticas torcedoras: o torcer como uma questão antropológica	54
2.4 Iconografia	60
3. “Dentro” do Allianz Parque: a casa	63
3.1 Avanti e Passaporte Allianz Parque: a disputa pelo acesso	64
3.2 Formas de torcer: torcedores organizados e “modinhas”	77
3.3 Mecanismos de controle: “torcedores exemplares”	90
3.4 O Pacaembu e a emulação do “velho Palestra”	97
3.5 Iconografia	107
4. “Fora” da arena: a rua	114
4.1 Microterritórios: as ruas das torcidas organizadas	115
4.2 Agrupamentos torcedores: quando o jogo é em casa	125
4.3 Bares e comércio: quando o jogo não é em casa	142
4.4 Iconografia	153
5. Uma “mancha verde”: a arena e a cidade	156
5.1 Territorialidade expandida: clubismo, alianças e rivalidades	158
5.2 O cerco: quando a arena vai à rua	174
5.3 “Um peru no pires”: a relação dos moradores dos arredores com a arena	190
5.4 Iconografia	206
CONSIDERAÇÕES FINAIS	211
BIBLIOGRAFIA	217

1. Introdução

1.1 “Noite de batismo, casa nova”: um título e um “bairro arrebetado”¹

Sentado no topo de uma Kombi estacionada ao meio-fio da Rua Caraibas, na altura do número 44 e a poucos metros do portão A do Allianz Parque, Sandro², um torcedor de 25 anos da Sociedade Esportiva Palmeiras (SEP)³, batucava na lataria do veículo. Acompanhava a bateria que vinha da esquina com a Rua Palestra Itália⁴, onde um grupo de torcedores da Mancha Alvi Verde⁵, a maior torcida organizada do Palmeiras, tocava instrumentos como surdo, caixa e repique. Ao redor deles, milhares de outros palmeirenses se aglomeravam entre as vias que cercam a arena, bebendo e cantando dentro e fora dos bares da região. Era difícil conseguir passagem sem esbarrar em alguém, pois tanto as calçadas quanto as ruas estavam tomadas de torcedores – a cena lembrava aglomerações como blocos de Carnaval. Do alto de sua visão privilegiada, Sandro cantava “É campeão” junto ao coro barulhento que emergia da massa de palmeirenses, em meio aos estampidos incessante de rojões. Do outro lado da Rua Caraibas, outros três jovens se equilibravam no estreito parapeito de um consultório odontológico, agitando os braços no mesmo balanço e gritando os versos do hino do Palmeiras enquanto uma grande bandeira com o escudo do clube era agitada no meio da rua por outro torcedor.

Já passava das três horas da manhã de 3 de dezembro de 2015, uma quinta-feira, e ainda era difícil transitar no entorno do Allianz Parque, localizado no bairro de Perdizes, na zona

¹ Os termos entre aspas referem-se a expressões empregadas pela imprensa para tratar da final da Copa do Brasil de 2015, realizada no Allianz Parque. A frase “Noite de batismo, casa nova” foi utilizada pelo narrador Milton Leite, do canal pago SporTV, para se referir ao primeiro título da nova arena do Palmeiras ao fim da cobrança de pênaltis que definiu o jogo. Ver a respeito em *Palmeiras x Santos (Copa do Brasil 2015 Final; Jogo de Volta)*. Jogos SEP, 4 de dezembro de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4-zkKkAT04g>>. Acesso em 1 de julho de 2018. Já a expressão “bairro arrebetado” foi utilizada pela imprensa para tratar dos efeitos da festa no entorno do Allianz parque naquela mesma noite. Ler a respeito em “*Bairro arrebetado.*” *Moradores dizem sofrer com nova arena do Palmeiras*. UOL Notícias, 18 de dezembro de 2015. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/12/18/o-bairro-esta-arrebetado-por-cao-da-palmeiras-dizem-vizinhos-da-arena.htm>>. Acesso em 26 de janeiro de 2018.

² Ao longo desta dissertação, todos os nomes dos meus interlocutores foram trocados para preservar suas respectivas identidades.

³ Nome oficial do clube mais conhecido como Palmeiras, localizado na Rua Palestra Itália, 214, ao lado do Allianz Parque. Sua entrada fica em frente à Rua Caraibas, perpendicular à Palestra Itália, de modo que a maior aglomeração de torcedores antes dos jogos aconteça rotineiramente ali.

⁴ O trecho da Rua Turiassu onde se localiza o Allianz Parque e a sede social do Palmeiras, mais precisamente entre as ruas Cayowaá e Carlos Vicari, foi rebatizado em abril de 2015 a pedido da SEP como uma homenagem às origens do Palmeiras.

⁵ Tal entidade é mais conhecida como Mancha Verde. Adotarei essa nomenclatura no decorrer do texto.

oeste de São Paulo. Além da aglomeração de torcedores, da música e dos fogos de artifício, havia também um visível acúmulo de lixo pelas calçadas, especialmente garrafas de vidro e latas de bebidas alcoólicas.

A festa, que aparentava não ter hora para acabar para Sandro e mais alguns milhares de palmeirenses⁶, todos amontoados no entorno da nova arena do clube, tinha um motivo: inaugurada há pouco mais de um ano, a nova casa⁷ palmeirense assistira, na noite de 2 de dezembro, à concretização de seu primeiro título, a Copa do Brasil de 2015, decidido em uma disputa de pênaltis entre o alviverde e o Santos Futebol Clube (SFC), equipes que detêm uma rivalidade de mais de 100 anos⁸. Quase dois anos depois, ao conversar com Sandro⁹ sobre aquela noite e lembrando de tê-lo visto sobre o veículo durante a comemoração, ele afirmou:

Aquele título de 2015, aquilo foi um desabafo, né? A gente vinha de 2012 ali, caiu. 2013 vem e série B... aí pega 2014¹⁰, ano do centenário, sofrimento da p****, entendeu? Então 2015 foi tipo um desabafo mesmo. A imprensa toda falando “Ah, é o Santos, tá bem mais formado e o Palmeiras só vai ter título ano que vem”. Título ano que vem é o c*****, tem que ganhar essa p**** aqui de um jeito ou de outro. A gente ficou o dia inteiro aqui... a torcida queria porque queria ganhar aquele título, e a gente conseguiu. Porque a festa que a gente fez aqui... eu acredito que foi a torcida que ganhou aquele jogo. A festa que a gente fez, o jeito que a gente parou a Turiassu tudo aqui... eu acredito que a torcida pode sim ganhar um jogo, e foi por causa daquela festa incrível que a gente fez que a gente conseguiu. A pressão... o Santos sentiu a pressão, né? A gente ficou aqui, a gente ficou mesmo, pulando, dançando. A cerveja de posto, de supermercado, acabamos com a cerveja aqui dos raios quadrados todos. Não tinha mais cerveja, vinho, nem destilado, nem nada. Fiquei aqui até de manhã...

A comemoração intensa que Sandro relata havia começado, na realidade, uma semana antes: em 25 de novembro de 2015¹¹, uma quarta-feira e data do primeiro jogo¹² da final do

⁶ Não há números oficiais da quantidade de pessoas no entorno da arena naquela noite. Reportagem da Folha de S. Paulo afirma que, segundo a Polícia Militar, a aglomeração era de 4 mil pessoas – estimativa que, creio eu, não corresponde à realidade e aos efeitos que a festa causou posteriormente. Ler a respeito em *Arena e seu entorno viram 'caldeirão verde' em título da Copa do Brasil*. Folha de S. Paulo, 3 de dezembro de 2015.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/12/1714363-arena-e-seu-entorno-iram-caldeirao-verde-em-titulo-da-copa-do-brasil.shtml>>. Acesso em 5 de maio de 2018.

⁷ A ideia de estádio como casa de um time de futebol e de sua respectiva torcida será abordada mais adiante.

⁸ Meses antes, em maio de 2015, Palmeiras e Santos haviam disputado outra final, a do Campeonato Paulista, vencido pelo clube praiano também nas penalidades. A competitividade entre os dois times paulistas, que já era histórica e formata um dos maiores clássicos de São Paulo, havia ganhado novos contornos naquele ano, o que colaborou para que o jogo derradeiro da Copa do Brasil ocorresse sob grande expectativa.

⁹ Conheci Sandro poucos meses antes da final da Copa do Brasil, ao frequentar os jogos do Palmeiras no Allianz Parque como torcedora.

¹⁰ Em sua fala, Sandro destaca as últimas temporadas do Palmeiras. Em 2012, o clube foi rebaixado pela segunda vez em sua trajetória, disputando (e vencendo), portanto, a segunda divisão do Campeonato Brasileiro no ano seguinte. Em 2014, ano em que completou 100 anos, o clube teve mais uma temporada de desempenho pífio, salvando-se de um novo rebaixamento com apenas 40 pontos, a menor pontuação da história dos pontos corridos com que um time conseguiu manter-se na primeira divisão.

¹¹ Ver imagens na iconografia desta seção.

¹² A Copa do Brasil é decidida em duas partidas, sendo que os dois adversários têm um mando de campo cada.

torneio, realizado no Estádio Urbano Caldeira, mais conhecido como Vila Belmiro, pertencente ao Santos. Naquela noite, centenas de torcedores fecharam a esquina entre as ruas Palestra Itália e Caraibas para assistir à partida nos bares da região – durante a transmissão da partida, os carros que tentavam subir a Rua Caraibas precisavam buzinar para conseguir passagem.

Sabendo que seria um ponto de encontro entre palmeirenses, julguei importante para a pesquisa acompanhar o jogo no entorno da arena, especialmente por ser uma das minhas primeiras incursões a campo. Duas horas antes da partida já era possível ver palmeirenses na porta dos bares da região, conversando e bebendo, à espera do início da transmissão. Apesar de alguns estabelecimentos terem posicionado suas televisões com as telas voltadas para a rua, onde a maior parte dos torcedores já se postava, uma vez que os espaços internos não eram suficientes para a quantidade de gente, era possível observar alguns torcedores – muitos trajando camisa do Palmeiras, alguns envolvidos em bandeiras nas cores do clube – tentando vislumbrar algum lance pelas janelas das residências ao longo da rua¹³. Antes que a partida começasse, integrantes da Mancha Verde haviam levado instrumentos para o centro da Rua Caraibas e tocavam as músicas comumente entoadas dentro dos estádios, durante os jogos¹⁴.

Além do ritmo da bateria, que motivou muitos torcedores a cantarem e a realizarem as mesmas coreografias vistas em jogos do Palmeiras no Allianz Parque e em outros campos (como por exemplo agachar-se antes de começar a cantar o hino do clube), dezenas de sinalizadores¹⁵ e rojões foram acesos pelos palmeirenses, que usaram também bastões de fumaça. Na esquina entre as ruas Palestra Itália e Caraibas, um garoto gritava “Palmeiras” para todos os carros que tentavam passar entre as dezenas de pessoas trajando majoritariamente verde e branco. Dois integrantes da Mancha Verde trouxeram dois bandeirões em mastros e os agitavam entre os palmeirenses. Um integrante da Acadêmicos da Savóia¹⁶, outra torcida organizada palmeirense, fez o mesmo, tremulando uma grande bandeira com o nome da entidade na frente do Alviverde¹⁷, bar tradicional da região localizado na mesma esquina.

¹³ O trecho da Rua Caraibas que concentra o maior movimento durante os jogos do Palmeiras não tem nenhum prédio. Grande parte das casas ainda trazem características de uma vila operária, como de fato era a região no século passado.

¹⁴ À época, a sede do grupo ficava no número 28 da Rua Caraibas.

¹⁵ Ao citar os sinalizadores, refiro-me àqueles que têm um efeito de luz incandescente, liberando faíscas no ar. Já os bastões de fumaça, como o próprio nome já denota, soltam uma espécie de gás colorido (no caso dos utilizados pelos palmeirenses, o mais comum é verde).

¹⁶ A sede da Savoia, como é conhecida, fica na Rua Palestra Itália, 1837, desde junho de 2015. Junto à sede, funciona um bar comandado pela torcida.

¹⁷ Tal estabelecimento teve grande importância para esta etnografia, especialmente no que tange à construção de vínculos com alguns torcedores. No piso superior da construção funciona a sede da já mencionada Savoia.

Sem avistarem as televisões disponíveis por conta da aglomeração, dois torcedores assistiam ao jogo pelo celular e, ao serem “descobertos”, tiveram que erguer o telefone na altura dos ombros para que outros pudessem enxergar o desenrolar da partida. Era possível ouvir xingamentos e palavrões. Alguns expressavam raiva, como os proferidos quando o atacante santista Gabriel, apelidado de “Gabigol”, marcou o gol da vitória alvinegra faltando cerca de 15 minutos para o fim da partida; outros, alívio, quando Nilson, outro atacante do time alvinegro, desperdiçou ótima chance de ampliar o placar – o goleiro do Palmeiras, Fernando Prass, estava fora da jogada, deixando o gol sem guardião.

Ao término do jogo, por volta das 23h30, uma festa palmeirense eclodiu na rua: a derrota por 1x0 era considerada reversível. Os torcedores dentro dos bares saíram para se juntarem à pequena multidão que comemorava o resultado em meio a rojões, sinalizadores, danças e músicas como “O Palmeiras é o time da virada/ O Palmeiras é o time do amor”. “Vamo virar, vamo virar, certeza!”, disse-me um rapaz com camisa do Palmeiras em frente ao bar Alviverde. Naquele momento, quem passasse de carro pelas ruas de Perdizes poderia pensar que o jogo estava acontecendo no Allianz Parque, uma vez que diversas práticas torcedoras podiam ser observadas por todo o espaço, interrompendo o fluxo de carros e fazendo muito barulho.

Destarte, o que se viu nas imediações da arena uma semana depois, no dia 2 de dezembro¹⁸, foi a mesma dinâmica de ocupação das ruas, porém em escala exponencialmente maior e, até então, inédita para o bairro de Perdizes¹⁹. Quando o jogo acabou e o Palmeiras se sagrou campeão, os 39.660 torcedores²⁰ de dentro do Allianz Parque se somaram aos milhares que estavam nas ruas e bares do entorno – torcedores estes que não conseguiram ingresso para a partida e que, mesmo assim, preferiram acompanhá-la ali, ao ar livre e entre outros palmeirenses. Intensificou-se assim a movimentação, que já era grande no início da tarde. Sandro era um desses torcedores que chegaram à região muito antes do início do duelo entre Palmeiras e Santos: ele passou a madrugada na frente da arena: “Eu estava um dia antes com

¹⁸ Ver imagens na iconografia desta seção.

¹⁹ Apesar de o endereço da sede social do Palmeiras estar registrado como Perdizes, o bairro vizinho, Vila Pompeia, é bastante evocado na fala dos torcedores quando se referem ao bairro onde se localizam o clube e o Allianz Parque.

²⁰ À época, esse foi o recorde de público da arena. Em mais de três anos de funcionamento, o maior público registrado foi de 41.227 torcedores em 8 de abril de 2018, na final do Campeonato Paulista daquele ano contra o Corinthians. Tal marca é também o maior de toda a história do Parque Antarctica/Palestra Itália, cujo recorde anterior era de 40.283 na final do Campeonato Paulista de 1976 entre Palmeiras e Esporte Clube XV de Novembro, mais conhecido como XV de Piracicaba.

os caras. Organizamos de estourar rojão²¹ lá no hotel do Santos. Depois fiquei por aqui, nem dormi. Quando chega um jogo desses a ansiedade é grande”, lembrou ele sobre aquele dia.

Os torcedores que, como Sandro, aglomeraram-se nos arredores do campo palmeirense no decorrer daquele dia, fizeram-no em desobediência às orientações da administração do próprio Allianz Parque. Em 30 de novembro de 2015, três dias antes da partida derradeira, em sua página oficial no Facebook²², a direção da arena publicou o seguinte texto:

No dia da final entre Palmeiras e Santos, evite aglomerações no entorno do Allianz Parque antes e depois da partida. Programe sua chegada ao estádio para um horário mais próximo à abertura dos portões. O respeito aos moradores do entorno é tão importante quanto comemorar a vitória do time do coração. Ao chegar e sair do Allianz Parque não colabore com a prática do comércio ambulante. O policiamento, a Subprefeitura da Lapa e a Guarda Civil Metropolitana desenvolverão uma ação intensiva de fiscalização do comércio irregular na região e o apoio da torcida para coibir essa prática é muito importante.

Às 15h30 daquela tarde – o jogo teria início às 21h45 pelo horário de Brasília (DF) –, quando cheguei à Rua Caraibas, o que se via era exatamente o oposto do cenário descrito e demandado na rede social. A quantidade de vendedores ambulantes comercializando bebidas alcoólicas, camisas, bandeiras e faixas de campeão era vasta. As calçadas estavam tomadas por *food trucks* e tendas vendendo lanches de pernil, calabresa e cachorro-quente, além de alguns comerciantes assando espetinhos de carne bovina em pequenas grelhas. Ainda havia trânsito de carros e ônibus na região, mas os pontos de transporte coletivo, como o que se localiza na frente do Bourbon Shopping, vizinho ao Allianz Parque na Rua Palestra Itália, já serviam de vitrine para os ambulantes pendurarem camisas do Palmeiras à venda.

A esquina entre as ruas Palestra Itália e Caraibas estava decorada com faixas de plástico nas cores verde, branco e vermelho²³, presas nos fios dos postes, colocadas por manchistas²⁴ especialmente para o jogo. Havia bandeiras de diversos tamanhos presas aos muros das casas e na fachada dos bares, incluindo uma do Grêmio Recreativo Torcida Organizada Força

²¹ Ver a respeito em *Hotel do Santos tem 'maratona' de fogos na madrugada antes da decisão*. Lance!, 2 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://www.lance.com.br/futebol-nacional/hotel-santos-tem-maratona-fogos-madrugada-antes-decisao.html>>. Acesso em 4 de abril de 2018.

²² Ver a respeito em *Allianz Parque pede que torcida “evite aglomerações” e é alvo de críticas*. UOL Notícias, 30 de novembro de 2015. Disponível em: <<http://uolesporte.blogosfera.uol.com.br/2015/11/30/allianz-parque-pede-que-torcida-evite-aglomeracoes-e-e-alvo-de-criticas/?cmpid=fbsp-geral>>. Acesso em 4 de janeiro de 2018.

²³ Tais cores representam a bandeira da Itália. Como se sabe, o Palmeiras é um clube fundado por imigrantes italianos. As referências a essa origem são bastante capitalizadas pelo clube e também permeiam algumas práticas torcedoras, como essa descrita.

²⁴ Emprego tal termo tal qual os torcedores associados à Mancha Verde usam para se referirem a si mesmos.

Jovem do Vasco, principal torcida organizada do Club de Regatas Vasco da Gama²⁵. Posteriormente, quando faltavam duas horas para a partida, a mesma bandeira vascaína foi colocada em um mastro e agitada por um integrante uniformizado da Mancha Verde.

Vestida com uma camisa do Palmeiras e munida com uma máquina fotográfica, consegui estabelecer contatos com diversos palmeirenses, organizados ou não, justamente por estar portando uma câmera. Com a intenção de circular pelas ruas em volta da arena para observar as manifestações e sociabilidades torcedoras, subi a Rua Caraibas em direção à Rua Padre Chico, e encontrei alguns grupos de torcedores assando churrasco na calçada da Escola Estadual Miss Browne, que ocupa quase todo o quarteirão entre as ruas Diana, Padre Chico e Caraibas. Os churrascos entre palmeirenses antes dos jogos não são exclusividade da torcida alviverde e tornaram-se comuns nos arredores do Allianz Parque. Porém, como quase todas as práticas torcedoras rotineiramente avistadas nos arredores, tomaram uma proporção maior no dia da final da Copa do Brasil. Cada agrupamento tinha basicamente os mesmos apetrechos: churrasqueira, cadeiras de praia, isopores e *coolers* para a cerveja; rojões e pacotes de carvão, além de uma faixa ou bandeira que os identificava com um nome próprio. Ao todo, eram quatro naquele trecho e mais outro do outro lado da rua, onde havia uma obra em andamento²⁶.

Conforme o horário do jogo se aproximava, as ruas foram lotando de tal modo que era difícil dar um passo sem esbarrar em alguém. Assim como na semana anterior, no primeiro jogo da final, integrantes da Mancha Verde começaram a tocar as músicas ouvidas dentro dos estádios, enquanto centenas de torcedores ao redor filmavam a cena com celulares e endossavam o coro. Sinalizadores e bastões de fumaça verde eram vistos em diversos pontos da Rua Caraibas e, por conta da multidão, era possível sentir no ar o calor e as faíscas que emanavam dos objetos que, misturados ao vapor dispensado pelas churrasqueiras dos vendedores de espetinhos, deixavam no ar uma atmosfera abafada e esverdeada pelas Ruas Caraibas, Palestra Itália e Diana. Nesta, uma banda convidada pela Rasta AlviVerde²⁷, outra torcida organizada palmeirense cuja sede se localizava na região à época, fazia um show de reggae cujo palco e a plateia eram o centro da via pública: músicos e torcedores se misturavam no meio da Rua Diana enquanto o som dos instrumentos era aplacado pelos estampidos incessantes de rojões vindos de diversos pontos do entorno da arena.

²⁵ Tal ato pode ser interpretado como uma afirmação da amizade e do apoio entre as duas torcidas. Tais relações, assim como diversos aspectos dessa introdução, serão abordados com mais ênfase nos próximos capítulos.

²⁶ A saber: meses depois, foi inaugurada ali uma unidade de uma conhecida rede de padarias de São Paulo.

²⁷ A Rasta, como é chamada pelos torcedores, tem um caráter peculiar se comparado ao das outras entidades organizadas do Palmeiras.

Por volta das 19h30 tentei sair da aglomeração na Rua Caraibas para acompanhar o Corredor Alviverde, recepção dos torcedores ao ônibus do elenco, uma prática comum em diversas torcidas em jogos importantes e que seria realizado do outro lado da arena, na Avenida Francisco Matarazzo. Mas, assim como o entroncamento entre as ruas Caraibas e Palestra Itália, a avenida estava intransitável. O Bourbon Shopping, localizado entre tal avenida e a Rua Palestra Itália, barrava todos os transeuntes vestidos com camisas do Palmeiras, o que resultou em dezenas de torcedores aglomerados na escadaria e nas grades que cercam o centro comercial – cena incomum para um shopping localizado em uma área como aquela, tida como “nobre”. Assim como na Rua Caraibas, os torcedores ali presentes entoavam músicas manchistas.

Àquela altura, não havia mais diferença entre calçada e rua ali, pois os palmeirenses tomaram todo o espaço: caminhavam entre os carros e interagiam com os motoristas estagnados nas vias. Havia torcedores pendurados nas árvores que dividiam a avenida e até mesmo nos semáforos. Os ônibus parados no corredor estavam praticamente vazios, com exceção dos motoristas e cobradores, já que os passageiros desistiram da viagem por conta do trânsito parado pela multidão. Ao chegar perto do portão B do Allianz Parque, na altura do número 1.752 da Avenida Matarazzo, percebi que havia uma barreira montada pela Polícia Militar para impedir que os torcedores se aproximassem da área da arena por onde entrariam os jogadores. Represados ali por cerca de meia hora, cerca de 15 torcedores subiram no teto da parada de ônibus e acenderam sinalizadores e rojões, além de endossarem o coro daqueles que esperavam na rua. Entre eles estava Guilherme, de 34 anos, conhecido entre os palmeirenses justamente por suas práticas torcedoras. Ele e os outros torcedores eram apenas observados atentamente por mais de vinte policiais militares, que não intercederam na ação.

Além do ponto de ônibus, os palmeirenses também subiram em uma pequena carreta parada no trânsito da Avenida Francisco Matarazzo. Mauro, de 17 anos e irmão do palmeirense Sandro, era um deles. Como não tinha ingresso para o jogo, optou por festejar na rua antes e, consequentemente, depois da partida. Questionado sobre aquele dia, lembra:

No título de 2015 a gente parou até a Matarazzo. Eu tenho uma foto da gente em cima de um carro de guincho na Matarazzo antes do título. O Palmeiras jogando mal demais em 2015, chegou no começo do Brasileiro e da Copa do Brasil o Palmeiras estava arregaçando, mas chegou no final que era para decidir tudo... o Palmeiras perdeu o primeiro jogo e mesmo assim a torcida acreditando numa festa incrível. Eu fiz de tudo para vir para cá, mesmo sem ingresso.

Quando a polícia liberou a passagem dos torcedores após o ônibus com o elenco do Palmeiras adentrar a arena em meio a gritos, rojões e fogos de artifício, os torcedores

começaram então a entrar no Allianz Parque pelo portão B, que leva ao setor Gol Norte, onde ficam as torcidas organizadas.

Dentro da arena, o clima tenso e festivo era perceptível. Nas catracas de ingresso, funcionários distribuíam um folheto com os dizeres “Até o gol sair, até o apito final, até a vitória”, incentivando os palmeirenses a acreditarem que era possível reverter o placar negativo do primeiro jogo. Associados da Mancha Verde distribuíram bexigas brancas entre os torcedores organizados e não organizados. Cheias, seriam agitadas no ar. Além disso, nas cadeiras de todo o Gol Norte havia um pedaço de plástico do tamanho de uma folha A4 – a depender de onde era o assento, o torcedor deparava-se com uma das cores: verde, vermelho ou branco. Assim, quando as equipes e a comissão de arbitragem entraram em campo, os palmeirenses levantaram os plásticos, de modo que quem olhasse de longe avistou grandes blocos coloridos na arquibancada. Antes de o juiz Heber Roberto Lopes apitar o início da partida, a entrada dos jogadores foi comemorada com chuva de papel picado e gelo seco disparados de canhões posicionados dentro do campo.

Enquanto os jogadores perfilavam-se para a execução do Hino Nacional, três grandes figuras foram erguidas por cabos presos na parte superior do Allianz Parque, em frente ao Gol Norte. Uma espécie de mosaico 3D apresentava um desenho do goleiro palmeirense Fernando Prass, um da taça da Copa do Brasil e, na extremidade oposta, a imagem de um rapaz com uma camisa da Mancha Verde, de óculos escuros e segurando um porquinho. Tratava-se de Cleofas Sostenes Dantas da Silva, conhecido apenas como Cleo, um dos fundadores da torcida organizada, morto em 1988. As três figuras de pano²⁸ estavam presas em telas viradas para o campo – ou seja, para os jogadores –, e emergiram conforme o Hino Nacional era executado sob os gritos de “Meu Palmeiras”, uma prática comum da torcida palmeirense²⁹, que repete a frase no ritmo da canção em todos os jogos do time.

Por todo o setor havia manchistas espalhados entre os torcedores não organizados. Eles orientavam os torcedores a cantarem as músicas da entidade como, por exemplo, “O Palmeiras é o time da virada; o Palmeiras é o time do amor”. Era possível ver torcedores em pé nas cadeiras, que praticamente não eram ocupadas: a maioria dos palmeirenses preferiram ver toda

²⁸ Ver a respeito em *Prass diz que mosaico feito pela torcida deu confiança nos pênaltis*. UOL Esporte, 4 de dezembro de 2015. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-do-brasil/ultimas-noticias/2015/12/04/prass-diz-que-mosaico-feito-pela-torcida-deu-confianca-nos-penaltis.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 3 de julho de 2018.

²⁹ Ler a respeito em *Palmeiras, meu Palmeiras... Prass brinca sobre Hino 'normal' na Seleção*. Lance!, 10 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/palmeiras/meu-prass-brinca-sobre-hino-normal-selecao.html>>. Acesso em 2 de abril de 2018.

a partida em pé, não sentando nem no intervalo entre os tempos. Os dois gols marcados pelo atacante Dudu durante o tempo normal de jogo foram comemorados intensamente, com muitos torcedores abraçados em cima das cadeiras, aos gritos e urros. Tal resultado dava o título para o time da casa, mas o santista Ricardo Oliveira marcou um gol aos 41 minutos da segunda fase, levando a definição para as penalidades.

Por conta da expectativa, a maioria dos torcedores no Gol Norte mantiveram-se em pé durante a cobrança dos pênaltis – alguns preferiram se ajoelhar nas escadas do setor, de costas para o campo, descobrindo o resultado de cada chute dos jogadores do Palmeiras e do Santos apenas pela comemoração ou lamento da torcida em volta. A tensão dos palmeirenses só teve fim quando o goleiro Fernando Prass converteu a última cobrança, culminando no placar de 4x3 para a sua equipe.

Assim, quase três horas após o início da partida, os torcedores de dentro da arena somaram-se àqueles que já tomavam as ruas do entorno desde o início da tarde para festejar o tricampeonato da Copa do Brasil³⁰, o primeiro título do Palmeiras conquistado no Allianz Parque, em “noite de batismo³¹” da nova casa.

A comemoração, que atravessou a madrugada – até as quatro horas da manhã as ruas ainda estavam intransitáveis –, viria a se tornar um episódio importante não apenas do ponto de vista do torcedor pela conquista, mas para a territorialidade do Allianz Parque e, consequentemente, para a minha etnografia.

1.2 A pesquisa: aspectos da entrada em campo, hipóteses e objetivos

As duas incursões a campo nos jogos finais da Copa do Brasil, brevemente descritas acima, somadas ao ato de apoio³² que a Mancha Verde organizou entre as duas partidas no centro de treinamento do Palmeiras no sábado, 28 de novembro de 2015, trouxeram-me uma inquietação. Quando fui aprovada no processo seletivo do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade de São Paulo (USP), em

³⁰ Os outros dois títulos do Palmeiras foram conquistados em 1998, contra o Cruzeiro Esporte Clube, e em 2012, contra o Coritiba Foot Ball Club.

³¹ Ver nota de rodapé 1.

³² No fim de semana que separou as duas partidas, a agremiação organizou um ato de apoio denominado Academia de Futebol, localizado na Avenida Marquês de São Vicente, no bairro Água Branca, vizinho às Perdizes. O ato consistia em caminhar da sede da torcida, à época na Rua Caraibas, até o CT – uma distância de dois quilômetros – portando instrumentos musicais e fogos de artifício, para motivar os jogadores para a partida por meio da presença torcedora com músicas, sinalizadores, rojões e bandeiras. Tal prática seria repetida duas vezes em 2016, na reta final do Campeonato Brasileiro, e foi aberta não apenas a manchistas, mas a todos os palmeirenses interessados. Estive presente em todas elas.

setembro do mesmo ano, meu projeto de pesquisa tinha por objetivo investigar os efeitos que a atualização³³ do Parque Antarctica/Palestra Itália teria trazido para as práticas torcedoras dos palmeirenses. Parti, notadamente, da hipótese geral de que uma arena como o Allianz Parque modifica determinadas formas de torcer (TOLEDO, 1996, 2000, 2010, 2013), redimensiona sociabilidades e reconfigura dinâmicas de ocupação dos espaços internos do campo. Posso dizer que minha ideia era, portanto, trazer o Palmeiras para o debate em torno das transformações sociais e culturais que as reformas nos estádios brasileiros vêm provocando na última década, com o objetivo de contribuir para a discussão desse processo que, segundo Damo (2016, p.346), ainda tem lacunas a serem investigadas, mesmo que tal bibliografia tenha tido atenção considerável nas ciências sociais na última década.

A possibilidade de etnografar³⁴ o entorno da arena palmeirense, apenas vislumbrada no projeto de pesquisa, acabou por se tornar fundamental. Isto porque o que se viu na noite daquele 2 de dezembro nos arredores do Allianz Parque, na final da Copa do Brasil de 2015, dificilmente se repetirá tão cedo da forma como ocorreu, por dois motivos principais. O primeiro leva em conta o contexto do Palmeiras à época – o clube emergia de um cenário crítico vivido no ano anterior, como explicita a fala do torcedor Sandro e, naquele momento, festejava a sua primeira conquista no estádio renovado. O segundo se fundamenta na ideia de que a festa palmeirense pós-título, ocupando as ruas de um bairro de classe média-alta por toda a madrugada, provocou debates que reverberam até agora por meio de atores do poder público e da sociedade.

Isso porque a dimensão da festa e principalmente os seus impactos na manhã seguinte, dia útil, foram bastante repercutidos pela imprensa, gerando um debate midiático que envolveu o Ministério Público do Estado de São Paulo (MPSP) e os moradores da Pompeia, representados por uma associação³⁵. Esta afirmava que, após a reinauguração do estádio, em novembro de 2014, o movimento na região tinha aumentado consideravelmente, trazendo distúrbios para os vizinhos do Allianz Parque. As manchetes eram tais como: “Palmeirenses contrariam Allianz e azucrinam vizinhança bem antes da final”³⁶; “Bairro arrebitado”. Moradores dizem sofrer com

³³ Aqui, emprego o termo atualização no sentido que Damo e Oliven (2012) o entendem.

³⁴ Entendo etnografia sob a perspectiva de Peirano (2004, 2014). Segundo a autora, nós, como etnógrafos “nunca nos conformamos com predefinições, estamos sempre dispostos a nos expor ao imprevisível, a questionar certezas e verdades estabelecidas e a nos vulnerar por novas surpresas” (2014, p.389). Nesse sentido, “métodos (etnográficos) podem e serão sempre novos, mas sua natureza, derivada de quem e do que se deseja examinar, é antiga” (2014, p.381).

³⁵ Ver nota de rodapé 1.

³⁶ Ler a respeito em *Palmeirenses contrariam Allianz e azucrinam vizinhança bem antes da final*. Esporte – iG, 2 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/futebol/2015-12-02/palmeirenses-contrariam-allianz-e-azucrinam-vizinhanca-bem-antes-da-final.html>>. Acesso em 5 de junho de 2018.

nova arena do Palmeiras”³⁷; “Decisão tem multidão fora do estádio, clima de guerra e até fratura exposta”³⁸ e “Repórter da Sportv faz desabafo após sua mãe passar mal no Allianz Parque”³⁹. Além dos distúrbios aos residentes dos arredores, a notícia de que celulares⁴⁰ haviam sido furtados também permeou grande parte da cobertura jornalística do título.

Tal debate teve seu ponto nevrálgico onze meses depois, no dia 23 de outubro de 2016, em uma partida entre o Palmeiras e o Sport Club do Recife pela 32ª rodada do Campeonato Brasileiro. O clube alviverde caminhava para a conquista do torneio que não vencida desde 1994. Por volta do meio-dia, as ruas do entorno da arena foram bloqueadas por funcionários contratados pelo Palmeiras e por policiais militares. Naquele jogo, encarado como mais uma final de campeonato⁴¹ – mesmo que, tecnicamente, não o fosse –, a passagem era concedida somente a torcedores munidos do documento de identidade e de ingresso para o setor cuja entrada fosse realizada pelo portão A, justamente aquele localizado na Rua Palestra Itália. Palmeirenses com ingressos para os outros três portões (B pela Avenida Francisco Matarazzo e C/D pela Rua Antônio Tomás) tinham seu acesso negado para circular na região: além dos policiais, funcionários do Avanti (o programa de sócio-torcedor do Palmeiras), munidos de *tablets*, checavam a validade, a adimplência e os setores dos ingressos de quem tentasse passar.

Neste trabalho, pretendo detalhar aquilo que ficou conhecido entre os torcedores como “cerco da Turiassu” no quarto capítulo deste texto. Por ora, cabe ressaltar que tal procedimento continuava a ocorrer até meados de 2018. A existência de tal bloqueio, além de trazer novas questões para minha pesquisa, fez com que eu estendesse as idas a campo. Apesar da intenção de encerrar minha etnografia ao fim de 2016, por acreditar que havia coletado material de campo suficiente, julguei importante verificar se tal prática continuaria acontecendo no início do ano seguinte – o que de fato ocorreu.

³⁷ Ver nota de rodapé 32.

³⁸ Ver a respeito em *Decisão tem multidão fora do estádio, clima de guerra e até fratura exposta*. UOL Esporte, 3 de dezembro de 2015. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/12/03/decisao-tem-multidao-fora-do-estadio-clima-de-guerra-e-ate-fratura-exposta.htm>>. Acesso em 5 de junho de 2018.

³⁹ Ler a respeito em *Repórter da SportV faz desabafo após sua mãe passar mal no Allianz Parque*. Blog Pop – Veja São Paulo, 3 de dezembro de 2015. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/reporter-da-sportv-faz-desabafo-apos-sua-mae-passar-mal-no-allianz-parque/>>. Acesso em 5 de junho de 2018.

⁴⁰ Ver a respeito em *Mauro Beting tem celular roubado durante comemoração de título do Palmeiras*. Portal Imprensa, 3 de dezembro de 2015. Disponível em: <<http://portalimprensa.com.br/noticias/brasil/75509/mauro+betting+tem+celular+roubado+durante+comemoracao+de+titulo+do+palmeiras>>. Acesso em 5 de junho de 2018.

⁴¹ O Campeonato Brasileiro é disputado por meio do sistema de pontos corridos desde 2003. Portanto, não há jogos eliminatórios: o clube que conquistar a maior quantidade de pontos em 38 rodadas é declarado campeão do torneio.

Dessa maneira, a descrição da final da Copa do Brasil de 2015 é importante para este trabalho antropológico pois, tal qual uma espécie de “fato social total” (MAUSS, 2003, p.321-324)⁴² para a atual narrativa da torcida do Palmeiras, ela traz elementos etnográficos como a territorialidade, que se tornaram temas desta pesquisa de mestrado. Uso “fato social total” para ressaltar a complexidade dos eventos engendrados naquela noite, que mobilizaram uma multiplicidade de atores, dimensões simbólicas e espaços urbanos para além da partida de futebol em si.

Antes de detalhar os procedimentos que adotei em campo, entendo ser importante justificar o surgimento desta pesquisa, inclusive como forma de posicionar-me. Posso dizer esta etnografia que esta pesquisa nasceu, como já deve ter ficado claro, de uma inquietação pessoal como torcedora da Sociedade Esportiva Palmeiras. Tive contato com o tema dos megaeventos esportivos e da atualização dos estádios brasileiros no âmbito da antropologia urbana durante a graduação em Ciências Sociais na própria USP, na disciplina de “Cidade e Relação”, cursada no primeiro semestre de 2015⁴³. Como frequentadora do Allianz Parque desde o início daquele ano, acompanhei diálogos, manifestações e tensões⁴⁴ entre os torcedores, especialmente no que tange ao que se chama de “elitização” do público, que ainda se ambientava, àquela época, ao novo estádio em seus primeiros meses de funcionamento.

Assim, surgiu a ideia de posicionar o Palmeiras nesse debate que eu mesma vivenciava. Cabe dizer também que, mesmo que me identificasse como palmeirense desde a infância, não fui frequentadora do Parque Antarctica/Palestra Itália, uma vez que minha família não tinha o costume de ir a estádios e, nas poucas vezes que isso ocorreu, era uma atividade dos homens da casa. Já adulta, por não ter companhia, protelei minha primeira ida por anos, de modo que, quando finalmente fui pela primeira vez, a reforma que resultou no Allianz Parque já havia começado e o Palmeiras mandava seus jogos no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, conhecido por Estádio do Pacaembu – ou somente Pacaembu. Portanto, as memórias e discursos de um processo de mudança do campo palmeirense emergem na fala dos meus interlocutores – alguns bastante nostálgicos, com uma visão quase romântica do Palestra Itália –, vivência que jamais possuí.

⁴² No prefácio de obra que reúne os escritos de Mauss, Lévi-Strauss (2003, p.24) afirma que o fato social total: “[...] deve fazer coincidir a dimensão propriamente sociológica com seus múltiplos aspectos sincrônicos; a dimensão histórica ou diacrônica; e, enfim, a dimensão fisio-psicológica [...]”.

⁴³ A disciplina foi ministrada pelo Prof. Dr. Heitor Frúgoli Junior, orientador desta dissertação.

⁴⁴ Ver a respeito em *Torcida organizada palmeirense silencia em protesto por preço dos ingressos*. ESPN, 9 de maio de 2015. Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/508217_torcida-organizada-palmeirense-silencia-em-protesto-por-preco-dos-ingressos>. Acesso em 1 de julho de 2018.

É possível fazer aqui uma menção a supostas diferenças entre torcer e etnografar, que serão problematizadas no decorrer dos capítulos. Por uma questão de gênero – ser mulher em um campo permeado de masculinidades –, ser reconhecida como palmeirense facilitou as interações e a construção dos contatos com meus interlocutores. Assim, o uso da camisa da camisa do Palmeiras foi fundamental dentro e fora do Allianz Parque. Ressalto, inicialmente, que optei por vestir roupas neutras em alguns jogos de 2015. Para a partida entre Palmeiras x Vasco da Gama, em 8 de novembro, por exemplo, usei uma blusa branca sem alusão futebolística. O resultado pode ser conferido em trecho do relato de campo daquela data:

Ao passo que olhava para a torcida e não para o jogo, percebi olhares desconfiados para mim. Não sei acharam que eu era algum tipo de fiscal, mas senti que chamei muito mais atenção do que queria. [...] Enfim, não usar a camisa é realmente necessário? Percebi que isso pode me trazer “problemas” futuros, a depender do contexto. Rever isso para a próxima partida.

Compareci a todos jogos seguintes na arena vestindo uma camisa do Palmeiras e a situação relatada não se repetiu, o que fez com que eu realizasse minhas observações – muitas delas participantes, especialmente no setor Gol Norte durante as performances da Mancha Verde – de forma mais discreta no decorrer da temporada.

Frequentar todas as partidas⁴⁵ do Palmeiras no Allianz Parque de novembro de 2015 ao fim do primeiro semestre de 2017⁴⁶ permitiu a reconstituição de aspectos etnográficos relevantes. Procedi, nessas incursões a campo, de maneira recorrente: chegava com no mínimo duas horas de antecedência do jogo para etnografar o entorno, e entrava na arena faltando no máximo meia hora para o início da partida. Além disso, permanecia na região por pelo menos mais 30 minutos após sair da arena para acompanhar a movimentação da evasão dos torcedores.

Quanto aos jogos dos torneios citados que não foram realizados na arena palmeirense – ou seja, certames em que o Palmeiras atuou no campo do adversário (“fora de casa”) –, acompanhei todos na região do Allianz Parque. Assisti à maioria desses jogos no bar Alviverde, que fica na esquina das ruas Palestra Itália e Caraibas, bem em frente à entrada principal do

⁴⁵ O início de 2016 trouxe a oportunidade de acompanhar uma temporada completa do Palmeiras. Ao todo, foram realizadas 67 partidas oficiais entre os campeonatos Paulista, Brasileiro, Copa do Brasil e Libertadores, das quais 27 aconteceram no Allianz Parque e seis no Pacaembu.

⁴⁶ O único jogo cujo mando não era do clube alviverde e não vi nas redondezas do Allianz Parque foi Sport Club Internacional x Palmeiras, no dia 17 de julho de 2016, pelo Campeonato Brasileiro. Assisti à partida *in loco*, no Estádio José Pinheiro Borda, o Gigante da Beira-Rio, em Porto Alegre. A ida à capital gaúcha foi importante porque tive a oportunidade de conhecer tanto o estádio do time colorado, renovado para a Copa do Mundo de 2014, como a arena do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Vivenciar a experiência de torcida visitante também foi interessante, já que estive entre uma quantidade exponencialmente inferior de palmeirenses se comparada a um jogo “em casa”.

clube social do Palmeiras e próximo a um dos acessos da arena. Optei por esse estabelecimento por ser um dos mais antigos da região e por sua característica de “bar de torcedores” com preços inferiores aos dos outros bares da área. No decorrer da temporada, porém, circulei entre os outros estabelecimentos – sem deixar de pelo menos passar pelo Alviverde, que elegi como uma espécie de lugar referencial etnográfico. Durante essas partidas, também foi possível criar laços com torcedores que frequentam o bar assiduamente, qualquer que seja o dia.

O fato de ter residido nas redondezas do Allianz Parque durante a maior parte de 2016 foi enriquecedor para acompanhar os movimentos da torcida em dias sem e com jogo, especialmente no sentido de compreender a já mencionada territorialidade palmeirense, que detalho no último capítulo desta dissertação. Entre fevereiro de 2016 e fevereiro de 2017 residi na Vila Pompeia, bairro vizinho à arena, de modo que meu trajeto até ela durava cerca de quinze minutos. Morar ali foi importante para entender a relação das outras torcidas com um território demarcado moral e fisicamente pelos palmeirenses, especialmente no que tange à observação de certas regras e códigos – caso do veto à circulação de torcedores com camisas de determinados times, por exemplo.

Destaco também que ser mulher em um ambiente majoritariamente masculino trouxe, no decorrer das incursões a campo, situações de assédio e abordagens machistas – a maioria verbal. Ressalta-se, porém, dois fatores que foram fundamentais para atenuar o contexto de desigualdade de gênero: o fato de eu já circular entre a torcida previamente e o ato de fotografar (com câmera semiprofissional ou mesmo com celular). Ambas as estratégias me permitiram andar mais livremente entre a torcida, especialmente nas horas que antecedem as partidas, período chamado pelos torcedores de “pré-jogo”. Conhecer o território de antemão e tirar fotografias facilitou minha aproximação dos grupos de torcedores dispostos pelas ruas, e serviu também como propulsor de diálogo – depois do contato inicial em que explicava a minha pesquisa e após interações frequentes, era chamada de “pesquisadora” ou “repórter”.

Por fim, realizei algumas entrevistas abertas⁴⁷ com torcedores que, após meses de observação, mostraram-se perfis interessantes para serem discutidos em uma pesquisa como esta – eles aparecem na introdução da dissertação e percorrem todo o texto, na tentativa de demonstrar suas práticas em situações diversas. Ao abordá-los para uma conversa, explicando os objetivos do meu mestrado, percebi, como uma forma de “proteção” por ser mulher, que

⁴⁷ Segundo Boni e Quaresma (2005, p.74), “a entrevista aberta é utilizada quando o pesquisador deseja obter o maior número possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado, e também para obter um maior detalhamento do assunto em questão”. Ao abordarem a obra de Bourdieu (1999), as autoras lembram que, ele “[...] considera que a entrevista é um exercício espiritual, é uma forma do pesquisador acolher os problemas do pesquisado como se fossem seus” (BOURDIEU apud BONI e QUARESMA, 2005, p.78).

seria melhor realizar um procedimento gravado e, por assim dizer, “oficial”. Mesmo consciente de possíveis direcionamentos nas respostas, característica inerente à técnica da entrevista como metodologia de pesquisa, encontrei nessa a melhor opção para aprofundar temas relevantes e coletar outros dados para além do que já havia observado. Os principais excertos dessas conversas podem ser lidos no decorrer da dissertação.

É relevante afirmar que a oportunidade de realizar um trabalho de campo em um período em que o clube conquistou dois títulos de dimensão nacional – a Copa do Brasil de 2015 e o Campeonato Brasileiro de 2016 – foi bastante profícua para a pesquisa, o que culminou em um acúmulo muito grande de material etnográfico também por conta do tempo de observação, pouco mais de um ano e meio. Dessa maneira optei por uma abordagem situacional (GLUCKMAN, 1987, p.227; VAN VELSEN, 1987, p.345), para a escrita da dissertação, trazendo para análise situações vividas por torcedores e observadas dentro e fora do Allianz Parque sob a luz de argumentos teóricos. Tal tipo de abordagem, dentro da antropologia urbana, é fruto das pesquisas de etnógrafos africanistas da Escola de Manchester ligados ao Rhodes-Livingstone Institute (AGIER, 2011, p.73).

As situações sociais podem ser definidas do seguinte modo:

Chamávamos estes eventos complexos de ‘situações sociais’ e utilizávamos as ações de indivíduos e grupos nessas situações para exibir a natureza da estrutura social. Mas ainda tínhamos como objetivo apresentar a morfologia social” (GLUCKMAN apud FELDMAN-BIANCO, 1987, p.31).

Ou seja, pretende-se compreender as estruturas de um fenômeno social por meio da observação de situações específicas. Van Velsen, por sua vez, expande o conceito de Gluckman, já que acredita que “[...] o antropólogo deve utilizar-se dos registros de situações concretas e do comportamento de indivíduos específicos como parte constituinte da análise de processos sociais” (FELDMAN-BIANCO, 1987, p.31), dando ênfase a análises sequenciais e sistemáticas de situações. Segundo o autor, uma vez em campo, o etnógrafo deve “procurar casos inter-relacionados dentro de uma pequena área que envolva somente um número limitado de *dramatis personae*” (VAN VELSEN, 1987, p.369)⁴⁸.

Já Agier afirma que o que determina uma situação social não são os limites espaciais, mas os das interações, uma vez que tal abordagem “desespacializa ainda mais a pesquisa urbana” (2011, p.73). Com base na ideia de J. C. Mitchell de “sentido partilhado” que diferentes

⁴⁸ Segundo Feldman-Bianco: “Van Velsen baseia-se na análise sequencial de situações sociais e focaliza gente, lugar e tempo, com o objetivo de apreender processos, ações e sequências de desenvolvimento em contextos específicos, através de uma perspectiva da sociedade em movimento e em constante fluxo” (1987, p.32).

atores dão a uma mesma situação, o autor afirma que “a abordagem situacional não exclui, por conseguinte, a ‘realidade’ dos espaços urbanos, mas os engloba em sua definição em vez de ser definida por eles” (2011, p.74).

Assim, partindo da observação de situações sociais, meu objetivo é a descrição de tais cenas e suas respectivas reflexões na tentativa de posicionar a arena palmeirense no contexto dos estádios atualizados e das – supostas – novas formas de torcer deles decorrentes.

1.3 Estrutura da dissertação

Considerando o panorama previamente apresentado, esta dissertação está dividida em quatro capítulos principais, além das considerações finais e desta introdução. No primeiro capítulo, pretendo embasar teoricamente meu tema, trazendo a bibliografia manuseada nesses dois anos e meio de pesquisa por meio das ideias e argumentos de autores relevantes para a discussão do problema. Pretendo também apresentar o Allianz Parque. Assim, o capítulo se divide em três partes: na primeira, abordo os megaeventos e a construção das arenas multiuso como um tema antropológico; na segunda, trago o histórico do estádio palmeirense, situando-o nessa discussão; finalizo com uma terceira seção dedicada às práticas torcedoras – também chamadas formas de torcer nas Ciências Sociais.

Dedico-me, no segundo capítulo, a descrever as formas de torcer observadas dentro da arena. Além da análise dos serviços de compra de ingressos (o programa de sócio-torcedor Avanti e o Passaporte Allianz Parque), apresento dados sobre as performances torcedoras verificadas nos meses de ida a campo, buscando diferenciar e aproximar alguns setores supostamente diversos em termos de perfil torcedor, abordando questões referentes ao controle. Para finalizar essa seção, trato dos jogos que o Palmeiras realizou no Pacaembu por estar “desalojado” de sua arena por motivos que serão discutidos adiante. Minha ideia ao trazer o Pacaembu à discussão é provocar uma reflexão sobre um estádio tratado como antigo, quase analógico, frente a uma arena nova e tecnológica.

Conforme descrito anteriormente, a ocupação que os torcedores fazem do entorno do Allianz Parque demonstrou, desde as primeiras idas a campo, uma densidade etnográfica que merece ser analisada. Assim, dedico o capítulo subsequente à apropriação que a torcida faz das ruas – ou seja, fora da arena –, que também pode ser interpretada sob a ótica das formas de torcer. As sociabilidades criadas e renovadas nos bares, bem como nos agrupamentos observados nas ruas – já mencionados naqueles apresentados na descrição da final da Copa do Brasil de 2015 – serão apresentados com a intenção de mostrar as práticas torcedoras frente à

nova arena. Além disso, trago alguns dados sobre as torcidas organizadas do Palmeiras cujas sedes, à época da realização do trabalho de campo, constituíam-se na região, delimitando notáveis microterritórios entre as ruas do entorno.

No quarto e último capítulo, tento expandir a discussão para constituir o que chamo território palmeirense (PERLONGHER, 1987, p.108) para além das ruas do entorno, abordando também os efeitos que as práticas torcedoras trouxeram para os moradores do bairro de Perdizes. Descrevo também o bloqueio realizado a partir do fim de 2016 na área do Allianz Parque – que proíbe, em dia de jogo do Palmeiras, a passagem de torcedores ou transeuntes que não tenham ingresso, conforme já mencionado.

Cabe ressaltar que essa divisão entre dentro e fora da arena serve apenas como uma matriz organizadora da estrutura da dissertação. É importante fazer tal afirmação de início, uma vez que minha intenção não é opor diametralmente os dois ambientes. A descrição etnográfica mostrará que as dicotomias são menos sólidas do que parecem, ainda que haja um cenário conformador e controlador dentro da arena. Isto porque a rua se revelou um terreno fértil para a prática de comportamentos torcedores refutados desde a atualização do estádio e pelas regras impostas por agentes externos – como bandeiras, sinalizadores, rojões e o consumo de bebidas alcoólicas e substâncias ilícitas. Simula-se um ambiente de arquibancada na rua, apropriando-se dela para torcer, entoando músicas e corporalidade semelhantes às observadas nas arquibancadas, em que não haveria a necessidade de vigilância, controle e da mediação do consumo cujo expoente se verificou, como já mencionado, quando da final da Copa do Brasil de 2015. No entanto, como veremos, as duas dimensões interferem-se mutuamente com o cruzamento de valores e usos – há, portanto, um fluxo entre o “dentro” e o “fora” do Allianz Parque, e tal intercâmbio se evidencia especialmente pela análise das formas de torcer.

1.4 Iconografia

Figura 1: Rua Caraibas durante a transmissão de Santos x Palmeiras, jogo de ida da final da Copa do Brasil, em 25.11.2015 (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 2: Torcedores abaixam-se na Rua Caraibas antes de cantar o hino do Palmeiras, em performance semelhante à realizada no Allianz Parque em 25.11.2015 (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 3: Manchistas comemoram após fim da partida Santos x Palmeiras, em 25.11.2015. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 4: Itens de um dos agrupamentos de torcedores na Rua Caraibas, antes do jogo de volta da final da Copa do Brasil no dia 02.12.2015 (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 5: Show de reggae organizado pela Rasta Alviverde na Rua Diana antes de Palmeiras x Santos pela final da Copa do Brasil em 02.12.2015 (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 6: Bandeira da Força Jovem, principal organizada do Vasco, durante o pré-jogo da final da Copa do Brasil em 02.12.2015 (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 7: Torcedores na Avenida Francisco Matarazzo, na frente do Bourbon Shopping, antes da final da Copa do Brasil em 02.12.2015 (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 8: Mosaico 3D da Mancha Verde final da Copa do Brasil em 02.12.2015 (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

2. Allianz Parque e a “arenização” dos estádios brasileiros: um contexto

A transformação do estádio Palestra Itália na arena multiuso Allianz Parque pode ser interpretada à luz da realização dos chamados megaeventos esportivos no Brasil. Mesmo que não tenha sido reformado para abrigar jogos da Copa do Mundo de 2014, pode ser considerado uma peça do cenário de atualização de equipamentos esportivos que ganhou força desde o anúncio do Brasil como país-sede do mundial, em outubro de 2007⁴⁹. Portanto, considero importante apresentar, em linhas gerais, aspectos do processo de construção dessas arenas, bem como realizar um breve preâmbulo histórico dos estádios brasileiros, além de trazer dados relevantes sobre o próprio campo palmeirense.

Ademais, discuto as formas de torcer como um tema antropológico, categoria que utilizo como chave de análise no decorrer de toda esta dissertação. Assim, este primeiro capítulo reconstitui brevemente o contexto teórico em que posicionei minha hipótese de pesquisa, com a intenção de destacar os principais autores e obras com as quais dialoguei para arquitetar textualmente este trabalho.

2.1 Megaeventos esportivos, arenas e estádios: um tema para a antropologia

Os megaeventos esportivos – também denominados grandes eventos esportivos (GEEs) por urbanistas, geógrafos e outros pesquisadores – podem ser definidos como acontecimentos cuja dimensão agrega e articula outros eventos que orbitam ao redor do principal, em uma escala que pode chegar a ser global. A complexidade desses fenômenos interessa à antropologia por, dentre outras razões, agregar uma multiplicidade de relações, valores e símbolos (DAMO e OLIVEN, 2014, p.15). Assim sendo, uma Copa do Mundo pode ser classificada como um megaevento por constituir-se como:

[...] um evento planetário de grande impacto local, sendo este concreto e imaginário, imediato e prolongado, estimulante e deletério, defensável e contestável e assim por diante. A disposição de sediá-la implica constrangimentos, convencimentos, barganhas, pressões, interesses confessos e escusos, enfim, trata-se de algo que extrapola os pontos de vista maniqueístas (DAMO, 2012, p.47).

⁴⁹ Ler a respeito em *Brasil é confirmado como sede da Copa-2014 e já vê briga interna*. UOL, 30 de outubro de 2007. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/10/30/ult59u135209.jhtm>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2018.

Na mesma linha de raciocínio, o antropólogo Martin Curi (2013) destaca que, no século XXI, os megaeventos são efetivamente caracterizados como torneios de valor globalizado, com fluxos múltiplos, já que “tanto o local anfitrião se expõe ao mundo quanto tendências internacionais nele se refletirão” (2013, p.73). De acordo com Curi, o aspecto econômico do megaevento é bastante relevante, uma vez que produtos de diversos tipos (como ingressos e notícias, por exemplo) são comercializados; a relevância simbólica desses fenômenos é também fundamental na análise. Isto porque os megaeventos constituem “um lugar de troca de informações, de afirmação de *status* e identidade” (CURI, 2012, p.115). A expressão “torneio de valor” utilizada pelo antropólogo é emprestada de Appadurai (2008):

[...] o que está em pauta nestes torneios não é apenas o status, a posição, a fama ou a reputação dos atores, mas a disposição dos principais emblemas de valor da sociedade em questão. Enfim, embora tais torneios de valor ocorram em épocas e lugares especiais, suas formas e resultados sempre trazem consequências para as mais mundanas realidades de poder e valor na vida comum. (APPADURAI apud CURI, 2012, p. 36-37)

Desse modo, diversos estudos acerca dos megaeventos esportivos se concentram em uma perspectiva sociológica. Dão ênfase à espetacularização e promoção por meio de um fluxo de interesses e grandes investimentos nacionais – grande porcentagem proveniente de recursos públicos – e internacionais. Para Silva e Zaviani, tais condições engendram as cidades receptoras do empreendimento em “circuitos globalizados de produção e distribuição de bens e serviços” (2014, p.72). Em diálogo com Ferreira (2010), as autoras afirmam que tais investimentos exploram os espaços urbanos, redimensionando disputas discursivas e simbólicas. Posição semelhante é adotada por autores como Gaffney (2010, 2015) e Mascarenhas (2007, 2013, 2016), para quem os megaeventos catalisam circulações globais, nacionais e locais.

A ideia de que esses megaeventos deixariam um “legado” para os locais que os sediam também é alvo de intenso debate, especialmente ao considerarmos os impactos urbanos que as obras trazem para as populações. No Brasil, essa discussão teve amplo espaço, especialmente na mídia, quando as chamadas jornadas de junho ganharam as ruas naquele mês de 2013 – semanas antes da realização da Copa das Confederações no país⁵⁰. De acordo com Curi (2013, p.67), o legado de um megaevento esportivo é complexo demais para ser quantificado ou qualificado de forma superficial. Já Damo classifica o conceito como arbitrário, uma vez que o

⁵⁰ Para uma leitura específica sobre o tema, do ponto de vista de uma antropologia das práticas esportivas, ver Damo e Oliven (2014, p.163-185).

mesmo reúne um conjunto bastante “heteróclito e disparatado de elementos” (2012, p.45). O artigo de Moura, Lemos Junior e Scott (2014) toma o caso da Arena Pernambuco como eixo de discussão do ativismo suscitado durante os processos de desapropriação e tentativas de negociações que constituíram a construção do novo estádio, abordando os protestos e o papel do Comitê Popular da Copa de Pernambuco⁵¹. Tal tema, bastante controverso, gerou estudos críticos a seu respeito. No caso do Rio de Janeiro⁵², por exemplo, tal debate foi radicalizado.

Uma análise sobre a questão do legado é formulada por Raeder⁵³, que o conceitua como “o conjunto de bens materiais e imateriais, que se conformam como permanências sócio-espaciais no tecido urbano decorrentes das ações empreendidas por conta da implementação de um megaevento” (2008, p.206). Bens materiais seriam, por exemplo, as arenas e equipamentos esportivos e as obras de infraestrutura no transporte. Imateriais, por sua vez, podem ser exemplificados pelo suposto aumento de autoestima dos habitantes do local que sediou os jogos ou a capacitação técnica daqueles que trabalharam para a realização dos mesmos.

Vale destacar aqui o protagonismo da Federação Internacional de Futebol (FIFA) em todo esse processo. Como detalha Damo, a entidade, assim como o Comitê Olímpico Internacional (COI), é decisiva no que o autor chama de “orquestração de uma dada ordem, indispensável à viabilização do esporte no mercado de bens simbólicos” (2012, p.50). Desse modo, o megaevento esportivo transcorre sob os critérios dessas agências, arbitrários e mandatários, por mais que exista a participação da iniciativa privada e do poder público na alocação de recursos (DAMO, 2012, p.29).

Assim, em outubro de 2007, o Brasil⁵⁴ foi escolhido em candidatura única pela FIFA como sede do Mundial de 2014. O fato obrigaria o país a realizar a Copa das Confederações

⁵¹ Sobre a Arena Pernambuco, ver o curta-metragem *Limpendo a Área*, dos autores da pesquisa citada.

AntHropológicas Visual, 2015. Disponível em:

<<http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revistaanthropologicasvisual/article/view/470/html>>. Acesso em 24 de abril de 2018.

⁵² Ver, por exemplo, *Occupy All Streets: Olympic Urbanism and Contested Futures in Rio de Janeiro*, 21 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.opendemocracy.net/mariana-cavalcanti/rio-s-olympic-ruins>>. Acesso em 24 de abril de 2018.

⁵³ Raeder acrescenta que os megaeventos intensificam conflitos urbanos previamente existentes, evidenciando tensões durante a sua realização. Mais do que isso, evidenciam contradições: “(...) não é somente a imagem idílica dos heróis atletas, mas sim um território cheio de conflitos e desigualdades que tentam ser mascarados por um ordenamento voltado para a promoção de um consumo urbano datado” (2008, p.26). No caso dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016, por exemplo, movimentos sociais e ativistas criaram a campanha “Olimpíadas para quem?”, classificando o megaevento como “jogos da exclusão”. Para essa abordagem do megaevento como um processo excludente, ver especialmente a obra de Gaffney (2010) e Mascarenhas (2007, 2013, 2015).

⁵⁴ Vale destacar que, antes da Copa de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, o Brasil já havia sediado o Mundial de Futebol de 1950 – objetivo principal da construção, à época, do Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã –,

um ano antes, como uma espécie de “teste” para o megaevento posterior, uma prática criada pela entidade em 2001. Em 2009, foram escolhidas as doze capitais que receberiam os jogos. As doze cidades deveriam então construir estádios que obedecessem aos mandos da entidade internacional⁵⁵ – à época, no entanto, nenhum se enquadrava nas imposições de caráter técnico e estrutural (GAFFNEY, 2010, p.5) publicadas no documento de 420 páginas denominado *Football Stadiums: Technical recommendations and requirements*, cuja 5ª edição data de 2011⁵⁶, que Hollanda denomina como “caderno de encargos” (2014, p. 323).

Em doze capítulos temáticos, a FIFA expõe as suas exigências – às quais Curi chama de “valores standardizados” (2012, p.132), que ditavam: período de pré-construção da arena; segurança; jogadores e árbitros; espectadores (os *spectators*, que não são chamados de *fans* ou *supporters*, tradução mais aproximada para “torcedores”); iluminação e energia; comunicação e áreas extras/adicionais ao campo; orientação e estacionamento; área de jogo/campo; hospitalidade; mídia e, por fim, instalações temporárias (presentes apenas durante o Mundial).

De todo esse arsenal de reivindicações técnicas para a edificação das arenas, destaco algumas: ângulo do campo em relação ao sol (para evitar exposição do público e jogadores); estacionamento para 10 mil carros e 500 ônibus (para estádios com capacidade de 60 mil); número mínimo de dois telões gigantes de 70 m² cada (para estádios com capacidade superior a 50 mil); sistema de segurança com câmeras fixas internas e externas, a cores e com movimentos de inclinação e rotação; camarotes, assentos executivos, assentos de hospitalidade e áreas VVIP e VIP; sistema de acústica e alto-falantes de alta potência; demandas por metragens para estruturas internas como vestiários, salas de imprensa, salas de massagem e toaletes etc., incluindo até número mínimo e posicionamento de mastros para bandeiras.

Em linhas gerais, a FIFA exige que o estádio tenha, no mínimo, quatro setores. Cada um deles deve contar com infraestrutura própria de “pontos de acesso, toaletes, lanchonetes e outros serviços essenciais, como áreas de primeiros-socorros, estações de segurança e áreas para recepcionistas e policiais” (2011, p.119). A entidade também afirma que “os clubes

duas edições dos Jogos Panamericanos e edições da Copa América de Futebol (DAMO, 2011, p.69). Já Curi (2012, p.116) lembra que o país ficou quase 40 anos sem sediar qualquer evento do porte dos citados.

⁵⁵ Gaffney lembra que, em 2007, a FIFA produziu um relatório bastante otimista em relação à capacidade brasileira de sediar o Mundial de 2014. Prevendo a realização do megaevento em 18 cidades-sede, a entidade afirmava que apenas quatro necessitavam de estádios novos: Maceió (onde seria construída a Arena Zagallo; no entanto, a capital alagoana ficou de fora da seleção dois anos depois); Natal (onde foi erguida a Arena das Dunas); Recife (Estádio Governador Carlos Wilson Campos, conhecido como Arena de Pernambuco) e Salvador (Complexo Esportivo Cultural Octávio Mangabeira ou Itaipava Arena Fonte Nova) (2015, p.169).

⁵⁶ A edição brasileira, válida para a Copa de 2014, chama-se *Estádios de Futebol: Recomendações e requisitos técnicos*. Federação Internacional de Futebol (FIFA), 2011. Disponível em: <http://img.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/17/76/p_sb2010_stadiumbook_ganz.pdf>. Acesso em 13 de fevereiro de 2018.

normalmente constataam que estádios novos, limpos e confortáveis produzem um aumento significativo de público” (2011, p.30) e que “atrair VIPs ou consumidores que estejam dispostos a pagar muito mais que o preço regular dos ingressos é essencial para o sucesso financeiro do estádio moderno” (2011, p.31).

Todos os setores devem ter assentos identificados que garantam uma vista total do campo, sem bloqueios – ou seja, não há espaço para as antigas arquibancadas, bastante comuns nos estádios brasileiros⁵⁷ (2011, p.108): “Todos os espectadores devem ficar sentados. Os assentos devem ser individuais e fixados à estrutura, confortáveis e com encostos com altura mínima de 30 cm para fornecer apoio” (2011, p.109). A recomendação de largura mínima para assentos comuns é de 50 cm – para VIPS, 60 cm. Lugares sem cadeiras fixas, para a FIFA, são considerados perigosos⁵⁸:

Os encostos também ajudam a prevenir o avanço altamente perigoso dos espectadores que frequentemente ocorria nas velhas arquibancadas quando um gol era marcado, e que ainda acontece em alguns estádios com assentos sem encostos. Bancos e áreas de pé são inaceitáveis sob quaisquer circunstâncias para Copa do Mundo FIFA™ (2011, p.109).

Valores como inovação, segurança, conforto, tecnologia e sustentabilidade permeiam todo o discurso do documento, além da chamada “multifuncionalidade”. A capacidade de multiplicar os usos das arenas surge como um dos “tentáculos” do já mencionado legado, uma vez que se descortinam novas possibilidades de viabilidade financeira que não o esporte, como aluguel do espaço para “concertos, festivais, peças teatrais e feiras de negócios e de consumo” (2011, p.44)⁵⁹. Assim, as ideias de segurança e conforto aparecem com bastante força no discurso dessas arenas, como Curi (2012, p.138-139) aborda em sua tese de doutorado.

⁵⁷ O Brasil tem, segundo o Cadastro Nacional de Estádios de Futebol (CNEF) 2016 da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), 790 estádios. Ler a respeito em *CBF cadastra 790 estádios brasileiros*. CBF, 21 de janeiro de 2016. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/index/cbf-cadastra-790-estadios-brasileiros>>. Acesso em 25 de abril de 2018.

⁵⁸ É preciso dizer que existem novos estádios que escapam à essa tendência “padrão FIFA”. Uma exceção digna de nota está no Montevidéu, Uruguai: o *Campeón del Siglo*. do Club Atlético Peñarol, inaugurado em 2016. Além de não ter sido erguido com o objetivo de ser multiuso, tem cadeiras em apenas um setor, sendo composto majoritariamente por arquibancadas de cimento. Ler a respeito em *Sem luxo, mas com recursos próprios, Peñarol fez estádio que custou 13% da Arena Corinthians*. ESPN Brasil, 29 de março de 2016. Disponível em: <<http://espn.uol.com.br/noticia/588301-sem-luxo-mas-com-recursos-proprios-pe-arol-fez-estadio-que-custou-13-da-arena-corinthians>>. Acesso em 25 de abril de 2018.

⁵⁹ A FIFA, inclusive, sugere que o gramado seja sintético para os eventos não prejudicarem a superfície do campo, admitindo que: “para compatibilidade com estes diferentes usos do estádio, deve-se considerar o possível impacto negativo no seu fim primário, o futebol” (2011, p.44).

Além do campo propriamente dito, as demais instalações da arena⁶⁰ também podem fazer valer o adjetivo “multiuso”. A construção de salas funcionais na estrutura podem servir de locação para casamentos, formaturas, jantares, reuniões e festas diversas, sempre com o objetivo de “obter renda regular adicional à renda gerada pelo propósito central de abrigar partidas de futebol” (2011, p.130). É preciso destacar, porém, que sediar shows e eventos diversos não é exclusividade das novas arenas: para citar apenas os estádios paulistas, o Cícero Pompeu de Toledo (o Morumbi)⁶¹, o Paulo Machado de Carvalho (o Pacaembu)⁶² e o próprio Palestra Itália foram palco de diversas apresentações nacionais e internacionais nas últimas décadas. Importa observar, porém, que as arenas erguidas nas últimas décadas têm sido projetadas como centros lucrativos de lazer e entretenimento, deslocando o protagonismo que o futebol tinha nesses espaços.

Em linhas gerais, pode-se dizer que a diferença⁶³ entre arena e estádio se baseia em um discurso forjado no marketing e endossado pelos megaeventos esportivos (CURI, 2012, p.187). Destaca a já descrita multifuncionalidade da primeira em detrimento do segundo. Araújo lembra que: “A arena dentro deste conceito multifuncional passa a ser a âncora de um grande complexo centrado no entretenimento; forja-se então o conceito arquitetônico de ‘estado da arte’ no setor esportivo” (2008, p.555).

O ponto de virada da radicalização desse processo de “arenização”⁶⁴, como mostram Araújo (2008) e Mascarenhas (2013), aconteceu no apagar da década 1980, quando 96 pessoas morreram pisoteadas e outras centenas ficaram feridas em partida decisiva válida pela Copa da Inglaterra entre Liverpool e Nottingham Forest, no estádio de Hillsborough, em Sheffield. Antes, porém, incidentes de menor dimensão já embasavam o debate que se propagou com a

⁶⁰ É preciso lembrar que o emprego do termo “arena” remete, através de um panorama histórico simplista, ao Coliseu, arena considerada um dos maiores símbolos do Império Romano que data de vinte séculos atrás. O Coliseu era usado para fins diversos, que ultrapassam os duelos de gladiadores cristalizados no imaginário comum, como rememora Araújo (2008, p.553). Grandes campos de outras modalidades esportivas – como beisebol ou futebol americano também são assim chamados.

⁶¹ Antes da inauguração do Allianz Parque, o Morumbi era o principal estádio utilizado para grandes shows internacionais em São Paulo. Recentemente, algumas reportagens jornalísticas dão conta de uma “competição” entre os dois espaços para receber – e lucrar – com esses eventos. Ver a respeito em *Apesar do rival Allianz, Morumbi vê aumento de 56% em receita com aluguel*. Blog do Perrone – UOL Esporte, 30 de abril de 2018. Disponível em: <<https://blogdoperrone.blogosfera.uol.com.br/2018/04/apesar-do-rival-allianz-morumbi-ve-aumento-de-56-em-receita-com-aluguel/>>. Acesso em 5 de maio de 2018.

⁶² Os shows no Pacaembu são proibidos desde 2005. Atualmente, com a possível privatização do estádio, é possível que ele volte a sediar esse tipo de evento. Ler a respeito em *Projeto de concessão do Pacaembu permite que o estádio volte a receber shows*. G1, 31 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/projeto-de-concessao-do-pacaembu-permite-que-o-estadio-volte-a-receber-shows.ghtml>>. Acesso em 5 de maio de 2018.

⁶³ Pensando nesse sentido, refiro-me, ao longo desta dissertação, ao Allianz Parque sempre como arena.

⁶⁴ Adoto, neste texto, “arenização” como sinônimo dessa fase mais recente de atualização dos estádios.

“tragédia de Hillsborough”⁶⁵, marcando um período inicial em que “medidas governamentais foram aprovadas obrigando os velhos estádios ingleses, bem como os futuros, a eliminar elementos que pusessem em risco a segurança dos torcedores, entre eles a proibição de assistir aos jogos de pé” (ARAÚJO, 2008, p.555). Entre tais medidas, vale citar o Relatório Taylor, publicado em 1990. Este contava “com rigorosas recomendações de segurança para os estádios, entre elas a imposição do *all-seated* (todos os expectadores sentados)”, bem como de públicos consideravelmente menores (MASCARENHAS, 2013, p.143).

Nas duas décadas seguintes houve uma profusão de novas arenas, entendidas então não mais como “um mero estádio para uma determinada prática esportiva” (ARAÚJO, 2008, p.555). A massiva introdução de mecanismos de tecnologia trouxe também “um novo perfil de frequentadores, que exigem níveis de conforto e segurança, que o público do passado não exigia” (ARAÚJO, 2008, p.554). Os megaeventos esportivos, por sua vez, funcionaram como propagadores em escala global dessa nova lógica para a edificação de complexos esportivos. Nesse sentido, a Copa do Mundo de 2002 na Coreia do Sul e Japão é um marco considerável, já que vinte estádios foram reformados e erguidos para o evento, ao passo que na edição anterior (França, 1998) edificara-se apenas um (MASCARENHAS, 2015). Assim, para o autor, criou-se “um novo conceito de estádio que se impôs como paradigma mundial de conforto, segurança, previsibilidade, controle e, acima de tudo – embora veladamente –, rentabilidade e elitização” (2013, p.143) por meio do modelo divulgado e exigido pela FIFA.

No que tange ao Brasil, é preciso salientar que as reformas e construções influenciadas pela Copa do Mundo não representaram a primeira onda de atualizações dos estádios brasileiros. Ao contrário: tal processo se encontra na sua quarta geração (DAMO e OLIVEN, 2014, p.119). A opção pelo termo atualização em detrimento de modernização decorre da conceituação de tal palavra, que abrangeria “tanto a construção quanto a reforma dos estádios, independentemente do fato de eles virem a ser usados para a Copa” (2014, p.122). Dessa forma, o “padrão FIFA” imposto veio a ser um modelo para a remodelação e construção de novos campos no país, uma vez que o Grêmio Football Club e o próprio Palmeiras inauguraram suas arenas em 2012 e 2014, respectivamente, a despeito do megaevento, uma vez que nenhuma delas recebeu jogos da Copa à época da realização da mesma.

⁶⁵ Em 2016, a justiça inglesa culpou a polícia pelas mortes e ferimentos dos torcedores. Ver a respeito em *A tragédia de Hillsborough foi homicídio, não acidente*. El País. 26 de abril de 2016. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/26/deportes/1461666410_746494.html>. Acesso em 15 de fevereiro de 2016.

A hipótese dos autores vem se confirmando: o Santos⁶⁶ e a Associação Portuguesa de Desportos⁶⁷ também já apresentaram, após a Copa, projetos para transformar seus estádios, (respectivamente: Estádio Urbano Caldeira, a Vila Belmiro, e Estádio Doutor Oswaldo Teixeira Duarte, o Canindé) em arenas multiuso. A Portuguesa Santista, que faria parte do projeto do Santos, uma vez que ambos os clubes se situam na mesma cidade, agora planeja uma arena própria⁶⁸, e até mesmo a direção do Clube Atlético Juventus⁶⁹, detentor do famoso Estádio Conde Rodolfo Crespi – também chamado de “Javari”, em referência à rua de sua locação na Mooca, bairro da zona leste paulistana – debate o tema.

É válido reforçar que, mesmo antes da Copa do Mundo de 2014, tal movimento já era perceptível em vários estádios brasileiros. O melhor exemplo é o Estádio Joaquim Américo Guimarães, pertencente ao Clube Atlético Paranaense (CAP), que passou a ser conhecido como Arena da Baixada a partir de 1999, ano de sua reforma. O campo foi o primeiro do Brasil a adotar a mundialmente difundida prática dos *naming rights* (concessão de direitos de nome a uma empresa ou marca, como ocorre no Allianz Parque por meio de contrato com a seguradora Allianz), tendo sido nomeado entre 2005 e 2008 como Kyocera Arena. Ainda hoje, a Arena da Baixada, cujo campo tem grama sintética, é uma das maiores arenas multiuso do país, tendo sido ampliada e reformulada para receber quatro partidas do Mundial em Curitiba. Em sua dissertação de mestrado sobre a arena, Drula (2015) mostra, por meio de sua etnografia, como o processo de transformação do estádio em um espaço multiuso traz questões como apropriação, infraestrutura e identidade para os torcedores que frequentam os jogos do Atlético Paranaense – questões bastante próximas às aqui abordadas.

⁶⁶ Ver a respeito em *Setores e acessos: veja mais imagens do projeto da arena do Santos*. Globo Esporte, 1 de setembro de 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2016/09/setores-e-acessos-veja-mais-imagens-do-projeto-da-arena-do-santos.html>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2018.

⁶⁷ Ler a respeito em *Portuguesa apresenta projeto do Novo Canindé*. Site da Associação Portuguesa de Desportos, 1 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://portuguesa.com.br/2017/02/01/lusa-apresenta-projeto-do-novo-caninde>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2018.

⁶⁸ Ver a respeito em *Novo projeto de arena apresentado para a Briosia não inclui o Santos*. Globo Esporte, 6 de outubro de 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/portuguesa-santista/noticia/2016/10/investidores-apresentam-projeto-da-arena-ulrico-mursa-em-santos.html>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2018.

⁶⁹ O Juventus da Mooca é considerado por muitos um reduto “romântico” do futebol paulistano, onde se vivencia uma experiência futebolística na contramão do chamado “futebol moderno”, uma vez que seu estádio data de 1925 e sofreu poucas reformas desde então. Tem capacidade para apenas 4 mil pessoas, arquibancadas de cimento e alambrados. Sobre o projeto de arena, ler *De olho na Copa 2014, Juventus planeja estádio de R\$ 200 milhões, mas torcida se divide*. UOL, 15 de janeiro de 2013. Disponível em: <<https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/01/15/de-olho-na-copa-2014-juventus-planeja-estadio-de-r-200-milhoes.htm>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2018.

Além da Arena da Baixada, é preciso citar o caso do Estádio Olímpico Nilton Santos⁷⁰, antes conhecido como Estádio Olímpico João Havelange e popularmente denominado Engenhão. Foi utilizado nos Jogos Pan-Americanos de 2007 no Rio de Janeiro e é tema do doutorado de Curi (2012). Como lembra Damo (2016, p. 346), tal trabalho pode ser considerado como a primeira pesquisa “de fôlego tratando da atualização das arenas brasileiras”. Em linhas gerais, Curi mostra, adotando o Engenhão como foco etnográfico, uma dinâmica de representações sociais que emergem no espaço arquitetônico das novas arenas, reconfigurando disputas, gerando negociações entre os atores envolvidos no processo e enaltecendo categorias como “emoção” e “conforto”.

Melo (2013), por sua vez, etnografou o Estádio Raimundo Sampaio, conhecido como Arena Independência, em Belo Horizonte. O autor revelou como torcedores do América Futebol Clube, Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube reagiram à reforma do campo, observando tensões, disputas, continuidades e rupturas nas práticas torcedoras dos diferentes clubes que habitam o espaço.

Na constituição de um panorama analítico sobre as novas arenas brasileiras, somam-se a esses estudos as pesquisas já publicadas sobre os estádios reformados com o objetivo de sediarem partidas da Copa⁷¹. O doutorado de Campos (2016) sobre o Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, traz reflexões relevantes acerca das ideias de “tradição” e de “modernidade” para os torcedores e quantifica, assim como Melo (2013), a dimensão da resistência para as práticas torcedoras. Em seus contatos com interlocutores, a pesquisadora mostra que, ao passo que os torcedores valorizam aspectos como segurança e conforto, presentes após a reforma, também sentem falta dos churrascos⁷² outrora realizados.

Não posso deixar de citar, mesmo que brevemente, o caso do Estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã, “[...] palco de espetáculos e manifestações memoráveis do futebol e da vida carioca [...] (VERÍSSIMO, 2014, p.184), alvo de tantos debates e objeto de pesquisas diversas nas ciências humanas. Entre os aspectos assinaláveis, destaco, quanto aos interesses da presente dissertação, o fim da chamada “geral”. Trata-se de um efeito da remodelação desse e de outros grandes estádios brasileiros, que perderam ou tiveram redução relevante desses espaços, conhecidos por serem bem próximos ao campo e com ingressos disponíveis a preços populares.

⁷⁰ O Engenhão hoje se encontra sob gestão oficial do Botafogo de Futebol e Regatas. Seu nome oficial homenageia um dos maiores ídolos do clube alvinegro, o lateral-esquerdo Nilton dos Santos, bicampeão mundial pela Seleção Brasileira de Futebol em 1958 e 1962.

⁷¹ A Arena Corinthians não faz parte desse grupo pois foi construída, e não reformada, para o Mundial de 2014 e, posteriormente, para abrigar os jogos do clube.

⁷² Os churrascos entre torcedores também ocorrem entre a torcida palmeirense e serão discutidos mais adiante.

Assim, eram vistos como espaços tradicionais, mais livres e democráticos em relação às outras estruturas internas dos estádios, onde o jogo era visto em pé, na ausência de assentos determinados. Para alguns autores, as gerais agregavam um público diverso, muitas vezes reconhecido como “pitoresco” pela mídia – e também tratados como “baderneiros”, segundo Gaffney e Mascarenhas (2004, p.10). Assim, os chamados “geraldinos” eram uma oposição àqueles que assistiam às partidas nas arquibancadas – os “arquibaldos” (VERÍSSIMO, 2014, p.184).

A geral do Maracanã⁷³ foi provavelmente a mais reconhecida dentre esses espaços. Para Damo e Oliven:

O “padrão Fifa”, afinado com o marketing esportivo, aplica-se ao entorno e, sobretudo, à parte interna dos estádios, repercutindo na composição do público – ao desaparecimento das “gerais” corresponde a exclusão das classes de menor poder aquisitivo –, e nos estilos de torcer – na sociabilidade e na performatividade dos grupos organizados (2014, p.122).

É preciso destacar, porém, que o objetivo elitista das mudanças estruturais no Maracanã – e em outros estádios brasileiros, como o Pacaembu, o Morumbi e o próprio Palestra Itália, como veremos a seguir – decorre de processos iniciados há alguns anos. No caso do estádio carioca, Veríssimo (2014, p.186) chama a atenção para a “diminuição progressiva” no número de cadeiras no estádio, que teve início na década de 1990. Também é preciso lembrar que o Maracanã foi concebido para “garantir a participação democrática de um número máximo de espectadores”, sem exaltar, pois, valores reforçados pelas arenas, como segurança e conforto (CURI, 2012, p.299). No entanto, aquele que foi o maior estádio do mundo por décadas também apresentava clivagens interiores – o que desfaz, para alguns autores, a ideia “romântica” de um estádio puramente tradicional e livre. Guedes, por exemplo, lembra que a diferenciação de lugares do Maracanã já levava em conta “critérios de caráter econômico, profissional e político” (1977, p. 20). Tal argumento é reforçado por Holanda (2014, p.325), que discute os limites do estádio como um lugar democrático, uma vez que a própria setorização já hierarquizava o público.

Tendo o cenário brasileiro brevemente exposto em vista, trato agora do hoje denominado Allianz Parque, de modo a inseri-lo no debate acerca das arenas e a resgatar, mesmo que sucintamente, sua trajetória para a cidade de São Paulo e para o futebol brasileiro.

⁷³ O documentário *Geraldinos* (Brasil: Palmares, 2015), de Pedro Asbeg e Renato Martins, trata do tema. Vale destacar também outro documentário com a mesma temática, *Adeus Geral* (Brasil: 2016, 42 min), de Gustavo Altman, Martina Alzugaray, Matheus Bosco, Pedro Arakaki e Pedro Junqueira.

Pretendo, com isto, registrar informações relevantes acerca do campo, mostrando como ele se encaixa na narrativa das novas arenas brasileiras de futebol.

2.2 Parque Antarctica, Palestra Itália e Allianz Parque: as atualizações palmeirenses

O velho campo, o tradicional gramado, após 30 anos de vida, já não existe mais. Passou para a história. E será lembrado com saudades, pois evocará episódios e feitos gloriosos do nosso “association”. Não há dúvida que o campo “vovô” já desaparecido representava uma bela tradição. [...] Enfim, na velha “cancha” foram escritos muitos capítulos da história do futebol de São Paulo. Por ela, passaram os mais famosos quadros de todos os tempos, os azeites indígenas, os mais célebres e famosos campeões que nos visitaram, autores de feitos inesquecíveis. Quantos encontros teriam se efetuado no gramado em questão? Quantos jogadores o teriam pisado durante os seus 30 anos de atividade? (MAZZONI apud GALUPPO e OLIVEIRA FILHO, 2016, p.9-10).

De autoria do jornalista Thomaz Mazzoni (1900-1970), grande referência da imprensa esportiva do País no século XX, o trecho acima data de 1941. Mais de 70 anos depois, o excerto pode servir para o atual momento do campo palmeirense. Isto porque, com quase quatro anos de funcionamento, o metálico Allianz Parque ainda provoca nostalgia daqueles que frequentaram as arquibancadas do “antigo Palestra” que, agora, “passou para a história”, como pontuou Mazzoni sobre a trajetória de um dos estádios mais tradicionais do futebol brasileiro.

Antes de ser transformado na “casa palmeirense”, o Parque Antarctica foi uma das áreas de lazer mais movimentadas de São Paulo no início do século XX. Localizado no bairro da Água Branca, nasceu em um terreno de 20 alqueires comprado em 1891 pela Companhia Antarctica Paulista, com a finalidade de instalar ali seu parque industrial. Assim, como mostram Galuppo e Oliveira Filho na obra *Parque dos Sonhos* (2016), que reconstrói a história do estádio do Palmeiras, “a existência do Parque Antarctica está diretamente ligada à fundação” da empresa de nome praticamente homônimo (2016, p.25). Além da estrutura fabril, a propriedade também era composta por outros equipamentos: “[...] o bosque para piqueniques; o concorrido bar; o restaurante; os pavilhões rústicos; o stand de tiro ao alvo; o campo de esportes; o lago; o hipódromo mecânico; o parque infantil; o cinematógrafo, entre outros” (GALUPPO e OLIVEIRA FILHO, 2016, p.26). Inicialmente, a área havia servido para a criação de porcos e também como espaço de lazer para os funcionários (SOUSA, 2014, p.19).

No que tange especificamente ao futebol, esporte que se popularizou no Brasil nas primeiras décadas do século passado, o Parque Antarctica registra o marco de ter sido o palco do primeiro jogo oficial do esporte no País. Em 3 de maio de 1902, pelo Campeonato Paulista,

a Associação Atlética Mackenzie College venceu o Sport Club Germânia por 2x1⁷⁴. Vale pontuar que o Germânia – hoje Esporte Clube Pinheiros – foi o primeiro a arrendar o campo para a prática futebolística, realizando seus jogos ali, no que foi sucedido pelo extinto América F.C. (GALUPPO e OLIVEIRA FILHO, 2016, p.27) que, posteriormente, passou a alugar o campo devido a problemas financeiros. As histórias do Palestra Itália e do Parque Antarctica começaram a se entrelaçar a partir desse ponto, uma vez que o clube foi um dos locatários – antes, utilizava campos em outros locais da cidade, como a Vila Clementino e o Bom Retiro. O primeiro jogo da equipe italiana ali aconteceu em 1917 contra o Internacional-SP – 5x1 para o Palestra Itália.

Somente em 1919 a equipe de ascendência italiana⁷⁵ conseguiu arrendar o campo de forma exclusiva, efetuando a compra definitiva um ano depois em uma negociação considerada complicada por conta dos altos valores e exigências da Companhia Antarctica Paulista. À época, o negócio ficou conhecido como “a loucura do século” (GALUPPO e OLIVEIRA FILHO, 2016, p.21). A família Matarazzo, de grande importância para o desenvolvimento industrial de São Paulo, segundo consta, teve ligações com o Palestra Itália desde sua fundação e teria participado da compra do Parque Antarctica⁷⁶.

A primeira partida como proprietário do campo se deu em 16 de maio de 1920: Palestra Itália 7x0 Mackenzie, pelo campeonato estadual. Segundo os autores, a propriedade adquirida pelo clube continha:

[...] dois campos de futebol, arquibancadas e benfeitorias, desde a Água Branca, até o triângulo formado pela avenida Pompéia. A área total adquirida tratava-se de aproximadamente 120 mil metros quadrados, com 300 metros quadrados na avenida Água Branca, quase 200 metros na avenida Pompéia e 600 de extensão na frente da Rua Turiassu. Com toda essa magnitude, o Palestra começou a projetar e a construir uma grande praça de esportes completa e moderna, com vastas acomodações para o público, além de amplas facilidades para a prática dos principais esportes modernos (2016, p.38).

Tal complexo esportivo recebeu o nome de *Stadium* Palestra Itália. Daí em diante, passou por uma série de reformas que Galuppo e Oliveira Filho dividem em três grandes fases (2016, p.88). A primeira tem início em 1929 e compreende principalmente a construção das arquibancadas de concreto armado. O novo estádio foi inaugurado em 1933 (GALUPPO e

⁷⁴ Outra marca importante da história do Parque Antarctica foi ter sediado a primeira partida da seleção brasileira no Estado de São Paulo, em 1922 (GALUPPO e OLIVEIRA FILHO, 2016, p.125).

⁷⁵ Não tenho, nesta dissertação, a intenção de resgatar, com detalhes, a trajetória histórica do Palestra Itália/Palmeiras, ainda que em alguns trechos alguma elaboração seja necessária. Para uma descrição mais completa, ver a dissertação de mestrado de Araújo (1996).

⁷⁶ Mas, segundo Streapco: “As relações da família Matarazzo com a compra do Parque Antarctica também não estão claras” (2010, p. 154).

OLIVEIRA FILHO, 2016, p.53), mesmo ano em que a sede social foi transferida do centro da cidade para o campo. Datam dessa época também a inauguração da tribuna vitalícia de honra e do primeiro sistema de iluminação do estádio (GALUPPO E OLIVEIRA FILHO, 2016, p.54).

A segunda etapa começa em 1957 e é caracterizada por ser a era do “Jardim Suspenso”, quando uma nova reforma, concluída em 1964, elevou o gramado do campo em três metros com o objetivo de fugir das recorrentes inundações na Rua Turiassu, construindo-se abaixo dele uma infraestrutura composta por vestiários e outras salas. O terceiro momento da trajetória arquitetônica do estádio palestrino, por fim, caracteriza-se justamente pelo tema desta pesquisa: a arena multiuso.

Quando começou a ser demolido para dar lugar ao Allianz Parque, em 2010, o “velho Palestra” – como muitos torcedores com quem tive contato durante as incursões etnográficas costumam chamá-lo – guardava, além de diversas conquistas do Palmeiras⁷⁷, o formato de uma ferradura, de modo que o campo não contava com uma forma oval completa. Era composto por cinco setores arquitetonicamente definidos, aqui elencados do mais barato ao mais caro: arquibancada; numerada descoberta; numerada coberta; Setor Visa e camarote *premium*⁷⁸.

O Setor Visa foi criado em 2007 (GALUPPO e OLIVEIRA FILHO, 2016, p.68), destinado a cinco mil torcedores em cadeiras numeradas. Pode ser interpretado como um primeiro traço da atualização que se concretiza com o Allianz Parque: seu diferencial residia na facilidade de adquirir o ingresso eletronicamente com cartão de crédito, algo inédito em São Paulo à época. O ingresso era o próprio cartão, que deveria ser passado na catraca da mesma forma que, hoje, funcionam as carteirinhas do Avanti. Os preços do Setor Visa – que recebeu esse nome devido ao patrocínio da empresa de serviços financeiros – eram equivalentes aos das cadeiras numeradas cobertas. Sua instalação deslocou a Mancha Verde na arquibancada, já que o setor ficava justamente onde o grupo organizado costumava se posicionar no Palestra Itália.

As arquibancadas do estádio eram, em sua maioria, cimentadas e sem lugares marcados. Sua capacidade era de 27.650 mil pessoas⁷⁹ e, tanto interna como externamente, era possível visualizar escudos do clube na estrutura do estádio. No campo, havia um grande símbolo do Palmeiras no chão atrás de um gol, e no outro, exatamente do lado oposto, um escudo do

⁷⁷ No Palestra Itália, o Palmeiras sagrou-se campeão de torneios como a Taça Libertadores da América (1999); Copa Sul-Americana Mercosul (1998); Torneio Rio-São Paulo (1933) e Campeonato Paulista (1926, 1933, 1936, 1976, 1996 e 2008). O recorde de público foi de 40.283 pessoas em 1976, contra o XV de Piracicaba, pelo estadual.

⁷⁸ Havia também um Setor Família, demarcado entre as cadeiras cobertas e descobertas. O ingresso era válido para um casal com duas crianças.

⁷⁹ No último jogo do Palmeiras no estádio, em maio de 2010, um lugar na arquibancada custava R\$ 30 e, nos camarotes, R\$ 150 (valores sem correção da inflação). Todos os setores aceitavam meia-entrada para estudantes.

Palestra Itália. Já a fachada trazia os seguintes escritos, gravados na superfície de pintura branca: “Campeão do Século” e, logo abaixo, entre dois símbolos do clube, o nome do dono do campo: “Sociedade Esportiva Palmeiras”.

A ausência de cobertura dava uma visão completa do jogo para vários residentes dos apartamentos da região⁸⁰. Das arquibancadas também era possível enxergar bairros da cidade de São Paulo – uma das vistas mais simbólicas era das chaminés da Casa das Caldeiras, de propriedade das Indústrias Matarazzo.

Após quatro anos em reforma⁸¹, o Palestra Itália ressurgiu como o metálico Allianz Parque, cuja única semelhança com o velho campo é o logradouro – lembrando, como já dito, que até a rua mudou de nome –, tamanhas foram as mudanças arquitetônicas trazidas pela atualização. A arena abriu as portas em 19 de novembro de 2014 em partida válida pela 35ª rodada do Campeonato Brasileiro: Palmeiras x Sport Club do Recife. Apesar derrota do clube alviverde por 0x2, a estreia foi bastante alardeada na mídia e contou com um público de 35.939 presentes, com uma renda milionária de R\$ 4.915.835,00 – montante aplaudido⁸² pela torcida, mesmo sob o resultado negativo.

Considerando as imposições do relatório técnico da FIFA descritas neste capítulo, o Allianz Parque traduz o modelo típico de arena demandando pela entidade – o que é, inclusive, bastante enfatizado no discurso dos guias que realizam o tour com visitantes⁸³. O site da arena traz mensagens como “Allianz Parque aproveita ao máximo o conceito multiuso e oferece diversas opções de espaços e serviços para você realizar sua festa, show e reuniões corporativas”, ou “O Allianz Parque possui espaços exclusivos para a sua empresa realizar relacionamento, com serviços de hospitalidade fornecidos por parceiros de reconhecimento mundial”⁸⁴. O projeto teria sido concebido sob preceitos sustentáveis, especialmente no que tange ao reaproveitamento de água e energia, e foi indicado para premiações internacionais⁸⁵.

⁸⁰ O documentário *Primeiro Tempo* (Dir. Rogério Zagallo, Oka Comunicações, 2011), narra o último dia de funcionamento do estádio antes do fechamento para a reforma, acompanhando o jogo entre Palmeiras e Grêmio. Uma das entrevistas é com um vizinho que costumava ver os jogos de sua sacada.

⁸¹ Durante esse período, o Palmeiras jogou como mandante majoritariamente no Pacaembu.

⁸² Presenciei a comemoração da renda do jogo em meses posteriores, em poucos jogos de 2015.

⁸³ Os tours ocorrem em dias em que não há jogo ou evento programado. Custavam em média R\$ 40 por pessoa em 2016 e davam direito a 1h30 de passeio pelas estruturas internas do Allianz Parque.

⁸⁴ Ver a respeito: *Site Oficial do Allianz Parque*. Disponível em:

<<http://www.allianzparque.com.br/premium/servicos>>. Acesso em 22 de março de 2018.

⁸⁵ Em 2015, a arena do Palmeiras foi finalista do *The Stadium Business* na categoria “melhor estádio novo”. Um ano antes, venceu duas categorias do XI Prêmio de Arquitetura Corporativa da América Latina. Ler a respeito em *Estádio do Palmeiras é indicado a mais um prêmio internacional*. Globo Esporte, 18 de maio de 2015. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2015/05/estadio-do-palmeiras-e-indicado-mais-um-premio-internacional.html>>. Acesso em 26 de abril de 2018.

A infraestrutura da arena dispõe de: 44 mil cadeiras cobertas dispostas em piso inferior e superior; anfiteatro para 11 mil pessoas; 2.000 vagas de estacionamento; mais de 40 lanchonetes (uma delas da rede Burger King); restaurante panorâmico (ainda em obras); centro de convenções com espaços modulares; centro de mídia; área *premium* com camarotes; *business clubs* e *lounges*. Eventos sociais, corporativos, musicais, religiosos ou esportivos podem ser realizados nos onze espaços disponíveis para locação – um deles o próprio campo, aproveitado para shows de grande porte. Nestes casos, a capacidade de público aumenta para 55 mil espectadores⁸⁶.

Para os jogos de futebol, o Allianz Parque recebe a torcida palmeirense em oito setores, metade deles superiores: Gol Norte (as antigas arquibancadas); Superior Norte; Gol Sul (o antigo “gol das piscinas”, como era chamado já que não havia setor – era a “abertura” da ferradura); Superior Sul; Central Oeste (antigas cadeiras cobertas e descobertas); Superior Oeste; Central Leste (antigo Setor Visa) e Superior Leste. Todos contêm cadeiras, diferentemente de arenas como a corintiana e a gremista, que dispõem de espaços sem assentos – como certa emulação das antigas gerais –, destinados às torcidas organizadas.

Desde 2014, a arena palmeirense já recebeu dezenas de eventos⁸⁷ como concertos, campeonatos de videogame, gravações de *reality show*, festas empresariais, formaturas e até campeonatos de pôquer⁸⁸, o que torna o campo bastante lucrativo⁸⁹. A própria denominação “arena palmeirense” é algo que traz questões a serem problematizadas, uma vez que o contrato que deu origem ao Allianz Parque até hoje rende embates entre as duas partes envolvidas: o Palmeiras e a construtora responsável pelo projeto e construção, W Torre/Real Arenas⁹⁰. Em linhas bem gerais, a arena só será do Palmeiras em 30 anos contados a partir de 2014. Até lá, o Palmeiras administra o Allianz Parque em dias de partidas oficiais e a W Torre, em todos os restantes – porém, mesmo em dias de jogo, o clube deteria o direito de comercializar cerca de 30 mil assentos e a construtora, 10 mil, conforme será detalhado posteriormente. Tal divisão

⁸⁶ Vale reforçar, porém, que práticas como o programa de sócio-torcedor, o tour pelo estádio e o aluguel do campo para eventos não são propriamente recentes.

⁸⁷ Só em 2016, foram 14 shows. Ler a respeito em *Allianz Parque é a segunda arena com mais shows e eventos do mundo*. Radar On-Line, 2 de outubro de 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/allianz-parque-e-a-segunda-arena-com-mais-shows-e-eventos-do-mundo>>. Acesso em 26 de abril de 2018.

⁸⁸ Ler a respeito em *888Live desembarca no Allianz Parque, em São Paulo, com R\$1 milhão garantidos*. Super Poker, 10 de junho de 2015. Disponível em: <<https://www.superpoker.com.br/poker/888live-desembarca-no-allianz-parque-em-sao-paulo-com-r1-milhao-garantidos>>. Acesso em 26 de abril de 2018.

⁸⁹ Ver a respeito em *New York Times critica 'legado da Copa' e vê Arena do Palmeiras como a mais lucrativa*. ESPN Brasil, 6 de maio de 2015. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/507231_new-york-times-critica-legado-da-copa-e-ve-arena-do-palmeiras-como-a-mais-lucrativa>. Acesso em 26 de abril de 2018.

⁹⁰ A Real Arenas é o braço da W Torre responsável por gerir o Allianz Parque, entre outros empreendimentos.

fica “didática” na fala do ex-presidente do clube, Paulo de Almeida Nobre, em entrevista ao canal televisivo ESPN⁹¹:

O Allianz Parque é do Palmeiras, só que, no que foi acordado entre Palmeiras e WTorre, no que foi assinado, é que no dia dos jogos oficiais do Palmeiras, o estádio volta em comodato para o clube. E é nosso. E nós administramos o futebol no dia de jogos oficiais. Isso é mais ou menos 10% dos dias do ano. Em torno de 35 dias por ano. Todos os outros dias, a WTorre tem o direito de administrar e explorar a arena. Desde que não atrapalhe os dias do Palmeiras. O gramado tem que estar em ordem, os vestiários têm que estar em ordem, as manutenções têm que acontecer. Essa é a obrigação dela.

Em 2010, um artigo especial da revista oficial da SEP sobre as obras do Allianz Parque afirmava que a renda das partidas seria revertida integralmente para os cofres do clube. Além disso, a publicação explicava que:

[...]Pelo contrato entre Palmeiras e WTorre, todas as despesas para a utilização da Arena (luz, água, segurança, limpeza, seguros, manutenção do gramado, etc.) ficarão a cargo da empreendedora – estes gastos estão estimados em cerca de R\$9 milhões anuais, calculando-se até 40 jogos por ano. [...] O Palmeiras terá uma participação crescente em todas as propriedades da futura Arena (camarotes, cadeiras, cativas e especiais, restaurantes, lanchonetes, etc.), durante os 30 anos de concessão, que variam de 5% (as propriedades) a 20% (as receitas), valores estes que crescem 5% a cada 5 anos. (Revista Oficial da Sociedade Esportiva Palmeiras nº 2 de 2010 apud GALUPPO e OLIVEIRA, 2016, p.112).

Após a inauguração do Allianz Parque, no entanto, teve início um processo de arbitragem entre Palmeiras e W Torre. O motivo seriam pontos assinaláveis do contrato para a exploração da arena: valor dos ingressos, bilhetes eletrônicos, catracas e cadeiras. A construtora obteve decisão favorável nos três primeiros itens. O último episódio do embate, classificado pela imprensa como “a guerra das cadeiras”⁹², ocorreu em outubro de 2017, quando a decisão da câmara de arbitragem da Fundação Getúlio Vargas favoreceu, sem possibilidade de recurso, o clube, confirmando o que estava no contrato inicial: a construtora tem direito a apenas 10 mil assentos⁹³. A disputa entre clube e construtora decorreu justamente de divergências na

⁹¹ Ver a respeito em: *No Bola da Vez, Paulo Nobre esclarece relação com a W Torre e enfatiza: ‘O estádio é do Palmeiras’*. ESPN, 8 de setembro de 2015. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/541669_no-bola-da-vez-paulo-nobre-esclarece-relacao-com-a-wtorre-e-enfatiza-o-estadio-e-do-palmeiras>. Acesso em 23 de março de 2018.

⁹² Ver a respeito em: *Palmeiras x W Torre: perguntas e repostas sobre a ‘guerra das cadeiras’*. Lance!, 4 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://www.lance.com.br/palmeiras/wtorre-perguntas-repostas-sobre-guerra-das-cadeiras.html>>. Acesso em 23 de março de 2018.

⁹³ Tal modelo é diferente da Arena Corinthians e das demais construídas para a Copa. Sobre o campo corintiano, ver a dissertação de mestrado de Bocchi (2016). Ler a respeito também em: *Estádio dá ao Palmeiras vantagem de R\$ 150 mi sobre Corinthians em 2 anos*. Blog do Rodrigo Mattos, 2 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.allianzparque.com.br/noticias/ver/34502#.WNKDK28rLcs>>. Acesso em 23 de março de 2018.

interpretação do contrato entre ambos. A empreiteira acreditava ter direito a mais do que 10 mil cadeiras, podendo chegar à totalidade da arena. Com a decisão, determinou-se que os assentos de posse da W Torre dividiram-se da seguinte maneira: totalidade do setor Central Leste e partes do Gol Norte, Gol Sul e Central Oeste. Não foram divulgadas informações sobre quantidade de cadeiras a que a construtora teria direito em casa um dos três últimos setores mencionados.

Assim, por conta da relação turbulenta, o mando do Palmeiras fica sujeito à agenda de shows e eventos diversos que o Allianz Parque recebe, o que faz com que eventualmente o time jogue novamente no Pacaembu e até mesmo em estádios mais distantes, como a Fonte Luminosa em Araraquara⁹⁴. Isso rende provocações advindas de torcedores rivais, que se referem à arena como “estádio da W Torre”⁹⁵, e gera mobilização dos torcedores. Em junho de 2016, por exemplo, houve uma campanha nas redes sociais para impedir que o lançamento de um filme⁹⁶ fosse realizado no dia em que o Palmeiras receberia o América Futebol Clube pelo Campeonato Brasileiro daquele ano.

Além disso, os embates entre clube e construtora resvalam no torcedor inclusive no que tange à aquisição de ingressos para as partidas. Hoje existem dois serviços principais disponíveis para associação: Avanti, o programa de sócio-torcedor do Palmeiras, e o Passaporte Allianz Parque, lançado pela W Torre para comercializar as cadeiras de sua propriedade. Adquirir entradas para os jogos sem pagar por algum dos dois é difícil, o que impacta diretamente os torcedores menos assíduos e com menor poder aquisitivo.

Por fim, é preciso lembrar que o nome Allianz Parque é fruto da prática de *naming rights* já mencionada. O contrato com a seguradora alemã Allianz garantiu que a nova arena levasse o nome da multinacional pelo mesmo tempo do acordo entre o Palmeiras e a W Torre: 20 anos, com possibilidade de renovação por mais uma década. Estima-se que a negociação tenha chegado a R\$ 300 milhões. Além do Allianz Parque, a seguradora nomeia mais quatro arenas: Allianz Arena, na Alemanha; Allianz Stadium, na Austrália; Allianz Park, na Inglaterra, e

⁹⁴ Ler a respeito em: *Palmeiras x Cruzeiro muda de data e será disputado em Araraquara*. Lance!, 21 de setembro de 2016. Disponível em: <<http://www.lance.com.br/palmeiras/cruzeiro-pode-mudar-data-acontecer-araraquara.html>>. Acesso em 23 de março de 2018.

⁹⁵ Em 2016, Modesto Roma, presidente do Santos Futebol Clube, afirmou que mandaria jogos do clube no Allianz Parque, insinuando que a arena seria da W Torre e não do Palmeiras. Ler a respeito em: *Santos quer mandar jogo no estádio do Palmeiras: 'Estádio da W Torre'*, Lance!, 24 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://www.lance.com.br/santos/quer-mandar-jogo-estadio-palmeiras-estadio-wtorre.html>>. Acesso em 23 de março de 2017.

⁹⁶ Ler a respeito *W Torre explica “troca” de jogo por sessão de cinema na Arena Palmeiras*. Globo Esporte, 7 de junho de 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2016/06/wtorre-explica-troca-de-jogo-por-sessao-de-cinema-na-arena-do-palmeiras.html>>. Acesso em 2 de abril de 2018.

Allianz Riviera, na França (GALUPPO e OLIVEIRA FILHO, 2016, p.87). O novo nome⁹⁷ do Palestra Itália foi escolhido em 2013 por meio de uma enquete virtual⁹⁸ que recebeu mais de 600 mil votos para três opções: Allianz Parque, Allianz Center e Allianz 360°.

A opção vencedora remete ao Parque Antarctica e às origens da SEP. No entanto, além dela, nada remete ao Palmeiras na estrutura externa do Allianz Parque. Ainda não foram instalados o nome do clube e seus escudos na fachada⁹⁹, de modo que um transeunte que aviste a arena da rua não enxerga qualquer referência ou símbolo que dê uma ideia de pertencimento palmeirense. Tal ausência só é amenizada pela sede do clube social, localizada ao lado de um dos portões do campo, e pelos bares, casas e sedes de torcidas organizadas alviverdes no entorno. Não há previsão para a colocação dos escudos nem para os reparos remanescentes da estrutura da obra. Internamente, todas as estruturas que remetem ao Palmeiras – como os painéis históricos para os visitantes do estádio e os escudos posicionados ao lado dos gols em dia de jogo, por exemplo – são móveis ou desmontáveis, de modo a serem facilmente retiradas para eventos diversos tais quais os já citados shows que o Allianz Parque recebe com frequência.

2.3 Práticas torcedoras: o torcer como uma questão antropológica

A reforma e a construção de estádios brasileiros nos moldes internacionais exigidos vêm motivando investigações etnográficas em torno dos seus possíveis efeitos nas torcidas. As formas de torcer – ou práticas torcedoras – podem ser consideradas um dos temas assinaláveis da antropologia das práticas esportivas e da sociologia do esporte, especialmente na relação entre violência e grupos organizados¹⁰⁰. Assim, para dar conta dos efeitos que a recente “atualização” dos estádios teve nas formas de torcer no Brasil, é preciso antes abordar a recorrente apropriação da antropologia sobre elas.

⁹⁷ O fato de carregar uma empresa em seu nome já provocou desconforto entre a SEP e emissoras de televisão, que se referem ao novo campo palmeirense como “Arena Palestra”. Além disso, já houve distúrbios com a CBF e com a Conmebol, que vetam o nome do campo em jogos das competições organizadas por elas. Como exemplo, ver a respeito em: *Conmebol faz jogo duro com Allianz por estádio do Palmeiras: ‘Regras claras’*. ESPN Brasil, 16 de fevereiro de 2016. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/578045_conmebol-faz-jogo-duro-com-allianz-por-estadio-do-palmeiras-regras-claras>. Acesso em 2 de abril de 2018.

⁹⁸ Ler a respeito em: *Pesquisa com mais de 620 mil votos define nome da Arena Palestra Itália*, 6 de junho de 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2013/06/pesquisa-com-mais-de-620-mil-votos-define-nome-da-arena-palestra-italia.html>>. Acesso em 2 de abril de 2018.

⁹⁹ A título de comparação, a Arena Corinthians tem, em sua estrutura interna e externa, escudos, imagens e frases relativas à história do clube. A arena leva o nome do clube porque ainda não fechou um contrato para os *namings rights*. Sobre o campo corintiano, ver a já referida etnografia de Bocchi (2016).

¹⁰⁰ Ver, entre outros, Toledo (1996), Pimenta (1997) e Murad (2007 e 2012).

Segundo Toledo, é nas formas de torcer que “residem modos e comportamentos específicos de se relacionar com o evento futebolístico, que escapam à mera assistência passiva ao jogo” (2000, p.128). De antemão, pode-se dizer, portanto, que o tema detém um “frescor fugidio” e refratário a qualquer conceituação, uma vez que abriga uma matriz imponderável de modos individuais e coletivos de se vivenciar uma partida do seu “time do coração”¹⁰¹. Torcer, a “metafísica do homem comum”, é, prioritariamente, “vivenciar uma interação que parece menos dependente das determinações últimas que divisam classificações seguras e preestabelecidas” (TOLEDO, 2000, p.177).

O torcedor se distribui “num universo integrado por outros milhares de indivíduos, coisas, objetos, seres cosmológicos, todos arrebatados e articulados pela arte e artefato do futebol” (2010, p.182), projetando o “eu” no espectro público e em planos imaterial e material. Deste modo:

[...] formas de torcer são tomadas por recombinações frequentes dentro de um repertório heteróclito (corporalidades, gestualidades, linguagens e categorias de acusação, estigmatizações e estereótipos, performances, mas também imagens, circunstâncias, objetos, coisas) que aderem às práticas torcedoras e delineiam fronteiras situacionais e combinatórias (Hannerz, 1997) mais ou menos visíveis e permanentes (TOLEDO, 2013).

Curi corrobora com tal conceituação, afirmando que existem “[...] múltiplas variações dentro do mesmo padrão cultural dos torcedores”, como torcedores emocionais e confortáveis, torcedores-símbolo, torcidas organizadas e também torcidas de alento (2012, p.306). Hollanda, outro autor que se dedica ao estudo das torcidas brasileiras, afirma:

Metáfora ou metonímias do homem comum brasileiro, síntese mais expressiva de suas qualidades e defeitos, o torcedor inquieta e intriga. Inquieta e intriga porque, de tudo o que vem por aí – as estimativas sobre organização, cálculo, planejamento, edificação –, o comportamento do torcedor é aquele menos mensurável, menos quantificável, menos previsível. De todos os atores do futebol, é o personagem ainda menos compreendido (2012, p. 12).

O universo do torcer comporta, portanto, um leque performático impossível de ser quantificado. Reúne corporalidades¹⁰², performances, vocalidades, musicalidades, gritos,

¹⁰¹ Tal expressão é própria do universo do clubismo, tema inclusive da dissertação de mestrado de Damo, lançada em livro em 2002.

¹⁰² A corporalidade, para Toledo (2010, p.180), consiste “na leitura e na compreensão do jogo do ponto de vista torcedor. Não se trata somente de maneirismos reativos ao espetáculo, mas de uma postura que leva à emoção”: são, portanto, complementares às formas de jogar que se vê em campo.

cantos/paródias, gestualidades e itens materiais – chamados por torcidas organizadas¹⁰³ de “patrimônio”, como faixas, bandeiras e instrumentos musicais. A pesquisa “O Brasil na arquibancada” deu conta desse cosmo nas séries B e C do Campeonato Brasileiro de 2012, identificando não só esses, mas outros aspectos que permeiam os torcedores de clubes vistos como “pequenos”, como identidades locais, regionais, bifiliações clubísticas, familismo e festas do interior (CAMPOS e TOLEDO, 2013, p.128).

A sociabilidade torcedora, tão conflituosa e tensionada, também constitui tema de interesse acadêmico uma vez que “o futebol funda uma sociabilidade assentada em um jogo de diferenças e oposições. [...] Pensar o conflito no futebol é pensar na polissemia promovida por sua sociabilidade” (TOLEDO, 1996, p.104). Tais regimes de alteridade instaurados por essas sociabilidades se dão no universo do clubismo frente a agentes que ultrapassam os torcedores do time rival – policiais militares, promotoria pública, dirigentes esportivos, imprensa especializada e políticos (TOLEDO, 2013). Toledo propõe um conceito para adensar as possibilidades socializantes promovidas pelo futebol: trata-se da “socialidade lúdica”, descrita como um “sistema inclusivo de discursos ou fragmentos de discursos que definem práticas que independem das condições objetivas que nos aparta na vida da cidade” (2010, p.187), como classe social, posições políticas ou posição profissional, entre outros aspectos hierarquizantes.

As formas de torcer também se espraiam pelo espaço urbano, rompendo portões dos estádios. Seus trajetos movimentam a dinâmica das metrópoles. Segundo Toledo (1996, p.16), o futebol “expressou, simbólica e materialmente, o espírito do progresso dos centros urbanos, onde efetivamente se difundiu desde as primeiras décadas do século XX, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro”. Mas os autores são unânimes ao afirmar que elas estão em constante mudança, e especialmente que “[...] no decorrer da segunda metade do século XX, a frequência, o comportamento e o perfil dos estádios foram sendo alterados de maneira contínua” (HOLLANDA, 2008, p.185), acompanhando as transformações da sociedade. Segundo Curi:

[...]É possível que surjam novas variações. Este é um campo rico de investigações, que exige uma observação contínua”, sendo os resultados das pesquisas relevantes para os “os clubes de futebol e os construtores de estádios, porque dessa forma eles podem reagir a mudanças nos padrões culturais (2012, p.306).

Assim sendo, é claro que esse campo em mutação reagiria às novas arenas multiuso, caso dos estádios reformados ou construídos para a Copa e de outros que obedecem a tal

¹⁰³ Não cabe aqui traçar um histórico social das formas de torcer, o que implicaria em retomar as origens das charangas e a trajetória das torcidas uniformizadas e organizadas no Brasil, resgatando uma narrativa múltipla e complexa.

modelo, como o Allianz Parque. Dois anos antes do início do megaevento, Curi já apontava que há “uma disputa simbólica pelo significado do torcer e que os novos estádios, construídos para a Copa do Mundo de 2014 são um instrumento desta disputa” (2012, p.7).

Um dos aspectos mais evidenciados pelos autores é a disciplinarização do espaço a que a arquitetura das novas arenas submete os torcedores. Fileiras de assentos no modelo *all-seated* buscam conformar corpos, disciplinando-os. Gaffney e Mascarenhas (2004, p.3) se valem de uma abordagem foucaultiana para analisar a arenização, pensando “os estádios no conjunto mais amplo dos espaços disciplinares da vida cotidiana, como a escola, o hospital, a prisão”. Para os autores, a ideia de “cada pessoa no seu lugar, imóvel, e cada lugar ocupado por uma pessoa, espaço congelado” é a base para uma microfísica de um poder que poderíamos chamar ‘celular’” (FOUCAULT apud GAFFNEY e MASCARENHAS, 2004, p.9). Tal controle do corpo torcedor também aparece na etnografia de Curi sobre o Engenhão:

Podíamos observar grupos que queriam assistir à partida em pé e que se identificavam através de faixas, camisas e cânticos como membros de uma torcida organizada do Clube de Regatas Flamengo. O comportamento desse grupo provocou fortes reações. Além de não ocuparem o assento indicado no seu ingresso, tirando o lugar de outras pessoas, permaneciam de pé, obstruindo a visão daqueles que estavam atrás deles (2012, p.17).

Vale destacar que a insistência de assistir a um jogo de futebol em pé é anterior ao advento das novas arenas. Porém, é preciso ressaltar que o espaço desses novos campos é projetado com a intenção de que o torcedor permaneça sentado durante a partida¹⁰⁴.

A disciplinarização também é visível pelo regime de vigilância instaurado nas arenas, com sistema interno de segurança e considerável quantidade de câmeras em todos os setores, configurando o que Gaffney e Mascarenhas classificam como um panoptismo intenso e hierarquizado, fazendo com o que o evento esportivo adquira “alto grau de previsibilidade, submetido a inúmeras regras, um concerto de gestos eficientes, um verdadeiro espaço disciplinar” (2004, p.11). A análise foucaultiana a que os autores se referem utiliza, portanto, a

¹⁰⁴ Nos últimos anos, a cultura *all-seated* tem provocado novas discussões na Inglaterra. Um artigo do Guardian de 2013 mostra comentários dos técnicos da Premier League reclamando da postura apática da torcida. Ver a respeito: *Atmosphere and fans' role in Premier League games becoming a concern*. The Guardian, 16 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2013/nov/16/premier-league-fans-atmosphere-concern>>. Acesso em 24 de abril de 2018. No ano seguinte, um episódio emblemático de repercussão internacional recolocou o debate: um torcedor do Arsenal Football Club foi banido da sua arena por ver o jogo em pé. Ler a respeito em: *Acredite: torcedor inglês é banido de estádio por ficar de pé na torcida*. Blog da Redação UOL, 28 de dezembro de 2014. Disponível em: <<https://uolesporte.blogosfera.uol.com.br/2014/12/28/acredite-torcedor-ingles-e-banido-de-estadio-por-ficar-de-pe-na-torcida/>>. Acesso em 24 de abril de 2018.

ideia de sociedade disciplinar, conceito difundido pelo sociólogo Michel Foucault. De acordo com ele, existem duas imagens do que se entende por “disciplina”:

Num extremo, a disciplina-bloco, a instituição fechada, estabelecido à margem, e toda voltada para funções negativas: fazer parar o mal, romper as comunicações, suspender o tempo. No outro extremo, com o panoptismo, temos a disciplina-mecanismos: um dispositivo funcional que deve melhorar o exercício do poder tornando-o mais rápido, mais leve, mais eficaz, um desenho das coerções subtis para uma sociedade que está por vir (FOUCAULT, 1997, p.172).

A movimentação entre desses dois tipos, por assim dizer, alastra-se por toda a sociedade, tornando-a disciplinar. Nesse sentido, para Gaffney e Mascarenhas, espaços como as arenas multiuso encaixam-se na ideia de um ambiente altamente controlado e, como já referido, vigilante, em que formas de torcer mais livres seriam interditadas.

Para alguns autores, as arenas também são cenário profícuo para o surgimento do que se chama de torcedor-consumidor, que emerge “como arrimo moral e legal da ordem esportiva distributiva da riqueza que aí se produz e acumula” (TOLEDO, 2013, p.152). Ganha preferência, portanto, o consumidor sóbrio, distante da estereotipada irracionalidade torcedora – o torcedor de maior poder aquisitivo:

O atual “modelo FIFA” concebe o moderno estádio como equipamento destinado a um público específico, “figurante”, seletivo, solvável, disposto a pagar caro por tecnologia, conforto e segurança. Um público “familiar” e “ordeiro, que vai ao estádio consumir o espetáculo e não buscar tradicionais formas de protagonismo que não interessam ao novo modelo hegemônico (MASCARENHAS, 2015, p.7).

Tal argumento combina com a ideia de Curi (2012, p.187) de que a “ideologia típica dos megaeventos esportivos” compreende “o esporte como um produto, que precisa de um marketing para que os clientes-espectadores consumam em segurança”.

Para alguns autores, o estádio como espaço de festa ritualizada, encontro entre afetos, pertencimento, identidades coletivas, memória acumulada, referência e uso popular, onde se ritualiza uma multiplicidade de experiências grupais e individuais frente ao espetáculo esportivo, esvair-se-ia no novo ordenamento imposto pela arena multiuso, segundo os autores (GAFFNEY e MASCARENHAS, 2004; MASCARENHAS, 2015). Mascarenhas aponta a contradição inata às novas arenas: enquanto multiplicam possibilidades de usos (rentáveis, utilizando-se da ideia de multifuncionalidade), padronizam comportamentos, conformando o público em um ideário pacífico e pasteurizado, promovendo o apagamento de algumas formas

de torcer e subjugando práticas e apropriações populares “em favor de comportamentos mecânicos e dirigidos, voltados para o consumo passivo” (2015, p.2-5).

O consumo dentro das arenas também é abordado por Hollanda (2014). Segundo o autor, o lucro não estaria mais totalmente vinculado ao público pagante em uma partida, “mas da capacidade e versatilidade de cada um desses, de maneira individual, consumir produtos esportivos durante o espetáculo de futebol” (2014, p.323-4). O autor também ressalta a consonância de discursos entre o Estatuto do Torcedor¹⁰⁵ e das exigências da FIFA para a construção de arenas com a ideia de um torcedor-consumidor (HOLLANDA, 2014, p. 323)¹⁰⁶.

Meu objetivo ao expor os argumentos dos autores citados é mostrar o aparato bibliográfico disponível acerca do tema da atualização dos estádios brasileiros. Parto, portanto, de um escopo teórico e etnográfico consistente sobre o tema da “arenização” desses espaços. Tais argumentos permitem pensar o Allianz Parque como uma arena multiuso que engendra valores impostos pela FIFA, o que a torna um ambiente propício para o incentivo a práticas de consumo, tanto nos jogos do Palmeiras como nos eventos e shows que o espaço recebe. Além disso, sua arquitetura acirra disputas simbólicas pelo torcer, como é descrito no capítulo subsequente.

¹⁰⁵ Pode-se dizer que o Estatuto do Torcedor normatiza as atividades esportivas, com ênfase maior no futebol, determinando direitos e deveres dos torcedores, clubes e outros atores envolvidos nessa prática. Lei Nº 10.671 de 15 de maio de 2003. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.671.htm>. Acesso em 25 de abril de 2018.

¹⁰⁶ Além de Hollanda (2014), Curi (2012), Toledo (2012) e Campos (2014) também analisam o tema.

2.4 Iconografia

Figura 9: Painéis móveis alusivos à história do Palmeiras, dentro do Allianz Parque durante um tour na arena em 15.05.2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 10: Corredores internos do setor Gol Sul, por onde circulam os torcedores antes de acessarem seus assentos, em 15.05.2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 11: Vista do setor Gol Norte, com o anfiteatro à frente, e o sistema artificial de cuidado do gramado, em 15.05.2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 12: Fachada da arena, sem escudos do Palmeiras, em 15.05.2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 13: Entrada do Portão A do Allianz Parque, na Rua Palestra Itália em 15.05.2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 144: Vestiário do Palmeiras revestido com escudos e imagens das conquistas do clube em 08.09.2016. É um dos únicos pontos da arena em que é possível ver a identificação com o time. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

3. “Dentro” do Allianz Parque: a casa

A ideia de que um estádio é a casa de um time de futebol e de sua torcida é amplamente usada no discurso de jogadores/técnicos, jornalistas esportivos e torcedores – são eles os atores sociais que compõem a tríade profissionais/especialistas/torcedores, enunciada por Toledo em sua tese de doutorado e que seria, segundo o autor, estrutural na prática dessa modalidade esportiva no Brasil (TOLEDO, 2000, p.5). Segundo Hollanda, o emprego do termo “casa” nesse sentido “revela o universo de metáforas familiares na linguagem do futebol e designa a maneira pela qual os torcedores concebem o seu próprio estádio, dando origem às expressões: ‘jogar em casa’ e ‘jogar fora de casa’” (2012, p. 104).

Desde a inauguração do novo campo, o Palmeiras tem jogado recorrentemente com “casa cheia”: o Allianz Parque figura entre os maiores públicos médios de estádios do Brasil. Em ranking calculado pelo Globo Esporte¹⁰⁷, atualizado em 5 de julho de 2018, a arena registrava uma média de 30.154 pagantes em 19 jogos, com uma média de ocupação de 69%. Os dados do mesmo site ainda revelam que a renda média de cada partida é milionária: R\$ 2.022.662, totalmente revertidos para o clube. Vale destacar que o Palmeiras¹⁰⁸ tem, desde 2015¹⁰⁹, o ingresso médio mais caro do Brasil: R\$ 67 reais. São R\$ 13 a mais do que o Corinthians, segundo colocado no mesmo ranking.

Neste capítulo, busco destrinchar questões referentes aos modos de torcer que observei no Allianz Parque – ou seja, “em casa” – durante os jogos do Palmeiras, descrevendo as formas com que os torcedores adentram e se apropriam do espaço, que à época das primeiras incursões a campo, nos anos de 2015 e 2016, podia ser considerado relativamente novo.

Para tanto, começo com a descrição das formas de se obter ingressos para os jogos na arena, processo mediado por serviços como o Avanti e o Passaporte Allianz Parque. Além disso, partindo da perspectiva de que essas modalidades de relação clube-torcida são orientadas pelo consumo, como mostram Toledo (2000, 2010, 2012) e outros autores¹¹⁰, discuto também como a arquitetura da arena almeja conformar algumas práticas torcedoras, e como certas corporalidades e vocalidades escapam a esse espaço mandatário e controlado. Esta perspectiva

¹⁰⁷ Ler a respeito em *O Público Nos Estádios Do Brasil em 2018*. Globo Esporte, 5 de julho de 2018. Disponível em: <<http://app.globoesporte.globo.com/futebol/publico-no-brasil/>>. Acesso em 6 de julho de 2018.

¹⁰⁸ Apesar do imbróglio com a W Torre, quem precifica os ingressos dos jogos é Palmeiras.

¹⁰⁹ Este foi o ano em que o Palmeiras completou sua primeira temporada atuando no Allianz Parque.

¹¹⁰ Campos (2014), Curi (2012) e Hollanda (2014) também tratam da questão do consumo no universo do futebol.

ocorre especialmente no que tange à performance torcedora da Mancha Verde e dos torcedores não-organizados que ocupam o setor Gol Norte do Allianz Parque, onde realizei as observações de campo.

3.1 Avanti e Passaporte Allianz Parque: a disputa pelo acesso

Desde a inauguração em 2014, existem três maneiras¹¹¹ de se adquirir um ingresso para ver o Palmeiras jogar em sua arena multiuso: por meio do Avanti, o programa de sócio-torcedor do clube; pelo Passaporte Allianz Parque, modalidade de aquisição de cadeiras lançada pela W Torre, e pela compra de ingressos por meio do site *Futebol Card* ou na própria bilheteria – nos dois últimos casos, tratam-se das entradas que não foram adquiridas pelos dois primeiros serviços citados. Detalho as duas primeiras seguir.

O Avanti foi lançado em junho de 2012¹¹², quando o Estádio Palestra Itália ainda estava em obras. Considera-se esse o ano de início oficial do programa, apesar de tentativas prévias do Palmeiras em promover esse modelo de gestão da relação torcedor-clube: em 2006, tinha sido lançado o Onda Verde¹¹³ e, em 2009, o próprio Avanti¹¹⁴, que foi reformulado e relançado em 2012 com características mais próximas ao modelo vigente. Hoje, ele figura entre os maiores programas desse tipo no mundo¹¹⁵, com mais de 120 mil¹¹⁶ sócios-torcedores.

¹¹¹ Excluo, aqui, as possibilidades de aquisição do ingresso por meio de empresas ou marcas, como promoções ou presentes. Também não tratarei da compra de camarotes. Minha análise foca no torcedor.

¹¹² Ler a respeito em *Palmeiras lança sócio-torcedor e quer R\$ 1 milhão de receita por mês*. Globo Esporte, 28 de junho de 2012. Disponível em:

<<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2012/06/palmeiras-lanca-socio-torcedor-e-quer-r-1-milhao-de-receita-por-mes.html>>. Acesso em 3 de junho de 2018.

¹¹³ Há poucas informações sobre essa iniciativa, mesmo no site oficial do clube. Ver a respeito em *Verdão lança programa Onda Verde*. Globo Esporte, 30 de novembro de 2006. Disponível em:

<<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,AA1370196-4403,00-VERDAO+LANCA+PROGRAMA+ONDA+VERDE.html>>. Acesso em 4 de junho de 2018.

¹¹⁴ Ver a respeito em *Palmeiras lança projeto sócio-torcedor em busca de domínio mundial*. UOL Esporte, 10 de novembro de 2009. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2009/11/10/palmeiras-lanca-projeto-socio-torcedor-em-busca-de-dominio-mundial.jhtm>>. Acesso em 4 de junho de 2018.

¹¹⁵ O clube alemão Bayern de Munique (Fußball-Club Bayern München) tem, desde 2017, o maior programa de sócio-torcedor do mundo, com quase 300 mil associados. Ler a respeito em *Why Bayern Munich are the best-supported club in world football*. Bundesliga Official Website, 27 de fevereiro de 2018. Disponível em:

<<https://www.bundesliga.com/en/news/Bundesliga/why-bayern-munich-are-the-best-supported-club-in-world-football-467212.jsp>>. Acesso em 4 de junho de 2018.

¹¹⁶ As informações sobre o número exato de sócios-torcedores do Avanti e de outros programas são desconhecidas, já que existe mais de um ranking do tipo. No Brasil, o mais comum é o Torcedômetro, do Movimento Por Um Futebol Melhor, iniciativa de clubes e empresas que oferecem descontos em produtos e serviços. De acordo com o site, em julho de 2018 o Palmeiras tinha 123.555 sócios-torcedores e ocupava o quarto lugar, atrás de São Paulo, Grêmio e Corinthians. Ver a respeito em *Movimento Por Um Futebol Melhor*. Disponível em: <<http://www.futebolmelhor.com.br>>. Acesso em 10 de julho de 2018.

É preciso ressaltar que programas como o Avanti se tornaram uma constante na relação entre os torcedores e seus respectivos clubes no modelo de futebol contemporâneo e constituem uma categoria de análise indispensável no debate sobre as novas formas de torcer. Toledo define tais iniciativas como “figuração canhestra do capital em que o torcedor aparece como uma espécie de acionista minoritário do seu time-empresa” (2010, p. 179), além de acarretarem “os requisitos necessários à transição da condição genérica do torcedor para a de consumidor esportivo” (2000, p. 271). O autor ainda afirma que esse tipo de ação, que insere a lógica do consumo no comportamento torcedor, “parte da crença de que uma maior intervenção institucionalizante nas estruturas do futebol arrefecerá ou domesticará o interesse destes pelo futebol” (TOLEDO, 2000, p. 270), esmaecendo sentimentos clubistas por vezes irrefreáveis – sentimentos estes que seriam gatilhos para brigas entre torcidas, por exemplo¹¹⁷.

De fato, o Avanti, na ocasião de seu “primeiro” lançamento, já ultrapassava a ideia de beneficiar seus associados com facilidades apenas na aquisição de ingressos. Como mostra Azevedo em sua análise sobre o futebol profissional do Distrito Federal, os programas desse tipo no Brasil oferecem vantagens que vão além de apenas assistir a um jogo dentro de um estádio ou arena (2013, p. 79). São brindes, encontros com jogadores, visitas aos estádios e arenas, revistas institucionais e descontos em produtos de empresas conveniadas, entre outras¹¹⁸. Ou seja, há o incentivo para que o torcedor se torne um consumidor não só dos ingressos dos jogos e dos produtos do clube, mas de mercadorias e serviços¹¹⁹ diversos que recorrentemente nada têm a ver com o ato de torcer.

A publicidade do Avanti é baseada em quatro mensagens-chaves: ajudar o clube, obter descontos em ingressos, participar da pré-venda exclusiva e vivenciar “experiências”, como conhecer os jogadores e entrar com eles em campo. “Todo o dinheiro da mensalidade do programa vai direto para os cofres do Palmeiras. Ser sócio torcedor é investir em um time mais

¹¹⁷ A discussão sobre até que ponto esse tipo de programa é benéfico para torcedores e para os clubes é extensa. Em 2017, um estudo do Itaú BBA com times brasileiros concluiu que os atuais modelos nem sempre são vantajosos. Ler a respeito em *Análise Econômico-Financeira dos Clubes Brasileiros de Futebol*. Itaú BBA, 2017. Disponível em: <<http://textual.com.br/wp-content/uploads/2017/06/Analise-dos-Club-Brasileiros-de-Futebol-Ita-BBA-2017.pdf>>. Acesso em 3 de junho de 2018.

¹¹⁸ As vantagens em produtos e serviços oferecidas pelo Avanti podem ser conferidas no site disponível em: <<http://www.clubedevantagensavanti.com.br>>. Acesso em 1 de julho de 2018.

¹¹⁹ No caso do Avanti, ser associado traz descontos na matrícula e mensalidade dos cursos das Faculdades das Américas (FAM), instituição de propriedade da atual patrocinadora do Palmeiras, a Crefisa, além de bolsas. Por conta disso, torcedores de outros times acabam se associando ao programa. Ver a respeito em Desconto na faculdade faz torcedor de time rival virar sócio do Palmeiras. Folha de S. Paulo, 5 de maio de 2017 Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2017/05/1881238-desconto-na-faculdade-faz-torcedor-de-time-rival- virar-socio-do-palmeiras.shtml>> Acesso em 2 de junho de 2018.

sólido e forte” são frases que aparecem no site oficial¹²⁰ do programa, fazendo jus à percepção de Toledo de que o torcedor-consumidor se torna também uma espécie de acionista minoritário de seu próprio clube (2010, p. 179). Assim, partindo da premissa de aproximação do torcedor e seu clube, esse tipo de iniciativa se amplia por prometer custos-benefícios proveitosos àqueles que frequentam os estádios.

O Avanti oferece ao torcedor palmeirense algumas possibilidades de plano de associação, com benefícios e mensalidades diferentes. Entre 2016 e 2018 existiam seis opções de planos: Bronze, Prata, Prata Superior, Ouro, Platina e Diamante. Cada um deles tem preços e benefícios diferentes, mas todos oferecem benefícios como a pré-venda de ingressos, envio da Revista do Palmeiras e descontos em produtos da chamada “rede de parceiros”, bem como do Movimento por um Futebol Melhor¹²¹. Independentemente do plano a que se associou, o torcedor recebe um cartão magnético, onde os ingressos são “carregados”.

O objetivo de qualquer um dos planos do Avanti, conforme seus regulamentos, é “beneficiar” os associados que mais frequentam os jogos em que o Palmeiras detém o mando de campo – ou seja, quanto mais se comparece aos jogos, maior é sua prioridade na pré-venda de todas as partidas. Incluem-se aí finais de campeonato, em que a disputa por ingressos é historicamente maior como se verificava na confusão nas filas das bilheterias anos atrás¹²². Para conceder esses privilégios, o programa utiliza um sistema meritocrático de pontos baseado na frequência do torcedor aos jogos: o *rating*. Basicamente, quanto mais alta a assiduidade nas partidas realizadas no Allianz Parque (e em outras arenas e estádios, desde que o mando seja do clube alviverde), mais pontos ele conquista e mais alto será o seu *rating*.

Em linhas gerais, funciona da seguinte maneira: se o torcedor não adquire ingresso para determinado jogo, ele não ganha nenhum ponto. A simples ação de adquirir o ingresso lhe concede cinco pontos; caso ele não compareça à partida em questão por qualquer motivo, perderá dez pontos. Se efetivamente adentrar a arena – o que significa passar a sua carteirinha

¹²⁰ Ver a respeito em *Avanti Palmeiras Site Oficial*. Disponível em: <<https://socio-palmeiras.futebolcard.com>>. Acesso em 1 de julho de 2018.

¹²¹ Ver a respeito em *Movimento por um Futebol Melhor – Site Oficial*. Disponível em: <<http://www.futebolmelhor.com.br>>. Acesso em 1 de junho de 2018.

¹²² Brigas e tumultos em filas por ingressos eram mais comuns. No presente caso, aconteceram diversas situações desse tipo nas últimas décadas – caso de 1999, quando a campanha do clube na Libertadores resultou na conquista do campeonato, e de 2008, ano do último título estadual. Ler a respeito em *Palmeiras tranca time e larga torcida*. Folha de S. Paulo, 15 de junho de 1999. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk15069915.htm>>. Ver a respeito também em *Com confusão e ação da polícia, palmeirenses esgotam ingressos*. UOL Esporte, 29 de abril de 2008. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2008/04/29/ult59u155026.jhtm>>. Acesso em 1 de junho de 2018.

Avanti nas catracas eletrônicas do Allianz Parque, o sócio ganhará dez pontos. Desse modo, a cada jogo, o máximo que um torcedor pode acumular são 15 pontos de frequência.

Essa pontuação serve de base para calcular o *rating*, espécie de porcentagem de assiduidade com base nos pontos conquistados. De acordo com as regras do programa, o *rating* é calculado da seguinte maneira: média da frequência no mês anterior à divulgação do *rating* do mês atual, somada ao *rating* anterior; essa soma é dividida por dois. Em fórmula matemática, seria isso: porcentagem da frequência de jogos do mês atual + porcentagem do *rating* do mês anterior / 2 = *rating* atual.

O *rating* é divulgado pelo Avanti no início de cada mês: cada sócio que acessar o site do programa com seu *login* poderá conferir qual a sua porcentagem de frequência nos jogos. Isso significa que, se o torcedor “falta” a um ou mais jogos em determinado mês, seu *rating* do mês seguinte sofrerá um decréscimo que pode levar a perda de estrelas – ou seja, acarretando em perda de prioridade na pré-venda dos jogos seguintes. Para manter seu *rating* alto, ele deve comparecer a todas as partidas. Isto porque cada faixa percentual de *rating* concede estrelas ao sócio-torcedor da seguinte maneira: ter entre 81 a 100% de *rating* resulta em cinco estrelas; entre 61 a 80%, quatro estrelas; entre 41 a 60%, três estrelas; entre 21 a 40%, duas estrelas e, por fim, entre 1 a 20% significa ter apenas uma estrela.

O *rating* e as estrelas são fundamentais para o sócio-torcedor saber qual sua prioridade na pré-venda de ingressos. Apesar de darem a impressão de que devem ser “conquistados” pelo torcedor, esses dois elementos também estão vinculados diretamente ao tipo de plano contratado. Ou seja: o valor pago mensalmente ao programa também determina essa prioridade. Isto porque os primeiros a terem direito de reservar um ingresso¹²³ são sócios cinco estrelas, sócios do plano Diamante e sócios do clube social do Palmeiras (mesmo que não sejam vinculados ao Avanti). Esses torcedores podem pegar seus ingressos nessa e nas próximas etapas – o benefício é a prioridade em relação aos demais. Em seguida, a venda abre para aqueles com quatro estrelas e associados do plano Platina; depois, a pré-venda é iniciada para aqueles que detêm três estrelas e/ou que pagam o plano Ouro. A quarta pré-venda é dedicada àqueles com duas estrelas e/ou que tenham o plano Prata Superior. Por fim, a quinta etapa é liberada, disponibilizando ingressos para aqueles com apenas uma estrela e, na sequência, a

¹²³ A pré-venda funciona da seguinte maneira: um dia antes, os torcedores associados recebem uma mensagem, via e-mail ou SMS, avisando sobre o início do processo a partir das 10 horas da manhã do dia seguinte. O prefixo “pré” dá a conotação de que o associado está adquirindo seu ingresso antes de todos aqueles que não fazem parte do programa. Os perfis do programa nas redes sociais também publicam avisos. São seis etapas de venda por ordem de prioridade, que podem durar algumas horas ou mesmo um dia cada uma, a depender do tempo existente entre a liberação do site e a data da partida.

sexta, quando todos os sócios podem reservar lugares, independentemente do planos e *rating*. Somente após a sexta etapa começa a venda geral – ou seja, para quem não é sócio –, que coloca à venda no site *Futebol Card* e nas bilheterias os ingressos que sobraram depois de todo esse processo.

As mensalidades dos planos em 2018 eram as seguintes: R\$ 14,99¹²⁴ pelo Bronze (que dá 20% de desconto nos ingressos dos setores superiores); R\$ 34,99 pelo Prata (que dá 50% de desconto em todos os setores com exceção do Central Oeste¹²⁵); R\$ 64,99 pelo Prata Superior¹²⁶ (que dá 50% de desconto no Gol Norte e Sul, e 75% nos superiores); R\$ 119,99 pelo Ouro (100% no Gol Norte e Superior Norte; 25% no Central Oeste e 75% nos demais); R\$ 214,99 pelo Platina (50% de desconto no Central Oeste e 100% nos demais) e R\$ 649,99 pelo Diamante (100% de desconto em todos os setores). No mapa abaixo, vê-se os setores da arena:

Figura 15: Setores da arena (Imagem retirada do site do Programa Avanti Palmeiras)

¹²⁴ Todos os valores foram reajustados em fevereiro de 2017. Até julho de 2018, não houve aumento.

¹²⁵ Vale repetir que setor Central Leste não é comercializado pelo Avanti.

¹²⁶ O plano Prata Superior foi criado em 2016 como sétima opção para o torcedor que deseje se associar ao programa. O plano, que oferece o máximo de 75% de desconto na compra de ingressos nas cadeiras superiores, passou a funcionar como um intermediário entre o Prata e o Ouro. Ler a respeito em *Avanti aperfeiçoa serviço, cria novo plano e faz mudanças no regulamento para 2016*. Sociedade Esportiva Palmeiras – Site Oficial, 21 de janeiro de 2016. Disponível em: <<http://www.palmeiras.com.br/noticias/id/37093>>. Acesso em 3 de julho de 2018.

Para comparecer aos jogos para o trabalho de campo¹²⁷, obtive os ingressos para todas as partidas por meio do plano Ouro, do qual já era associada antes de tornar-me mestrandia do PPGAS. Durante o ano de 2016, o pagamento de uma mensalidade de R\$ 109,99 deu-me o direito de adquirir, durante o período de pré-venda (ou seja, antes de as vendas abrirem para quem não é associado), uma entrada para o setor Gol Norte, aquele de menor preço, com 100% de desconto – ou seja, sem custos adicionais além da própria mensalidade. Para 2017, a mensalidade foi reajustada para R\$ 119,99.

No entanto, não há garantia de que o associado vá conseguir ingressos para o Gol Norte – ou seja, com os 100% de desconto. Um torcedor que tenha, por exemplo, plano Ouro e um *rating* de quatro estrelas provavelmente terá que gastar mais dinheiro além da mensalidade para conseguir uma entrada. Isto porque, quando tiver acesso à pré-venda, os lugares do setor Gol Norte, onde ele teria 100% de desconto por conta do plano escolhido, já terão se esgotado, adquiridos por aqueles que têm cinco estrelas¹²⁸. Os 7.100¹²⁹ assentos do setor fazem com que as entradas para o mesmo se esgotem em cerca de dez minutos na primeira etapa da pré-venda. Se o torcedor acessar o site do Avanti no momento exato do início de sua pré-venda pode conseguir, com sorte, um ingresso para o Superior Norte, em que também não precisará pagar um valor extra. Ou seja, por conta da adesão ao programa, quando se inicia a venda geral para quem não é sócio-torcedor, os ingressos para os setores de preços mais baixos já se esgotaram e um palmeirense não-associado dificilmente poderá conhecer o Allianz Parque. Os preços para uma partida do Campeonato Brasileiro em 2018 eram os seguintes, por setor: R\$ 100,00 no Gol Norte; R\$ 120,00 no Superior Norte ou Sul; R\$ 140,00 no Superior Leste ou Oeste; R\$ 160,00 no Gol Sul; R\$ 190,00 no Central Leste, e R\$ 250,00 no Central Oeste. Para um jogo da fase de grupos da Copa Libertadores da América, no entanto, o Palmeiras elevou os valores de modo a praticamente dobrar os preços: R\$ 180,00 no Gol Norte; R\$ 200,00 no Superior Norte ou Sul; R\$ 220,00 no Superior Leste ou Oeste; R\$ 260,00 no Gol Sul; R\$ 350,00 no Central Leste, e R\$ 400,00 no Central Oeste. A Libertadores é considerada a principal competição da América do Sul, o que justificaria a elevação dos preços das entradas.

¹²⁷ No final de 2015 eu já havia “conquistado” o rating de 100% (cinco estrelas), o que me dava o direito de frequentar o Gol Norte em todos os jogos subsequentes, caso eu mantivesse essa taxa de comparecimento.

¹²⁸ O Avanti não divulga a quantidade de associados por plano.

¹²⁹ Ver a respeito em *Punição deve afetar público do Palmeiras; clube busca soluções*. Globo Esporte, 2 de setembro de 2016. Disponível em:

<<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2016/09/punicao-deve-afetar-publico-do-palmeiras-clube-busca-solucoes.html>>. Acesso em 3 de julho de 2018

A quantidade de variáveis do Avanti – pontos, frequência, *rating*, estrelas – deixa muitos torcedores confusos: “Até hoje eu não entendi direito como é calculado esse treco, porque eu venho em quase todo jogo há uma cara e ele não sobe”, disse-me Danilo, um torcedor que frequenta o Dissidenti, um dos bares da Rua Caraibas, antes de Palmeiras x Club Atlético River Plate pela fase de grupo da Libertadores, em 14 de abril de 2016.

Além disso, “perder *rating*” significa, para alguns, não conseguir mais frequentar os jogos. Foi o que aconteceu com Nayara¹³⁰, uma torcedora que se sentiu obrigada a cancelar o seu plano Ouro por não conseguir arcar com os custos da mensalidade e dos ingressos após deixar de ser cinco estrelas, por conta de uma transferência de mando do Palmeiras em outubro de 2016. Impossibilitado de jogar no Allianz Parque por conta do show do cantor Andrea Bocelli, a opção do clube para mandar o jogo com o Cruzeiro pela 30ª rodada do Brasileirão era o Pacaembu. No entanto, o municipal não tinha disponibilidade para a data requerida pelo clube: 13 de outubro¹³¹, uma quinta-feira. A solução encontrada foi realizar a partida no Estádio Doutor Adhemar de Barros, mais conhecido como Fonte Luminosa, em Araraquara (SP), a cerca de 300 quilômetros da capital.

Nayara, assim como muitos outros, não compareceu a essa partida por conta da distância e da data. Mas, como o mando era do Palmeiras, ela perdeu pontos, mesmo não reservando ingresso na pré-venda. “Quando meu *rating* atualizou, eu virei quatro estrelas, e não conseguia mais pegar Gol Norte de graça¹³². Quando entrava no site, já tinha acabado tudo, só sobravam outros setores onde eu tinha que pagar a mais”, contou. Nayara não teve como arcar com a mensalidade do seu plano, à época de R\$ 109,99, e mais 25% do preço de outro setor em todos os jogos. “Aí fui perdendo estrela até desistir e resolvi cancelar”.

Tais empecilhos, como o valor da mensalidade¹³³ e a obrigação de ter que comparecer a todos os jogos¹³⁴ – que remetem ao que Toledo chama de “direitos e deveres” desses

¹³⁰ Conheci Nayara antes de iniciar a pesquisa de mestrado.

¹³¹ Ler a respeito em *Após Londrina, Araraquara vira opção para jogo entre Palmeiras e Cruzeiro*. Globo Esporte, 20 de setembro de 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2016/09/apos-londrina-araraquara-vira-opcao-para-jogo-entre-palmeiras-e-cruzeiro.html>>. Acesso em 4 de junho de 2018.

¹³² Ao dizer “de graça”, Nayara refere-se aos 100% de desconto no setor Gol Norte que os associados Ouro do Avanti tinham em 2016. Naquele ano, esse era o único setor com tal vantagem para quem pagava essa modalidade de plano. Em 2017, tal benefício também foi concedido para o setor Superior Norte.

¹³³ Em janeiro de 2018, o salário mínimo em São Paulo era de R\$ 1.108,38, valor 16% acima do salário mínimo nacional, que era de R\$ 954,00 para o mesmo ano. O salário mínimo paulista foi instituído em 2007, com a sanção da Lei 12.640/2007

¹³⁴ É importante ressaltar que formas de controle da frequência dos torcedores começam a surgir entre os clubes brasileiros. É o caso da biometria para acessar os estádios e arenas. O Atlético Paranaense é um dos pioneiros nesse processo: para adentrar a Arena da Baixada, todos os torcedores devem estar cadastrados. Ver a respeito em *Biometria em todo o Estádio: Cronograma de Cadastro dos Sócios Furacão*. Site do Clube Atlético

torcedores associados (2000, p. 271) –, além dos problemas que o site¹³⁵ da pré-venda tem apresentado com frequência nos últimos anos, irritam muitos torcedores, mas a facilidade do processo, evitando as filas nas bilheterias, também é motivo de elogios. Conversando com alguns palmeirenses no bar Alviverde antes da transmissão de XV de Piracicaba x Palmeiras, em 25 de fevereiro de 2016, um torcedor comentou: “Quando eu era moleque, não ligava de ficar na fila, apesar de ser f***. Mas hoje que estou lá no meu trampo, comprar ingresso pela internet ajudou muito. Ainda bem que modernizou, né?”.

Satisfeitos ou não com o sistema, os sócios-torcedores tentam manter seu *rating* alto. Assim, para não perder pontos de frequência, muitos vendem ou simplesmente repassam as suas carteirinhas, mesmo sabendo que anunciar a venda ou a troca de ingressos de sócio-torcedor pode ocasionar a exclusão do programa. Após o jogo entre Palmeiras e São Paulo em 8 de março de 2018, por exemplo, eu estava no banheiro feminino da arena quando testemunhei uma conversa entre duas torcedoras, cada uma dentro de uma cabine, falando alto para se ouvirem. “Você vem no próximo, Mô?”, perguntou uma delas. “Venho não, tenho a aniversário da minha sobrinha”, respondeu a outra. “Vou passar meu ingresso pra Karen, ela arranja alguém para vir para mim”.

O entorno da arena também serve como ponto de troca de carteirinhas do Avanti. A dissertação de mestrado de Bocchi (2016, p.164) sobre a Arena Corinthians aborda as trocas e o comércio informal de carteirinhas de sócio-torcedor entre os corintianos, inclusive como tais relações ocorrem nas redes sociais, processo semelhante ao que observei entre os palmeirenses na Rua Caraibas.

No dia 2 de março de 2016, data em que o Palmeiras recebeu o time argentino Rosario Central pela fase de grupos da Libertadores, fui convidada a adentrar uma das sedes de torcida organizada nos arredores da arena. O presidente da entidade, ao conversar comigo e mostrar-me o ambiente, tinha nas mãos uma grande quantidade de carteirinhas Avanti – dezenas, eu arriscaria dizer – presas em um elástico, como figurinhas autocolantes. Segundo ele, os cartões são compartilhados com os sócios de acordo com o jogo, “já que nem todo mundo consegue comparecer sempre”.

Paranaense, 20 de maio de 2017. Disponível em:

<<http://www.atleticoparanaense.com/site/noticias/detalhe/43391/Biometria-em-todo-o-estdio-Cronograma-de-cadastro-dos-Scios-Furaco>>. Acesso em 1 de junho de 2018.

¹³⁵ Ler a respeito em *Site do Avanti fica fora do ar, e torcedores do Palmeiras reclamam nas redes sociais*.

Globo Esporte, 4 de julho de 2017. Disponível em:

<<https://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/site-do-avanti-fica-fora-do-ar-e-torcedores-do-palmeiras-reclamam-nas-redes-sociais.ghtml>>. Acesso em 1 de junho de 2018.

Há casos de torcedores que pagam, juntos, um único plano de sócio-torcedor e revezam entre si as idas aos jogos. Na tarde de 20 de fevereiro de 2016, dia do primeiro clássico do ano na arena – Palmeiras e Santos se enfrentariam pela primeira vez depois da final da Copa do Brasil de 2015 – encontrei três torcedores que compartilhavam um plano Avanti. Na Rua Caraibas, em frente à sede da Mancha Verde, vi três adolescentes conversando animadamente em roda, todos com camisas antigas do Palmeiras. Na mão de um deles havia um cartão de sócio-torcedor – aparente causa do embate. Eu me aproximei e me apresentei; seus nomes eram Leonardo, Julio e Augusto. Perguntei sobre o que falavam, curiosa sobre a carteirinha. Leonardo foi quem respondeu: “Ah, ‘tio’, é que a gente paga um só e divide. Essa aí é nossa. Ingresso está caro demais, ‘tio’. Hoje é dia dele ir. A gente fica de fora hoje, mas tudo bem, porque a gente vem para curtir a festa e representar a quebrada palmeirense na área”, disse, apontando para Julio. Este continuou a conversa, mostra o cotovelo esquerdo, que tinha um vergão: “Está vendo esse machucado? Pulei a catraca do trem. Aí a gente não pagou”, contou. Os três moram em Franco da Rocha, município da região metropolitana paulista. O plano compartilhado por Leonardo, Julio e Augusto era o Prata¹³⁶ que, custando R\$ 29,99 à época, os obrigava a completar o valor dos ingressos em qualquer setor escolhido.

Os irmãos Fábio e Flávio, torcedores do Palmeiras com quem mantive contato durante o trabalho de campo, têm um plano Ouro cada um, pois frequentam todos os jogos, o que garante o melhor custo-benefício. Mas além disso, os dois mantêm um terceiro plano para o pai da dupla, que não reside em São Paulo, para garantir que ele consiga ingresso quando quiser ir aos jogos. “É interessante o sócio-torcedor beneficiar quem vai mais, só que eu tenho um sócio-torcedor que é do meu pai. Meu pai nem mora aqui. E a gente banca porque a gente tem dinheiro para bancar”, admite Flávio. Para manter o *rating* alto, ele afirma que empresta essa carteirinha para amigos e conhecidos sem cobrar o preço da entrada.

A gente leva pessoas e óbvio que a gente não cobra por isso. Eu já levei até mendigo, por exemplo. Alguém que eu sabia que jamais poderia entrar. O cara tirava xampu da mala, plástico... teve que deixar o que ele tinha do lado de fora lá e contente, feliz da vida, porque ele estava entrando... A gente leva amigos, eu tenho amigo que deixou de ter Avanti porque teve filho e deixou de, sei lá, prioridade virou outra, meu pai mesmo, quando vem. É isso, a gente consegue manter um Avanti por ter dinheiro e isso é muito, muito, não vou falar triste, porque aí eu seria hipócrita porque eu faço isso, mas, né, então... o que acontece, começa a ter uma hierarquia do espetáculo, né? Do jogo. Então quando o time está mal, o jogo não importa, aí beleza, aí fica o preço barato e alguém consegue vir num jogo ou outro, só que quando é um jogo que importa, só vai quem é assíduo, né, e para ser assíduo, é dinheiro. Porque você precisa... no plano mais barato ali você precisa botar 120 reais por mês.

¹³⁶ As carteirinhas do Avanti têm cores diferentes a depender do plano, o que torna fácil a identificação do tipo de plano contratado pelo torcedor.

Flávio não concorda com o argumento de que o Avanti tem um bom custo-benefício para todos, admitindo que só pode manter o programa para si e para o pai porque tem uma situação privilegiada financeiramente. Como ele reside próximo ao “Palestra”¹³⁷, afirma que tem menos gastos com deslocamento e alimentação, por exemplo, do que outros torcedores – gastos estes que aumentam consideravelmente o preço de uma ida à arena, já que se somam ao preço do ingresso ou do sócio-torcedor.

Vir todo jogo significa: deslocamento, alimentação e ingresso. Então não fica só cento e vinte, né? Só que beleza, se for pensar só no cento e vinte e tantos reais, trinta e poucos reais pensando em quatro jogos por mês, beleza. Só que não é essa a conta, é o montante. Quem tem 120 reais por pessoa? Em uma família que o gasto é maior. Então, por esse lado, na minha visão há sim uma exclusão.

Além da troca de carteirinhas, há torcedores que utilizam métodos mais arriscados para entrada na arena. Érico, um torcedor de 22 anos que conheci na Rua Caraibas e amigo de Guilherme, torcedor mencionado na introdução desta dissertação, contou-me que já entrou três vezes nos jogos do Palmeiras sem nenhum tipo de ingresso desde que o Allianz Parque foi inaugurado. Sua tática era aproximar o corpo de algum torcedor mais alto e, assim, passar junto a ele na catraca que dá acesso ao setor Gol Norte. Érico detalha como procedeu:

No final de dois mil e catorze quando reinaugurou aqui o... Allianz Parque, que eu nunca vou falar isso, para mim vai sempre ser Parque Antártica, sempre Palestra Itália... Palmeiras e... Sport né, dois a zero para eles, né? Então, ali na Matarazzo, no portão B, abria uma entrada única, não tinham aquelas grades que dão essa volta quilométrica de hoje em dia... Então era muita gente e como era uma coisa nova e tal, talvez a segurança pública não soubesse como lidar com aquilo... E eles ‘passa, passa’, revistava, passa. Como era muita gente enfileirada, eu pegava... e eu estava alcoolizado, né? Sempre. E aí eu passava nas costas das pessoas... E não pegavam. Pelo número de pessoas, eu sempre escolhia um grandão para passar na frente, eu passava nas costas deles e não pegavam, não pegavam.

Segundo Érico, no amistoso que o Palmeiras jogou contra o Red Bull Brasil em 25 de janeiro de 2015, funcionários da arena quase o pegaram tentando entrar sem ingresso. “Eu passei nas costas de uma menina e ela falou: ‘Olha ali, ele está entrando!’”, e o cara perguntou ‘Quem?’, e ela ‘O de verde’! P****, tinha dez mil pessoas de verde, né?”, contou-me, rindo.

¹³⁷ Tanto Flávio quanto Fábio recusam-se a chamar o campo palmeirense de Allianz Parque, referindo-se a ele sempre como “Parque Antártica” ou “Palestra”. Quando contatei Flávio para uma entrevista, pelo WhatsApp, apresentei-me como “Mariana, que faz um mestrado sobre o Allianz Parque”, ao que ele respondeu: “Allianz Parque? Não conheço! Parque Antártica”.

Depois desses três jogos entrando de modo ilegal na arena, Érico decidiu em 2015 associar-se ao Avanti. O aumento do preço das mensalidades naquele mesmo ano, porém, realizado logo após o Palmeiras perder o Campeonato Paulista para o Santos¹³⁸, serviu de motivo para que ele cancelasse seu plano. Mesmo há cerca de três anos sem ser associado, Érico consegue entrar em quase todos os jogos por meio dos amigos e conhecidos, que repassam a ele gratuitamente seus ingressos para não perderem pontos no *rating*:

Mas eu me viro, eu tenho muito conhecido aqui na rua... eu frequento aqui há muitos e muitos anos mesmo... desde a época do antigo Palestra, desde a época do Derby no Morumbi eu frequento aqui... E eu sempre dou um jeito e nunca me cobram porque as pessoas não querem perder pontuação no rating e eles não são comerciantes, eles são torcedores... Elas me falam: “Pode passar, não quero perder pontuação no rating, pode entrar, fica tranquilo”.

Érico diz não sentir culpa por ter entrado gratuitamente na arena. “Eu vou estar aqui na rua, conseguindo ingresso ou não. Então não me sinto mal por conta disso. Sempre vou dar meu jeito, dentro das minhas condições”, reforça.

Sandro e seu irmão Mauro, ambos manchistas, também não são sócios-torcedores, mas ambos vêm para a arena em todos os jogos, mesmo sem ingresso. Além da ocasião da final da Copa do Brasil de 2015, encontrei-me com eles diversas vezes na Rua Caraibas, entre outros torcedores organizados. Segundo Mauro:

A gente vem para cá porque a gente ama o Palmeiras, aqui é o nosso lugar, e aqui a gente tem que estar sempre para apoiar o time, independente se está dentro do estádio ou se está fora do estádio. Conseguir ingresso às vezes a gente consegue com pessoas que a gente conhece e tem vezes que a gente não consegue ingresso e fica do lado de fora mesmo, mas torcendo de corpo, alma e coração do mesmo jeito.

Presenciei Mauro conseguindo uma carteirinha Avanti “de sobra” a poucas horas das partidas em duas das ocasiões em que nos encontramos antes dos jogos. Como trabalhou por um tempo em um dos bares da Rua Caraibas que reúnem palmeirenses, ele conhece vários torcedores que confiam nele para lhe emprestarem o cartão.

Já Sandro tinha o plano Ouro, mas cancelou por dois motivos: falta de estabilidade financeira e uma punição pelo envolvimento na briga que ocorreu na Rua Palestra Itália no dia 8 de fevereiro de 2015¹³⁹, horas antes do primeiro derby desde a inauguração do Allianz Parque.

¹³⁸ Naquele, Palmeiras e Santos disputaram a final do torneio estadual na Vila Belmiro. O alvinegro venceu nos pênaltis, por 4x2, e conquistou seu 21º título paulista.

¹³⁹ Nessa época, a medida da torcida única ainda não estava vigorando nos clássicos paulistas, o que significa que o espaço da torcida visitante estava reservado aos corintianos. Ler a respeito em *Torcedores entram em confronto*

“A questão de eu ter parado o Avanti são duas. Eu tinha uma vida estável do meu serviço, entendeu? Eu tinha um notebook, tinha as coisas, tinha cartão de crédito”, lembra. “Aí em 2015 teve a briga que eu fui julgado pelo Jecrim¹⁴⁰ e punido por três anos. Então eu pensei assim: para que eu vou fazer Avanti se eu não posso entrar?”, questiona. Segundo ele, caso se associasse ao programa novamente e continuasse frequentando os jogos, poderia ser identificado justamente pela carteirinha de sócio-torcedor. No entanto, mesmo proibido de torcer dentro da arena, ele continua frequentando alguns jogos pois “pessoas que acompanham o Palmeiras de muito tempo atrás” e com quem ele “criou um afeto grande” às vezes repassam seus ingressos:

Isso era muito no WhatsApp ali, bagulho de internet. Como eu tinha o WhatsApp, celular assim, era bem mais fácil. Mas aí depois eu perdi meu celular também, aí agora é só no tête-à-tête. É no tête-à-tête, por exemplo, encontrando um parceiro e ele “Ô Sandro, quer entrar?”, aí a gente entra, né? É ajuda mesmo da união, do pessoal, entendeu?

Embora consiga meios de obter ingressos e frequentar a arena, Sandro diz que, se pudesse, pagaria um plano porque gostaria de “ajudar” o clube também financeiramente: “Eu gostaria muito de estar ajudando o Palmeiras porque eu sei que esse dinheiro vai para o Palmeiras, mas não é só isso, eu quero estar presente em todas as esferas, dar ajuda, torcer no estádio, entendeu?”. Por não conseguir comparecer a todos os jogos, ele trata cada ida como especial, anotando em um caderno que mantém em casa todas as partidas a que foi, com data, local e placar. “Completei cem jogos esse ano¹⁴¹, e para mim é um feito assim, enorme, porque nós não temos a condição financeira boa, o estádio está cada vez mais caro, então se torna cada vez mais difícil estar presente, entendeu?”.

Além do Avanti, existe também o Passaporte Allianz Parque¹⁴². Lançado pela construtora W Torre no primeiro semestre de 2016 como uma espécie de concorrente¹⁴³ do

com a polícia perto do estádio do Palmeiras. G1, 8 de fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/02/torcedores-do-corinthians-entra-em-confronto-com-palmeirenses.html>>. Acesso em 10 de junho de 2018.

¹⁴⁰ O Juizado Especial Criminal (Jecrim) julga crimes denominados como de menor potencial ofensivo.

¹⁴¹ Sandro refere-se a 2017.

¹⁴² Os ingressos que não são adquiridos pelos sócios Avanti ou pelos torcedores com planos do Passaporte Allianz Parque são vendidos para o público geral. Tais ingressos materializam-se no cartão de crédito ou no bilhete físico, trocado nas bilheterias dias antes ou na data da partida em questão – o que provoca grandes filas horas antes dos certames, especialmente na Rua Palestra Itália e na Avenida Francisco Matarazzo.

¹⁴³ Ler a respeito em *Em litígio com Palmeiras, WTorre lança concorrente para o Avanti*. Gazeta Esportiva, 10 de março de 2016. Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/times/palmeiras/em-litigio-com-palmeiras-wtorre-lanca-concorrente-para-o-avanti/>>. Acesso em 11 de maio de 2018.

programa sócio-torcedor, ameaçava o monopólio do próprio clube na gestão da relação da instituição com os torcedores. Com o *slogan* “Quando o Palmeiras joga em casa, o seu lugar está garantido”, o Passaporte funciona de maneira diversa: ao desembolsar uma determinada quantia, o torcedor garante um lugar em determinado setor da arena em todos os jogos da temporada, sem precisar acessar qualquer tipo de sistema para participar da pré-venda. Não há medição de frequência: o associado compra um assento e pode inserir seu nome nele, o que garante sua entrada em jogos disputados, como partidas decisivas ou finais de campeonatos.

A existência do Passaporte como um sistema paralelo ao Avanti decorre da já mencionada divergência entre Palmeiras e W Torre na questão da comercialização das cadeiras da arena em dias de jogo. O imbróglio chegou ao fim no início de 2017, quando a Câmara de Arbitragem e Conciliação da Fundação Getúlio Vargas (FGV) manteve os 10 mil assentos sob gestão da empreiteira, que almejava controlar toda a capacidade da arena. Com a decisão, cabia à construtora decidir como comercializar essas cadeiras – foi criado, portanto, o Passaporte Allianz Parque. Em 2018, um assento fixo pelo serviço no setor Gol Sul custava R\$ 2.420,00 para todo o ano; R\$ 3.197,00 para o Central Leste e R\$ 3.975,00 no setor Central Oeste. No setor Gol Norte não havia lugares disponíveis. Assim, se o Palmeiras jogar em sua arena cerca de 30 vezes¹⁴⁴ em um ano, cada ingresso para o Gol Sul, o mais barato à venda, custaria em média R\$ 80.

Apesar de nominal, o Passaporte – também materializado em um cartão magnético – pode ser emprestado a amigos caso o dono do assento não possa comparecer ao jogo – algo que é proibido¹⁴⁵ pelo Avanti, cuja assinatura é nominal e intransferível. Além disso, entre os benefícios, o mensalista tem direito a participar de vendas exclusivas de entradas para shows realizados na arena e descontos de 25% no Allianz Parque Tour e de 15% nas compras na loja virtual da arena, a Allianz Parque Shop. Ou seja, o programa atrela benfeitorias à arena, e não só ao Palmeiras em si, conferindo a tal plano o caráter multiuso do Allianz Parque e, assim, superando o jogo como evento principal de um espaço dedicado à prática do futebol.

O argumento de que o dinheiro gasto com o Passaporte “não vai para o Palmeiras”, uma vez que o serviço é gerido pela W Torre, é comumente acionado por torcedores para justificar a opção pelo Avanti. Durante a mesma conversa com o torcedor Danilo e seus amigos no Dissidenti, um deles comentou: “Eu até acho vantagem fazer esse negócio aí, mas os caras estão ganhando às custas do Palmeiras, né? E a gente tem que ajudar o Palmeiras”.

¹⁴⁴ Levei em conta a média de jogos do Palmeiras em 2016 e 2017 nos quatro campeonatos que disputou em ambos os anos: Paulista, Copa do Brasil, Brasileirão e Libertadores.

¹⁴⁵ Segundo o regulamento do programa, o *rating* será cancelado caso o associado empreste seu cartão a terceiros.

Não há clareza do Palmeiras e da construtora sobre essa questão, mas de acordo com a imprensa, o valor do ingresso de cada partida já está calculado dentro da compra de um assento comercializado pela construtora da arena. O clube também ganha uma porcentagem pela venda desses assentos, que é de 5% nos primeiros cinco anos de funcionamento do Allianz Parque, com o crescimento de 5% a cada cinco anos até que o contrato entre o Palmeiras e a W Torre, que tem duração de 30 anos válidos a partir de 2014, cesse.

3.2 Formas de torcer: torcedores organizados e “modinhas”

Em maio de 2015, um protesto¹⁴⁶ da Mancha Verde no Allianz Parque na estreia do Palmeiras no Campeonato Brasileiro daquele ano chamou a atenção dos torcedores não organizados na arena, e também repercutiu na imprensa esportiva. Na partida contra o Atlético Mineiro, a principal organizada palmeirense calou-se, sentada, durante os 90 minutos do certame para exigir redução no preço dos ingressos – antes, faixas pedindo o mesmo tinham sido pregadas nas ruas Palestra Itália e Caraibas. A manifestação também serviu como crítica dos manchistas ao que eles veem como um novo público frequentador dos jogos do Palmeiras: um público de “teatro” e de “cinema”, e não uma torcida de futebol. Como a Mancha Verde permaneceu em silêncio, as tentativas de cantos e outras práticas torcedoras ficaram díspares e confusas pelos setores da arena, como se não houvesse uma regência, o que provocou inclusive vaia contra os torcedores organizados.

Tal episódio¹⁴⁷ é emblemático para representar o distanciamento que alguns torcedores – e não só os organizados – enxergam em relação ao que o Allianz Parque representa, para eles, em termos de novas formas de torcer, e abre também um debate sobre pertencimento à nova “casa”, já que esses palmeirenses chamam àqueles que veem como “novos torcedores” de “modinhas”. Ou seja: torcedores que não seriam tão leais ao clube quanto eles, e que estariam ali mais pela arena, pela novidade, do que pelo Palmeiras. Uma imagem bastante acionada no discurso deles é a do Pacaembu sob chuva em uma partida durante a semana – o “modinha” não estaria disposto a frequentar esses jogos.

Antes de explorar melhor essa ideia, é relevante detalhar como realizei a etnografia dentro do Allianz Parque. Com a intenção de observar as torcidas organizadas e também o

¹⁴⁶ Ver nota de rodapé 42.

¹⁴⁷ Mesmo anterior ao período da etnografia, eu estava presente nesse jogo.

chamado “torcedor comum” (ou não organizado)¹⁴⁸, elegi como ponto de observação as cadeiras entre os gomos 117 e 119¹⁴⁹ do setor Gol Norte¹⁵⁰, como se vê no círculo branco do mapa¹⁵¹ abaixo:

Figura 16: Ponto de observação (Imagem retirada do Site Oficial do Palmeiras)

A imagem dá uma dimensão do meu posicionamento. Nela, o setor verde escuro inteiro é o Gol Norte; a Central Leste está pintada em azul. Optei por tal ponto de observação por se tratar da fatia da arena onde se posiciona a Mancha Verde, que ocupa a maior parte dos gomos 117 e 118, e também por ser um local relativamente próximo ao um setor central, notavelmente

¹⁴⁸ Apesar – e também por essa razão – de grande parte da bibliografia dos esportes nas ciências sociais dedicar-se ao estudo dos grupos organizados, procurei trazer para análise a outra ponta da possível dicotomia do microcosmo social das torcidas: os torcedores não organizados, também chamados de “torcedores comuns”. Minha escolha foi fundamentada na ideia de que há poucos estudos que olham para esses sujeitos.

¹⁴⁹ Cada gomo é dividido em duas partes: A e B.

¹⁵⁰ Como explicado no subitem anterior, antes de iniciar a etnografia eu já tinha um plano Avanti.

¹⁵¹ O mapa ilustra apenas os setores inferiores da arena. Por essa razão, parece diferente do anterior.

um dos mais caros da arena. comercializado pela W Torre. Meu objetivo, como anteriormente, era observar possíveis diferenças nos estilos de torcer entre partes diversas do Allianz Parque¹⁵².

Por ser a maior torcida organizada ligada ao clube, os estilos de torcer da Mancha Verde acabam se sobressaindo em relação aos demais, tanto no setor que ocupa¹⁵³ quanto no restante da arena. Além de ter seus cânticos reproduzidos em todos os setores, ela é responsável pela organização dos grandes mosaicos das arquibancadas, como ocorreu na final da Copa do Brasil de 2015¹⁵⁴, nas oitavas de final da Libertadores de 2017¹⁵⁵ e na final do Campeonato Paulista de 2018¹⁵⁶, por exemplo. Também distribui bexigas, a depender da partida, e tem o maior bandeirão¹⁵⁷ entre as torcidas organizadas do Palmeiras. Assim, por ser quantitativamente dominante no Gol Norte, pode-se afirmar que o grupo exerce um domínio entre os gomos 117 e 118 do setor, o que fica evidente pela quantidade de torcedores não organizados que são impelidos a seguir algumas práticas torcedoras dos manchistas – que funcionam quase como normas – se quiserem ocupar aqueles assentos. Discorrerei sobre três delas, mas não sem antes ponderar que, como minha posição dentro da arena era bastante próxima à deles, minha observação foi bastante participante no sentido de obedecê-las.

Não respeitar os lugares marcados é a primeira delas – como já mencionado, no Allianz Parque, todos os setores têm cadeiras e numerações. Naquela parte do Gol Norte, praticamente nenhum torcedor se posiciona no número da cadeira e fileira comprado na pré-venda – mesmo porque, caso tenha reservado uma cadeira em algum lugar do gomo 117 e, ao chegar, encontre os torcedores organizados, é provável que seja “expulso” dali. Ou seja: vale mais a orientação da Mancha Verde do que a da própria arena. Muitos torcedores inclusive não ficam nas fileiras, mas sim nas escadas, onde há mais espaço, sem a restrição das cadeiras. É comum observar, em jogos clássicos ou decisivos, vários torcedores em um mesmo degrau da escada, de maneira

¹⁵² Fundamental ressaltar que observei as práticas torcedoras da Central Leste da perspectiva de alguém que estava no Gol Norte, o que significa que não frequentei o setor nem vivenciei a experiência de estar ali.

¹⁵³ No Palestra Itália, a Mancha Verde posicionava-se na chamada “curva da ferradura”, em alusão ao já referenciado formato do estádio.

¹⁵⁴ Ver iconografia da Introdução.

¹⁵⁵ Ver a respeito em *Mosaico do Palmeiras faz sucesso nas redes; veja reações*. Globo Esporte, 9 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/mosaico-do-palmeiras-faz-sucesso-nas-redes-veja-reacoes.ghtml>>. Acesso em 4 de maio de 2018.

¹⁵⁶ Ler a respeito em *Palmeiras x Corinthians: palmeirenses abrem mosaico no Allianz Parque; confira*. Torcedores.com, 8 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2018/04/palmeiras-x-corinthians-mosaico-allianz?enable-feature=new_layout>. Acesso em 4 de maio de 2018.

¹⁵⁷ O bandeirão voltou a ser exibido na arena a partir de agosto de 2017, quando a decisão que proibia esse tipo de artefato torcedor foi parcialmente suspensa. Ver a respeito em *Bandeiras e instrumentos musicais estão de volta aos estádios de São Paulo*. Estadão.com, 1 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,bandeiras-e-instrumentos-musicais-estao-de-volta-aos-estadios-de-sao-paulo,70001920003>>. Acesso em 4 de maio de 2018.

semelhante àquela que ocorre em partidas no Pacaembu. Este é outro aspecto relevante sobre os gomos onde a organizada fica (e também sobre o restante do Gol Norte): apesar dos assentos, a maioria dos torcedores assiste ao jogo em pé, sentando apenas no intervalo, ignorando o aspecto *all-seated*.

A segunda prática torcedora da Mancha Verde que reverbera naquela área do Gol Norte é o uso de camisas brancas, para formar aquilo que esses torcedores chamam de “mar branco”¹⁵⁸. Tal maneira de padronizar a arquibancada nasceu em 1989 para diferenciar a então mais nova organizada do Palmeiras da mais antiga – a T.U.P.¹⁵⁹, que usava verde – e também para se opor ao uso do preto pela Gaviões da Fiel, a principal organizada do arquirrival Corinthians. Essa é uma prática torcedora manchista considerada tradicional entre os torcedores, e para garantir que ela se efetive, ao subir as escadas do Allianz Parque que dão acesso aos gomos 117B e 118A, o torcedor palmeirense deparar-se-á com um torcedor organizado, obviamente de camisa branca, vetando a passagem de todos aqueles que estejam de verde, azul ou quaisquer outras cores de roupa, especialmente preto, que é associado às organizadas corintianas. Não há a necessidade de se vestir alguma camisa relacionada ao Palmeiras ou à própria Mancha Verde: usar branco é mais importante.

Foi o que aconteceu no dia 15 de março de 2017, quando o Palmeiras fez sua primeira partida no Allianz Parque pela Libertadores, contra o time boliviano Jorge Wilstermann. Uma hora antes da partida, um rapaz de bermuda e blusa de moletom pretas conseguiu passar pela “vigilância” da Mancha Verde e circulava pelo gomo 117A, próximo ao vidro que separa as cadeiras do campo. Não demorou muito para começarem as vaias e os xingamentos como “Sai, gambá” e “Sai, zica do c*****”, chamando a atenção dos dois manchistas que fiscalizavam a cor dos uniformes de quem passava. Os dois foram até ele, que relutou em tirar a blusa. As vaias aumentaram e mais dois torcedores se juntaram ao trio. Como observei a cena de longe, não sei o que foi conversado, mas poucos minutos depois o rapaz cedeu e tirou o blusão, ficando sem camisa¹⁶⁰. Duas fileiras acima de onde a situação aconteceu, um torcedor e seu pai conversavam em tom indignado: “Como pode? O cara sabe desde o ano passado que hoje tem Libertadores. A data saiu há uma cara. Como é que esse infeliz sai de casa hoje de manhã, sabendo do jogo, sabendo que vai no jogo à noite, e sai de preto? Me diz?”, repetia o rapaz.

¹⁵⁸ Ler a respeito em *A Tradição do Mar Branco*. Site Oficial Mancha Alvi Verde. Disponível em: <<http://manchaalviverde.com.br/a-tradicao-do-mar-branco/>>. Acesso em 4 de maio de 2018.

¹⁵⁹ A Mancha Verde foi fundada em 1983 e a T.U.P., em 1970.

¹⁶⁰ Esta é a orientação da Mancha Verde para os torcedores homens: que fiquem sem camisa caso estejam usando alguma coisa que não seja branco. No caso das mulheres, o ideal é que elas mudem de lugar.

Tal tipo de cena pode ser presenciada com certa frequência – em outro exemplo, no jogo contra o América em 21 de junho de 2016, pelo Campeonato Brasileiro, um torcedor que estava a duas fileiras abaixo de mim foi obrigado a tirar a camiseta de tom cinza escuro. Para coibir ainda mais que outras cores além do branco sejam utilizadas no vestuário, além de postar mensagens com essa orientação nas redes sociais, associados da Mancha Verde fixaram pequenos cartazes nas escadas que levam às cadeiras dos gomos 117B e 118A, pedindo que apenas aqueles usando branco se direcionem a tais assentos.

Por fim, a terceira prática manchista a ser replicada pelos torcedores é a própria performance da organizada, que une musicalidade, vocalidades e corporalidades em um ritual torcedor que se repete em quase todas as partidas. Antes do início do certame, com ou sem instrumentos¹⁶¹, um líder sempre puxa ovações aos jogadores escalados, cantando em ritmos diversos o nome de cada um – do goleiro ao técnico –, como forma de incentivá-los também individualmente. Um exemplo é referência ao goleiro palmeirense: “P*** que pariu/ É o melhor/ Goleiro do Brasil/ Fernando Prass!” ou ao volante Felipe Melo: “O bagulho é doido/ Felipe Melo/ Pitbull¹⁶² cachorro louco!”. Na sequência, quando o Hino do Brasil é executado, a Mancha Verde e os torcedores não organizados não cantam a letra, mas sim uma repetição da frase “Palmeiras, meu Palmeiras” no ritmo da canção¹⁶³, sem que nenhum verso original seja reproduzido. Após aplausos, o hino do time é puxado pelos manchistas quase que instantaneamente, sempre momentos antes de o juiz apitar o início da partida. Alguns líderes da Mancha Verde, posicionados em cima das cadeiras¹⁶⁴, pedem para que todos se abaixem e

¹⁶¹ Em 3 de abril de 2016, Palmeiras x Corinthians se enfrentaram pelo Campeonato Paulista no Pacaembu. O primeiro derby do ano foi marcado por fatores extracampo: em um dos confrontos entre as duas torcidas, um homem morreu baleado. Na mesma data, foram detidos 29 torcedores e, dias depois, uma operação policial nas sedes de torcidas organizadas paulistas – incluindo a Mancha Verde – resultou em mais prisões. Tal cenário de violência levou o Ministério Público do Estado de São Paulo (MP-SP) e a Secretaria de Estado da Segurança Pública (SSP-SP) a anunciarem medidas punitivas às torcidas organizadas dos grandes clubes do estado, como a proibição da entrada de faixas, uniformes e instrumentos nos estádios. Além disso, foi estabelecido que todos os clássicos seriam disputados com torcida única – o que significa que apenas os torcedores do time mandante podem comparecer a esses jogos. A decisão foi parcialmente suspensa em 2017, quando houve o retorno dos apetrechos das organizadas nos estádios, mas a torcida única foi mantida. Ler a respeito em *Torcidas organizadas assinam termo de responsabilidade para entrada de instrumentos em estádios de SP*. G1, 2 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/torcidas-organizadas-assinam-termo-de-responsabilidade-para-entrada-de-instrumentos-em-estadios-de-sp.ghtml>>. Acesso em 2 de abril de 2018.

¹⁶² Pitbull é um dos apelidos dados ao volante, contratado pelo Palmeiras em 2017, como referência à sua postura em campo. Ler a respeito em *Felipe Melo explica apelido Pitbull e já se vê como ídolo do Palmeiras*. Gazeta Esportiva, 23 de março de 2017. Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/times/palmeiras/felipe-melo-explica-apelido-pitbull-e-ja-se-ve-como-idolo-do-palmeiras/>>. Acesso em 2 de abril de 2018.

¹⁶³ Ver nota de rodapé 30.

¹⁶⁴ Cabe dizer que muitas das cadeiras do setor Gol Norte estão quebradas e é possível observar, em todas as partidas, torcedores – organizados ou não – em pé em cima delas.

batam palmas em sincronia com as batidas do repique¹⁶⁵ ou dos tapas dados por eles nos próprios assentos – bater nas cadeiras para dar ritmo aos cantos entoados nos jogos surgiu como prática torcedora em abril de 2016, quando começou o período em que os grupos organizados paulistas foram proibidos de adentrar os estádios com uniformes e instrumentos característicos. Todos gritam “Mancha Verde, Palmeiras” e o hino é entoado não só vocalmente, mas em uma performance corporal: os torcedores, abraçados uns aos outros, pulam pelas fileiras em um movimento de vai-e-vem contínuo, parando somente no refrão. A partir desse momento, outros cânticos¹⁶⁶ serão entoados pela organizada, cuja ordem varia jogo a jogo, mas sempre dentro de um mesmo repertório. Os torcedores próximos a ela, organizados ou não, são impelidos a cantar o tempo todo – é comum alguns líderes manchistas, ao puxarem as músicas, bradarem “Canta aê!” ou “Vamo cantar, p****!”, em forma de ordens generalizadas.

A performance torcedora dos manchistas, segundo eles próprios, é bastante afetada pelo espaço limitado entre as fileiras do Gol Norte. O fato de os assentos serem fixos, de acordo com eles, atrapalha especialmente a corporalidade e musicalidade da organizada, já que não há ambiente suficiente para as danças e os instrumentos da entidade. Jorge, considerado um manchista da “velha guarda” que atuou por anos na bateria da torcida nos jogos no Palestra Itália, Pacaembu e Morumbi, explica que é difícil “encaixar” corpo e instrumento entre os assentos:

A cadeira incomoda e não tem como ficar no corredor. Se você está com o surdo, que é grande, é pior ainda. Você já viu o tamanho daquilo? A gente fica de lado, de frente e não encaixa. Tem que subir na cadeira, ficar trocando de posição toda hora e ainda pensar que está atrapalhando o cara da fileira da frente. Já aconteceu de ter cara nosso em cima da cadeira, incentivando, tocando, e a cadeira quebrar. Mas ele não quebrou por querer. Já acham que é vandalismo. Nesse dia aí eu vi os policiais passarem e

¹⁶⁵ Repique é um dos instrumentos mais utilizados na musicalidade das torcidas organizadas. A Mancha Verde utiliza hoje basicamente, além do repique, surdo e caixa.

¹⁶⁶ O conteúdo das letras das músicas entoadas pela Mancha Verde, em linhas, gerais, enaltecem a história do Palmeiras e da própria entidade. Referências aos torcedores rivais aparecem com frequência, inclusive com palavrões. São exemplos as estrofes “Não importa o que diga/ Essa imprensa de gambá (filha da p***)/ Eu te sigo em todas partes/ Ó meu Palmeiras sempre vou te amar” e “Pra mim não importa perder ou ganhar/ Se o Palmeiras joga, a Mancha está lá/ E a gambazada viverá a chorar/ Porque ao nosso Verdão/ Nunca irá se igualar”. As referências ao Palmeiras se dão, além da citação do nome do clube, por seus apelidos: “Verdão” (referência à camisa verde e branca), “Porco” (forma hostil como o torcedor palmeirense era chamado até metade da década de 80, mas que foi incorporada pelo clube e pela torcida) e “Palestra” (como nos versos “Foi, foi no Palestra Itália/ Que eu vi acontecer/ Final Libertadores/ O meu Palmeiras vencer”). Erros de concordância verbal e forma coloquial, como nos versos “Vamos jogar com raça os Jogadores” e “O Verde Branco e Vermelho é a cor do meu vício”, por exemplo, também aparecem. Alguns cantos não chegam a ser músicas – apenas frases entoadas, como é o caso de “Eeee! Palmeiras, minha vida é você”. Outras músicas são paródias de canções famosas na voz de artistas como Martinho da Vila, Luiz Gonzaga e Ivete Sangalo, mostrando que, além do samba, há também a influência de outros ritmos brasileiros, como axé e baião, no musicar da torcida organizada.

levarem o cara embora. Com certeza estavam vendo pelas câmeras. A arena toda tem câmera – é tudo monitorado.

Além de Jorge, conversei também com Rubens, ex-presidente da Mancha Verde, sobre a atuação da torcida organizada no Allianz Parque. Destarte, ele lembrou que arenas como a do Corinthians e a do Grêmio têm setores onde não há assentos marcados e afirmou que o Allianz Parque deveria seguir o exemplo, adotando uma infraestrutura que também favorecesse a esse estilo de torcer, assim como privilegia quem prefere sentar:

Essa estrutura não é favorável para torcida. Não tem espaço para performance nenhuma. A cadeira é dura – é para quem quer sentar, comer pipoca e ver o jogo. Acho que a arena é legal, já que tudo tem que evoluir. Mas ela tinha que ter espaço para tudo, para todos, para quem quer ficar em pé, essas coisas.

Vale destacar que estilos manchistas de torcer não estão diretamente relacionados ao setor onde estão. Isto porque, em setembro de 2016¹⁶⁷, durante o Campeonato Brasileiro, o Palmeiras foi obrigado a fechar o Gol Norte em cinco partidas, o que fez com os torcedores migrassem para outros setores. A punição decorreu de uma briga entre torcedores na partida contra o Flamengo em Brasília, no dia 5 de junho daquele ano, pelo mesmo torneio. Assim, durante cinco rodadas, a Mancha Verde posicionou-se no Gol Sul, onde valeram as mesmas regras do setor original como, por exemplo, não sentar nos lugares marcados.

Um desses jogos foi outra partida contra o Flamengo, mas pelo segundo turno do Brasileirão, no dia 14 de setembro de 2016. O clube alviverde perdia por um gol até os 38 minutos do segundo tempo, mesmo com um jogador a mais em campo. A partida era encarada como decisiva, pois o time estava na liderança, mas apenas um ponto na frente do rubro-negro àquela altura do torneio. Quando o atacante palmeirense Gabriel Jesus empatou o placar, a comemoração foi bastante efusiva. Além dos gritos e pulos, os manchistas puxaram o hino palmeirense e, como de praxe, iniciaram a performance em que todos se abraçam e pulam de um lado para o outro. No meio da dança, a torcedora que estava ao meu lado tropeçou no assento, o que fez com que seu telefone celular fosse arremessado duas fileiras abaixo. Mesmo no meio da confusão, ela conseguiu recuperar o telefone, mas não sem um prejuízo: a tela havia rachado por completo. “Acontece, né?”, disse, quando outros torcedores tentaram ajudá-la.

¹⁶⁷ Ver a respeito em *Punição deve afetar público do Palmeiras; clube busca soluções*. Globo Esporte, 2 de setembro de 2016. Disponível em:

<<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2016/09/punicao-deve-afetar-publico-dopalmeiras-clube-busca-solucoes.html>>. Acesso em 24 de junho de 2018.

Já no confronto contra o Coritiba, em 24 de setembro daquele ano, presenciei uma briga entre um manchista e outro torcedor, que não sei dizer se também era organizado, que discutia para ocupar o lugar no Gol Sul que estava marcado em seu ingresso. Aos gritos, o torcedor foi expulso dali, afastando-se para outro gomo do setor.

O estilo torcedor manchista, segundo os próprios torcedores organizados, marca uma posição específica nas disputas do torcer no Allianz Parque. Para eles, o “novo público” que comparece à arena não os acompanha no que diz respeito à performance – as ordens de “Canta aê” são ilustrativas disso, assim como o episódio no início deste subitem da dissertação. Para o manchista Jorge, com quem conversei durante as aulas de bateria da Mancha Verde em 2016¹⁶⁸, o principal motivo para isso é a precificação dos ingressos:

O grande problema hoje é o preço, mesmo com o Avanti. A arena dificulta o cara que toca. Ele não consegue ter acesso por causa do preço. O que a gente vê hoje no Allianz é outro público. Esse pessoal das arenas novas, tirando quem vai no Gol Norte, não está preocupado nem com o jogo em si porque a prioridade dele não é o futebol. O futebol é a segunda ou terceira opção desse cara. Para a gente, é a primeira. Esse cara não vive disso. [...] No Palestra eram 25 mil incentivando, povão mesmo. era mais masculinizado e não tinha isso de levar namorada no jogo.

Esse “novo público” – mais “selecionado”, segundo os manchistas – não está interessado em “torcer” mas sim em “comprar” e “assistir ao jogo”. São os já referidos “modinhas” que, segundo o manchista Rubens, “gostam de ficar sentados, pagam caro e acham que, no preço, está incluso assistir à Mancha cantando”. Ele também considera que esses torcedores não são assíduos, e sim uma “audiência rotativa” que não frequenta sempre os jogos: “A nossa festa está no pacote? Acham que o papel deles é ver o jogo e, o nosso, cantar”, reclama.

Dessa maneira, um palmeirense “modinha” seria também aquele que não vai ao jogo para cantar e “empurrar” o time. Na fala do palmeirense Mauro, irmão de Sandro, ambos manchistas, esse aspecto fica mais claro: “Para mim é a pessoa que vai, fica sentado, não canta, não apoia o time”. Sandro completa:

É que para eles o jogo é tipo um evento, está ligado? Não é uma partida de futebol. Eu vejo assim, eles podem até gostar do time também, torcer, porque queira ou não queira é palmeirense, né? Só que para eles é tipo como se fosse um show, uma balada. Tipo “ah, eu não vou suar”, está ligado?

¹⁶⁸ À essa época, as aulas ocorriam na frente do portão A do Allianz Parque, aos sábados. A sede da torcida organizada ainda se localizava na Rua Caraibas.

Para Sandro, a Mancha Verde é quem faz a diferença no público dos jogos no Allianz Parque: “A gente vai lá para cantar mesmo, vibrar. Hoje os estádios são frios. Um estádio frio que nem o jogo de hoje, só a mancha ali cantando e não é naquela intensidade de um jogo pegado, então o time acaba se tornando frio”, disse ele, referindo-se à partida da noite de 16 de novembro de 2017, quando conversamos mais uma vez, após um embate contra o Sport em que 18.744 torcedores estiveram presentes. Ele reitera:

Se é a torcida mais quente mesmo, pegando fogo, os caras vão para cima, o outro time se intimida. Então acho que isso é um dos fatores que querem a gente ali no estádio, porque sabe que a gente vai estar os noventa minutos, cantando e vibrando, entendeu?

De fato, o que acontece dentro do campo – jogadas, dribles, passes, erros, faltas e, claro, gols – influencia o torcer, sobrepondo-se muitas vezes à liderança da torcida organizada, que “puxa” uma música ou um grito de motivação de acordo com o que ocorre na partida¹⁶⁹. Jorge afirma: “A gente tem que saber a hora certa de colocar a música certa, porque é como um termômetro da partida. Tem que puxar mais alto quando o Palmeiras está atacando ou quando acaba de perder ou tomar um gol”.

Sandro diz não ter raiva da “modernidade do estádio”, mas sim das “frescurinhas” presentes nele – que ele atribui à “frieza” do público que frequenta o Allianz Parque, menos apaixonado pelo clube. Oposto do que se vê nas torcidas dos outros times latinos:

[O Allianz Parque] Acho até bom, legal... Está ligado? De ver o que o antigo Palestra se tornou, como ele ficou grande, e representa muito o Palmeiras, que é uma equipe grande, então merece um negócio assim bonito. Só que a questão é as pessoas, as pessoas estão frias, entendeu? E não é só no estádio, é na sociedade em geral, a modernidade que era para facilitar acabou distanciando as pessoas entendeu? Uma das outras, e as pessoas mais solitárias, mais frias assim... aí a comemoração não é mais a mesma, entendeu? Não é aquela empolgação que nem a década de 90 assim, que era festa, inesquecível, entendeu? As pessoas gritam, mandam *hashtag*, chupa, não sei o quê, e virou isso hoje, não tem mais a paixão mesmo, que cria os nossos hermanos aí da sul-americana, tipo uns colombianos, chilenos, uns argentinos, uns uruguaios...

Mauro, por sua vez, apesar de não ter frequentado o Palestra Itália – seus primeiros jogos do Palmeiras foram no Pacaembu –, parece guardar uma espécie de rancor do que ele chama de

¹⁶⁹ Percebe-se, portanto, que o musicar em questão tem uma relação de retroalimentação entre jogo e torcida organizada, num movimento reflexivo e gerativo: “O fazer ‘musical’ é um tipo especial de ação social que pode ter importantes consequências para outros tipos de ação social. A música não é apenas reflexiva, mas também gerativa, tanto como sistema cultural quanto como capacidade humana” (BLACKING, 2007, p. 201).

“modernização” que, para ele, atrai apenas os palmeirenses que estão ali “por aparência”, “só vestindo a camisa”:

[Para eles] Tanto faz se o Palmeiras ganhou ou perdeu e tipo... afasta bastante o torcedor que gosta do time e apoia o time em qualquer ocasião... por isso que me deixou uma mágoa grande de ver modernização nos estádios, de ver tudo encadeirado, esses panos cada vez mais caros, não existe mais aquilo de dormir na fila para comprar ingresso pra um jogo, não existe de você vir e pular na arquibancada, você tem que tipo... se acostumar com a cadeira e com ingresso cada vez mais caro e isso vai afastando os torcedores. Muitas vezes eu fico de fora de jogo importante e tem pessoas que, por ter uma condição financeira boa, está lá dentro, mas está lá dentro de aparência, não gosta do time de verdade.

Os torcedores não-organizados que ocupam os setores próximos da Mancha Verde participam mais ativamente das formas de torcer promovidas pela organizada – cantam, dançam e pulam quase com a mesma intensidade que os manchistas, prestando atenção nas orientações que surgem do grupo. Nos jogos disputados no Allianz Parque entre abril de 2016 e agosto de 2017, período em que bandeiras, uniformes e instrumentos musicais das organizadas paulistas estiveram proibidos nos estádios, isso ficou ainda mais evidente. Isto porque a ausência dos instrumentos fazia com que os ruídos do resto da arena muitas vezes se sobrepusessem às canções da organizada. Os espaços entre as músicas, sem as batidas de marcação do surdo, ficaram maiores e os torcedores não organizados, além de demonstrarem menos interesse em participar das músicas, não conseguiam acompanhá-las. As dissonâncias eram grandes: a todo momento foi possível escutar a Mancha Verde cantando uma estrofe enquanto os torcedores dos gomos próximos ainda cantavam a anterior. Quando se davam conta, muitos torcedores reclamavam. Ao ouvir um torcedor ao meu lado exclamar “M**** de proibição, estou cantando tudo errado”, perguntei se ele sentia falta dos instrumentos. Sua resposta:

Com certeza. Estamos sem maestro. Sem instrumento, qualquer tipo de música fica horrível. Não tem marcação, compasso, batida, nada. Não tem como fazer só na palma da mão porque é muita gente e o ritmo se perde rápido. É muito estranho porque a gente fica sem voz.

Torcedores não organizados que incorporam as práticas torcedoras da Mancha Verde são recorrentes no Gol Norte. É o caso de Laercio, Daniel, Joaquim e Jânio – os dois últimos, irmãos –, um grupo de torcedores que conheci no gomo 118A e com quem vi a maior parte dos jogos durante o período do trabalho de campo. Amigos, eles mantêm um grupo de WhatsApp em que avisam uns aos outros sobre venda de ingressos – o nome é “118A – Os de sempre”.

Quem chega primeiro à arena também manda uma mensagem com o número da fileira do setor onde conseguiu lugar.

Laercio, de 38 anos, é o único do quarteto que já foi da Mancha Verde – “há muitos anos”. Em todos os jogos em que estivemos juntos, ele é um dos que mais canta, mesmo não estando tão próximo à concentração manchista: “Eu gosto de cantar, ainda mais quando o Palmeiras está sendo atacado. É um alívio para mim, então, é uma maneira também de distrair um pouco, então eu gosto de cantar e estar na ‘muvuca’. Eu gosto de estar assim, do povão”, disse-me enquanto conversamos durante o intervalo do jogo contra o Santo André, em 18 de janeiro de 2018. Apesar de afirmar não ser mais um associado manchista, seu discurso é bastante próximo ao de alguns membros da entidade, especialmente quando compara o público do Palestra Itália ao do Allianz Parque:

As pessoas iam lá pela torcida e para ver o futebol, às vezes aqui ficou muito teatro. Então assim, a pessoa vem para conhecer o estádio, para ficar sentada, perdeu-se um pouco daquela raiz, né?! De você, ah é sol, é chuva, no frio, o importante ali é o time e você ir torcendo. Então mudou porque esse público não consegue vir com frequência porque realmente ficou... ficou bem mais caro, né? Então eu penso que mudou mesmo. Eu acho que ficou pior, assim, a nível de emoção. Das pessoas, que mesmo perdendo, estavam cantando. Hoje é mais frio, mais teatro, vamos assim dizer.

Já Daniel, de 32 anos, acha que o público mudou principalmente por conta do uso do celular durante as partidas. Culpa também o Cartola, jogo eletrônico no qual o usuário deve escalar um time por rodada, usando os jogadores do Campeonato Brasileiro. Para pontuar, o elenco escalado deve ter bom desempenho nas partidas, o que faz com que o usuário, mesmo torcendo para determinado time, torça por um gol ou mesmo vitória de um adversário. No Gol Norte, o tema é extensamente debatido pelos torcedores, especialmente nos intervalos ou mesmo após um gol do Palmeiras. No jogo contra o Vitória em agosto de 2017, um torcedor próximo dos nossos assentos lamentava o gol do atacante palmeirense Lucas Barrios, pois tinha escalado Dudu no lugar dele, situação que ilustra a “revolta” de Daniel:

Tem muita gente que ainda vem para conhecer o estádio, né? Mas quem vem para torcer mesmo, não mexe, p****, com Cartola. Eu odeio Cartola. Eu não consigo me ver torcendo para o jogador adversário jogar bem para pontuar para o meu ego!

Daniel também se irrita com os torcedores que filmam jogadas de bola parada, como escanteios, faltas e penalidades máximas. “Por Whatsapp até mando uma foto ou outra do estádio, mas prestando mais atenção no jogo que tudo. Dá azar filmar antes de uma falta ou de

um pênalti. É superstição. Não pode filmar, se filmar dá zica”, diz, assumindo utilizar o telefone de vez em quando.

O amplo uso do celular como uma extensão do corpo torcedor pode ser interpretado sob uma ótica maussiana, como nas técnicas do corpo descritas pelo autor francês (2003, p.399-422). Isto por compreendermos que o manuseio do telefone (dentro e fora dos estádios de futebol) é um comportamento social recorrente da nossa sociedade baseada em comunicação digitalizada. É igualmente possível pensar em Clastres (2003), uma vez que o autor aborda o condicionamento e adestramento do corpo humano por meio de certas práticas ou comportamentos.

Tal uso do celular não é, evidentemente, uma prática própria da arena multiuso ou da torcida palmeirense. Em jogos no Pacaembu também é comum ver torcedores fotografando e filmando o campo e a própria torcida, além de a si mesmos. Sob a perspectiva dos megaeventos esportivos como a Copa do Mundo, Toledo chama a atenção para o manuseio do celular como uma maneira de sentir o jogo:

Ademais, acoplar o torcer aos smartphones é sem dúvida uma nova forma ciborgue de *fruir* o jogo, pois amplia a cenografia do espetáculo e confere outro acabamento plástico e imagético às formas de interpelação entre uns e outros numa velocidade inimaginável há poucas décadas (2016, p. 34).

Nos clássicos, tal prática ganha uma proporção muito maior. Em 11 de março de 2017, na vitória contra o São Paulo por 3x0 na arena, ao meu lado e de Laercio e Daniel, havia um manchista que enviava, a cada gol, uma mensagem de áudio para amigos são-paulinos – mensagens estas carregadas de homofobia: “Chupaaaaa, sua bicha! Aqui não é lugar de bicha! Quem manda é os porco!”. Ao fim da partida, ele gravou mais mensagens ofensivas: “Dessa vez não foi de quatro, do jeito que vocês gostam! Chupa, bicharada!”. O mesmo ocorreu em 12 de junho de 2016, quando Palmeiras e Corinthians enfrentaram-se no Allianz Parque pelo Campeonato Brasileiro. Após o gol de Cleiton Xavier no segundo tempo, dois torcedores que estavam próximos de mim revezavam o mesmo *smartphone* para gravar xingamentos aos amigos corintianos: “Gambazada do c*****, galinhada maldita! Chupa, freguês!”. Um deles filmou a Mancha Verde, enviou o vídeo e, em seguida, mandou mais uma mensagem de áudio: “Está vendo isso aqui? Nunca serão!”, emendando com um verso que faz parte de um dos cantos manchistas: “Gambááá, vou te matar! Porcoô-ô-ô!”.

Segundo Toledo (2016, p.34), “na rede a palavra escrita e as imagens ganham sobrevida numa outra temporalidade e podem ser revividas, editadas, onde cada torcedor teria para si, disponibilizando aos outros, os resultados obtidos numa ilha de edição à disposição on-line”.

Assim, esse torcer, muitas vezes jocoso, perpetua-se para além do tempo do jogo, reinventando-o e ressignificando-o, bem como ultrapassando a materialidade das arquibancadas da arena.

Apesar dessas formas “digitais” de torcer, torcedores como Joaquim e Jânio, de 28 e 24 anos, respectivamente, mantêm seus pequenos rituais clubistas. Durante nosso tempo de convivência no gomo 118A, presenciei algumas manias da dupla para “ajudar” o Palmeiras em campo. Em 26 de maio de 2018, a caminho do jogo contra o Sport, encontrei Joaquim na Estação Brás. Fizemos todo o trajeto até o Allianz Parque juntos e, durante o caminho, ele disse que precisava andar em determinado lado da calçada e encostar em postes de luz específicos, pois isso daria sorte. Uma vez dentro da arena, Joaquim parou em um bebedouro para beber água. “Você não vai beber? Tem que ser nesse”, disse. Também foi ao banheiro que ficava ao lado do bebedouro. Quando saiu, indaguei-o: “Você ao menos estava com vontade de ir?”. Ele respondeu: “Não, mas mesmo que eu não esteja sempre entro nesse. Faz parte para a gente ganhar”. Seu irmão Jânio age da mesma maneira “supersticiosa”. Nos jogos da Libertadores de 2017, por exemplo, ele pediu para trocarmos de lugar entre nós para “circular a energia” e “dar sorte para o Palmeiras”. “Agora sai o gol. Se o gol sair, a gente não pode destruir, hein?”, disse durante o segundo tempo do jogo contra o Jorge Wilstermann, em 15 de março.

É preciso ressaltar que, também pelo discurso dos membros e dos simpatizantes da Mancha Verde, como é o caso de Laercio, Daniel, Joaquim e Jânio, os palmeirenses que frequentam setores como o Central Leste, localizado à esquerda do Gol Norte, podem ser considerados “modinhas”. Ou seja, essa percepção não é apenas da torcida organizada, mas de torcedores diversos, que se identificam mais ou menos com as práticas manchistas.

No entanto, apesar da insistência em criar esse distanciamento de um público que enxergam como não interessado no futebol, é possível observar diversas práticas torcedoras comuns aos torcedores que frequentam os dois setores. Cantar o hino do clube, quando entoado pela Mancha Verde, é um exemplo. Vários torcedores no setor central emendam o coro, em pé, mas sem executar os movimentos corporais. No entanto, para outros cânticos da organizada, a recepção não é a mesma. Os manchistas reconhecem isso – segundo Rubens, ex-presidente da Mancha Verde: “Nosso objetivo não é fazer só o Gol Norte cantar, mas sim o estádio inteiro. A gente percebe que algumas músicas vão mais e outras menos”, disse-me, assumindo que o grupo tenta atuar como uma espécie de “regente” das práticas torcedoras na arena.

No setor Central Leste, de fato, a maior parte dos torcedores permanece sentada, especialmente em jogos não decisivos. Quando o Palmeiras vai ao ataque, os torcedores desse setor costumam se levantar, assim como na comemoração dos gols ou de revolta e reclamações com a arbitragem – prática essa comum, aliás, em diversas torcidas. É possível ver poucos

palmeirenses em pé continuamente, o que ocorre apenas no fundo da arquibancada, onde não atrapalham a visão dos outros torcedores, e próximos à grade que divide esse setor do Gol Norte. É nessas cadeiras, inclusive, que se enxerga uma espécie de zona mista entre os dois setores, no sentido de que aqueles que estão nas cadeiras centrais incorporam mais as práticas torcedoras comuns na Mancha Verde. Um exemplo ocorreu na final da Copa do Brasil de 2015: vários torcedores próximos à divisória seguravam e balançavam as bexigas distribuídas pelos manchistas no Gol Norte. Por se tratar de uma final, muitos passaram a partida toda em pé, assim como na partida contra o Nacional, em 9 de março de 2016 pela Libertadores, pela fase de grupos, ou no jogo com o Botafogo Futebol Clube pela fase eliminatória da Copa do Brasil do mesmo ano.

É possível, portanto, dizer que uma arena como o Allianz Parque acirra disputas entre estilos de torcer, o que ocorre dentro da própria torcida do Palmeiras, com o objetivo de uns se provarem “mais torcedores” do que os outros. Nesse sentido, o setor Gol Norte representa um cenário em que as contendas entre formas de torcer livres e direcionadas, além de disputas pela pertença, estão em pleno processo de transição, apresentando continuidades e rupturas.

A busca por pertencimento de alguns torcedores também é latente – alguns deles encaram a mudança do estádio para arena multiuso de maneira tão intensa que dizem ter mudado o lugar que ocupavam no Palestra Itália, encontrando no Allianz Parque um novo local para assistirem ao time jogar. Mas, ao mesmo tempo que refutam esse “público de teatro”, apropriam-se de um vocabulário, mesmo que ironicamente, relacionado justamente à concepção de uma arena “elitizada”. Felipe, um ex-manchista de 41 anos que frequenta o Gol Norte e um dos líderes de um dos principais agrupamentos torcedores da Rua Caraibas, sintetiza isso em sua fala: “Eu ficava atrás do gol do placar. Agora com o Gol Norte o problema é que você acaba mudando, né, porque mudou o estádio, é outro estádio. Nós criamos um lugar nosso agora que a gente chama de ‘camarote’, porque a gente fica em pé, ali atrás do anfiteatro”¹⁷⁰.

3.3 Mecanismos de controle: “torcedores exemplares”

Nosso Time Mais Forte

- Cuide bem da sua casa, jogue lixo no lixo;
- Palmeirense veste a camisa do time dentro e fora da Arena, não compre produtos piratas;
- Sorria, você está sendo sempre filmado nas dependências da Arena;
- Não compre ingresso de cambista, não prejudique nosso time;

¹⁷⁰ O anfiteatro é uma área na frente do setor Gol Norte, onde normalmente são instalados os palcos dos shows no Allianz Parque. No Gol Sul não há esse espaço, o que faz com que os torcedores fiquem bem mais próximos do campo.

- Perpetue a imagem de um torcedor exemplar.

As “regras de conduta” acima estão impressas em todas as edições de 2016 do fascículo *Match Day*¹⁷¹, espécie de encarte que o Palmeiras passou a distribuir naquele ano, a partir do jogo com o São Paulo, em 7 de setembro daquele ano. Distribuídos nas catracas de todos os setores do Allianz Parque, com exceção do Gol Norte¹⁷², os folhetos traziam dados estatísticos e históricos sobre o confronto entre os dois times, além da escalação da equipe palmeirense para o certame. Até a última edição de 2016, que tratava do jogo com o Chapecoense pelo Campeonato Brasileiro, a frase “Perpetue a imagem de um torcedor exemplar” constava nas publicações. Já em 2017, os folhetos do Campeonato Brasileiro¹⁷³ e da Copa do Brasil, assim como os dedicados ao Campeonato Paulista de 2018, traziam as seguintes mensagens, menos mandatórias:

Atenção, torcedor!

- Compre ingressos nos postos de venda oficiais. Não financie cambistas.
- Para maior comodidade, retire os ingressos de meia-entrada com antecedência nas bilheterias. Evite filas no dia de jogo.
- Sócio Avanti, aproveite o setor Família Palmeiras do Allianz Parque. Crianças de 0 a 6 anos têm entrada gratuita.
- Linguagem de Libras: um novo jeito de transmitir a emoção dos jogos do Verdão no Allianz Parque.
- Guarde seu ingresso! Ele é o comprovante que garante seus direitos e sai segurança.

Tanto esse “código de comportamento torcedor” quanto o nome ‘*Match Day*’ não são novidades na história do Palmeiras. Em janeiro de 2010, meses antes do estádio fechar para reforma, a instituição lançou uma revista chamada *Match Day – Programa Oficial*, cuja primeira edição tinha o jogador Diego Souza¹⁷⁴ na capa, e que foi distribuída em todos os jogos cujo mando era do clube alviverde. Dentro da edição, em uma das primeiras páginas, estava publicado o seguinte texto:

Quando a família palmeirense está em festa, a experiência no estádio se torna memorável. O jogador se inflama, o time se empolga e a chance de vitória é muito maior. Portanto, faça a sua parte:

- Compre seu ingresso de forma antecipada e/ou pela internet;
- Leve troco, caso vá adquirir a entrada nas bilheterias do Palestra;
- Respeite a fila e mantenha a ordem;
- Cante apenas em prol do time ou de seu ídolo. Evite provocações;

¹⁷¹ Ver imagem na iconografia deste capítulo.

¹⁷² Como frequentei o Gol Norte para realizar a etnografia, contei com a ajuda de outros torcedores para recolher esse material.

¹⁷³ As edições do *Match Day* para o Campeonato Paulista daquele ano mantiveram as mensagens de 2016, com exceção da frase “- Perpetue a imagem de um torcedor exemplar.”

¹⁷⁴ Diego Souza jogou pelo Palmeiras entre 2008 e 2010. Desde 2018 está no São Paulo.

- Esqueça os rojões e sinalizadores. Eles podem provocar acidentes;
- Sente no lugar marcado previsto no ingresso;
- Se consumir alimentos, busque uma lixeira para dispensar papéis e plásticos;
- Quando usar o banheiro, colabore para a higiene do local.

Essa série de deveres do torcedor (TOLEDO, 2000, p. 271) remontam ao Estatuto do Torcedor¹⁷⁵, sancionado em 2003. Trata-se de um conjunto de regras e de direitos compatíveis aos clubes e torcedores em território nacional. Ou seja, não se trata exatamente de um aspecto proveniente das novas arenas multiuso, mas sim de uma intensificação de elementos que já estavam postos em um processo já explorado anteriormente nesta dissertação.

No entanto, a despeito de conteúdos “oficiais”, como o próprio *Match Day*, há, é claro, palmeirenses cujas práticas torcedoras escapam a essas orientações. Refutam ações promovidas¹⁷⁶ pelo clube para a torcida, como a distribuição de pequenas bandeiras e faixas, a depender da importância do jogo, que visem influenciar as formas de torcer. Segundo eles próprios, seus estilos de torcer “não exemplares” servem como resistência ao ambiente da arena, visivelmente mais controlado e vigilante, como as próprias regras descritas acima afirmam. Uma arena como o Allianz Parque, além de dezenas de câmeras por todos os setores, conta com elementos fiscalizadores e orientadores do comportamento torcedor, como telões e placas.

Os telões, posicionados acima dos dois gols, dedicam-se a transmitir os lances das partidas e propagandas diversas, mas também a filmar torcedores, especialmente mulheres e famílias. Torcedores cantando e acenando são cenas comumente exibidas. Além disso, há uma câmera na arena dedicada a captar imagens de acordo com o que demandam as mensagens no telão. Um exemplo é o ato de dar um beijo na própria camisa: antes do início ou nos intervalos das partidas, é exibida uma mensagem no telão, também lida pelo locutor da arena, pedindo para que os torcedores executem tal “orientação”: “Torcedor, se aparecer no telão, beijo o escudo do Verdão e demonstre todo o seu amor pelo Palmeiras!”. Vários torcedores correspondem e são filmados e exibidos para todo o público presente. O mesmo ocorre com a “Câmera do Beijo”, prática comum em jogos de basquete e beisebol nos Estados Unidos, que ganhou espaço nas arenas brasileiras: se a câmera captar um casal de torcedores na arquibancada, eles devem se beijar – o que normalmente é aplaudido pelos presentes.

Em uma perspectiva sociológica, é possível enxergar tais dispositivos como mecanismos de vigilância e de controle de comportamentos e estilos de vivenciar o estádio de

¹⁷⁵ Ver nota de rodapé 107.

¹⁷⁶ Em determinadas efemérides, o Palmeiras distribui alguns itens entre os torcedores, como pequenas bandeiras ou faixas, especialmente em jogos decisivos. No jogo que decidiu o Campeonato Brasileiro de 2016, contra a Chapecoense, foram entregues aos torcedores bandeiras do clube, por exemplo.

futebol. Para além da ideia de disciplina e de panóptico, referenciadas por autores como Mascarenhas e Gaffney (2004) ao descreverem o ambiente das novas arenas, é possível citar o conceito de sociedade de controle de Deleuze. De acordo com o autor, esse seria o estágio posterior ao de sociedade disciplinar pensado por Foucault. Nesse tipo de sociedade, predominam as cifras, que dão o acesso à informação (1992, p.232) e há predomínio de máquinas tais quais os computadores (1992, p.233). Além disso, as massas tornam-se “mercados” e “dados” (1992, p.232), análise que combina com a ideia de um programa de sócio-torcedor como o Avanti, por exemplo, que acaba por transformar a torcida em uma espécie de mercado, ao passo que vincula benefícios a outros atos de consumo.

Ainda sobre os telões, a interação dos palmeirenses via redes sociais, em pleno jogo, também ocorre por meio deles: torcedores postam suas fotos com a *hashtag* #tonoallianzparque para terem suas imagens exibidas, expandindo o torcer para além do que ocorre dentro da arena (TOLEDO, 2016, p.34). Além da exibição de algumas regras – como avisos de não fumar e de que os lugares na arena são todos numerados –, também é comum as imagens exibidas usarem trechos de letras da Mancha Verde – como “Olê Porco” e “Vamos ganhar, Porco” – para incentivar os demais torcedores, o que leva a pensar que ao mesmo tempo que a lógica da arena e as disputas de poder repelem algumas práticas da organizada, elas acabam se apropriando de signos e códigos musicais dessas entidades para darem pertencimento ao espaço.

Por conta do ambiente de vigilância, a intimidação de policiais militares dentro da arena não é incomum. Presenciei policiais retirarem um torcedor porque ele estava pisando no assento em jogo contra o América, em junho de 2016. Também vi esse mesmo tipo de intimidação a fumantes: um rapaz ao meu lado foi levado do local por policiais no intervalo de Palmeiras x Fluminense, em 25 de maio de 2016, porque estava fumando.

Apesar das orientações e da vigilância, o consumo de cigarro e de drogas ocorre com frequência dentro do setor Gol Norte. O uso de maconha é bastante comum¹⁷⁷. Alguns torcedores levam o cigarro pronto dentro da carteira ou meia, por exemplo, outros enrolam a erva na seda ali mesmo, sentados nas cadeiras – o que incomoda outros torcedores. Joaquim e Jânio, que frequentam o 118A são alguns deles: “Esse cara está fumando por ele e por todos

¹⁷⁷ Além de maconha, presenciei o consumo de crack certa vez no Gol Norte, durante partida com a Associação Ferroviária de Esportes pelo Campeonato Paulista de 2016. Três fileiras acima do lugar que eu ocupava, havia dois homens com quatro meninos pequenos, na faixa dos 4 aos 7 anos, todos vestidos com camisas do Palmeiras. Um dos homens deixou o grupo e desceu os degraus, misturando-se entre os manchistas e afastando-se do amigo e das crianças. Assim que chegou no novo assento, ele usou um copo plástico de água para consumir crack, para a surpresa de quem estava ao redor. Ninguém o reprimiu. Quando ele saiu, retornando para o amigo e as crianças, um torcedor da Mancha Verde disse: “Nunca vi isso dentro de estádio... credo. Isso é droga de gambá”, referindo-se ao crack.

nós juntos, baita fumaça de beck na nossa cara”, disse Joaquim durante jogo com o Sport, em maio de 2018, sobre um torcedor na fileira à nossa frente.

Para além das situações já descritas, cabe analisar aqui as práticas torcedoras de um grupo de palmeirenses não organizados – ou seja, que não associados à Mancha Verde ou a qualquer outra entidade do tipo – que observei tanto dentro como fora do Allianz Parque. Os já mencionados torcedores Fábio, Flávio, Guilherme e Érico frequentam os jogos do clube há anos, mas se aproximaram apenas após a inauguração da arena por acreditarem manter o que entendem por “cultura de arquibancada”. Os quatro, somados a outros amigos, costumam assistir às partidas juntos, próximos à grade que separa os setores Gol Norte e Central Leste.

A definição desse termo na concepção desses palmeirenses, tão acionado – e vago – quanto “futebol moderno”, pode ser compreendida por meio de uma publicação artesanal produzida pelos irmãos Flávio e Fábio no decorrer do Brasileirão de 2016. O zine¹⁷⁸ “A Voz do Porco” teve 17 edições em 2016¹⁷⁹ e passou a ser distribuído – e disputado pelos torcedores – em pequena tiragem bancada pela dupla, nos bares da Rua Caraibas antes dos jogos. Basicamente, o zine era composto por uma folha A2 de papel mais resistente, dobrada em quatro partes, e permeada de grafismos e imagens relacionadas ao universo palmeirense, com desenhos e fotos de jogadores e partidas históricas. Além disso, as mensagens deixavam evidente qual o estilo de torcer que os irmãos apreciam. Na edição 12^a, por exemplo, frases como “Caraibas Livre”, “PutaqueoParmera”, “Cachaça, rojão e fumaça” podiam ser lidas sobre fotos dos jogadores palmeirenses Vitor Hugo, Roger Guedes e Zé Roberto, peças importantes do elenco que conquistou o título daquele ano. No número 15, edição que antecedeu o jogo que garantiu o Campeonato Brasileiro de 2016, lia-se: “É hoje, Palmeiras”, “Caraibas em festa” e “A rua é nossa”, junto à foto de um copo de cerveja e um cigarro. Já na 17^a, apareciam frases como “Bora Palmeiras Minha P*****”, “E bebo todas que vier” e “Temer jamais” – esta dando indícios da posição política voltada à esquerda dos irmãos.

De fato, Fábio e Flávio vivenciam as formas de torcer que imprimiram nos zines dentro da arena, o que pode ser observado por duas práticas torcedoras comuns à dupla: subir na grade que divide os setores Gol Norte e Central Leste e prender bandeiras próprias nela, customizando a barreira. Detalharei as duas a seguir.

Quando o Palmeiras marca gols em jogos de grande apelo, como clássicos, partidas eliminatórias ou da Libertadores, é comum ver os irmãos Fábio e Flávio, juntamente a

¹⁷⁸ Zine é a abreviação da palavra fanzine, que pode ser definido como uma publicação customizada, com tiragem baixa, que trata de temas específicos que refletem os interesses de um determinado grupo.

¹⁷⁹ O zine não teve continuidade nos anos subsequentes.

Guilherme, subirem na grade para comemorar, o que é coibido logo na sequência por algum funcionário do Allianz Parque, que aparece exigindo que eles desçam. Entre os torcedores, quem mais costuma subir na divisória é Guilherme – foi possível vê-lo, por exemplo, em cima dela no derby de junho de 2016 e nas quartas de final do Paulista do mesmo ano, contra o São Bernardo, rodando uma camisa do Palmeiras no ar.

O estilo de torcer de Guilherme já lhe causou uma expulsão do Avanti e algumas intimações policiais. Questionado se pretende mudar sua postura, ele é enfático: “Enquanto eu puder entrar, mesmo com Avanti falso que eu tenho, Avanti que não é meu... Eu entro, a polícia me pega sempre, e saio. Mas eu vou continuar indo, até o momento”. Ele completa:

Você amou alguma coisa em algum momento na sua vida você quer manter esse amor para o resto da sua vida aconteça o que acontecer, seja ser expulso do Avanti, seja visto como marginal para a polícia, seja perdendo Avanti porque você não entra numa conduta correta do cidadão e ou da família brasileira... Então assim, eu acho que enquanto a gente existir vai ter resistência, eu não sei como vai ser a geração seguinte... Que são a molecada de hoje, que já está vivendo estas sanções... Tipo, para ele beber e entrar no estádio e subir numa grade é um crime. E não deveria ser, é tipo... É a explosão da alegria, então quando você quer cercear a liberdade e a alegria de alguém, eu acho que o erro não está na pessoa, está no Estado que não consegue identificar um problema social e quer jogar a culpa no cidadão, como sempre.

Segundo Guilherme, manter essas práticas torcedoras faz parte de sua trajetória de vida como palmeirense:

Eu frequento estádio desde noventa e um... Meu pai me levava eu era moleque, eu frequentava, então eu peguei o Parque Antarctica ebulindo, eu chegava na rua, todo mundo bebendo, uma puta festa com sinalizador, fogos, bandeira... Então assim, eu fiquei vivendo durante quase uma década inteira da minha adolescência saindo da Vila Ré, que eu morava na zona leste, até o Palestra, bebendo meu vinho de plástico, cantando dentro do metrô, chegando muito louco no estádio, pulando o jogo inteiro... Então assim, para mim, a minha paixão inicial do Palmeiras estava intrinsecamente ligada a esse estilo de vida.

A prática de pendurar bandeiras na grade também correu em jogos decisivos, como a semifinal da Copa do Brasil contra o Grêmio, em 19 de outubro de 2016, quando Fábio e Guilherme se penduraram nela para amarrar uma bandeira com a mensagem “Dale Porco” e outra com a imagem do ex-jogador palmeirense Tonhão. O mesmo ocorreu no derby pelo primeiro turno do Brasileirão, em 12 de junho daquele ano, quando os torcedores trouxeram uma bandeira com os nomes dos jogadores que marcaram os gols da final do Paulista de 1993 contra o Corinthians. Na ocasião, Fábio conta que policiais e funcionários da arena pediram que eles retirassem os panos dali:

A gente coloca ali na grade e os caras vêm e pede para tirar. Assim, é um absurdo, é uma coisa ridícula sem tamanho. Aí na grade não pode... assim, alguns, “Ah,

atrapalha aqui, não sei o quê...” e de fato na grade fica virado só pra dentro, pra dentro do Gol Norte, então o resto do estádio não vê, o Gol Norte vê, mas daí atrapalha um pouco a visão dependendo do jogo, e aí os caras enchem o saco. Então a gente pensou: para não atrapalhar, a gente comprou ventosinhas com ganchinho de acrílico que a gente colocava no vidro do camarote, as nossas bandeiras tinham ilhoses, a gente pendurava o ilhós nos ganchinhos. Assim, o jeito mais civilizado possível assim... não civilizado, né, mas o jeito mais não danoso possível. Não era bruto, era completamente higienizado e aceitável, entendeu?

Para esses torcedores, a “cultura de arquibancada” seria, portanto, uma maneira de resistir à importação de um modelo de estádio e de futebol que não só o Palmeiras, mas outros clubes brasileiros têm realizado nos últimos anos. Segundo Fábio:

A gente pode pegar o futebol alemão, são arenas moderníssimas, só que é quase que uma mistura do modelo inglês com o argentino. O argentino do torcer e o inglês da segurança, do estádio. Lógico, lá tem outra precificação, lá é uma coisa de sociedade que eles chegaram que pelo menos do que eu leio. Então tem, sei lá, em Dortmund tem o... sei lá, vou inventar números aqui porque eu não lembro, mas se 30% da cidade é de classe média-alta, então você vai precificar 30% dos lugares pensando nesse poder aquisitivo, se 15% é classe média para fazer com que todo... acho que tem outras maneiras de se ganhar, não só econômico, mas também não-econômico. Acho que se pula etapas, você pensando nesse público. “Ah, eu quero então que no Palestra Itália, atual Allianz Parque, só vá pessoas educadas, pessoas que não brigam, pessoas que conseguem se comportar de uma determinada maneira. Um que isso é balela, porque qualquer balada de gente com grana tem briga.

Para justificar seu ponto de vista, Fábio cita um caso que ocorreu em setembro de 2017 no Allianz Parque, mas só veio a público em 2018: durante o confronto com o Santos pelo segundo turno do Campeonato Brasileiro, que ocorreu sob forte chuva, três torcedores entraram com uma ação judicial¹⁸⁰ contra o Palmeiras, o Allianz Parque e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) justamente por terem se molhado durante a partida, o que teria lhes causado “confrangimento” e atrapalhado a experiência de assistir ao jogo na arena. O valor da ação é de R\$ 60 mil reais. Na opinião de Fábio, casos como esse são emblemáticos do tipo de torcedor¹⁸¹ que frequenta a arena:

Não é o poder aquisitivo que vai fazer, e sim uma cultura, que é a cultura do futebol em si que a gente tanto luta contra vários tabus. E aí, outro dia quiseram processar o Palmeiras porque tomaram chuva. Eu acho isso, no fundo, no fundo, maravilhoso. “Olha quem vocês querem, é esse tipo de gente, então agora arque com isso”. Lógico que a gente fica triste por a gente ter uma outra visão, mas é isso. Agora, você acha

¹⁸⁰ Ver a respeito em *Torcedores alegam aguaceiro em cadeiras do Allianz Parque e entram com ação*. UOL Esporte, 7 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2018/02/07/torcedores-alegam-aguaceiro-em-cadeiras-do-allianz-parque-e-entram-com-acao.htm>>. Acesso em 5 de maio de 2018.

¹⁸¹ Ler a respeito em *Palmeiras é vítima do futebol gourmet e de falsos torcedores*. Blog do Menon, 7 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://blogdomenon.blogosfera.uol.com.br/2018/02/07/palmeiras-e-vitima-do-futebol-gourmet-e-de-falsos-torcedores/>> Acesso em 5 de maio de 2018.

ruim que alguém vá processar, porque o discurso é esse: “É um estádio moderno, é um bem de consumo que é para poucos”. Então venha, consumidor. Venha, consumidor, aqui. Então é isso.

Por conta do ambiente da arena, a que chamam de “pasteurizado”, Flávio e Fábio costumam viajar para assistir aos jogos do Palmeiras em outras cidades e estádios, para vivenciarem ambientes que consideram mais “democráticos” e “livres”. É o caso das partidas do campeonato estadual, em que rumam para as cidades do interior paulista.

Já Érico, o torcedor que já conseguiu adentrar o Allianz Parque sem cartão Avanti próprio ou emprestado, associa seu estilo de torcer e o dos companheiros a práticas mais tradicionais, afirmando que estas não cabem mais em uma arena como o Allianz Parque: “A gente gosta de chegar no estádio e fazer festa, acender fumaça. É um pisca-pisca que não vai prejudicar ninguém... e mesmo assim estão tentando reprimir a gente de qualquer jeito”, diz. Segundo ele:

Ninguém vai na Piazza Navona lá em Roma e coloca uma estrutura de metal para ficar moderno. O que é história tem que ser preservado, e por isso eu acho que foi um crime o que fizeram aqui com o Palmeiras. Tudo passa por isso, por que que as pessoas se incomodam com um cara na grade? Porque esse não é um comportamento adequado para uma arena onde o ingresso é cem, duzentos reais. Então tudo passa pela elitização – isso acabou unindo a gente.

Érico, Fábio, Flávio e Guilherme afirmam preferir ver o Palmeiras no Pacaembu ao Allianz Parque, porque sentem-se “mais à vontade”. Uma análise possível para essa preferência decorre da nostalgia que os quatro sentem em relação às experiências vividas no Palestra Itália, estádio que consideram mais democrático tanto em relação à estrutura interna quanto aos preços dos ingressos, como será detalhado no subitem subsequente.

3.4 O Pacaembu e a emulação do “velho Palestra”

Jogar no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, campo onde o Palmeiras atuou durante a reforma do Palestra Itália¹⁸² – ou seja, no período em que time e torcida ficaram “desalojados” antes da inauguração do Allianz Parque –, é algo que ocorre com mais frequência do que se espera de um clube com “casa própria”. Mandar o jogo no estádio municipal decorre, hoje em dia, de questões contratuais já explicadas anteriormente entre o Palmeiras e a W Torre. Durante a pesquisa de campo, fui a oito jogos realizados no Pacaembu

¹⁸² Além do Pacaembu, nesse período o clube também mandou seus jogos em campos como a Arena Barueri e o Estádio Doutor Osvaldo Teixeira Duarte, o Canindé.

com o objetivo de observar possíveis diferenças entre as práticas torcedoras vivenciadas ali e na nova arena ao mesmo tempo, já que o time voltava a atuar ali depois de reabrir sua “casa”.

É preciso dizer, porém, que a importância do estádio municipal na história do clube é bem maior do que apenas ter sido palco de certames enquanto o Allianz Parque não estava apto a receber campeonatos (e eventos). Inaugurado em 1940, o Pacaembu é o segundo estádio¹⁸³ onde o Palmeiras mais venceu partidas e, conseqüentemente, o segundo onde mais marcou gols¹⁸⁴ – o time inclusive venceu o primeiro torneio ali disputado, chegando a 13 títulos oficiais conquistados naquela praça esportiva¹⁸⁵. Foi no Pacaembu que a equipe venceu os campeonatos Paulistas de 1940, 1942, 1944, 1950, 1959, 1963 e 1972. Em 1942, a vitória ficou marcada pela Arrancada Heroica, marco na história do time. Também conquistou lá o Campeonato Brasileiro em três anos: 1960, 1967¹⁸⁶ e 1994.

Assim, é possível dizer, partindo de uma perspectiva histórica, que jogar no Pacaembu é, para o clube, jogar em sua segunda casa¹⁸⁷. Trata-se de um sentido que ultrapassa o fato de ser o mandante da partida. Contudo, vale a pena mencionar que cada torcida tenta se apropriar do Pacaembu para si, o que não ocorre somente com o Palmeiras. Além de ser um estádio histórico, que faz parte da trajetória do futebol na cidade de São Paulo e, conseqüentemente, dos clubes paulistas, o campo municipal foi a “casa”, por décadas, do Corinthians. A relação entre o clube alvinegro e o estádio foi tema de mestrado de Bocchi (2016), que enfatiza os efeitos que a mudança para a Arena Corinthians teve nos trajetos e nas formas de torcer dos sujeitos por ele observados.

Além do olhar histórico, sob um olhar antropológico é associar as arquibancadas de cimento do estádio municipal a uma certa nostalgia do Parque Antarctica ou Palestra Itália também é plausível, uma vez que os próprios torcedores fazem essa associação em seus discursos, afirmando que no municipal eles sentem mais “livres” para torcer.

¹⁸³ O Morumbi também faz parte da história do Palmeiras. Apesar de pertencer ao São Paulo, foi palco de conquistas alviverdes como o Paulista de 1993 e os Brasileiros de 1972 e 1973.

¹⁸⁴ O primeiro, como não poderia deixar de ser, é o Palestra Itália. Os dados são do próprio Palmeiras. Ler a respeito em *Maior campeão da história do Pacaembu, Verdão volta à sua segunda casa*. Sociedade Esportiva Palmeiras – Site Oficial, 18 de setembro de 2015. Disponível em:

<<http://www.palmeiras.com.br/noticias/id/36464>>. Acesso em 2 de junho de 2018.

¹⁸⁵ Tal marca faz do Palmeiras o clube que mais conquistou troféus no municipal. Ver a respeito em *Ex-casa do Corinthians, Pacaembu viu mais conquistas do Palmeiras*. Folha de S. Paulo, 27 de abril de 2015. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/04/1621507-apesar-de-identificacao-com-rival-pacaembu-viu-mais-tacas-do-palmeiras.shtml>>. Acesso em 2 de junho de 2018.

¹⁸⁶ Como já mencionado, a CBF unificou os títulos brasileiros.

¹⁸⁷ Tal ideia também pode ser aplicada a outros clubes paulistas, que também mandam seus jogos no Pacaembu, como ocorre com o Santos e também com o Corinthians, que mandava seus jogos no estádio de maneira contínua antes da inauguração da arena, em 2014.

O torcedor Guilherme, que mesmo expulso do Avanti frequenta os jogos no Allianz Parque e no Pacaembu, afirma que tinha mais facilidade em entrar com bebidas alcoólicas – o que é proibido pela legislação estadual – no municipal. Assim como os irmãos Flávio e Fábio, ele também se refere à arena como Palestra Itália:

No Pacaembu a gente tinha ainda até que uma certa liberdade comparada ao que a gente tem hoje. Hoje você chega no Palestra Itália e... eu entro com bebida escondida, lógico, evidente. Mas é questão de um minuto e chega o Batalhão de Choque para me pegar, dentro do estádio. E esse negócio de entrar com bebida dentro do estádio sempre aconteceu... A gente sempre entrava, entrava com garrafa de vidro, entrava com garrafa de cachaça, sempre.

A “liberdade” que Guilherme diz sentir nos jogos no municipal também é percebida por outros torcedores. Flávio, um torcedor bastante crítico às arenas e ao aspecto mercadológico do futebol, tem opinião semelhante. Ele passou a acompanhar o Palmeiras com mais frequência quando os jogos ocorriam no Pacaembu, pois morava em outro estado. Quando perguntado sobre qual era a sua relação com o estádio, ele contou um episódio que vivenciou em 2012, durante uma partida com o Atlético Goianiense em 25 de novembro daquele ano. Àquela altura do Campeonato Brasileiro, ambos já estavam rebaixados. Sob uma tarde chuvosa¹⁸⁸, o Palmeiras perdeu para o time goiano por 2x1, em uma derrota testemunhada por apenas 4.244 torcedores:

Lá no Pacaembu, na Arquibancada Verde tem as escadinhas ali, né, que você chega por baixo. Aí está lá um ambulante, sentado na escada, de costas para escada que dá acesso para o campo assim. Sentado de costas ali, comendo uma marmita. E com o cesto de salgadinho e as coisas dele ali do lado. O cara mandando uma marmita ali. E aquilo para mim disse muito, porque hoje isso não existe. Você olha no... quer dizer, em alguns estádios no Brasil existe, mas nas arenas não existe. Em São Paulo não existe. No Morumbi não sei, mas no Palestra não existe. E eu achei aquilo genuíno. É isso, o cara está no rolê, o cara está ali no trabalho dele, no bico, e o cara vai parar para almoçar. Ele não vai... o cara teve fome, ele saiu sei lá de onde, que horas, com uma marmita ali e o cara parou. E eu lembro que eu virei e falei assim: “Na Copa, durante o intervalo ou no começo do segundo tempo, o ambulante...”, não era ambulante, lá é o vendedor, né. “O vendedor não vai poder comer a marmita dele sentado na escada de costa para o campo porque não é recomendado pela FIFA”.

Flávio, que diz preferir o Pacaembu à arena, afirma que os públicos dos dois campos são diferentes, já que aqueles que frequentavam o estádio municipal em situações como a descrita anteriormente – sob chuva, com o time já na segunda divisão antes do fim do campeonato – são torcedores mais leais, que “vão sempre”, pois a experiência de ir ao Allianz

¹⁸⁸ Ver a respeito em *Garotos do Palmeiras perdem para o Atlético-GO, que sai da lanterna*. Globo Esporte, 25 de novembro de 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/jogo/brasileirao2012/25-11-2012/palmeiras-atletico-go.html>>. Acesso em 2 de junho de 2018.

Parque seria mais prazerosa para esse outro perfil de torcedor: “Está cheio dessa galera lá, porque agora é legal ir no estádio. Tem alguns que não vão sempre, mas ainda tem, né? Mas aqui no Pacaembu não ia”.

O discurso afetivo e nostálgico de Flávio encontra consonância na fala de outros torcedores, mesmo que de forma menos romântica. Laercio e Daniel, os palmeirenses com quem acompanhei a maior parte dos jogos no Allianz Parque, se conheceram no municipal. Laercio começou a acompanhar os jogos do Palmeiras mais assiduamente justamente em 2013, quando o Palestra Itália estava em obras:

No Pacaembu foi uma frequência grande, fui em todos mesmo. Mas lá é um outro tipo de torcedor também, creio que pelo preço do ingresso, né?! É, você vê uma diferença, é, da torcida. Dos próprios frequentadores, acho que na parte aquisitiva. Porque se tornou um pouco mais caro para você frequentar o estádio, apesar do plano, né, e muita gente não pode pagar.

Laercio diz ter frequentado o Tobogã¹⁸⁹, setor do estádio atrás do gol e onde os ingressos são mais baratos, durante alguns anos. Hoje prefere ver o jogo da Arquibancada Amarela¹⁹⁰, próximo do local onde ficam as torcidas organizadas – assim como no Gol Norte, setor que frequenta no Allianz Parque. Ele justifica sua preferência da seguinte forma: “Eu na verdade prefiro esses setores em que o pessoal canta, eu me sinto melhor de estar onde tem canto, onde você extravasa ali. Então assim, eu fico mais nesses setores populares mesmo. É por gosto”.

A diferença entre o “tipo de torcedor” da fala de Laercio pode ser interpretada por dois fatores relacionados ao acesso ao estádio. Nos jogos no Pacaembu, o sócio-torcedor Avanti também tem prioridade na pré-venda, da mesma forma que ocorre no Allianz Parque¹⁹¹. Um associado que tenha cinco estrelas e plano Ouro, por exemplo, consegue ingressos gratuitos para o Tobogã e para as Arquibancadas Verde/Amarela. No entanto, os ingressos normalmente são mais baratos, o que motiva os associados de *rating* baixo a comparecerem, uma vez que o

¹⁸⁹ O formato do Tobogã, como o próprio nome diz, lembra um grande escorregador. Inaugurado na década de 1970, após a demolição da Concha Acústica que fazia parte do estádio e recebia concertos de música clássica, o setor tem capacidade para cerca de 10 mil pessoas. Atualmente, no entanto, é o Tobogã que está sob risco de ser derrubado desde que a prefeitura de São Paulo decidiu repassar a administração do Pacaembu para a iniciativa privada. Ler a respeito em *Conpresp libera cobertura e demolição do tobogã no Pacaembu ‘privado’*. G1, 6 de setembro de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/conpresp-libera-cobertura-e-demolicao-do-toboga-no-pacaembu-privado.ghtml>>. Acesso em 4 de junho de 2018.

¹⁹⁰ Atualmente, o Pacaembu é dividido nos seguintes setores: arquibancada amarela; arquibancada verde; cadeira especial laranja; setor laranja família; setor laranja visitante; numerada setor azul; numerada setor manga e tobogã (dividido em lado par e ímpar). Ver a respeito em *Setores do Estádio do Pacaembu*. Site Oficial do Estádio do Pacaembu. Disponível em: <<https://www.estadiodopacaembu.com.br/setores-do-estadio-do-pacaembu/>>. Acesso em 4 de junho de 2018.

¹⁹¹ No geral, o procedimento do Avanti é o mesmo no Pacaembu e na arena: as vendas de ingresso abrem em fases, dando prioridade para os torcedores mais assíduos.

valor extra a ser desembolsado, caso o plano e a frequência não permitam adquirir um ingresso gratuitamente, é menor do que na arena.

Em abril de 2016, por exemplo, um ingresso para o Tobogã para uma partida com o Corinthians pelo Campeonato Paulista custava R\$ 40 e a Arquibancada Verde/Amarela¹⁹², R\$ 50. Usualmente, esses são os setores de preço mais baixo dos jogos do Palmeiras no Pacaembu. A título de comparação, os valores para se ver um jogo com o Santos¹⁹³ pelo mesmo torneio daquele mesmo ano e também pela fase de grupos, eram de R\$ 80 no Gol Norte e R\$ 110 no Superior, ambos os assentos de menor custo para os torcedores. É, como mostram os valores, o dobro do preço. O mesmo vale para as partidas do Campeonato Brasileiro: ingressos para o confronto com o Grêmio, realizado no dia 2 de junho de 2016 pela quinta rodada, teve os mesmos preços do derby realizado no municipal dois meses antes. Pela sétima rodada, quando o Palmeiras voltou a atuar em casa naquele campeonato, mas no Allianz Parque e contra o Corinthians, os preços repetiram os valores do já citado jogo com o Santos¹⁹⁴. O ingresso mais barato, no Gol Norte, custava R\$ 100.

O segundo fator está em uma diferença fundamental entre o estádio e a arena no que tange ao acesso do torcedor: por pertencer à prefeitura, vigora no Pacaembu a legislação que dá gratuidade para crianças¹⁹⁵ de 05 a 12 anos (incompletos), assim como para adultos com idade igual ou superior a 60 anos, mediante a apresentação de documento original. No Allianz Parque, existe gratuidade desde março de 2017 apenas para crianças de 0 a 6 anos de famílias com

¹⁹² As duas arquibancadas ficam uma ao lado da outra, sem barreiras entre elas, o que significa que o torcedor pode adquirir um ingresso para a Verde e, se assim preferir, migrar para a Amarela.

¹⁹³ Tal partida ocorreu no dia 20 de fevereiro.

¹⁹⁴ Clássico da saudade é o nome que se dá para os jogos entre Palmeiras e Santos, assim como derby caracteriza o confronto entre Palmeiras e Corinthians.

¹⁹⁵ Por conta da gratuidade no Pacaembu, o garoto Adyson, de 8 anos, conseguiu ir sozinho ao jogo contra o Internacional, no dia 22 de abril de 2018. A história do menino foi divulgada por um torcedor no Twitter e acabou pautando a imprensa esportiva. Adson vive com a mãe e o irmão na Ocupação Mauá, no centro de São Paulo. Ver a respeito em *Conheça o torcedor mirim que fugiu de casa para ver o Palmeiras no Pacaembu*. Globo Esporte, 5 de maio de 2018. Disponível em:

<<https://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/conheca-o-torcedor-mirim-que-fugiu-de-casa-para-ver-o-palmeiras-no-pacaembu.ghtml>>. Acesso em 2 de junho de 2018.

sócios Avanti¹⁹⁶ no setor Família Palmeiras¹⁹⁷, que ocupa um pedaço setor Gol Sul. Antes disso, eram cobrados ingressos de crianças de todas as idades – incluindo bebês de colo¹⁹⁸.

Dessa maneira, os jogos no Pacaembu têm mais crianças e idosos em seu público. É mais fácil ver uma família inteira no municipal do que no Allianz Parque. Antes do jogo com o Grêmio no dia 1 de julho de 2017, conheci Josias, que estava acompanhado da esposa Alessandra, dos filhos Claudio e Tamires e dos netos Beatriz e Vinicius, de 6 e 3 anos respectivamente, filhos de Claudio. Sentado em uma das muretas da Praça Charles Miller, ele contou que tinha ido ao Allianz Parque pela primeira vez três dias antes, para ver Palmeiras x Cruzeiro pela Copa do Brasil:

Achei bonito, diferente do que era antigamente. Sou macaco velho de estádio, já segui o Palmeiras por tudo quanto é canto aí. Hoje prefiro ver na TV. Venho só por causa das crianças. Mas já fui para Ribeirão, Campinas. Isso foi na época que o Sergio era goleiro, lembra dele? Até encontrei ele na praça de Ribeirão. Evair também era da minha época.

Na família, apenas Claudio e Tamires são sócios Avanti. Tamires, que cuidava dos sobrinhos enquanto Claudio tentava garantir a gratuidade na entrada dos filhos na bilheteria, entrou na conversa:

Sem Avanti não dá para ir. Não dá. É muito caro. Não dá para pagar todo jogo. Na verdade, a gente está tendo que pagar todo jogo mesmo sendo sócio, porque a gente é Ouro mas é terceira pré-venda, então quando chega na gente não tem mais Gol Norte nem Superior Norte. Aí a gente pega o Gol Sul. Aí pago 30 contos, mas já paguei a mensalidade, né?

Além da família de Josias, nesse mesmo jogo conheci o manchista Gilberto e seus dois filhos: uma menina de 11 anos, em sua primeira visita a um estádio de futebol, e um menino de 7. Os três estavam sentados na Arquibancada Amarela, próximos à Mancha Verde, esperando a partida começar. Gilberto afirma que visitou a arena palmeirense “duas ou três vezes”, mas sem pagar ingresso – ele emprestou a carteirinha de sócio-torcedor de terceiros. “Nas antigas

¹⁹⁶ Há a possibilidade para os sócios Avanti incluírem em seus planos alguns dependentes, mas o procedimento acarreta em aumento da mensalidade.

¹⁹⁷ Para reservar o ingresso, o titular do plano Avanti deve selecionar um assento no setor durante a pré-venda. A criança, como acompanhante, não paga o ingresso. Ler a respeito em *Palmeiras cria setor 'família' com gratuidade para crianças*. UOL Esporte, 3 de março de 2017. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/03/03/palmeiras-cria-setor-familia-com-gratuidade-para-criancas.htm>>. Acesso em 2 de junho de 2018.

¹⁹⁸ Ler a respeito em *Avanti cobra ingresso de Maria Eduarda. Ela tem seis meses*. Blog do Menon – UOL Esporte, 28 de maio de 2015. Disponível em: <<https://blogdomenon.blogosfera.uol.com.br/2015/05/28/avanti-cobra-ingresso-de-maria-eduarda-ela-tem-seis-meses/>>. Acesso em 2 de junho de 2018.

eu ia, Palestra, Morumbi, Campinas. Acho o Allianz legal, mas prefiro o Pacaembu. E lá é chato ter que pagar bem mais caro, né? E não posso levar meus filhos, porque nem tenho Avanti”. Naquela tarde, no Pacaembu, Gilberto tinha entrado no estádio novamente com o cartão de um amigo, além de ter garantido o ingresso gratuito dos filhos – ou seja, a ida ao jogo do Palmeiras para a família não foi custosa. “Pode ver aí em volta, todo casal tem criança. E o Allianz, que é do Palmeiras, não dá essa oportunidade”, reclamou Gilberto.

O termo “das antigas” também é acionado por Felipe, um palmeirense que integra um dos agrupamentos torcedores que realizam churrascos antes dos jogos na Rua Caraibas. Para ele, ex-manchista, é bom retornar ao Pacaembu justamente para viver uma espécie de “volta ao passado”: “O Pacaembu está daquele mesmo jeito, né?! Eles colocaram só aquele banquinho na arquibancada, mas aquele negócio duro, sabe, um cimento mesmo, está ali”. Para ele:

O Pacaembu é histórico, cara. Eu sou das antigas... o Pacaembu não é do Corinthians, né, o Corinthians é o time que mais jogou lá, o Pacaembu é público e o time que mais ganhou títulos lá é o Palmeiras. O Pacaembu, com relação à localização, a visualização do estádio, ele tem um charme paulistano que é uma coisa, eu não sei te explicar. É o lugar que a gente faz churrasco, que em frente o Pão de Açúcar, tem toda uma estrutura, até uma banquinha, banheiro, tudo, banheiro mesmo, então é uma coisa que ficou, é charmoso, toda vez que, obrigado os shows que tem aqui, a gente vem para não esquecer, né?!

A ideia de que “os tempos mudaram”, expressa na fala de Josias e Gilberto, também pode ser interpretada à luz da infraestrutura do municipal e do Allianz Parque. Isto porque, em termos de edificação, as diferenças entre Allianz Parque e Pacaembu¹⁹⁹ são visualmente óbvias. Tanto o Tobogã quanto as arquibancadas do Pacaembu permitem, além de preços mais acessíveis, mais mobilidade para os torcedores quando se trata de uma perspectiva arquitetônica, o que propicia mais espaço para as práticas torcedoras que envolvem especialmente corporalidades. No municipal, considerando os setores citados, os largos degraus e fileiras de concreto têm números pintados mas que não funcionam como lugares marcados, já que não há cadeiras. Por conta disso, é possível ver mais de uma pessoa em um lugar que tecnicamente seria destinado a uma apenas. É recorrente ver dois torcedores, um atrás do outro, no mesmo degrau, em pé ou sentados. Da mesma forma, ambulantes circulam com mais facilidade pelas fileiras, tarefa quase ingrata no Allianz parque por conta do estreito espaço entre os assentos fixos.

¹⁹⁹ A arquitetura antiga do Pacaembu pode ser apreciada nas imagens de Thomaz Farkas (1924-2011), fotógrafo húngaro radicado no Brasil. Ver a respeito em: FARKAS, T. *Thomaz Farkas, Pacaembu*. São Paulo, DBA Artes Gráficas, 2008.

A espacialização traz diferenças para a performance torcedora²⁰⁰, especialmente dos manchistas que ocupam a Arquibancada Amarela. Ao cantarem o hino do clube, em performance já descrita, a falta de assentos fixos no Pacaembu permite que a dança flua melhor, com corporalidades mais livres. Além disso, há espaço para os instrumentos musicais, o que facilita as práticas torcedoras manchistas. É o que relata Gilberto:

Eu gosto do Pacaembu porque eu fico mais à vontade. É das antigas, né? Igual ao Parque Antarctica. Não tinha cadeira, era bem melhor. Meu negócio é arquibancada mesmo, normal. Cimento. Dá para pular, dá para se divertir, tipo assim: pula para um lado, pula para o outro. Lá não, por causa das cadeiras, eu acho chato. Sou palmeirense, mas eu gosto mesmo é do Pacaembu.

No derby pelo Campeonato Paulista, realizado em 3 de abril de 2016, tal liberdade que a falta de cadeiras proporciona às práticas torcedoras ficou ainda mais evidente. Por se tratar daquele que é considerado o maior clássico para os palmeirenses, a atmosfera de tensão e êxtase é frequente nesses confrontos. Naquela tarde, porém ganhava outros contornos: o Palmeiras precisava do resultado positivo para ter chances de classificação para a fase eliminatória. Havia muitos torcedores em pé nas marquises, escadas e grades divisórias entre as arquibancadas e as cadeiras centrais – pelo menos três garotos pularam do setor laranja para a Arquibancada Amarela, sem serem interceptados. Apesar de terem pagado mais caro no ingresso naquele setor, preferiram assistir ao jogo próximo da Mancha Verde.

Com cânticos entoados densamente e repletos de ofensas aos torcedores corintianos, o clima enervado impulsionava a performance dos torcedores, o que se intensificou em meio a gritos, cantos e gestualidades durante a sequência de lances no segundo tempo que definiu o clássico: uma defesa de pênalti e um gol em um intervalo de dois minutos. Após segurar nas mãos a cobrança do atacante Lucca, o goleio palmeirense Fernando Prass ainda comemorava o feito, assim como os palmeirenses, quando o atacante Dudu, em um contra-ataque, marcou de cabeça. A comemoração expressiva da torcida nas arquibancadas do Pacaembu podia ser vista pelos torcedores que corriam de um lado para o outro nas marquises do estádio, tentando driblar aqueles que se ajoelhavam no chão, ainda “rezando” pela defesa do pênalti.

Vale lembrar que a arquitetura do Pacaembu também conta com o alambrado, local escolhido por muitos palmeirenses que preferem assistir ao jogo no nível do campo, agarrados à grade, tanto nas arquibancadas como nas cadeiras laranjas, que ocupam um dos setores

²⁰⁰ Para uma análise das formas de torcer no Pacaembu da torcida corintiana, ver Bocchi (2016).

centrais do estádio²⁰¹. No dia 31 de março de 2016, no jogo com o Rio Claro Futebol Clube pelo torneio estadual, muitos torcedores optaram pelo o alambrado. Isto porque, naquela noite, a partida tinha um clima tenso: após uma péssima campanha na primeira fase do Campeonato Paulista, o clube precisava vencer, sob risco de rebaixamento. A cada chance de gol desperdiçada, muitos palavrões e gritos. Quando o Palmeiras marcou seu primeiro gol – o placar foi de 3x0 –, a comemoração foi grande: torcedores jogaram-se na grade, balançando-a, ajoelharam-se e, principalmente, correram, o que é possível pois existe um grande espaço entre o alambrado e as escadas para as arquibancadas.

Essa atmosfera mais democrática do Pacaembu evocada por alguns torcedores, por conta dos preços dos ingressos e pelo que pode ser performado durante o jogo, pode ser pensada também na dimensão dos arredores do estádio. O Pacaembu localiza-se na Praça Charles Miller, uma grande área de espraçamento na frente de sua entrada principal, espaço utilizado nos dias úteis e fins de semana para feiras, corridas esportivas e eventos diversos. Em dias de jogos de futebol, é ali que os torcedores se reúnem, marcam encontros e tocam músicas – caso dos torcedores organizados da Mancha Verde e da T.U.P., que levam seus instrumentos e bandeirões para performances na praça, de forma semelhante à observada nas ruas do entorno do Allianz Parque. Além disso, há diversas barracas de lanche (autorizadas pela prefeitura) espalhadas pelo espaço, bem como uma grande quantidade de vendedores ambulantes (comercializando cerveja, churrasco, camisas, bandeiras e bonés) que conseguem circular com mais facilidade do que na área externa da arena palmeirense, nos últimos meses. Isto porque no Pacaembu não há cercamento das vias ou checagem de ingressos para frequentar determinadas ruas, como ocorre no Allianz Parque desde outubro de 2016.

É preciso ressaltar que a transferência de partidas para o Pacaembu não agrada a todos os palmeirenses – muitos reclamam de não jogar “em casa”. A partida com o Grêmio, em junho de 2016, ocorreu sob um temporal, o que fez com que muitos torcedores se abrigassem embaixo das escadas do Tobogã. No intervalo, ao também buscar proteção da chuva, ouvi uma conversa entre dois torcedores que estavam na fila para o banheiro: “Essa m**** desse estádio não tem teto, a gente paga o Allianz e vem aqui tomar chuva nessa b*****”. O outro rapaz respondeu: “Hoje tá f*** mesmo, esse jogo tinha que ser no Allianz”. Outros torcedores lamentam a

²⁰¹ É possível olhar para o Pacaembu como um estádio que, em alguma medida, também foi “arenizado”, no sentido de que sucessivas reformas modificaram profundamente sua arquitetura no decorrer dos anos. Atualmente, existe um processo para transformá-lo também em uma arena multiuso. Ver a respeito em *Fim do Tobogã, cobertura e até hotel e surfe: o que empresas interessadas pensam para o Pacaembu*. ESPN, 11 de agosto de 2017. Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/717774_fim-do-toboga-cobertura-e-ate-hotel-e-surfe-o-que-empresas-interessadas-pensam-para-o-pacaembu>. Acesso em 4 de maio de 2018.

mudança de campo, mas entendem que o clube lucra financeiramente com os eventos no Allianz Parque, como ouvi de dois rapazes na Arquibancada Amarela no intervalo da partida com o São Bento, em 4 de fevereiro de 2016. Abaixo, um trecho do meu caderno de campo:

Ao meu lado tinham dois caras com quem conversei um pouco. Comentamos sobre a troca de grama do Allianz e um deles disse “são aqueles shows que f**** o nosso gramado, uma m****, mas pelo menos tem grana”. Há essa sensação de que os eventos “desalojam” o time, mas são bons por trazerem mais dinheiro para o clube.

Os dados coletados nessas incursões a campo tornam possível dizer que, por ainda conservar arquibancadas semelhantes às que integravam a estrutura do Palestra Itália – e que ainda sobrevivem por baixo da estrutura do Allianz Parque, por conta do contrato de reforma da obra, e não de demolição –, visitar o Pacaembu ganha uma espécie de aura memorial para alguns torcedores do Palmeiras, que se sentem mais “confortáveis” no espaço do municipal, mesmo que a arena multiuso tenha, como um dos seus principais valores, o conforto.

3.5 Iconografia

Figura 17: Palmeiras x Chapecoense, 27.11.2016. Telão da arena “apropria-se” das músicas cantadas pela Mancha Verde. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 18: Palmeiras x Grêmio, 19.10.2016. Torcedores do Gol Norte em cima das cadeiras. Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 19: Palmeiras x Santos, 12.07.2016. Torcedores do Gol Norte comemoram gol do Palmeiras subindo na grade que separa a Central. Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 20: Palmeiras x Santos, 12.07.2016. Torcedor do Gol Norte vê o jogo na escada e com os pés nas barras. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 21: Palmeiras x Santos, 20.02.2016. Chegada dos instrumentos na arquibancada antes da proibição. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 22: Palmeiras x River Plate (URU), 14.04.2016. Mancha Verde acende sinalizadores. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 23: Palmeiras x Atlético-MG, 24.07.2016. Placas posicionadas em frente à Mancha Verde: “Palmeirense, não prejudique o Palmeiras. Identifique o infrator” e “Não acenda sinalizadores”. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 24: Match Day. Encarte produzido e distribuído pelo Palmeiras em 2016 e 2017. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 25: Match Day. Encarte produzido e distribuído pelo Palmeiras em 2016 e 2017. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 26: A Voz do Porco. Zine produzido e distribuído pelos irmãos Fábio e Flávio em 2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 27: A Voz do Porco. Zine produzido e distribuído pelos irmãos Fábio e Flávio em 2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 28: Sinalizadores acesos em 18.04.2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli).

Figura 29: Placa com regras para torcedores voltada para o setor Gol Norte em 22.03.2017. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 30: Torcedores ocupando a arquibancada amarela do Pacaembu em 07.04.2017. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 31: Torcedores no alambrado do Pacaembu em 07.04.2017. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

4. “Fora” da arena: a rua

A rua é uma categoria sociológica e antropológica bastante explorada nos estudos urbanos. Segundo Frehse, “já se vão décadas desde que a rua no Brasil foi cenário essencialmente empírico de investigação das ciências sociais: um espaço a ser, quando muito, descrito” (2016, p.198). São diversos os autores que exploraram diferentes perspectivas que, segundo a análise da autora, podem ser agrupadas em quatro “associações interpretativas, quanto ao vínculo entre regras de convivência social e rua” (FREHSE, 2016, p.202): rua como espaço de desigualdade social; rua como espaço de criatividade; rua como espaço de oscilação entre a casa e a própria rua e, por fim, rua como espaço de vínculos sociais e resistência (FREHSE, 2016, p.202).

É possível pensar a dinâmica relacional entre casa e rua para além do que autores como DaMatta propuseram ao pensar no espaço doméstico e no espaço urbano. Segundo o autor:

Quando digo então que “casa” e “rua” são categorias sociológicas para os brasileiros, estou afirmando que, entre nós, estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (1997, p.12).

O futebol permite que pensemos no estádio como a casa de um time e sua torcida, como já discutido no capítulo anterior. Nesse sentido, as ruas do entorno do Allianz Parque emergem como um ambiente etnograficamente rico, uma vez que são constantemente apropriadas por diferentes formas de torcer.

Identifica-se, portanto, nos arredores da arena alviverde – mais especificamente o trecho da Rua Palestra Itália que cruza com as ruas Caraibas e Diana – um pedaço²⁰² regido pelo clubismo e permeado por práticas torcedoras de palmeirenses organizados e não organizados. Tal categoria, segundo Magnani, pode ser acionada para definir uma área “quando o espaço – ou um segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações” (1996, p.13).

²⁰² Aplico a categoria “pedaço” e “mancha” nesta dissertação apenas como recurso de análise a ser problematizado e não com o objetivo de estabilizar o uso do espaço urbano, uma vez que os dados etnográficos colhidos no decorrer da pesquisa apontam na direção da transitoriedade das práticas e não no engessamento de modelos explicativos.

O pedaço indica pertencimento, estabelecido por “determinadas regras de lealdade que funcionam também como proteção” (MAGNANI, 1996, p.13) que devem ser cumpridas.

Assim, os usos da rua que os torcedores fazem caracterizam formas de torcer, mas também de fazer a cidade (AGIER, 2011, p.91). Observar as relações entre torcedores, bem como seus modos de apropriação do espaço urbano, é relevante para compreender, por exemplo, até que ponto a rua dá a eles uma permissividade *a priori* – permissividade esta vetada pelo ambiente da arena. É possível vivenciar nela o que torcedores como Guilherme, Érico, Fábio e Flávio chamam de “cultura de arquibancada”?

Neste capítulo, descrevo estilos de torcer empiricamente observáveis nas ruas que circundam o Allianz Parque com o objetivo de expandir a discussão sobre os efeitos das novas arenas para uma dimensão que vai além de suas estruturas físicas. Assim, as situações observadas mostram que o as práticas torcedoras “do” Allianz Parque podem ser interpretadas, na realidade, como práticas “no” Allianz Parque se compreendermos que a arena palmeirense não se limita a si mesma, mas expande-se simbólica e materialmente para as ruas. O fluxo de práticas torcedoras entre a arena e o entorno – entre a casa e a rua – extrapola os limites do que geralmente entendemos por “dentro” e “fora” de um campo de futebol, e o caso do Palmeiras é profícuo em dados etnográficos que revelam esse trânsito de estilos de torcer, que se retroalimentam por meio das situações vivenciadas pelas torcidas organizadas, agrupamentos torcedores e nos bares da região, que elucidarei a seguir.

4.1 Microterritórios: as ruas das torcidas organizadas

A rua é o espaço dos perigos, das interdições e da negociação para aqueles que vivenciam o papel de torcedores de futebol ou torcedores organizados. Uma primeira recomendação feita para aqueles que se tornam sócios das Torcidas Organizadas, precaução que também tem se generalizado entre torcedores comuns, consiste no cuidado com a camisa da torcida ou time preferido pois, como afirmam os torcedores, em dia de jogos não se pode ficar marcando bobeira com a camisa por aí sozinho (TOLEDO, 1996, p.73).

As torcidas organizadas têm suas próprias territorialidades, conforme demonstram autores como Toledo (1996) e Hollanda (2015)²⁰³. Tais territorialidades extrapolam a materialidade de suas sedes e sub-sedes espalhadas pelos bairros das cidades, uma vez que esses grupos precisam se deslocar por ela em dias de jogo, difundindo pelo espaço urbano práticas

²⁰³ O documentário “Territórios do Torcer” (28 min, 2015), cujo autor ajudou a dirigir, trata do tema. Referência: TERRITÓRIOS DO TORCER. Direção: Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Thaís Blank, Isabella Jannotti. Brasil. Museu do Futebol, CPDOC, 2015. HD.

torcedoras diversas até que cheguem aos estádios. Nesse sentido, os trajetos (MAGNANI, 1992, p.197) são ilustrativos para compreender como esses grupos criam territórios simbólicos delineados por estilos de torcer e códigos morais no espaço urbano.

Não cabe a este trabalho reconstituir a historicidade de grupos torcedores. No entanto, por ainda serem relevantes na compreensão das dinâmicas torcedoras do futebol brasileiro, um breve contexto histórico²⁰⁴ sobre eles se faz importante. Grupos organizados – e não somente uniformizados, como se via até meados do século XX – de torcedores surgiram entre a década de 60 e o início dos anos 70, anos de ditadura militar no Brasil, com a proliferação das chamadas torcidas jovens no Rio de Janeiro, que tinham um viés mais crítico em relação ao desempenho dos times (HOLLANDA, 2000, p.249). Segundo Pimenta (2000, p.123), dos anos 90 em diante o comportamento dos torcedores sofreu transformações consideráveis devido ao “surgimento de configurações organizativas com característica burocrática/militar, fenômeno essencialmente urbano que cria uma nova categoria de torcedor, ou seja, o chamado “torcedor organizado”. Hollanda completa:

O comportamento das torcidas organizadas poderia ser inscrito por autores como o escritor francês Michel Maffesoli nesse quadro contemporâneo que procura restaurar dimensões da sensibilidade coletiva entre os jovens através de uma revalorização do gregário, do instantâneo e do corpóreo. As torcidas organizadas reviveriam a efervescência de ações rituais ancestrais com características performáticas diversas da atuação do torcedor considerado como indivíduo isolado ou massa indivisa (HOLLANDA, 2000, p.41).

O autor lembra ainda a influência que torcidas organizadas inglesas, italianas e argentinas (as “barras bravas”) têm sobre grupos brasileiros (HOLLANDA, 2000, p.51).

De acordo com o site da Federação Paulista de Futebol (FPF)²⁰⁵, o Palmeiras tem hoje sete torcidas organizadas²⁰⁶: Mancha Alvi Verde; Torcida Uniformizada do Palmeiras (T.U.P.);

²⁰⁴ Segundo Hollanda (2008), nos anos 40 surgiram grupos que se intitulavam Torcidas Organizadas, no Rio de Janeiro, e Torcidas Uniformizadas, em São Paulo. Suas performances já se diferenciariam, àquela época, dos torcedores comuns. Isto por causa da “introdução de pequenas orquestras musicais, com instrumentos de sopro e de percussão, da adoção de camisas bordadas dos times nas arquibancadas” (p.107). O autor lembra também a importância de Jaime de Carvalho nesse cenário, quando criou a Charanga em 1942, primeira torcida organizada do Clube de Regatas do Flamengo (RJ). Segundo Hollanda, Carvalho é o responsável por introduzir a musicalização da arquibancada. O autor ressalta que havia uma espécie de carnavalização do torcer, com influência de marchinhas e uso de serpentinas e confetes em competições entre as torcidas incentivadas por Mário Filho (2000, p.162). Em São Paulo, a primeira a surgir foi a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), fundada em 1940.

²⁰⁵ Ver a respeito em *Torcidas Legalizadas – FPF*. Disponível em:

<<http://2016.futebolpaulista.com.br/Torcidas/Torcidas+Legalizadas>>. Acesso em 2 de julho de 2018.

²⁰⁶ Em vigor desde 2003, o Estatuto do Torcedor estabelece que a torcida organizada deve ser uma “pessoa jurídica de direito privado ou existente de fato, que se organize para o fim de torcer e apoiar entidade de prática esportiva de qualquer natureza ou modalidade”. Ver nota de rodapé 107.

Pork's Alviverde; Acadêmicos da Savoia; Rasta Alviverde; Sangue Verde e Acima de Tudo Palmeiras. Destas, as cinco primeiras tiveram algum tipo de sede ou loja nas ruas Palestra Itália, Caraibas e Diana entre 2015 e 2016²⁰⁷, representadas pelos pontos amarelos do mapa a seguir:

Figura 32: As sedes das Torcidas Organizadas

A Mancha Verde tinha sua sede na Rua Caraibas, número 28; a Savoia ocupava (e ainda ocupa) o andar superior do bar Alviverde, na esquina entre a mesma rua e a Palestra Itália. Já a Rasta Alviverde era sediada na garagem de um imóvel na Rua Diana, número 28, e a T.U.P. mantinha uma loja no centro comercial localizado na esquina entre as ruas Diana e Venâncio Aires. A Pork's, por sua vez, é a mais distante: sua sede é do outro lado da arena, na Rua Teixeira e Sousa, n. 262.

A localização de cada uma dessas entidades no entorno da arena acabou por delimitar as práticas torcedoras no “pedaço palmeirense”, segmentando simbólica e materialmente as

²⁰⁷ Em 2018, tal configuração estava bastante modificada. Apenas Savoia e Pork's seguiam nos mesmos endereços. A Rasta Alviverde não alugava mais o imóvel na Rua Diana e a Mancha Verde transferiu-se para a quadra da escola de samba, na Barra Funda. Além disso, a T.U.P. passou a manter uma casa na Rua Caraibas. Interessante observar que, após a mudança para esse endereço, a T.U.P. pintou um periquito, um de seus símbolos, em uma caixa de força na esquina com a Rua Venâncio Aires, justamente onde havia um desenho da Mancha Verde, que deixou o local em 2017.

formas de torcer. Assim como ocorre no setor Gol Norte²⁰⁸, a rua é subdividida em territórios onde cada torcida executa sua performance específica, fazendo seu próprio uso da rua. Descreverei os estilos de torcer de três²⁰⁹ dessas entidades: Rasta Alviverde, T.U.P. e Mancha Verde, dando mais ênfase à análise da última, com o objetivo de traçar um paralelo etnográfico entre as performances torcedoras dos manchistas dentro e fora do Allianz Parque. O objetivo não é contar o histórico dessas entidades, mas sim relatar como cada uma faz, a seu modo, a cidade (AGIER, 2011).

A Rasta Alviverde, torcida fundada em 2013, inaugurou²¹⁰ sua sede no dia da final da Copa do Brasil de 2015. Com o lema “Cabeça feita pelo Palmeiras”, a torcida é conhecida por inspirar-se no Movimento Rastafári²¹¹. Desse modo, o ritmo musical privilegiado por seus integrantes é o reggae e todo o seu patrimônio – como bandeiras, faixas e outros apetrechos – são nas cores verde, amarelo e vermelho, assim como os uniformes e as bandeiras carregam imagens de Bob Marley, o mais reconhecido representante desse gênero musical. Consequentemente, o consumo de maconha²¹² também é explícito entre os torcedores, que enrolam seus cigarros ali mesmo, fumando e conversando dentro e fora da sede. “Ah, os caras estão ligados, né?”, respondeu rindo um dos integrantes quando perguntei sobre uma possível represália de policiais, já que havia antes dos jogos as ruas do entorno contam com um bom contingente deles. “Mas a gente fica de boa. O negócio é isso aqui, viver de Palmeiras, de boa”.

A sede da torcida era pequena: funcionava dentro de uma garagem e tinha pouco mobiliário, mas era decorada com as cores mencionadas e escudos do Palmeiras, inclusive na fachada, onde lia-se “Rasta” na parte superior. Como é prática comum entre torcidas organizadas, camisas e adesivos, entre outros itens, estavam à venda.

²⁰⁸ No Gol Norte, a Rasta Alviverde posiciona-se próxima aos gomos de número 115. Já a T.U.P. ocupa os assentos diametralmente opostos ao da Mancha Verde, estando, portanto, mais próxima do setor Central Oeste.

²⁰⁹ Tal opção se deu por terem sido as mais constantes no que tange às performances nas ruas durante o período de trabalho de campo. Além disso, no caso específico da Rasta Alviverde, é preciso dizer que, por localizar-se do outro lado da arena, não pude realizar incursões a campo suficientes para uma análise. No entanto, seu microterritório ganhou importância no decorrer de 2017 após o bloqueio das ruas do entorno, como será mostrado no capítulo subsequente.

²¹⁰ Ler a respeito em *Torcida ‘Rasta Alviverde’ inaugura sede e quer título do Palmeiras para celebrar*. Fox Sports, 2 de dezembro de 2015. Disponível em: <<https://www.foxsports.com.br/videos/578027075864-torcida-rasta-alviverde-inaugura-sede-e-quer-titulo-do-palmeiras-para-celebrar>>. Acesso em 3 de junho de 2018.

²¹¹ O movimento Rastafari é um movimento de origem jamaicana, ligado a conceitos judaico-cristãos, e difundido entre descendentes de escravos.

²¹² Ler a respeito em *Torcedores contam por que gostam de fumar maconha no estádio*. UOL Esporte, 18 de fevereiro de 2016. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/especiais/futebol-na-cabeca.htm>>. Acesso em 14 de maio de 2018.

Em alguns jogos decisivos não disputados no Allianz Parque, os membros da Rasta Alviverde abriam a sede e decoravam a Rua Diana com faixas e bandeiras. Foi o caso do confronto com o Rosario Central pela Libertadores em abril de 2016, quando estenderam duas faixas na rua: em uma, lia-se “Libertadores” e, na outra, “Cabeça feita pela paz”. Nos outros dois jogos da fase de grupos disputados em campo adversário, os integrantes também estavam na sede: em fevereiro, antes do jogo com o Club Atlético River Plate, um deles tremulava uma grande bandeira com o nome da torcida e a imagem do cantor Bob Marley no centro da via; em março, na partida contra o Club Nacional de Football, os torcedores também balançavam o mesmo bandeirão.

Em partidas consideradas importantes realizadas na arena, como aberturas de campeonatos e finais de torneios, além de jogos classificatórios, a Rasta Alviverde ia além de enfeitar a rua também com bexigas vermelhas, verdes e amarelas: organizava shows de reggae no meio da Rua Diana, como ocorreu na final da Copa do Brasil de 2015. Dezenas de torcedores assistiam às apresentações em meio a instrumentos musicais e caixas de som enquanto conversavam com amigos e bebiam cerveja. Nessas ocasiões, os membros da torcida também dançavam ao som das músicas – foi o caso do primeiro jogo do Campeonato Brasileiro de 2016, no dia 14 de maio daquele ano, contra o Atlético Paranaense, e do derby do 12 de junho seguinte, por exemplo.

As práticas torcedoras da Rasta Alviverde na Rua Diana puderam ser observadas por uma dimensão material e não apenas simbólica. Isto porque a partir de abril de 2016, os postes da via passaram a ser pintados com as três cores-símbolo da organizada, demarcando de maneira física o seu microterritório. Além disso, alguns imóveis da rua tiveram suas fachadas e muros pichados com palavras “S.E.P. RASTA” ou apenas “Rasta”, junto a escudos do clube desenhados de maneira simples, sem preenchimento. Em alguns postes e portas de bares também foram colados adesivos coloridos da organizada.

Já a T.U.P., conhecida como “a mais vibrante” e com cerca de dois mil associados (FAVERO e HOLLANDA, 2017), tinha uma atuação mais fluida do que a Rasta Alviverde na Rua Diana em 2016. Sobre seu histórico, é possível dizer:

A fundação se concretizaria em 29 de novembro de 1970 [...] Tratava-se então de pessoas ligadas ao clube, muitos deles ainda estudantes, além de outros moradores do bairro da Pompéia, em sua maioria italianos ou descendentes. Dentre os fundadores estavam figuras conhecidas no universo do futebol, como o técnico Mário Travaglini, o repórter Roberto Silva e Mário Genovese, diretor do Palmeiras. Nas palavras de Wanderley Matheus Rodak, presidente da torcida na década de 1980, era possível

identificar três grandes grupos presentes na fundação e nos primeiros anos da torcida: a “italianada da Pompéia”, a “italianada do Brás” e os alunos do colégio Dante Alighieri (FAVERO e HOLLANDA, 2017)²¹³.

Como a sede oficial²¹⁴ da torcida não se localizava na Rua Diana, a entidade ocupava ali apenas uma pequena loja (*box*), onde vendia uniformes e guardava seu patrimônio, como instrumentos musicais, fixas e bandeiras. O estabelecimento funcionava também como ponto de encontro dos integrantes que, no pré-jogo, retiravam seus itens e se organizavam para começar a tocar.

As performances da T.U.P. se deram com mais frequência em jogos que atraíram mais público para a arena, especialmente no segundo semestre, e seguiam sempre o mesmo curto trajeto: cerca de dez integrantes uniformizados e munidos com seus instrumentos, desciam a Rua Diana no trecho que ela ocupa da Rua Venâncio Aires até a Palestra Itália, em uma espécie de mini-desfile acompanhado pelos torcedores que prontamente passavam a fotografar e filmar a bateria da organizada, como na semifinal da Copa do Brasil contra o Grêmio, em 19 de outubro de 2016.

O repertório da T.U.P. conta com músicas próprias, mas é o hino do clube, entoado diversas vezes pelos músicos da organizada, que atrai mais torcedores em volta da “batucada”. Isto ocorre especialmente pelo fato de ser tocado justamente quando os instrumentistas chegam à esquina das ruas Diana e Palestra Itália, onde há maior fluxo de palmeirenses. Os torcedores que frequentavam os bares próximos e mesmo a sede da Rasta Alviverde também saem para ver o “show”, que chega a contar com doze instrumentos manuseados por integrantes, além de um ou dois bandeirões, a depender do jogo. Vale destacar que, após o bloqueio das ruas do entorno da arena em outubro de 2016, a T.U.P. passou a tocar e cantar suas músicas da Rua Padre Antônio Tomás, do outro lado do Allianz Parque, próximo à sede da Pork’s.

Seguindo a mesma lógica da Rasta Alviverde, em jogos decisivos a festa da organizada parecia mais intensa. Incluía-se então a fixação de bandeirões gigantes que cobriam parte do edifício de um andar onde ficava o centro comercial. Antes de partidas como as disputadas contra o São Bernardo pelas quartas de final do torneio estadual de 2016 e o próprio derby pelo

²¹³ Tal artigo está disponível apenas online: *Cronologia das torcidas organizadas (V): TUP – Torcida Uniformizada da Sociedade Esportiva Palmeiras*. Ludopédio, 16 de novembro de 2017. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquivancada/tup-torcida-uniformizada-da-sociedade-esportiva-palmeiras/>>. Acesso em 1 de maio de 2018.

²¹⁴ A T.U.P. tem uma quadra de escola de samba localizada próxima à Federação Paulista de Futebol, na Praça Luiz Carlos Mesquita, 52, na Barra Funda – antes, a organizada mantinha um bloco de carnaval que, em 2009, tornou-se uma agremiação. Segundo Favero e Hollanda (2017), a sede da torcida já mudou de lugar várias vezes. Sua primeira sede foi no centro paulistano, na Rua 24 de Maio. Também já ocupou endereços na Rua Barão de Paranapiacaba e para Rua Padre Antônio Tomás.

Brasileiro do mesmo ano, a T.U.P. prendeu bandeiras enormes²¹⁵ no prédio, visíveis a muitos metros de distância para qualquer torcedor que caminhasse pela Rua Diana.

Assim como ocorre no Gol Norte, onde suas práticas torcedoras espalham-se para além dos assentos da arena que ocupam, a Mancha Verde é a torcida organizada cujas práticas torcedoras são mais predominantes no “pedaço”. Foi fundada em 11 de janeiro de 1983, com o nome original Grêmio Recreativo Esportivo Cultural Torcida Mancha Verde, a partir da fusão de três torcidas organizadas: Império Verde, Inferno Verde e Grêmio Alviverde. Nessa época:

Os anos 1980 assistem à mudança no perfil de comportamento da torcida do Palmeiras: “Antes pacíficos, os palmeirenses se reúnem em falanges, brigadas, comandos. E superam em agressividade todas as torcidas adversárias” (Revista Placar – 15/03/1985). Ainda segundo o periódico da editora Abril: “A torcida do Palmeiras cansou de ser boazinha”, testemunha à revista José Bernardo Cambler Nava, de 22 anos, estudante de Geografia da PUC, presidente da torcida Brigada Verde, fundada em 21/05/1983 (FAVERO e HOLLANDA, 2017).

A entidade cresceu rapidamente e tornou-se popular especialmente entre adolescentes e jovens torcedores. Segundo Pimenta (2000), a Mancha Verde:

[...] desde a escolha do nome até as atitudes praticadas nas arquibancadas e nas ruas da cidade, demonstrou ser uma “torcida” forte e preparada para enfrentar suas rivais: “escolhemos o nome 'Mancha Verde' com base no personagem 'Mancha Negra' do Walt Disney, que é uma figura meio bandida, meio tenebrosa. A gente precisava de uma figura ideal e de pessoas que estivessem a fim de mudar a história. Na época, a gente tinha uns 13/14 anos de idade e já havíamos sofrido muito com as outras 'torcidas', então, a gente começou com muita vontade, muita garra e na base da violência. A gente deve ter exagerado um pouco, porém, foi um mal necessário. A gente conseguiu o nosso espaço e adquirimos o respeito das demais 'torcidas'” (2000, p.125).

Não há números oficiais sobre a quantidade de integrantes, mas em seu site oficial afirma-se que o grupo chegou a contar com “aproximadamente 18 mil associados²¹⁶ oriundos de todas as classes sociais e uma das maiores representatividades ativas nas arquibancadas brasileiras”. É, portanto a maior entidade desse tipo entre a torcida do clube.

²¹⁵ Tal prática torcedora pode ser interpretada como uma maneira de a organizada demarcar visivelmente seu território, uma vez que não ocupava, até o momento, um endereço fixo no entorno do Allianz Parque para além da pequena loja.

²¹⁶ Segundo Favero e Hollanda (2017): “O número de sócios, após o recadastramento feito por conta da extinção da antiga Mancha Verde e do surgimento da Mancha Alviverde, beirava os 25 mil [...]”. Ver a respeito em Cronologia das torcidas organizadas (VI): Mancha Verde – Sociedade Esportiva Palmeiras (parte II). Ludopedio, 17 de janeiro de 2018. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/cronologia-das-torcidas-organizadas-v-mancha-verde-sociedade-esportiva-palmeiras-parte-ii/>>. Acesso em 2 de maio de 2018.

Tendo como lema “Dignidade, União e Glórias”, foi extinta em 1995²¹⁷ após a um confronto entre torcedores organizados de Palmeiras e São Paulo, que se enfrentaram ao vivo, em rede nacional, na final da Supercopa São Paulo de Juniores. Após o apito final, houve invasão do campo e a briga tornou-se generalizada, com utilização de pedras, ferros e madeiras, vitimando fatalmente um torcedor. O caso, que parte da mídia chamou de “batalha do Pacaembu”, é frequentemente citado como um divisor de águas na história das torcidas organizadas no Brasil, já que foi o primeiro a ser levado a julgamento e a inflamar a opinião pública sobre o tema da violência entre as torcidas organizadas. O episódio teve efeitos diversos, que reverberam até hoje na dinâmica dessas entidades em São Paulo. Um desses efeitos foi a extinção das torcidas: a ancha Verde perderia sua pessoa jurídica e seria proibida de entrar nos estádios. Assim, transformou-se no mesmo ano em escola de samba, sob o nome Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Mancha Verde, reunindo os mesmos integrantes da torcida antiga, oriundos também de um bloco carnavalesco próprio.

Em 1997, fundou-se a Torcida Mancha Alvi Verde – juridicamente, não era possível adotar o nome anterior –, mas o grupo ainda é nacionalmente conhecido como Mancha Verde ou apenas “Mancha”. Como registrado em seu site oficial²¹⁸, o grupo afirma “ser o legítimo ‘porta-voz’ dos torcedores palmeirenses nas arquibancadas, situação reconhecida e até por muitas vezes solicitada pela grande maioria destes torcedores”.

A entidade manteve uma sede na Rua Padre Antônio Tomás nos anos 1980/90. Foi ali que Cleofas Sostenes Dantas da Silva²¹⁹, conhecido apenas como Cleo, um de seus principais líderes e fundadores, foi assassinado²²⁰. Entre 2013²²¹ e 2017 a sede da entidade funcionou na Rua Caraibas, número 28, ao lado do bar Alviverde e, portanto, a poucos metros da entrada do

²¹⁷ Ler a respeito em *Um dia de terror e um dia de reflexão*. Trivela, 20 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/especial/um-dia-de-terror-e-um-dia-de-reflexao/>>. Acesso em 2 de maio de 2018.

²¹⁸ Ver a respeito em História Mancha Verde. Disponível em: <<http://manchaalviverde.com.br/historia-mancha-verde/>>. Acesso em 2 de maio de 2018.

²¹⁹ Como mostrado na introdução, o mosaico da Mancha Verde na final da Copa do Brasil contra o Santos, em 2015, homenageava Cleo. Sobre seu assassinato, ver a respeito em *Assassinato de presidente da Mancha Verde em 1988 gerou onda de violência*. Acervo Estadão, 2 de março de 2017. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,assassinato-de-presidente-da-mancha-verde-em-1988-gerou-onda-de-violencia,12705,0.htm>>. Acesso em 2 de maio de 2018.

²²⁰ De acordo com Favero e Hollanda (2017), “[...] tudo leva a crer na premeditação do assassinato por rivais, mas o Inquérito Policial instaurado foi arquivado e o caso nunca foi elucidado pela polícia civil”. Ver a respeito em *Cronologia das torcidas organizadas (VI): Mancha Verde – Sociedade Esportiva Palmeiras (parte I)*. Ludopedio, 13 de dezembro de 2017. Disponível em:

<<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/manchaverde-parte-1/>>. Acesso em 2 de maio de 2018.

²²¹ A sede em questão foi inaugurada em janeiro de 2013. Antes, a Mancha Verde também funcionou na Rua Caraibas, mas no número 127.

clube social do Palmeiras e do portão A do Allianz Parque. Após a morte de Moacir Bianchi²²², também um dos fundadores da organizada, em março de 2017, a Mancha Verde passou a manter no entorno da arena apenas uma loja, inaugurada²²³ em agosto daquele ano na Rua Turiassu. Sua sede atual, como já registrado, funciona na quadra da escola de samba da entidade.

Antes da mudança, em outubro de 2016, integrantes da Mancha Verde pediram autorização dos proprietários da Rua Caraibas para pintar alguns imóveis de verde²²⁴, o que foi acatado por alguns. O trecho da rua onde ficava a sede da organizada não tem prédios e é formado por pequenas casas antigas ou sobrados de no máximo dois andares. Além da pintura dos postes, assim como a Rasta Alviverde, a Mancha Verde pintou os postes das calçadas de verde, desenhando sobre a tinta os olhos do símbolo da torcida²²⁵.

A antiga sede tinha um grande boneco do personagem Mancha na fachada e contava com uma loja anexa, onde eram vendidos camisas, bonés, blusas, adesivos e chaveiros, além de servir como depósito para o patrimônio da torcida, à semelhança de T.U.P. e Rasta Alviverde nessa mesma época. Na porta, havia um grande símbolo da torcida desenhado. As lixeiras próximas à antiga sede, além de serem verdes, também tinham adesivos do grupo, assim como as paredes de bares como o Alviverde e as placas de trânsito da esquina entre as ruas Caraibas e Palestra Itália.

Em praticamente todos os jogos em que o time atuou na arena entre o final de 2015 e o início de 2017, era possível observar, mesmo com o bloqueio das vias²²⁶, a festa que os integrantes faziam antes das partidas, onde se viam bandeiras e instrumentos musicais no centro da Rua Caraibas, reunindo centenas de torcedores ao redor da bateria, que tocava as mesmas

²²² Ler a respeito em *Moacir Bianchi, uma nova morte trágica estremece a Mancha Verde*. El País, 6 de março de 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/03/deportes/1488572872_937970.html>. Acesso em 2 de maio de 2018.

²²³ Ver a respeito em *Mancha Verde se reestrutura após morte de fundador e inaugura loja*. R7, 4 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://esportes.r7.com/mancha-verde-se-reestrutura-apos-morte-de-fundador-e-inaugura-loja-04082017>>. Acesso em 2 de maio de 2018.

²²⁴ Ler a respeito em *Lar, doce lar... E não vou sair ou mudar*. Blog do Edison Veiga – Estadão, 8 de outubro de 2016. Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/edison-veiga/tempo-universal-caraibas-rua-verde/>>. Ver também *Caraibas, a rua mais verde da cidade*. Blog do Edison Veiga – Estadão, 19 de outubro de 2016. Disponível em: <<https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/edison-veiga/caraibas-a-rua-mais-verde-da-cidade/>>. Acesso em 2 de maio de 2018.

²²⁵ O símbolo da organizada é o Mancha Negra, pintado na cor verde, personagem da The Walt Disney Company.

²²⁶ Quando do bloqueio das ruas do entorno da arena, a Mancha Verde divulgou uma nota se recusando a participar de um possível protesto contra o cercamento, e afirmando ter como papel “se fazer presente na arquibancada”. Ler a respeito em *Nota Oficial - Fechamento da Rua Palestra Itália/Caraibas*. Facebook Mancha Alvi Verde Oficial, 18 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/manchaverde/posts/nota-oficial-fechamento-da-rua/1149924131727337>>. Acesso em 2 de maio de 2018.

músicas tocadas no Gol Norte. Nessas situações, era comum observar dois aspectos: a grande quantidade de torcedores não organizados que participava das performances manchistas, dançando e cantando; e a postura de alguns instrumentistas que, visivelmente irritados com os torcedores que os fotografavam e filmavam, exclamavam frases como “Canta aê, p****!” ou “Veio para filmar ou para torcer, cara***!.

A performance observada na arena, como a realizada durante o hino do clube, em que os torcedores abaixam-se antes de iniciar a música e depois abraçam-se, movimentando-se para os lados, também eram executadas na Rua Caraibas nos momentos pré-jogo, incluindo partidas disputadas fora do Allianz Parque, como contra o Atlético Mineiro na reta final do Campeonato Brasileiro de 2016 e a própria final da Copa do Brasil de 2015. A impressão de que a rua se torna uma parte do setor Gol Norte é válida, mas há duas diferenças fundamentais: não há cadeiras nem fileiras de espaço restrito, o que permite que as danças, gestualidades e outras corporalidades sejam performadas mais livremente, incluindo itens hoje proibidos nos estádios paulistas, como as bandeiras com mastros de bambus e sinalizadores de fumaça. Ademais, por se dar no ambiente externo à arena, não é necessário ter um ingresso para participar das práticas torcedoras manchistas nessas situações.

Além do fluxo de práticas torcedoras entre a arena e seu entorno – entre a “casa” e a “rua” – observável especialmente por meio das práticas torcedoras da Mancha Verde, é necessário registrar, a respeito da organizada, práticas de defesa da sua territorialidade que vão além das performances torcedoras ou pinturas de equipamentos urbanos. Descrevo duas situações que são representativas disso – ambas aconteceram na Rua Caraibas enquanto o Palmeiras jogava no campo adversário.

No dia 17 de março de 2016, ocorria o jogo com o Nacional, no Uruguai, pela Libertadores, enquanto o Allianz Parque recebia o show da banda de pop rock Maroon 5. A rua estava cheia, com muitos vendedores de comida e bebida e torcedores em pé no centro da via, o que atrapalhava a passagem dos veículos. Enquanto alguns tentavam, vestindo camisas e envoltos em bandeiras alviverdes, espiar as televisões dos bares, outros manchistas tremulavam bandeiras na rua e batucavam músicas da organizada em seus instrumentos – a sede do grupo estava aberta e cerca de vinte torcedores, devidamente uniformizados, circulavam na calçada.

Enquanto o jogo era transmitido, alguns torcedores pulavam na calçada ou na rua. Também dançavam, cantavam, batiam palmas e agitavam os braços, mesmo aqueles que seguravam garrafas ou copos de cerveja nas mãos. Faltando pouco tempo para o certame acabar, o show terminou, o que culminou com a saída de uma grande quantidade de pessoas pelo portão

A da arena, em direção às ruas Palestra Itália e Caraibas, sendo obrigadas a passar no meio dos torcedores que, angustiados, esperavam que o time empatasse a partida.

Conforme as pessoas pediam passagem, os torcedores cantavam mais alto as músicas entoadas por alguns integrantes da Mancha Verde, especialmente as que fazem menção aos “gambás” e a 1993, ano da vitória sobre o Corinthians na final do Campeonato Paulista²²⁷. Foi formado uma espécie de corredor humano no centro da rua, o que fazia com que o público tivesse que caminhar bem perto dos torcedores, que praticamente berravam as músicas, pressionando os transeuntes. Alguns passantes baixavam a cabeça; outros cantavam juntos, demonstrando serem palmeirenses.

A segunda situação ocorreu em 24 de fevereiro de 2018, em jogo com o Corinthians pela primeira fase do Campeonato Paulista, na arena alvinegra. Em jogo tenso, com pênalti a favor do rival e expulsão do goleiro Jailson, muitos palmeirenses que viam o jogo na Rua Caraibas proferiam os mais diversos palavrões, direcionados ao juiz e ao elenco adversário, em meio ao público que chegava para o show de Phil Collins, que aconteceria naquela noite no Allianz Parque. Em determinado momento, uma lata de cerveja cheia foi arremessada em um homem acompanhado de sua namorada e mais dois casais, não o acertando na cabeça por muito pouco. Eles desciam a rua rindo e, ao passarem por dois manchistas que vestiam uniformes da organizada, tal atitude foi interpretada pelos torcedores como provocação. Aquele que jogou a lata bradava toda a sorte de palavrões. Próximo a ele, avistei Érico que, sozinho, bradava coisas semelhantes para outros transeuntes que rumavam para o portão A do Allianz Parque: “Bando de gambá sujo, imundos!”.

Tais situações podem ser interpretadas como demarcações clubistas em um território que, por conta do caráter multiuso da arena, que empresta o Allianz Parque a eventos desse porte, acaba ficando, do ponto de vista desses torcedores, “desterritorializado”. Nesse sentido, a alteridade com o maior rival – Corinthians – parece emergir com mais força.

4.2 Agrupamentos torcedores: quando o jogo é em casa

Quem caminha pelas ruas Caraibas, Palestra Itália e Diana três horas antes de qualquer partida no Allianz Parque provavelmente tem que desviar de churrasqueiras, *coolers* e cadeiras de praia espalhados pelas calçadas por grupos de torcedores, que costumam preencher as vias

²²⁷ Para muitos torcedores, esse é considerado um dos maiores títulos da história alviverde pois, além de ter sido conquistado contra o arquirrival, encerrou um jejum de 17 anos sem vencer nenhum campeonato.

com esses e outros apetrechos. Se o jogo é eliminatório, decisivo ou clássico, a movimentação começa ainda mais cedo, especialmente nos finais de semana. Em jogos como aqueles das últimas rodadas²²⁸ do Campeonato Brasileiro de 2016, por exemplo, os palmeirenses começaram a descarregar seus carros por volta do meio-dia, sendo que o início das partidas estava marcado para 17 horas por conta do horário de verão. Já nos jogos noturnos em dias úteis, a movimentação é semelhante à observada nesses jogos, especialmente se forem partidas da Copa Libertadores ou da Copa do Brasil, que normalmente têm início às 21h45²²⁹.

Desde a reinauguração do estádio²³⁰, a ocupação que torcedores fazem das ruas que cercam o Allianz Parque antes das partidas tornou-se parte da experiência do jogo: para alguns, a ida à arena não tem como objetivo apenas ver o time em campo, mas sim “viver o Palmeiras”, como alguns dos meus interlocutores caracterizam a prática de trazer churrasqueiras para os arredores e realizar o churrasco – e a chamada “resenha” – ali mesmo, na rua, com os amigos. Além da churrasqueira com carne, pão, sal e carvão, esses grupos trazem copos, pratos e talhes de plástico. É comum também ver cadeiras e mesas, além de isopores para cerveja – alguns decorados com adesivos do clube e da Mancha Verde, assim como os aparelhos e caixas de som que tocam samba, pagode e o hino do time.

Esses grupos nomeiam-se com codinomes alusivos ao Palmeiras e trazem faixas e bandeiras personalizadas, que costumam pendurar nos muros como uma forma de identificação e de apropriação do espaço. Ocupam os mesmos pontos da rua em praticamente todos os jogos. Se a previsão for de chuva, é possível ver alguns deles embaixo de tendas, trazidas e armadas nas calçadas que, assim como as ruas, ficam tomadas por torcedores construindo e atualizando redes de sociabilidade.

É preciso dizer que a prática de realizar churrascos antes dos jogos, regados a cerveja e outras bebidas alcólicas, é comum entre as torcidas brasileiras, como mostram, por exemplo, os trabalhos de Toledo (2013, p.158) e Bocchi (2016, p.51) sobre torcedores corintianos – os “churrascos da Fiel Torcida”. No caso palmeirense, a localização da arena em um bairro residencial de classe média alta, com ruas majoritariamente estreitas, faz com que as atividades realizadas pelos torcedores antes das partidas aconteçam nas calçadas de prédios, casas, escolas

²²⁸ Partidas como Palmeiras x Sport, em 23 de outubro; Palmeiras x Internacional, em 6 de novembro; Palmeiras x Botafogo, em 20 de novembro, e Palmeiras x Chapecoense, em 27 de novembro, são exemplos de jogos da reta final do campeonato. Todas ocorreram em tardes de domingo.

²²⁹ Em jogos de menor apelo, como partidas noturnas pelo Campeonato Paulista, por exemplo, o número de torcedores bebendo e conversando nas ruas antes do apito inicial é menor.

²³⁰ Ler a respeito em *Veja a festa da torcida do Palmeiras antes da abertura dos portões do Allianz Parque*. ESPN, 19 de novembro de 2014. Disponível em: <http://www.espn.com.br/video/460619_veja-a-festa-da-torcida-do-palmeiras-antes-da-abertura-dos-portoes-do-allianz-parque>. Acesso em 2 de maio de 2018.

e estabelecimentos comerciais. Durante um churrasco na rua Caraibas antes de um clássico contra o São Paulo, por volta do meio-dia de 27 de agosto de 2017, encontrei-me novamente com Guilherme. Ele participa de um desses grupos e pode ser visto antes dos jogos pregando bandeiras do clube ao longo do muro da Escola Estadual Miss Browne, localizada entre as ruas Caraibas e Padre Chico. Guilherme e os amigos costumam soltar rojões e acender sinalizadores de fumaça verde na rua, e também trazem instrumentos de percussão para tocarem na rua, entoando o hino do time e músicas cantadas pela Mancha Verde. Naquela tarde, conversamos sobre esses encontros que ele e outros torcedores realizam antes de todas as partidas. Guilherme afirma que considera esse tipo de sociabilidade torcedora algo específico da torcida palmeirense, propiciado justamente pela localização da arena:

Tipo, corintiano é apaixonado para c*****, são paulino, santista... Todo mundo tem uma paixão f***... Só que existem coisas que mudam um pouco a característica de torcidas, né... Então acho que o espaço onde ela se encontra diz muito sobre esse grupo característico, né. Acho que a torcida do Palmeiras tem uma característica de se encontrar antes dos jogos muito... Muito antes, porque a gente tem um bairro que tem ruas pequenas... Tem uma estrutura f*** de boteco, de ruas arborizadas para você fazer churrasco... Você tem uma... uma linha de ônibus, de metrô, de trem... Então assim, todo mundo vem fácil para cá, coisa que você não consegue fazer em Itaquera, você não consegue fazer no Morumbi... Até em Santos mesmo...

Grupos de torcedores como o de Guilherme têm, apesar de diferentes tamanhos, uma espécie de núcleo fixo de amigos que se organizam e mais alguns membros considerados esporádicos, que não frequentam todos os jogos por questões diversas – desde a dificuldade em manter o plano de sócio torcedor até residir em outra cidade ou estado. É comum também um dos membros trazer para o jogo – e, conseqüentemente, para o churrasco – algum familiar, cônjuge ou amigo curioso para conhecer a arena em apenas uma ocasião. Assim, as relações de sociabilidade observadas nessas reuniões torcedoras podem ser caracterizadas sob os argumentos de Herzfeld²³¹ sobre fronteiras, nódulos e agrupamentos na realidade globalizada:

[...] Com o crescimento em escala, as pessoas tendem a invocar padrões de cultura comuns (que se baseiam na repercussão e, portanto, podem ser reconhecidos em alguém que jamais se viu antes), substituindo a ênfase direta nas relações sociais (que é relacional e, portanto, geralmente requer um grau de intimidade) (HERZFELD, 2014, p.190).

²³¹ Em diálogo com Simmel, Canclini, e Hannerz, ele discute os efeitos da urbanização do mundo para a antropologia, apontando a importância de se debater “a porosidade das fronteiras e a negociação de identidades” (2014, p. 192) em um campo “supercarregado”, complexo e multifacetado (2014, p.193).

(CLIFFORD, 1998, p.36), alguns aspectos da minha aproximação. Isto porque, segundo o autor, “a experiência evoca uma presença participativa, um contato sensível com o mundo a ser compreendido, uma relação de afinidade emocional [...], uma concretude de percepção”.

Assim, como referenciado no início desta dissertação, vivenciei algumas situações de assédio durante a pesquisa de campo; situações que ocorreram justamente na rua²³⁵, na tentativa de estabelecer contato com esses grupos torcedores, formados majoritariamente por homens²³⁶. Minha intenção é demonstrar, mesmo que sucintamente²³⁷, como o lugar de onde falamos (RIBEIRO, 2017) tem relações diretas com o conhecimento que produzimos. Localizar o saber é torná-lo objetivo, uma vez que “[...] apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva” (HARAWAY, 1995, p.21). Cito Haraway²³⁸ pois, ao tratar os marcadores sociais da diferença como uma questão fundamental para o fazer científico, ela presume que todo conhecimento é corporificado: “[...] a objetividade revela-se como algo que diz respeito à corporificação específica e particular e não, definitivamente, como algo a respeito da falsa visão que promete transcendência de todos os limites e responsabilidades” (1995, p.21). De tal modo, a experiência de ser mulher em um ambiente masculinizado deve ser tratada como específica e lida dessa maneira, como afirmam Laura Moutinho, Valéria Alves e Milena Mateuzi ao defenderem “o ‘privilegio da perspectiva parcial’ na produção de saberes localizados na articulação entre gênero, raça, classe e sexualidade, na análise de certas cenas sociais” (2016, p.270).

Não aspiro transformar esta pesquisa em uma autoetnografia, mas sim delinear as adversidades do fazer antropológico que encontrei no meu campo, como uma mulher branca, magra, cabelos castanhos e olhos azuis. Ou seja, com esses relatos, almejo tangenciar um debate posto pelas palavras de Florbela Almeida Ribeiro, Karina Coelho, Letizia Patriarca, Paula Bessa Braz: “Quais os efeitos dos corpos de antropólogas e antropólogos nas interações que são estabelecidas entre os grupos com os quais interagem?” (2017, p.232).

²³⁵ Dentro do Allianz Parque, durante a pesquisa de campo, não vivenciei nenhuma situação opressora do ponto de vista da questão de gênero, nem mesmo durante o meu longo contato com os torcedores Laercio, Daniel, Joaquim e Jânio, como mostrado no capítulo anterior.

²³⁶ Apesar de o número do público feminino nos estádios e arena ter crescido nos últimos anos, as mulheres ainda são minoria nas torcidas de futebol. Ler a respeito em *Girl Power: A arquibancada também é feminina!.* Lance!, 8 de março de 2017. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/girl-power-arquibancada-tambem-feminina.html>>. Acesso em 4 de abril de 2018.

²³⁷ Tenho consciência de que essa questão não se esgota apenas nesses parágrafos nos quais detalho a minha experiência como etnógrafa em um campo masculinizado. Aqui, apenas aponto algumas situações vivenciadas durante a pesquisa com a intenção de elucidar como a presença do meu corpo em tal ambiente orientou minha conduta como antropóloga.

²³⁸ Para a autora, “objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados” (HARAWAY, 1995, p.18).

De maneira geral, minha circulação nos arredores do Allianz Parque foi segura por frequentar previamente a arena como torcedora e residir na Vila Pompeia durante a maior parte do tempo em que realizei a etnografia, detinha um conhecimento razoável da região. Ademais, utilizei duas estratégias para estabelecer uma relação de confiança com os meus interlocutores, bem como para estimular sua curiosidade: o uso da camisa do Palmeiras e o manuseio de uma câmera fotográfica. Quero detalhar um pouco mais os efeitos de cada uma delas.

Identificar-me como palmeirense nos arredores, assim como dentro da arena, foi uma postura favorável para que me aproximasse dos torcedores em um ambiente repleto de masculinidade. Usar uma camisa do clube funcionou para que eu não fosse vista como uma intrusa e, desse modo, conseguisse observar e circular com mais facilidade.

Já o uso da câmera²³⁹ servia como pretexto de diálogo, já que me aproximava pedindo para fotografar os torcedores, explicando minha pesquisa. Às vezes, antes que tomasse a iniciativa, alguns pediam para serem fotografados, perguntando onde eu publicaria as imagens²⁴⁰ e mostrando interesse pelo tema do mestrado, dando opiniões sobre a reforma do estádio e o momento do clube no cenário futebolístico brasileiro.

Num paralelo com a pesquisa de doutorado de Mariane Pisani sobre o futebol praticado por mulheres em São Paulo, posso dizer que “a câmera funcionou como passaporte que garantia minha livre entrada em todos os espaços dentro e fora de campo” (2018, p. 43), no sentido de que seu uso me permitiu acessar, guardadas certas proporções, espaços dominados pela masculinidade. Assim como a autora, fui frequentemente questionada pelos meus interlocutores sobre a publicação dessas imagens (PISANI, 2018, p.47). Criei, portanto, uma conta na rede social Instagram, própria para a publicação de imagens, onde divulguei algumas fotos e, ao passar o contato para que visitassem o perfil, obtinha uma nova forma de acessá-los. Além disso, por conta do manuseio da câmera e das entrevistas que realizei com integrantes desses

²³⁹ As imagens registradas durante a etnografia ajudaram a compor os meus relatos de campo, assim como auxiliaram na reconstrução do espaço urbano, uma vez que o entorno do Allianz Parque é uma área de grandes dimensões. O registro de imagens auxiliou, portanto, na apreensão de alguns detalhes e na apuração do meu olhar para o meu próprio campo. Desse modo, posso afirmar que este trabalho flerta com a antropologia da imagem especialmente no que tange à composição do material etnográfico.

²⁴⁰ Alguns palmeirenses confundiam-me como uma profissional que registra os torcedores dentro e fora da arena em todos os jogos, e publica as fotos em redes sociais, prática comum entre torcidas. No caso do Palmeiras, é possível citar o fotógrafo Bob Lira. Ele atualiza sua página no Facebook cada partida do time. Ver a respeito em: *Família Palestra Fotografia*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Familia-Palestra-Fotografia-345295735678287/>>. Acesso em 20 de maio de 2018.

agrupamentos, fui confundida com uma jornalista ou repórter²⁴¹, mesmo ao explicar o caráter acadêmico – e antropológico – do trabalho que estava realizando.

Assim, conhecer a região de antemão, portar a câmera e apresentar-me como torcedora funcionaram como uma autorização para que adentrasse o espaço desses palmeirenses como alguém disposta a registrá-los e ouvi-los²⁴². Porém, mesmo com o uso dessas estratégias, o assédio foi constante em situações diversas nos meus contatos com pessoas desses agrupamentos. Relato alguns desses casos.

Ouvir “gracejos, comentários elogiosos e assédios”, como relata Flávia Medeiros (2017, p.335) em sua pesquisa com policiais civis no Rio de Janeiro, é corriqueiro. Constatei o mesmo quando circulei entre torcedores de futebol em que as abordagens misturam machismo com clubismo. Percorrendo os arredores da arena, antes de estabelecer um contato constante com torcedores agrupados, ouvi, especialmente daqueles que ficam nas ruas e também dos vendedores ambulantes, comentários como “Você é mais gostosa do que ganhar dos gambás” e “Nossa, mas com você na nossa torcida, o porco já é campeão”. No agrupamento B, por exemplo, durante um churrasco do qual participei, ofereceram-me uma cerveja. Recusei, e um deles retrucou: “Mulher bonita não paga e com esses olhos pode até levar duas”. Tais frases sexistas remetem à citação de Fabiane Albuquerque: “Esse corpo de mulher não me permitia, por exemplo, frequentar alguns lugares sozinha, pois sofri diversos assédios por parte dos homens logo no início das minhas caminhadas pelo bairro” (2017, p.312).

O mesmo ocorre com outras torcedoras²⁴³: presenciei cantadas, olhares e comentários bastante agressivos por parte de homens. No dia 17 de setembro de 2016, em jogo com o Corinthians na arena do adversário pela 26ª rodada do Campeonato Brasileiro, eu estava na Rua Caraibas entre as centenas de torcedores reunidos para acompanhar o derby nos bares. Na frente de um deles, vi um torcedor tirando sarro de uma garota vestida com o uniforme da Mancha Verde: “Você vem aqui para ver o jogo? Duvido, você vem aqui para dar e fofocar!”. Ela não o levou a sério e respondeu dando um “tapinha”, o que me deu a impressão de que se conheciam.

²⁴¹ O que, de fato, sou. Antes de graduar-me em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, concluí o bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista. Porém, durante as incursões a campo, sempre me apresentei como antropóloga para os meus interlocutores.

²⁴² O que é curioso se pensarmos que, como torcedora, eu já frequentava os mesmos locais que eles. Porém, pareceu-me que o status de pesquisadora confere a mim uma espécie de autoridade que gera alguma desconfiança, tal qual uma mulher que exerça as funções de repórter, comentarista esportiva ou bandeirinha.

²⁴³ Durante a Copa do Mundo de 2018, na Rússia, o machismo dos torcedores gerou debate após um grupo de brasileiros ser filmado ensinando palavras obscenas a uma mulher russa. Ler a respeito em ‘*Atitude de alguns envergonhou o país*’, diz governo sobre assédio na Rússia. Folha de S. Paulo, 21 de junho de 2018. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/06/atitude-de-alguns-envergonhou-o-pais-diz-governo-sobre-assedio-na-russia.shtml>>. Acesso em 22 de junho de 2018.

Em outra ocasião, entrevistando um torcedor organizado de 48 anos, perguntei o que ele achava da arena nova. Além de tecer críticas sobre a elitização dos ingressos, ele afirmou: “Na minha época, futebol não era isso. Não era mulher em estádio, não era levar namoradina para arquibancada. Agora virou isso, mas antes a coisa era quente, era de verdade”.

Tal estereótipo de mulher, reforçado no comentário do torcedor, pode ser entendido no seguinte excerto de Luiza Bairros:

[...] a reinvenção da categoria mulher frequentemente utiliza os mesmos estereótipos criados pela opressão patriarcal – passiva, emocional etc. – como forma de lidar com os papéis de gênero. Na prática, aceita-se a existência de uma natureza feminina e outra masculina fazendo com que as diferenças entre homens e mulheres sejam percebidas como fatos da natureza. Dessa perspectiva a opressão sexista é entendida como um fenômeno universal sem que, no entanto, fiquem evidentes os motivos de sua ocorrência em diferentes contextos históricos e culturais (1995, p.459).

Essa visão sexista da mulher emergiu diversas vezes no meu relacionamento com esses agrupamentos. Fui questionada, por exemplo, sobre ser ou não uma torcedora do clube. Ouvi com frequência indagações como “Você é mesmo palmeirense ou está só fingindo para pesquisar?” e “Se você é palmeirense, então me fala qual o maior título que a gente tem?”. Também precisei demonstrar conhecimento da escalação do time para o jogo marcado para aquele dia ou dos demais resultados da rodada, comentando o desempenho dos rivais, o que causou, mais de uma vez, uma reação de surpresa nos torcedores, do mesmo modo que Medeiros relata em sua aqui já referenciada pesquisa (2017, p.333). “P****, você manja mais do que eu de futebol!”, disse-me, rindo, um membro do agrupamento A antes da partida com o Esporte Clube Vitória, que fechava o primeiro turno do Campeonato Brasileiro 2016. Era 7 de agosto e discutíamos possíveis cenários para as próximas rodadas.

Porém, no mesmo agrupamento, tive meu comentário desqualificado por um dos membros para que, em seguida, ele repetisse o que eu já tinha dito. Algumas horas antes do jogo com o Internacional, no dia 6 de novembro de 2016, participei do churrasco desses torcedores. Conversávamos sobre a possibilidade de o Flamengo, principal rival das Palmeiras naquele ano, terminar o torneio em terceiro lugar²⁴⁴. Um dos homens retrucou: “Nossa, de jeito nenhum! O Flamengo é sim melhor que o Santos, você viu os jogos?”. Respondi que sim. Outro torcedor que estava na mesma roda concordou comigo, afirmando que o “Flamengo tinha mais fôlego”. O rapaz que tinha desautorizado a minha opinião anteriormente completou a fala dele:

²⁴⁴ O que, de fato, aconteceu. Assim como o Santos, o Flamengo obteve 71 pontos. Porém, o clube alvinegro conquistou duas vitórias a mais, o que é considerado como critério de desempate no Brasileirão.

“É verdade, eles não tiveram jogadores convocados pela seleção [*brasileira*], então jogam com o time completo”.

Questionamentos sobre o meu estado civil também eram recorrentes nas conversas com alguns membros desses agrupamentos. Ouvi perguntas e comentários como “Seu namorado deixa você vir ao jogo sozinha?” e “Bem que eu queria ter uma namorada assim que nem você” em diversas ocasiões, e especialmente entre fim de 2015 e os primeiros três meses de 2016, início da pesquisa. À época, o rapaz com quem eu mantinha um relacionamento, também palmeirense, era conhecido por alguns torcedores do agrupamento do qual o palmeirense Guilherme faz parte. Após tomarem conhecimento disso, ao me avistarem circulando pela Rua Caraibas antes das partidas, eles me recepcionavam cantando o nome do meu então namorado – e não o meu nome, o que indicava que, por eles, eu era reconhecida por uma figura masculina, e não por mim mesma.

Além desses episódios, ocorreram mais duas situações em campo que podem ser consideradas graves e que considero importantes de serem registradas. A primeira aconteceu durante o Campeonato Paulista de 2016, antes da partida com a Associação Ferroviária de Esportes, na tarde do dia 28 de fevereiro. Era meu sétimo contato²⁴⁵ com o agrupamento B que, naquela tarde, reunia cerca de vinte torcedores fazendo churrasco, conversando e bebendo. Enquanto conversava com dois deles, um terceiro, ainda desconhecido para mim, aproximou-se para participar. Ele me ofereceu uma cerveja e, após a minha recusa, foi até o isopor buscar uma garrafa para si. Ao retornar, postou-se ao meu lado, bebendo. Repentinamente, ele interrompeu a diálogo que eu tinha com os dois rapazes, dizendo que eu estava “muito cheirosa” enquanto se aproximava ainda mais de mim. De súbito, ele afastou os cabelos do meu ombro esquerdo e encostou o nariz no meu pescoço, aspirando e fungando. E completou: “Tá cheirosa mesmo, que delícia”.

Já a segunda situação ocorreu justamente antes do jogo que deu ao Palmeiras o título de campeão brasileiro de 2016, em 27 de novembro. Às 14 horas daquele dia, subi a Rua Diana rumo ao ponto onde o agrupamento C realiza seus encontros. No cruzamento com a Venâncio Aires, um grupo de dez torcedores, todos homens, fazia um churrasco. Tal esquina não era ocupada em outros jogos, mas o clima de final de campeonato multiplicou a quantidade de novos agrupamentos nas ruas. Ao lado da churrasqueira desses torcedores, havia uma bandeira

²⁴⁵ Um mês antes, nesse mesmo agrupamento, troquei telefones com outro torcedor para marcarmos uma entrevista. Na nossa primeira troca de mensagens por um aplicativo de celular, ele perguntou-me se eu não gostaria de entrevistá-lo em um “local mais íntimo”.

com os dizeres “Não deu nem pro cheiro”, uma provocação à torcida do Flamengo²⁴⁶. Pedi para fotografá-la, e os torcedores pediram para que todos saíssem na foto. Não me opus e, ao fazer a foto, um deles, que segundos mais tarde me ofenderia, disse, apontando para um amigo: “Agora dá a máquina para ele e vem aqui na foto com a gente”. Respondi que não deveria, pois não costumava aparecer nas fotografias que tirava. Antes de explicar minha pesquisa e o porquê de estar fotografando, ele retrucou rispidamente: “Então deleta isso aí porque eu não quero sair em nada”. Os amigos, acreditando que ele estivesse brincando, pediram para que eu não apagasse a imagem. Pensei que era melhor atender o pedido do torcedor e apaguei a foto, mostrando a tela da câmera para o grupo e dizendo que não havia necessidade de uma atitude assim, já que minha intenção inicial era tirar uma foto apenas das bandeiras e que tinha acatado o pedido deles por gentileza. Tentei mais uma vez explicar meu mestrado e o porquê de estar ali, quando o mesmo torcedor retrucou: “Eu pedi para você sair na foto com a gente mas você recusou se sentindo a rainha da Inglaterra. Então deleta essa foto e vaza daqui, quenguinha”. Ao ouvirem-no, seus amigos tentaram afastá-lo de mim, provavelmente temendo uma atitude mais brusca. Bastante nervosa, respondi que estava realizando uma pesquisa de pós-graduação, e ele mais uma vez interrompeu-me, repetindo os palavrões. Nenhum dos torcedores do agrupamento tomou alguma atitude para interromper a cena. Ao contrário: todos se afastaram e seguiram com o churrasco, como se eu não estivesse ali, sendo verbalmente agredida por um amigo deles. A rua estava bastante movimentada, com vários grupos de torcedores no meio das vias, impedindo a passagem dos carros. Apesar disso, nenhum homem que presenciou a situação tentou intervir. O torcedor continuou a me ofender, até que chegou bem próximo de mim, mas não me tocou. Apenas repetia xingamentos misóginos e machistas como “quenguinha”, “vagabunda” e “vadia”. Afastei-me com medo de ser agredida, depois de insistir em explicar a minha pesquisa, sem sucesso.

Nas situações relatadas, com exceção da última, mantive uma postura passiva – não tive qualquer reação efusiva ou brusca, pois temia perder o contato com meus interlocutores, quebrando vínculos que tentava construir. Como realizei frequentes incursões a campo, a minha repetida presença fez com que eu deixasse de ser uma “novidade” para esses agrupamentos. Foi a maneira que encontrei de, em campo, “negociar a minha presença” (AMARAL, FREITAS, GIMENEZ, IAMAMOTO, PANNAIN, 2017, p.355). Creio que, assim, consegui criar relações

²⁴⁶ Durante grande parte do Brasileirão de 2016, o Flamengo perseguiu o Palmeiras na liderança, chegando a ficar apenas um ponto atrás, e acendendo entre os flamenguistas a possibilidade de o time ser campeão, como ocorreu em 2009, quando o Palmeiras perdeu a liderança após 34 rodadas, terminando em 5º lugar. Assim, em alusão a essa edição do campeonato, surgiu entre a torcida rubro-negra a brincadeira de que estariam sentindo um “cheirinho de hepta”, já que o clube tem seis títulos do torneio.

com esses torcedores, acompanhando a dinâmica dos churrascos pré-jogo, participando de conversas e, enfim, sendo reconhecida como alguém que os pesquisava.

Acredito também que este tema, por se tratar de algo efetivamente doloroso e difícil, merecerá outras reflexões para além do momento de escrita desta dissertação. A elaboração mais profunda das experiências aqui descritas pode contribuir para os debates acerca dos modos de fazer etnografia, especialmente no que tange à negociação da presença feminina em espaços e campos dominados por homens e masculinidades.

Passo, agora, a descrever alguns aspectos estruturais da dinâmica desses grupos, atendo-me às informações que obtive no convívio com os mesmos. Como delineado anteriormente, as reuniões pré-jogo têm como situação social principal a realização de um churrasco, com a premissa de encontrar os amigos palmeirenses para comer, beber e conversar antes de entrar na arena. Segundo os próprios torcedores, isso começou com amigos que já frequentavam os jogos juntos e decidiram criar encontros que antecedessem as partidas.

O agrupamento A, por exemplo, surgiu em 2009, antes de o Palestra Itália fechar para reforma. O primeiro churrasco entre os torcedores foi realizado em 2010²⁴⁷. É o maior em número de integrantes dentre os pesquisados. Quando perguntado sobre o que faziam no pré-jogo à época do estádio Palestra Itália, o já mencionado torcedor Felipe, de 41 anos, apontado como um dos fundadores do grupo, disse-me:

Então, já tinha, mas acho que nesse aspecto o Allianz Parque, como o público elitizou, isso é uma coisa mais elitizada, né, o pessoal que traz mesa churrasqueira, caixa de som, acabou aglomerando mais. [...] Vários de nós, às vezes, está sem ingresso e não entra. Vem só curtir com a galera.

“Curtir com a galera” é o que faz Cleber, palmeirense que conheci nos churrascos do agrupamento A no segundo semestre de 2016, quando o time já era líder com Brasileirão. Ele reside no Rio de Janeiro e, por não “encontrar uma turma para torcer” na cidade, pegava um ônibus para vir a São Paulo nos fins de semana e ficar com os amigos na rua antes dos jogos, já que nem sempre conseguia ingresso para as partidas. “Eu venho para cá para ficar junto com eles nesse momento, não consigo ficar longe sabendo que a gente vai ser campeão. E ficar lá está um inferno, com essa coisa de Flamengo”, disse-me na tarde do dia 23 de outubro, antes de o Palmeiras enfrentar o Sport pela 32ª rodada.

²⁴⁷ Em minhas interações com o agrupamento A, observei apenas uma mulher como integrante fixa. Em algumas incursões, havia outras torcedoras presentes nos churrascos, mas nunca em um número superior a cinco mulheres.

A composição do agrupamento A é de “umas 60 pessoas”, segundo Felipe, mas somente “umas 20” são aquelas que “batem no peito”, a chamada “velha guarda” – aqueles que frequentam todos os jogos, independentemente do campeonato e da situação do clube na temporada. Tássio, outro membro do agrupamento A, afirma que o número de integrantes é variável: “Isso aí varia, né, por exemplo, clássico, está cheio. Clássico tem 40, 50... tem jogo que está só o pessoal que é de verdade”. Segundo Felipe, a quantidade de pessoas aumentou conforme os membros do grupo trouxeram outros torcedores para participar dos churrascos.

Já os torcedores e torcedoras do agrupamento C²⁴⁸ afirmam que passaram a realizar os churrascos pré-jogo após a inauguração do Allianz Parque. Em minhas interações com Valéria, de 39 anos, e Marina, de 41 anos, elas me contaram que antes se encontravam nos bares do entorno do estádio. “A gente fazia o pré-jogo no bar da praça. Não tinha isso, era tudo concentrado nos bares”, lembra Valéria. Para ela, os churrascos são uma alternativa para os torcedores que não conseguem acessar os trechos das ruas Palestra Itália, Diana e Caraibas, que são bloqueados²⁴⁹ antes das partidas, permitindo o acesso apenas àqueles que têm ingresso para o portão A:

Eu acho que isso influenciou, acabou de uma certa forma influenciando, porque você não tem mais acesso ao bar, né, então você quer fazer o seu pré-jogo de alguma maneira. E como você não tem mais o bar, né, o acesso ao bar, a comer uma porção, um petisco, você acaba tendo que se virar e vai para um, a forma mais prática que acaba sendo churrasco, né?!

O agrupamento C é um pouco menor do que o A em número de integrantes: tem 15 pessoas em seu “núcleo duro”. “Mas acho que no geral, tem umas 25, entre esses que estão assim de vez em quando, vêm num jogo ou outro, né?”, disse-me Valéria. Marina completou: “E acaba assim, uma traz um marido, um amigo, traz a esposa, traz um amigo que é palmeirense e queria ver como que é o lugar. Então é por isso que às vezes acaba tendo uma galera que não é a que está sempre junto”.

Valéria e Marina fazem parte de um grupo de amigos da zona leste paulistana que se conhece há décadas e frequenta estádios desde os anos 90: “Nós nos conhecemos há pelo menos uns 30 anos. Nós somos amigos de bairro, de infância, da Vila Silvia, próximo da Penha. Nós crescemos juntos, né, e aí todo mundo é palmeirense e começou a vir”, lembra Marina. Segundo

²⁴⁸ Entre os mais frequentes, o agrupamento C é o que registra a maior quantidade de mulheres entre seus membros – elas são metade do grupo. Durante toda a pesquisa de campo, não sofri nenhum tipo de assédio quando interagia com elas e seus amigos.

²⁴⁹ O bloqueio das vias no entorno da arena será discutido no próximo capítulo.

Valéria, grupo começou com dois rapazes que ela conheceu em 1992: “Comecei a frequentar o estádio junto com eles. Então desde a década de 90 que a gente frequenta estádio. Aí a Marina chegou um pouquinho depois”, afirma.

Há membros do agrupamento que são de outras regiões da cidade, caso das zonas sul e norte. “A maioria mora perto mas a gente tem uns 4 ou 5 amigos que moram longe. Mas eles estão no nosso núcleo fechado, estão sempre com a gente em todos os jogos”, reforça Valéria. Segundo ela, fazem parte do grupo pessoas como seu ex-cunhado e o namorado de uma amiga. “O pessoal acabou ficando. Ele não tem mais contato com a minha irmã porque eles separaram, mas continuou sendo nosso amigo. Ficou mais o laço do Palmeiras que o familiar”.

Em relação à distância do portão B do Allianz Parque, entrada do Gol Norte e onde seus membros costumam assistir aos jogos, o agrupamento C é o mais distante. Segundo as torcedoras, a escolha do local se deve, além do fato de ser “limpo, sem cocô de cachorro”, à oportunidade de priorizar a companhia dos amigos. Segundo Valéria:

A gente conhece muita gente, muita, mas muita gente mesmo, não temos dimensão de quanta gente nós conhecemos aqui. Se a gente fizer churrasco lá, a gente vai perder controle...é uma galera ou outra que chega, pega uma cerveja, pega uma carne e não é justo com quem está contribuindo, com quem está pagando, com quem está sempre junto em todos os jogos com aquele núcleo fechado, entendeu? Essa foi uma das razões, esse foi um dos motivos para gente fazer o churrasco mais afastado.

A escolha do lugar para fixar o agrupamento varia, mas afirmam que seus “pontos” são respeitados pelos outros grupos. “Nunca chegamos aqui e tinha gente no nosso lugar. Já teve próximo, do lado esquerdo e direito, mas onde a gente fica, nunca, ninguém ficou”, diz Valéria. O mesmo ocorre com o agrupamento A, cujos membros se consideram os pioneiros na prática das reuniões pré-jogo na região. “Acho que eles aprenderam a respeitar isso aí, eu não sei, né? Estou pressupondo”, diz Tássio. Felipe complementa:

Como nós somos o primeiro churrasco, não existe assim, que a gente é uma hierarquia que foi ... conquistada, não imposta. Aqui ninguém vai colocar faixa, a gente chega, mesmo que não tiver ninguém a gente coloca, a gente conseguiu com, com respeito. [...] Foram vendo e a gente, dos churrascos aqui, nós somos os maiores, mesmo quando está todo mundo aqui... é pioneiro, né?!

A “hierarquia” a que Felipe se refere é associada à frequência nos jogos do Palmeiras, o que denota aqueles mais aficionados pelo clube – os “verdadeiros torcedores”: “Você vai lembrar do muro aqui, você deve ter passado aqui e ter visto oito, nove churrascos. Lugares fixos, nós temos um aqui. Mas aí o pessoal é de modinha, [quando] o Palmeiras não está

brigando mais pelo título, só nós estamos aqui”, disse-me, quando perguntei por qual motivo nenhum agrupamento ocupou o lugar deles na Rua Caraibas.

O convívio entre os agrupamentos, segundo os membros, é pacífico já que, por se tratarem de torcedores que frequentam assiduamente os jogos, grande parte já se conhece. “A gente troca muita ideia. A galera que fica ali na esquina, que eu esqueci o nome também, ali à esquerda, também a gente conhece dois, porque um deles é primo de uma amiga nossa, por exemplo”, explica Marina. Segundo Valéria, do agrupamento C, essa relação de comensalidade é estendida para os jogos no Pacaembu, onde a dinâmica espacial é diferente do entorno do Allianz Parque e aproxima os grupos na realização dos churrascos:

A gente acabou levando a cultura daqui para lá. A galera assim que sempre frequenta, essa turma maior que faz churrasco aqui, faz lá no Pacaembu também. Aí você acaba até pegando mais amizade e tendo mais contato, porque fica todo mundo no mesmo lugar, que é perto do Pão de Açúcar.

Segundo os torcedores e torcedoras, a organização dos churrascos, com divisão de tarefas e custos é normalmente realizada por meio do aplicativo de celular WhatsApp e por Facebook; o agrupamento A, por exemplo, mantém uma página própria na rede social. Segundo Felipe, cada integrante deve trazer uma caixa de cerveja ou de sua bebida de preferência. Caso contrário, será cobrado. A comida, por outro lado, é rateada: “Por exemplo, eu estou levando uma picanha, então você não leva picanha, você leva frango, o outro leva linguça, queijo coalho, mas a caixa de cerveja é o principal”, explica.

Entre os amigos de Valéria e Marina, vigora a mesma lógica. “Nossa organização vai desde comprar bandeira, cooler, mesa, som... gazebo, cadeira, é tudo rateado”, conta Marina. O ponto de encontro é a casa dela, de onde partem aos finais de semana, combinando o horário pelo WhatsApp. “Todo mundo já vai com os carros, a gente já abastece os carros, vem todo mundo junto, na hora de embora é tudo a mesma coisa, todo mundo na minha casa, fica tudo na garagem”, frisa. Os gastos são divididos a partir da conta que um dos membros, reconhecido como líder, traz para os integrantes – ele é o responsável pela compra de todos os materiais e alimentos necessários, das carnes ao carvão.

Conforme já delineado, alguns membros usam camisetas, bonés e chaveiros²⁵⁰ manufaturados com o nome próprio do grupo. É o caso do agrupamento A, que leva uma bandeira para a arena para pendurar no setor Gol Norte sempre no mesmo lugar, atrás do gol, onde os integrantes do grupo veem o jogo. Cada agrupamento traz uma identificação própria,

²⁵⁰ Após meses de contato, fui presenteada com um chaveiro por Rogério, um dos integrantes.

normalmente expressa por uma faixa pregada ao muro da calçada onde realizam o churrasco em uma espécie de customização da rua, o que pode ser interpretado como uma tentativa de dar pertencimento ao espaço. Alguns também têm canecas e outros apetrechos, o que remeteria à dinâmica das próprias torcidas organizadas, que comercializam esses materiais como uma das formas de se sustentarem financeiramente. Mas, apesar de se identificarem com faixas e bandeiras, prática das torcidas organizadas dentro e fora da arena, existe uma preocupação em se diferenciar dessas entidades, no sentido de caracterizarem a si mesmos como praticantes de uma torcida mais pacífica. Segundo Felipe:

Já fui da Mancha, aí mudei de ideia, tenho filho... aqui é diferente, mais light. Tem criança, não tem muita briga, de querer buscar o cara dentro da torcida, é uma coisa mais, junta o pessoal, churrasco, cerveja. Você sabe o que a gente faz aqui... isso aí é salutar, é o modelo novo de torcida.

Para ele, “falar torcida organizada é uma palavra muito forte. Respeito muito a Mancha, T.U.P. e tal, mas isso é uma coisa, é um grupo de amigos fanáticos pelo Palmeiras. A gente quer pregar essa imagem”, reforça Felipe. Ao dizer que faz parte de um “novo modelo de torcida”, Felipe exprime que tipo de dinâmica de torcida ele e o “pessoal” preferem, e também tenta se afastar da ideia disseminada sobre as entidades organizadas. Apesar de não usar nenhum termo definitivo para definir que “novo modelo” seria esse, é perceptível o desejo de se dissociar da imagem de grupos como a Mancha Verde, vinculando as relações à ideia de família e festa, com “churrasco e cerveja”.

A relação desses agrupamentos com alguns moradores é realmente tumultuada, já que acusam a torcida de deixar lixo e consumir drogas nos arredores – o que de fato pude verificar, mesmo em incidência menor do que o alardeado pela mídia e já citado na introdução, em situação que se assemelha com a abordagem de Frúgoli Junior (2016) sobre a ocupação das ruas da Vila Madalena durante a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Sua descrição etnográfica mostra “[...] práticas transgressivas ligadas ao clima festivo, que ocasionou diversas reclamações de moradores, reivindicações e ações do poder público [...]” (2016, p.3).

No presente caso, por ocuparem as calçadas de residências e estabelecimentos comerciais, os grupos negociam com os donos dos estabelecimentos e das casas²⁵¹. Felipe disse que seu grupo conta com uma “casa de apoio” para realizar os churrascos na Rua Caraibas, que fica ao lado da escola pública cuja calçada é ocupada pelos torcedores. Após escolherem o

²⁵¹ O subitem a seguir traz uma discussão mais aprofundada sobre os moradores do entorno da arena.

lugar, ele afirma que negociaram a permanência com o “senhor da casa”, que oferece uma facilidade: em sua fachada, há um “ferrinho” para encaixar a faixa deles: “A gente assiste o jogo lá, é meio bagunçado. A gente fez amizade com os vizinhos, o rapaz dali, o tiozinho daqui, a gente guarda as coisas. Agora aqui, vai acabar o aluguel ali, vamos começar a deixar aqui”, contou. Segundo ele e Tássio, o vizinho mantém em sua casa itens como a churrasqueira, a faixa do grupo e um bambu do mastro. “E aí a gente usa também a luz elétrica deles às vezes, né? Uma extensãozinha, naquelas... tudo com permuta de cerveja. E churrasco. Eles não precisam pagar, não precisam trazer nada, estão sempre com a gente aqui”, completa Tássio.

Apesar da boa relação com os moradores dessa casa, Felipe não nega que eles já tiveram problemas com alguns moradores:

Então, já houve casos, uma senhora da casa ali chamou a polícia, aquela da famosa casa. Fomos conversar, o policial veio... é que não é baderna, é a sujeira que fica, a gente tenta jogar no lixo. Latinha todo mundo leva, no máximo, não é que vai limpar tudo, a gente tenta limpar. Tem família e tudo aqui...

A “famosa” casa a que Felipe se refere é um sobrado na Rua Caraibas, em frente ao muro da escola pública ali localizada, cuja dona recorrentemente liga para autoridades em dias de jogos, incomodada com o lixo e, principalmente, com os rojões e outros fogos de artifício. Ao lado da casa dessa moradora reside outra família com quem os torcedores também tentam manter uma relação amistosa. Antes da partida com o Internacional, no dia 6 de novembro de 2016, presenciei torcedores de um dos agrupamentos mapeados auxiliando a dona da residência a estacionar o carro dentro da garagem. Enquanto um segurava o portão, outro a orientava como proceder. Quando ela conseguiu, aquele que segurava o portão se aproximou- e disse: “Viu só, estamos aqui não só para atrapalhar, mas também para ajudar. Se a senhora precisar de qualquer coisa, pode falar com a gente”. A moradora apenas assentiu, agradeceu e entrou em sua casa.

Algumas vizinhas do Allianz Parque afirmam não se incomodar com a festa dos torcedores, mesmo nos jogos noturnos. Em 12 de julho de 2016, antes do clássico com o Santos pelo Brasileirão, tive meu primeiro contato com Luzia, moradora da Rua Caraibas, a poucos metros do bar Alviverde e do portão A do Allianz Parque. Faltavam quatro horas para o jogo, realizado em uma terça-feira à noite. Ela estava na janela observando o movimento junto a seu pequeno cão, que latia incessantemente para os passantes, despertando a minha atenção. Aproximei-me e iniciei uma conversa, curiosa para saber sua opinião sobre a presença da torcida na rua – era a primeira vez que eu estabelecia contato com qualquer residente da região. Perguntei a ela se o barulho não a incomodava. Sua resposta foi, à época, surpreendente para mim: “Incomodar por quê? Eu adoro festa. Deixa eles se divertirem. Se não tiver violência, não

me importo com barulho. Acho bonito ver vocês todos assim, felizes. Gosto de gente feliz. Quem joga hoje?”, perguntou-me, já que eu usava uma camisa do Palmeiras. Luzia, que aparenta ter cerca de 60 anos, mora na mesma casa há mais de vinte e é de uma família corintiana, mas afirma que frequentava o clube quando jovem. “Gosto do Palmeiras, mesmo sendo meio corintiana”, contou-me. Ela vive sozinha com seu cão e um gato. Por diversas vezes, conversamos da mesma maneira: ela na janela de sua sala, observando os torcedores, e eu na calçada de sua casa.

Assim como Luzia, Amanda, que mora há 30 anos na Rua Tucuna, diz não se importar com a presença dos torcedores na frente da pequena vila particular onde vive. Conversamos durante a festa que antecedeu o jogo que deu o título do Campeonato Brasileiro de 2016 para o clube, em 27 de novembro de 2016, quando ela observava pessoas que soltavam rojões do outro lado da rua. Fiz a mesma pergunta que havia feito a Luzia e sua resposta foi semelhante: “Desde que eles limpem tudo depois, como prometem e cumprem, eu não ligo, não. Deixa eles. Também sou palmeirense, então estou acostumada com essa coisa de torcida”. Questionei se ela iria ao jogo, e ela prontamente explicou que torcia pelo time, “mas não tanto assim”.

Além de interagirem com os moradores, os torcedores também negociam sua presença com estabelecimentos comerciais. É o caso dos agrupamentos B e C. No primeiro, os integrantes pediram autorização, durante o ano de 2015, para realizarem o churrasco na frente de um terreno que, à época, estava em obras. “A gente falou com o cara da obra, ele deixou a gente fazer aqui. A gente recolhe tudo quando acaba, todo o lixo e as latinhas”, disse-me Samuel enquanto assava carnes em uma grelha antes do jogo com o Vasco pela 34ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2015, no dia 8 de novembro. Após a inauguração de uma padaria no local, em 2016, eles mudaram para a esquina diametralmente oposta, onde há um imóvel desocupado.

No agrupamento C, a relação com a proprietária do estabelecimento que fica na calçada onde os torcedores e torcedoras fazem o churrasco é pacífica. Como explica Marina:

A gente acabou ficando aqui e a dona do lugar conhece a gente, não se importa, acha legal porque a gente não deixa bagunça... ela passa às vezes quando a gente não está com a estrutura montada, e pergunta: ‘Ué, hoje não vai ter churrasco? Vocês não vão fazer? Vocês deixam tudo limpinho, tal.’ A gente organiza, então acabou, calhou de ser um lugar tranquilo e de ela não se importar com o fato da gente fazer um churrasco aqui no, no ambiente de trabalho dela.

A partir das múltiplas interações que os agrupamentos estabelecem nas ruas do entorno arena, agregando torcedores conhecidos entre si e outros nem tanto, assemelham-se ao que

Toledo (2010) entende como sociabilidade por distanciamento, também presente nos bares da Rua Caraibas, conforme será descrito no próximo subitem.

4.3 Bares e comércio: quando o jogo não é em casa

“Estou sempre aqui. Para mim é como se eu estivesse dentro do estádio”, disse José, enquanto bebia uma cerveja em uma das mesas de plástico do bar Alviverde, na calçada da esquina da Rua Caraibas com a Rua Palestra Itália. Era 10 de fevereiro de 2016, data da partida com o Oeste Futebol Clube em Itápolis, pelo Campeonato Paulista. Notei a presença dele no jogo contra o Botafogo Futebol Clube, no dia 31 de janeiro, pela primeira rodada do mesmo torneio, no mesmo local. Em ambas as ocasiões, ele vestia a mesma camisa do Palmeiras. “Moro perto, então venho a pé mesmo, é bem tranquilo. Faço questão”, reforçou.

Naquela mesma noite de fevereiro, havia cerca de quinze pessoas no Alviverde – chamado pelos torcedores mais assíduos de “Alvi” – para assistir à partida. Duas televisões transmitiam o certame: uma virada para a calçada, atendendo às mesas externas; outra, posicionada em uma das paredes internas do bar e parcialmente quebrada do lado esquerdo, sem produzir imagens sobre o que acontecia naquela parte do campo – o que irritava alguns palmeirenses que tentavam ver o jogo no balcão do bar. “Quebraram no dia da final”, contou-me Ademar, um dos funcionários do Alviverde, referindo-se ao jogo derradeiro da Copa do Brasil de 2015. Seja no caixa ou servindo os clientes, sempre encontrei Ademar vestindo uma camisa do clube alviverde.

A partida com o Oeste apresentou um nível técnico bastante baixo, o que irritou os torcedores presentes. O empate sem gols provocou gritos e xingamentos diversos. Ao final, ainda encontrei o manchista Sandro que, ao ver-me usando um vestido azul marinho e preto²⁵² – e não uma camisa do clube –, logo indagou, antes de me cumprimentar: “Poxa, mas você veio de preto aqui, tio?”, perguntou, rindo.

Tanto José quanto Sandro costumam assistir a tais jogos no bar Alviverde, localizado em frente à entrada principal do clube social²⁵³ e um dos estabelecimentos mais antigos do

²⁵² Como já descrito, optei por usar uma camisa do Palmeiras durante a etnografia por perceber que frequentar a arena e a região utilizando outras roupas chamava a atenção de muitos torcedores, o que poderia atrapalhar o trabalho. Esta noite em questão foi uma das poucas situações em que não utilizei o uniforme alviverde.

²⁵³ A entrada do clube social do Palmeiras tem um fluxo constante de sócios e atletas, muitos dos quais frequentam o local uniformizados. Por essa razão e por conta dos torcedores que frequentam os bares, é comum deparar-se com sujeitos vestindo camisas do Palmeiras na Rua Palestra Itália em quaisquer horários e dias da semana.

entorno da arena. Além deles, outros torcedores são clientes fiéis do estabelecimento, optando por ver as partidas ali com frequência e quase sempre trajando camisas e blusas do time.

As falas de José e Sandro dimensionam como o bar é vivenciado pelos torcedores como uma extensão da arena no que tange ao desenho de uma territorialidade palmeirense e às práticas torcedoras. Se para José estar no Alviverde é como estar no Allianz Parque, para Sandro valem – na arena e no bar – o mesmo código torcedor, exemplificado pelo veto da cor preta. Nesse sentido, a frequência dos torcedores nos bares²⁵⁴ da região ganha relevância etnográfica para a análise dos estilos de torcer presentes em um estádio atualizado.

É preciso dizer que a quantidade de bares nos arredores do Allianz Parque aumentou desde sua inauguração em novembro de 2014. Entre o fim de 2015 e o primeiro semestre de 2017, pelo menos sete estabelecimentos com algum tipo de identificação com o clube (como nome ou decoração, por exemplo) foram inaugurados. Outros foram reformados – caso do próprio Alviverde²⁵⁵. No mapa abaixo, os pontos verdes representam os principais bares das ruas Caraibas, Diana e Palestra Itália, frequentados por torcedores tanto em dias de jogo do Palmeiras na arena como em dias em que o time alviverde joga no campo dos adversários.

²⁵⁴ Magnani (1998, p.115) também trata da sociabilidade em bares, embora com outro enfoque: “Os bares, por exemplo, são antes demais nada lugares de encontro nos fins de semana ou após a jornada de trabalho, quando a sinuca, propiciam a troca de informações sobre algum ‘trampo’[...]”.

²⁵⁵ Desde 2016, a decoração do Alviverde, como pintura das parede e painéis fixados nas mesmas, remete ao Palmeiras. Antes, além do próprio do estabelecimento, havia apenas adesivos e adereços que torcedores colocavam nos azulejos. O Alviverde, assim como outros estabelecimentos comerciais do entorno do Allianz Parque, tem uma parceria com a Ambev para a reforma do bar. Ver a respeito em *As franquias que faturam com cerveja e futebol*. Exame, 13 de setembro de 2016. Disponível em <<https://exame.abril.com.br/pme/as-franquias-que-faturam-com-cerveja-e-futebol/>>. Acesso em 1 de junho de 2018.

Figura 34: Bares.

A motivação dos comerciantes de abrir estabelecimentos no entorno do Allianz Parque é a crença de que o caráter multiuso da arena traga um perfil de consumidor de maior poder aquisitivo. Isto se evidencia na fala do dono (e torcedor) de um dos bares abertos em 2016 na Rua Diana: “Abri aqui para aproveitar também os dias em que a arena não abre. Não é só para o dia do jogo. A arena propicia isso. E tem outra coisa... não quero esses moleques da Mancha aqui não. Quer beber cerveja, bebe na rua”, disse-me.

Leandro, que se diz palmeirense e é proprietário de um estabelecimento aberto em 2015, afirmou ter escolhido a região do Allianz Parque para inaugurar seu segundo bar (ele já administrava uma lanchonete com temática futebolística, com referências a vários clubes, no Butantã, também na zona oeste paulistana) pensando no público que atrairia. “A maior parte da minha clientela é de palmeirenses e de turistas curiosos. Isso aqui virou ponto turístico”, disse-me em nosso primeiro contato, em janeiro de 2016, quando a fachada do bar tinha a seguinte placa: “Futebol todos os dias – *Pay-per-view*”. A decoração do ambiente, de fato, tinha várias referências ao Palmeiras, como pôsteres e quadros em uma parede dedicada ao clube. No entanto, ainda no primeiro semestre daquele ano, o estabelecimento fixou outra mensagem na porta, avisando que só abriria “em dia de jogo ou evento na arena”. Quando nos encontramos novamente, questionei-o sobre a decisão: “Essa rua é morta quando não tem jogo”.

Mesmo sendo, à época, novo na região, Leandro não é o único a reclamar do pouco movimento quando não há partidas ou shows no Allianz Parque. Um bar próximo ao dele, administrado por Paulo há cerca de dez anos, tem o mesmo discurso: “Não posso depender só de jogo porque quando não tem, tipo dezembro e janeiro, fim de temporada, a gente tem que se virar”, contou-me quando conversamos em janeiro de 2016. Apesar da decoração discreta, há adesivos do clube e de suas torcidas organizadas na televisão e no caixa do local.

Além dos proprietários e comerciantes, que admitem ter o calendário do time como motivador de vendas, é o próprio clube que domina as conversas no Alviverde e nos outros bares que transmitem as partidas do time antes, durante e após os jogos. Escalação, esquema tático, arbitragem, novas contratações e próximos confrontos, entre outros temas, permeiam os papos entre torcedores e frequentadores dos estabelecimentos. Dependendo do desempenho da equipe em campo, os debates são mais ou menos animados. No domingo de Páscoa de 2016, dia 23 de março, ocorreu uma derrota para o Esporte Clube Água Santa por 4x1 pelo torneio estadual. Após o árbitro decretar o fim da partida, dois torcedores que assistiam ao confronto nas mesas internas do Alviverde passaram a discutir, elevando o tom de voz. Enquanto um começou a dizer que só tinha “pereba nesse time” e que faltava “jogador que honrava a camisa”, o outro, na mesa ao lado, irritou-se com a declaração, afirmando que o resultado da partida havia sido “uma fatalidade”. O primeiro, ainda mais nervoso, exclamou: “Falta um Valdivia²⁵⁶ nesse elenco do Palmeiras”, declaração que foi o estopim para a conversa se converter em uma contenda acalorada: “Está maluco, meu irmão? Você só pode estar de brincadeira! Fumou hoje, foi? Você quer esse vagabundo de volta? Você quer esse vagabundo de volta, você merece ficar em 2014²⁵⁷!”, retrucou.

Os ânimos acalmaram-se com a interferência de outros torcedores, mas, na calçada do estabelecimento, ouviam-se mais gritos: “Esses filhos da p*** estão pensando o quê? Que a gente tem cara de palhaço? Eu acabei com a minha Páscoa por causa desses arrombados!”, dizia um homem com camisa do Palmeiras na frente do Alviverde. Ele havia estacionado o carro na frente do bar, e abria o porta-malas para mostrar latas de tinta que havia trazido para, segundo ele, “dar o recado no muro do clube”. “Esses vagabundos precisam aprender o que é o Palmeiras”, exclamava sem parar. Um casal de amigos que havia assistido ao jogo ali veio conversar com o torcedor: “Pô, cara, fica calmo que não vale a pena se complicar por causa

²⁵⁶ Jorge Valdivia é um meio-campista chileno que jogou no time em duas passagens: 2006–2008 e 2010–2015. Conhecido por ser um jogador “polêmico”, que provoca adversários, também foi motivo de muitas reclamações da própria torcida, por lesionar-se com muita frequência.

²⁵⁷ Em 2014, conforme já referenciado, o Palmeiras terminou o Campeonato Brasileiro em 16º lugar, última posição fora da zona de rebaixamento.

desses desgraçados não, amigo”, dizia o rapaz, enquanto a moça concordava. Os dois, que se chamavam Bruno e Helena, eram frequentadores do Alviverde e haviam se conhecido ali, em 2015, criando uma “amizade por causa do Palmeiras”, como eles mesmos definem. Nos jogos subsequentes em que o clube alviverde atuou no campo adversário, encontrei a dupla diversas vezes bebendo na calçada.

Reunir-se no Alviverde para ver os jogos é, portanto, uma prática comum para alguns palmeirenses. Lá vivem-se algumas práticas torcedoras comuns ao ambiente interno da arena. Um exemplo é a advertência “Não grita gol antes!”, um código comum entre muitas torcidas, baseado na crença de que comemorar previamente traria azar e o gol fatalmente não se confirmaria. Assim como é possível ouvir torcedores bradando essa frase uns com os outros durante os jogos na arena, no Alviverde a bronca também ocorre, especialmente se for em um lance de bola parada, como um escanteio ou uma falta. No jogo contra o Figueirense em Estádio Orlando Scarpelli, em 16 de outubro de 2016, três torcedores, ajoelhados no chão antes de o lateral Jean cobrar uma penalidade, brigaram com um rapaz que repetia incessantemente “Gol, gol, gol!”. O mesmo ocorreu durante a transmissão da partida contra o Cruzeiro dias antes, em certame realizado em Araraquara com mando palmeirense²⁵⁸: o lateral alviverde Zé Roberto conseguiu evitar um gol claro do time mineiro. Mas, segundos antes de o jogador conseguir tirar a bola que entrava no gol, um palmeirense gritou, em uma das mesas do bar: “Ai meu Deus, ferrou, gol dos caras”. Assim que o lance foi revertido a favor do Palmeiras, torcedores da mesa ao lado xingaram-no: “Ô cara***, não grita gol antes não, amigão! Ainda mais se for dos caras! Tu nasceu ontem, foi, amigo? P****! Tu não vai em estádio não?”.

Situações como essa mostraram-se reveladoras de como os bares do entorno do Allianz Parque criam um tipo de sociabilidade específica entre torcedores e frequentadores, que pode ser definida como sociabilidade por distanciamento, aquela “estabelecida pela contiguidade ao universo competitivo do futebol” que “circunscreve padrões de convivência homólogos e imbricados à dinâmica social do meio urbano mais abrangente” (TOLEDO, 2000, p.276), em que a figura do torcedor substitui categorias relacionais como “amigo”, “chegado” e “colega”, entre outras. Tais categorias promovem a formação de grupos e de relações identitárias (TOLEDO, 2000, p.276), criando, portanto, uma rede de relações por meio do torcer – no caso, pelo Palmeiras²⁵⁹. Esses vocativos próprios das sociabilidades urbanas são comuns no que Magnani (1998) chama de pedaço. Ainda segundo Toledo:

²⁵⁸ A motivação para a transferência de mando foi explicada anteriormente.

²⁵⁹ Toledo (2000, p.282) narra, em sua tese de doutorado, situações vivenciadas no Bar do Elias durante uma partida do Palmeiras na Libertadores de 1999. Tal estabelecimento era, segundo o autor, um típico “bar de

Concebendo o status ou condição de “torcedor” como um aspecto potencialmente mobilizador de relações sociais somaria-se ainda a esta matização de categorias relacionais uma outra clivagem, explicitada de antemão pela ascendência que os times de futebol possuem sobre grupos e indivíduos, evidenciando uma gama de comprometimentos no que se refere à adesão e ao gosto espontâneo pelo esporte. A relação travada entre torcedores é fortemente marcada pelas relações pessoais estabelecidas entre si e com os times, o que implica num dinamismo original [...] (2000, p.277).

Alguns frequentadores do Alviverde são muito assíduos. Teodoro é um deles: senta-se sempre no fundo do balcão, no mesmo banquinho, vestindo uma jaqueta verde do time. Morador do bairro das Perdizes, próximo ao Allianz Parque, ele vê ali todos os jogos “que a Globo não transmite”, tanto os disputados na própria arena quanto os que ocorrem em outros campos. “Para mim, isso aí não dá não. Eu entrei três vezes aí e não gostei. E foi tudo ingresso que eu ganhei. Eu gostava do outro, da fumaça, podia fumar, podia beber”, disse-me, apontando para o portão A do Allianz Parque do outro lado da rua, enquanto bebia uma cerveja em seu lugar de costume. Restavam poucas horas antes da partida com o Internacional, em 6 de novembro de 2016. O “outro” em questão é o Palestra Itália, estádio sobre o qual fala de forma nostálgica. “Eu fui aí em um Palmeiras x Sampaio Corrêa, acho, e o Palmeiras tomou gol. Aí eu enchi o saco e vim para cá. Quando sentei aqui, já tinha virado o jogo. Mas eu gosto de ficar aqui, bebendo com o pessoal”, lembra, referindo-se a um confronto com o clube maranhense em 12 de maio de 2015²⁶⁰ disputado na arena.

Como não costuma assistir nem aos jogos decisivos realizados no Allianz Parque, Teodoro é um dos torcedores que podem ser encontrados nos jogos desse tipo, disputados nos campos adversários. Essas partidas costumam atrair mais público para os bares do entorno do que jogos da fase de grupos de campeonatos como o Paulista – como o citado confronto contra o Oeste, por exemplo. Consequentemente, mais bares abrem as portas nesses dias, quando a concentração de torcedores extrapola os estabelecimentos, espalhando-se pelas ruas a ponto de bloquear a passagem de carros e transeuntes, principalmente porque o número de televisões dentro deles é escasso para a quantidade daqueles querendo acompanhar a partida. Foi o que ocorreu no jogo de ida da final da Copa do Brasil de 2015, contra o Santos.

A concentração de torcedores ocorre basicamente em três pontos da Rua Caraibas: na frente do Alviverde; na frente da Porqueria, quase em frente ao “Alvi”, e a alguns metros rua acima, na frente do bar O Sobrado, sendo que as aglomerações dos dois primeiros acabam se

torcedores”. O Bar do Elias funcionou na Rua Caraibas, próximo ao Parque Antarctica, e até hoje é lembrado por alguns palmeirenses como um ponto de encontro.

²⁶⁰ O Palmeiras venceu essa partida de virada, por 5x1. O jogo era válido pela Copa do Brasil.

misturando. Nessas ocasiões, é comum que os bares armem tendas na calçada, com churrasqueira e mesas de madeira para a venda de chopp. Dessa maneira, a performance torcedora ultrapassa o perímetro dos bares, ocupando as vias. As danças, gestualidades e cantos são os mesmos observados dentro da arena, especialmente no setor Gol Norte, semelhantes às “modalidades performáticas” que Gastaldo²⁶¹ (2005) aponta em sua etnografia nos bares de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

O derby realizado na Arena Corinthians em 17 de setembro de 2016 ilustra bem a situação. Além de Teodoro, Sandro, José, Bruno, Helena e outros frequentadores do Alviverde, a esquina das ruas Caraibas e Palestra Itália ficou tomada de torcedores, muitos dos quais portavam rojões e sinalizadores de fumaça. Com a presença de bandeirões e da bateria da Mancha Verde, a passagem de veículos ficou praticamente bloqueada. As dezenas de palmeirenses, alguns envoltos em bandeiras, no meio da Rua Caraibas disputavam espaço em frente às televisões disponíveis e utilizavam carros e motos estacionados e também o próprio asfalto como “mesas” para apoiar suas cervejas e copos. Quando o Palmeiras marcou o primeiro gol, aos cinco minutos do primeiro tempo, o êxtase coletivo ocorreu em duas etapas. Isto porque a transmissão do jogo nas TVs da L’osteria Palestra, outro reduto palmeirense na esquina das ruas Palestra Itália e Caraibas, em frente ao Alviverde, estava adiantada em relação aos aparelhos do “Alvi” e da Porqueria, o que fez com que torcedores comemorassem antes do gol efetivamente aparecer nas telas. Por conta do *delay*, tal vibração durou ainda mais: torcedores corriam pelas ruas, inclusive crianças com seus pais, abraçavam-se e soltavam fogos, além de jogarem cerveja para o alto. Ao lado da Porqueria, um torcedor que assava linguças no chão quase teve a sua grelha pisoteada no meio da festa – que foi semelhante quando o zagueiro Mina marcou o segundo gol, já no segundo tempo.

Ao fim da partida, além dos cantos da Mancha Verde entoados por membros da própria entidade e endossados pelos outros torcedores, era possível observar, à semelhança do que ocorre no Gol Norte nos jogos do Palmeiras, muitos torcedores filmando a comemoração e gravando mensagens repletas de ofensas e jocosidades para amigos corintianos. Usando um gorro de lã do Palmeiras, Sandro cantava todas as músicas em visível empolgação, abraçando os amigos e dizendo que “não existe nada melhor do que ganhar deles”. Naquela tarde, até Teodoro, que normalmente permanece no balcão independentemente do resultado, também tinha se misturado à pequena multidão que comemorava o resultado positivo no clássico.

²⁶¹ O autor associa três elementos dessa performance torcedora – “a presença no bar, os desafios verbais entre participantes e a teatralização jocosa” (GASTALDO, 2005, p.107) – à masculinidade.

Os jogos da fase de grupos da Libertadores 2016 também servem de exemplo para ilustrar como as práticas torcedoras da arena, mais precisamente as executadas no Gol Norte, transpõem-se para os bares da Rua Caraibas nos dias em que o time jogou fora do País. Em 6 de abril daquele ano, quando ocorreu o jogo contra o Rosario Central, torcedores cantavam na rua desde o início da partida. Sandro, Bruno e Helena estavam entre aqueles que entoavam “Vamo ganhar, porco” para a televisão. Também engrossaram o coro de “O Palmeiras é o time da virada, o Palmeiras é o time do amor” quando o time empatou a partida em 3x3. Ambos os versos são cantados regularmente pela Mancha Verde na arena.

Por conta da concentração de torcedores em partidas como essa, a transmissão de jogos também atrai vendedores ambulantes para o entorno da arena. No derby em questão, além de alguns carrinhos com cerveja e outros tipos de bebida alcoólica, havia varais com camisas e faixas na frente da bilheteria do portão A da arena, como ocorre em dias de jogo na região. Na reta final do Campeonato Brasileiro de 2016, conforme o título do Palmeiras parecia crível, os jogos noturnos em dias úteis também lotaram a Rua Caraibas. Os confrontos com o Santos, em 29 de outubro, e com o Atlético Mineiro, em 17 de novembro, considerados jogos difíceis para o clube alviverde e, portanto, decisivos na campanha para o título, encheram as vias de torcedores, que comemoraram o término de ambas as partidas efusivamente – ainda que os dois jogos tivessem resultado, respectivamente, em derrota e empate²⁶². No jogo contra o time mineiro, por exemplo, havia venda de espetinhos de carne e linguiça, além de carrinhos de isopor com vodca e batidas de bebidas alcoólicas de diversos sabores.

Nesse sentido, o comércio para além dos bares no entorno do Allianz Parque, em dia de jogo na arena ou não, também merece atenção por criar redes de sociabilidade por distanciamento (TOLEDO, 2000, p.285), à semelhança do que ocorre em estabelecimentos como o Alviverde. As barracas de lanches de pernil das ruas Caraibas e Palestra Itália eram pontos de encontro de torcedores até outubro de 2016, quando esse tipo de comércio era permitido nas vias²⁶³, o que conferia “uma regularidade na apropriação do espaço, aparentemente desorganizado para quem não está acostumado com a intensa movimentação e fluxo de carros, pessoas e vendedores num dia de jogo” (TOLEDO, 2000, p.285). Ainda segundo o autor, nessas tendas de produtos alimentícios também se discutem “os jogos, as possibilidades do time ou dos adversários, as questões técnicas e táticas, locais onde se pode

²⁶² Tais resultados não tiraram o Palmeiras da liderança do campeonato.

²⁶³ Após os bloqueios dessas ruas, que será assunto do próximo capítulo, as barracas passaram a ser montadas em outras vias.

‘descolar’ um ingresso que não pôde ser comprado com antecedência” (TOLEDO, 2000, p.286).

Além disso, tanto os comerciantes²⁶⁴ das tendas como os ambulantes costumam usar vocativos clubistas²⁶⁵ para aproximarem-se dos torcedores: “Ô verdão, vai uma breja aí?” e “Salve Palestra, tem Heineken e Skol, tem litrão também, vai aí?” são abordagens comuns, onde “amigo”, “colega” e outras categorias são substituídas por termos referentes ao Palmeiras – alguns deles inclusive utilizam camisas do time²⁶⁶.

Vale dizer que as próprias barracas de lanches, consideradas tradicionais no futebol paulista, parecem dialogar com a ideia de modernização como um perfil de consumo que a arena atrairia. Durante a temporada palmeirense de 2016 no Allianz Parque, tendas com nomes como “*Stadium*” e *food trucks* com imagens de arenas europeias modernas vendiam seus produtos nas ruas Caraibas e Palestra Itália – um deles, por exemplo, chamava-se *Food Stadium Traditional*, nome impresso em cima de uma foto de uma partida da Liga dos Campeões²⁶⁷ da União das Associações Europeias de Futebol (UEFA).

O mesmo vale para os vendedores de bebidas alcoólicas. A percepção de que um comércio mais *gourmet* – termo banalizado, mas que aciono por entender cabível – emergiu no entorno é notável na fala do dono do bar que não queria que seu estabelecimento fosse frequentado pelos “moleques da Mancha”. Mas também aparece, por exemplo, na venda de cerveja artesanal antes e depois dos jogos. Antes da terceira rodada do Brasileirão daquele ano, em 25 de maio contra o Fluminense, um homem comercializava garrafas de cerveja artesanal de rótulos verdes onde se via a imagem de Ademir da Guia²⁶⁸. Havia outros modelos de garrafas, todas verdes, com outros ídolos palmeirenses, à venda por R\$ 20²⁶⁹. “Nosso sonho sempre foi tomar cerveja boa no jogo do nosso time e agora é possível fazer isso”. Em nossa rápida conversa, ele, que disse ser palmeirense, afirmou que estava desenvolvendo cervejas

²⁶⁴ O artigo de Abrantes e Silva (2016) sobre o futebol nos bares de Belo Horizonte, Minas Gerais, mostra como surgem vínculos entre proprietários/comerciantes e torcedores/clientes.

²⁶⁵ Tal prática é generalizada, comuns em jogos de outros times e torcidas.

²⁶⁶ No caso dos bares, ser palmeirense não é exatamente um pré-requisito para trabalhar neles, apesar de ser comum os comerciantes afirmarem torcer para o time.

²⁶⁷ A *Champions League* (nome original) é um torneio continental disputado na Europa anualmente por equipes como o Real Madrid, por exemplo, e movimenta milhões de euros.

²⁶⁸ Ademir da Guia, o “Divino”, jogou pelo Palmeiras entre 1962 e 1977, período que compreende as duas “Academias de Futebol”, quando o futebol jogado pelo clube era reconhecido por sua excelência. É considerado, por alguns torcedores, historiadores e jornalistas, um dos melhores jogadores que já vestiram a camisa alviverde, além de ser aquele que mais atuou com ela.

²⁶⁹ A título de comparação, naquele ano era possível comprar três latas de Skol por R\$ 10 com outros vendedores.

especiais para comercializar no Morumbi, antes dos jogos do São Paulo – a primeira seria uma homenagem ao ex-goleiro Rogério Ceni.

Alguns bares, como é o caso do Dissidenti²⁷⁰, na Rua Caraibas, expandiram a variedade de itens vendidos durante os jogos do Palmeiras realizados ou não na arena, uma vez que o bar sempre abre para torcedores interessados em assistir ali à transmissão das partidas. O estabelecimento – também decorado com pôsteres e outros itens palmeirenses – oferece, por exemplo, *choripán*, espetinhos, caipirinhas, chope, massas com molhos diversos (como camarão, por exemplo), entre outros. Durante o ano de 2016, o Dissidenti chegou a vender copos de plástico comemorativos dos jogos, à semelhança do que ocorre no Allianz Parque, onde desde o fim de 2016²⁷¹ são comercializados copos colecionáveis²⁷² das partidas como uma espécie de souvenir do jogo. Vendidos por R\$ 10 (R\$ 15 com bebida), os copos comercializados na arena são diferentes a cada jogo, com mudanças nas cores, grafismos e nos dados do confronto, mas todos mantêm a frase “Eu Fui” e conferem uma materialidade ao torcer, como se provassem a presença do torcedor em determinado jogo. Já no Dissidenti, os copos apresentavam *design* mais simples mas seguiam a mesma lógica – no dia do confronto com o Club Atlético Peñarol pela Libertadores de 2017, em 12 de abril de 2017, o copo comercializado era branco, com as seguintes mensagens: “O Bar Dissidenti – Desde 2011 – Palmeiras x Peñarol, Libertadores 2017 – Eu Fui!”.

É preciso registrar também que, a despeito do comércio de produtos alimentícios supostamente voltados a um público disposto a pagar preços mais elevados, surgiu um novo item no “cardápio” dos jogos de futebol em São Paulo – e não só do Palmeiras –: a chamada “pizza de R\$ 10”²⁷³. Trata-se de uma pizza, normalmente de muçarela ou calabresa, vendida

²⁷⁰ O Dissidenti abriu em 2011, quando o Palestra Itália estava em obras, e reunia amigos palmeirenses. Após a abertura da arena, tornou-se, paulatinamente, além de um ponto de encontro, um estabelecimento comercial – antes, vendia basicamente cerveja. É possível consultar o horário de funcionamento, bem como os itens oferecidos no cardápio do dia, no Instagram do bar: *Sede Dissidenti*. Disponível em: <<https://www.instagram.com/sededissidenti/>>. Acesso em 1 de julho de 2018.

²⁷¹ Na final da Copa do Brasil, em 2015, foram vendidos copos especiais em comemoração à final, mas sem muita divulgação. A ação voltou a se repetir apenas em outubro de 2016, na semifinal do mesmo torneio contra o Grêmio. Naquela ocasião, presenciei brigas entre torcedores para conseguir comprar os copos nas lanchonetes do Allianz Parque – os itens esgotaram-se antes do início da partida. As discussões deram-se principalmente por conta de palmeirenses que “furaram” a fila ou que conseguiram adquirir vários copos de uma vez, deixando os próximos da fila sem o produto. Desde então, em todas as partidas na arena palmeirense é possível encontrar até dois modelos de copos disponíveis para compra. Ler a respeito em *Allianz Parque lança copos personalizados para jogo decisivo da Copa do Brasil*. Meio & Mensagem, 19 de outubro de 2016. Disponível em: <<http://www.meioemensagem.com.br/home/ultimas-noticias/2016/10/19/allianz-parque-lanca-copos-personalizados-para-jogo-decisivo-da-copa-do-brasil.html>>. Acesso de 1 de junho de 2018.

²⁷² Os copos colecionáveis são vendidos em diversos estádios e arenas do Brasil, e não apenas no Allianz Parque. Flamengo e Corinthians, por exemplo, também comercializam os itens em todos os jogos.

²⁷³ Ler a respeito em *Pizza a R\$ 10 se espalha por São Paulo*. Folha de S. Paulo, 13 de agosto de 2016.

por ambulantes ao final das partidas, quando muitos torcedores saem famintos. No Allianz Parque, é comum ver grupos de torcedores dividindo uma dessas pizzas, que já vêm fatiadas, sentados nas calçadas da Avenida Francisco Matarazzo e próximos ao portão B. Os vendedores trazem as pizzas em caixas térmicas como as dos entregadores de comida, e abordam os palmeirenses de formas parecidas com as usadas por aqueles que comercializam bebidas, bandeiras e camisas: incluindo o clubismo na hora de atrair consumidores. Assim, frases como “Olha a pizza de R\$ 10, Palmeiras” ou “Pizza de R\$ 10 aí, Verdão” são bastante corriqueiras.

Ademais, vale lembrar que o próprio clube tem investido no setor alimentício, inaugurando o comércio “oficial”²⁷⁴ no entorno da arena²⁷⁵. Tal empreendimento materializou-se com a inauguração do restaurante temático Cantina Palestra²⁷⁶ em novembro de 2016 na Avenida Francisco Matarazzo, na Casa do Eletricista²⁷⁷, um prédio histórico da região. Além de decoração interna voltada para a história do clube, os pratos do cardápio apresentam nomes de títulos, jogadores e fases da instituição – em 2016, por exemplo, era possível comer um pudim feito com o formato do estádio Palestra Itália e tomar uma cerveja com o rótulo de 1942, em referência à Arrancada Heroica. Em dias de jogo na arena, a cantina abre um *food truck* oficial na região, voltado a atender os torcedores.

Assim, de maneira geral, as observações “fora” da arena – ou seja, na “rua” – permitem tecer um quadro de diferenciações internas entre as formas de torcer, que dialogam com o espaço a se ocupar, que extrapolam os perfis de “modinhas” e “das antigas” visualizados no capítulo anterior. O próprio “novo modelo” torcedor, expressão de Felipe para se referir aos agrupamentos que fazem churrascos nas ruas, é um exemplo disso, pois estabelece relações de reciprocidade e comensalidade que extrapolam análises binárias. Ademais, existem gradações diversas como os perfis de torcedores a consumirem nos bares – aqueles de maior poder aquisitivo –, enquanto outros preferem ver o jogo na rua.

Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/tv/cotidiano/2016/08/1802501-pizza-a-r-10-se-espalha-por-sao-paulo.shtml>>. Acesso em 1 de junho de 2018.

²⁷⁴ O Palmeiras não é o único. O Corinthians planeja a abertura de bares com a marca do clube. Ler a respeito em *Corinthians terá pub em bairro nobre e quer expandir negócio de R\$ 600 mil*. UOL Esporte, 5 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/02/05/corinthians-tera-pub-em-bairro-nobre-e-quer-expandir-negocio-de-r-600-mil.htm>>. Acesso em 14 de maio de 2018.

²⁷⁵ Há restaurantes dentro da arena também, como o japonês Nagairô. Ler a respeito em: *Nagairô Sushi – Gastronomia Japonesa com vista para o campo*. Disponível em <<http://allianzparque.com.br/hospitalidade/nagairo-sushi>>. Acesso em 10 de julho de 2018.

²⁷⁶ Outras unidades devem ser inauguradas nos próximos anos. Ler a respeito *Site Oficial – Cantina Palestra*. Disponível em: <<http://www.cantinapalestra.com.br>>. Acesso em 14 de maio de 2018.

²⁷⁷ Ler a respeito em *Casa do Eletricista será sede da primeira unidade da Cantina Palestra, o restaurante do Palmeiras*. MKT Esportivo, 30 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.mktesportivo.com/2015/10/casa-do-eletricista-sera-a-sede-da-primeira-unidade-da-cantina-palestra-o-restaurant-do-palmeiras/>>. Acesso em 14 de maio de 2018.

4.4 Iconografia

Figura 35: Torcedores reunidos na Rua Caraibas para acompanhar a partida entre São Paulo x Palmeiras, 29.05.2016. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 36: Rua Palestra Itália no pré-jogo, quando ambulantes eram permitidos em 21.11.2015. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 37: Rua Caraibas no pré-jogo, quando barracas eram permitidas em 21.11.2015. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 38: Palmeiras x Flamengo, 14.09.2016. Faixa de um dos agrupamentos torcedores na Rua Palestra Itália. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 39: Palmeiras x Corinthians, 12.06.2016. Agrupamentos recorrente de torcedores identificado na etnografia, com bandeira própria, na Rua Caraibas. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

5. Uma “mancha verde”: a arena e a cidade

Dentro de um dos bares na Rua Caraibas há uma parede decorada com alguns dos zines produzidos pelos torcedores Flávio e Fábio. Nesse painel, num grande mapa antigo de São Paulo, pode-se ver o Parque Antarctica entre os bairros da Água Branca e Perdizes. Neste ponto, foi grafada a frase: “Chegamos primeiro”. A reprodução desse mesmo mapa, datado de 1905²⁷⁸, integrou a 12ª edição da publicação distribuída pela dupla em novembro 2016, época em que o conflito entre moradores e torcida ganhou novamente espaço na mídia esportiva²⁷⁹, nos diversos portais e emissoras especializadas. A publicação dos torcedores tinha, de um lado, a planta geral da capital paulistana e, no verso, uma fotomontagem de jogadores do Palmeiras.

O argumento de que a construção do estádio é anterior à chegada dos vizinhos, que hoje reclamam dos incômodos causados desde a sua reforma, é comumente acionado por torcedores em conversas sobre as relações da arena com o bairro. A ideia de que o entorno do Allianz Parque pertence ao clube e, conseqüentemente, à sua torcida, permeia o discurso da maioria daqueles com quem mantive contato durante o trabalho de campo.

O torcedor Guilherme é um dos que exaltam a sua relação com o clube por conta dos amigos e do espaço que dividem juntos, especialmente antes do jogo. Para ele, a sociabilidade vivenciada na rua, nos agrupamentos torcedores descritos no capítulo anterior, constitui uma especificidade do torcer pelo clube: “O Palmeiras, por ser uma torcida grande dentro de São Paulo e ter um lugar de décadas e décadas, cria esse conceito de bairro mesmo, das pessoas se encontrarem muito antes e criar esse sentimento mais forte”, disse-me na tarde do dia 27 de agosto de 2017, enquanto bebia uma cerveja na Rua Caraibas, duas horas antes do jogo com o São Paulo pela 22ª rodada do Campeonato Brasileiro. Ele completa: “O Palmeiras na verdade não existe enquanto instituição, o Palmeiras são as pessoas. Então quando você se encontra, sei

²⁷⁸ Ver a respeito em *Planta geral da cidade de São Paulo, 1905, adoptada pela Prefeitura Municipal para uso de suas repartições [Cartográfico]*. Biblioteca Nacional Digital. Disponível em:

<<http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.html>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2018.

²⁷⁹ Ver, por exemplo: *Fechamento do entorno da arena do Palmeiras gera debate; veja opiniões*. Globo Esporte, 3 de novembro de 2016. Disponível em:

<<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2016/11/fechamento-do-entorno-da-arena-do-palmeiras-gera-debate-veja-opinioes.html>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2018.

lá, cinco, seis horas antes [*do jogo*], o Palmeiras, ele vai crescendo dentro de você pelas pessoas que você conhece”.

A relação do Allianz Parque com seus arredores tornou-se, como referenciado na introdução desta dissertação, uma questão-chave para a pesquisa, fazendo com que eu ampliasse meu olhar etnográfico não apenas para as ruas que circundam a arena e as formas de torcer nelas presentes, mas para a cidade mais abrangente. A dimensão urbana mostrou-se fundamental para entender as práticas torcedoras: os trajetos²⁸⁰ (MAGNANI, 1992, p.197) dos torcedores até a arena²⁸¹, bem como a presença de outras locações na zona oeste de São Paulo e espaços identificados com o clube para além da própria arena definem, por assim dizer, uma territorialidade (PERLONGER, 1987) alviverde, em que o pertencimento clubístico (DAMO, 1998) representa uma espécie de código moral.

A partir da tentativa de compreender os entremeios das relações entre torcida e bairro, eu não poderia ignorar o que pensam os moradores das Perdizes. É preciso destacar que, diferentemente dos outros campos da capital, o Allianz Parque não tem área de espraiamento ou praça de dispersão, como se vê no Pacaembu, no Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Morumbi) e na Arena Corinthians. As ruas que o cercam são estreitas e ainda bastante residenciais, com pequenas casas, apesar da chegada de empreendimentos como o Bourbon Shopping e dos condomínios de alto padrão. O bairro das Perdizes, aliás, é conhecido por ser um dos endereços da classe média alta paulistana e ter um dos melhores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) da capital²⁸².

Como já assinalado, a relação entre os torcedores e os residentes dos arredores do Allianz Parque costuma ser posta de forma bélica e estereotipada pela imprensa, o que reforça a ideia de se ouvir os vizinhos da arena para além de tal enfoque. Tal necessidade se tornou indispensável quando, em outubro de 2016, na reta final do Campeonato Brasileiro em que o Palmeiras se sagrou campeão, as ruas do entorno da arena passaram a ser bloqueadas horas antes das partidas. Isto permitiu o acesso dos torcedores apenas mediante apresentação de

²⁸⁰ Segundo Maganani (1992, p.197), a categoria “trajeto aplica-se a fluxos no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas”.

²⁸¹ A abordagem de Bocchi (2016, p.35) sobre as diferenças dos trajetos entre o Pacaembu e a arena do clube, percorridos pelos torcedores do Corinthians, mostra que a elaboração de tais caminhos pode ser interpretada como maneiras de se “fazer a cidade” (AGIER, 2011, p.91).

²⁸² O IDH vai de zero a 1 – quanto mais próximo de um, melhores condições de saúde, educação e renda de determinado local. No caso de Perdizes, esse índice chegou a 0,957 em 2016. Ver a respeito em *IDH: Os 20 melhores e os 20 piores distritos de São Paulo*. Estadão.com, 25 de abril de 2016. Disponível em: <<https://fotos.estadao.com.br/galerias/cidades,idh-os-20-melhores-e-os-20-piores-distritos-de-sao-paulo,24925>>. Acesso em 2 de junho de 2018.

ingresso válido ou carteirinha de sócio-torcedor ativa. Desse modo, aqueles habituados a ver a partida nos bares da Rua Caraibas tiveram sua passagem proibida por funcionários do Avanti e policiais militares – a frase “Caraibas livre”, do zine produzido pelos torcedores Flávio e Fábio, faz referência justamente a tal cercamento. A prática perdurou por todo o ano de 2017 e seguiu em funcionamento ao menos até o fim do primeiro semestre de 2018.

Mesmo com o bloqueio das ruas, o que diminuiu consideravelmente a concentração de torcedores nas vias antes das partidas, a ideia de que a arena “não cabe no bairro” seguiu repercutindo no debate público. Em fevereiro de 2018, durante participação²⁸³ num canal esportivo de televisão, o diretor de marketing do Corinthians, Luis Paulo Rosenberg, afirmou que o Allianz Parque “parece uma baleia em um aquário” e que “cria um constrangimento no entorno cada vez que há um evento ou um jogo” pelo fato de o espaço do entorno ser “apertadinho”. Em contrapartida, tal dirigente elogiou a localização do campo, ao dizer que é “privilegiada” para “esses eventos de 40 ou 50 mil pessoas de artistas internacionais”.

É a partir desse cenário que, neste capítulo, discuto efeitos da ocupação das ruas pela torcida do Palmeiras. A etnografia sobre uma arena como o Allianz Parque não suscita apenas um debate para o futebol e o esporte em si – ou seja, para a antropologia das práticas desportivas –, mas para a antropologia urbana, já que traz à tona conflitos anteriores e acirra novas disputas entre os atores da cidade, bem como entre os vizinhos do entorno. Assim, com base nas observações regulares, reconstituo o que chamo de território palmeirense, além de detalhar o bloqueio das vias em dia de jogo e os modos de resistência de alguns torcedores. Por fim, com o objetivo de compreender o acirramento e surgimento de antigas e novas disputas que a remodelação do estádio trouxe para a dimensão urbana, ampliando a discussão do torcer.

5.1 Territorialidade expandida: clubismo, alianças e rivalidades

Em 10 de outubro de 2017, a Seleção Brasileira de Futebol²⁸⁴ jogou no Allianz Parque contra a seleção chilena, em partida válida pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2018. Por ser um evento futebolístico de grande dimensão e atenção midiática, achei importante, mesmo

²⁸³ Ver a respeito em *Diretor do Timão fala sobre Allianz Parque: ‘Parece baleia em aquário’*. Lance, 12 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://www.lance.com.br/corinthians/diretor-timao-fala-sobre-allianz-parque-parece-baleia-aquario.html>>. Acesso em 4 de abril de 2018.

²⁸⁴ A partida registrou o recorde de renda do futebol brasileiro – a média de preço do ingresso foi de R\$ 368. Ler a respeito em *Brasil x Chile supera R\$ 15 mi de renda e tem maior arrecadação da história*. UOL Notícias, 10 de outubro de 2017. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/10/10/brasil-x-chile-supera-r-15-mi-de-renda-e-tem-maior-arrecadacao-da-historia.htm>>. Acesso em 4 de abril de 2018

sem ingresso para a partida, caminhar pelo entorno da arena e observar a movimentação nos arredores.

O bloqueio às ruas funcionou como em dias em que o Palmeiras usualmente entra em campo: só era permitida a circulação daqueles com ingresso para o setor ali localizado. Ao postar-me na entrada da fila da Rua Palestra Itália, onde fica o portão A, cerca de uma hora antes do início da partida, notei uma garota com uma camisa azul, com ingresso em mãos. Com o cabelo preso, ela insistia em posicionar o rabo-de-cavalo em cima do ombro esquerdo. Ao ter a entrada autorizada por um funcionário, consegui notar que atrás do seu cabelo havia um escudo do Corinthians²⁸⁵.

Após a passagem da garota, passei a contar a quantidade de torcedores trajados com camisas de outros clubes que não fossem o próprio Palmeiras, já que a ideia de uma torcedora corintiana visualmente identificada na arena palmeirense era um dado etnográfico que eu não poderia ignorar, uma vez que não havia presenciado algo semelhante em meses de trabalho de campo. Assim, em cerca de uma hora, na mesma fila, vi, além daqueles com camisas do clube alviverde, quatro torcedores com camisas do São Paulo, outro clube com quem o Palmeiras detém uma rivalidade histórica²⁸⁶, além de camisas do Grêmio, Atlético Paranaense, Criciúma, Cruzeiro, Botafogo e Flamengo – os dois últimos em situação semelhante à da torcedora corintiana: ambos os torcedores usavam suas mochilas à frente do corpo, em uma aparente tentativa de esconder os escudos dos clubes.

Alguns minutos antes da partida iniciar, quando os torcedores atrasados passavam apressados pela calçada e os fiscais contratados pela organização do jogo já começavam a liberar a passagem para todos os pedestres, um homem que recolhia as garrafas de cerveja deixadas no asfalto parou em frente do muro do clube social do Palmeiras, próximo à entrada da fila onde eu estava, e gritou, chamando a atenção de quem estava em volta e provocando o riso de alguns: “Vai, Corinthians!”.

A descrição dessa situação é reveladora de como o caráter multiuso do Allianz Parque modifica não apenas a dinâmica da arena como “casa” do Palmeiras, mas também o seu entorno no que tange às práticas torcedoras, impactando nas formas como o espaço urbano é ocupado²⁸⁷.

²⁸⁵ A torcedora vestia a terceira camisa palmeirense da temporada 2013/14, lançada na cor azul.

²⁸⁶ Como se sabe, a rivalidade entre o alviverde e o tricolor paulista é uma das maiores do estado e do País. O primeiro jogo entre os dois clubes data de 1930.

²⁸⁷ A dinâmica é diferente dos jogos do Palmeiras também por outro aspecto: não percebi nenhum agrupamento de torcedores realizando churrascos ou bebendo nos arredores da arena. Também percebi poucos ambulantes vendendo souvenirs ou itens de alimentação, e apenas uma bandeira do Palmeiras visível nas ruas, pregada na varanda de um dos bares na esquina entre as ruas Palestra Itália e Caraibas.

em dias em que o clube não joga ali. Basta circular pela região da cidade que abriga a arena para perceber como ela remete ao time de diversas maneiras, que abarcam desde os estabelecimentos comerciais até muros, cores das casas, nomes de ruas e logradouros, e que vão além das ruas que cercam o Allianz Parque. Isto porque, como já abordado, um dia de jogo em “casa” não começa com o apito do árbitro. Horas antes da partida, inicia-se uma grande movimentação de torcedores trajados em camisas majoritariamente verdes e brancas, com a presença de algumas azuis e amarelas²⁸⁸. Elas saem dos ônibus e dos vagões de trem e metrô do Terminal Palmeiras-Barra Funda que, inaugurado em 1988, foi rebatizado em 2006 por um decreto²⁸⁹ estadual justamente em homenagem ao clube. Sua estação de metrô faz parte da linha vermelha do metrô paulistano, que liga as zonas leste e oeste da cidade, cujas estações nas extremidades denominam-se, respectivamente, de Corinthians-Itaquera, região onde hoje se localiza a Arena Corinthians, e Palmeiras-Barra Funda. Ou seja, os arquirrivais paulistanos são homenageados em polos opostos da cidade.

As catracas de saída do metrô e do trem do Terminal Palmeiras-Barra Funda servem como ponto de encontro de torcedores. Conforme os minutos para o jogo avançam, o movimento aumenta consideravelmente. Muitos entram e saem pelos acessos da estação enquanto outros esperam amigos para rumarem juntos para o Allianz Parque. Os acessos servem também como ponto de venda dos ambulantes, focados em aproveitar o fluxo torcedor – cerveja, água, camisas, bandeiras e bonés são os principais itens comercializados nas portas. A sociabilidade palmeirense começa, portanto, antes das proximidades da arena, o que pode ser confrontado com a ideia inicial de Augé (1994; 2002) acerca do metrô como um não-lugar, uma vez que se tem a percepção de que a estação, assim como as ruas de Perdizes e Pompeia, torna-se mais verde conforme a hora do jogo se aproxima.

Saindo do terminal, a caminhada de cerca de dois quilômetros até o Allianz Parque dura cerca de quinze minutos e é marcada por alusões ao clube desde a saída da estação. Entre 2015 e 2016 era possível observar pichações em menção à Mancha Verde e à T.U.P. no muro²⁹⁰ que ladeia a Avenida Auro Soares de Moura Andrade até a passagem do viaduto da Avenida Antarctica. Perto do shopping West Plaza, cujo estacionamento é bastante utilizado por

²⁸⁸ A equipe utiliza tais cores em seu terceiro uniforme e também nas linhas de treino. O primeiro uniforme é sempre verde e o segundo, branco.

²⁸⁹ Ver Decreto N° 50.749 de 26 de abril de 2006. Disponível em <<https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=62140>>. Acesso em 12 de maio de 2018.

²⁹⁰ Em 2017, o muro foi grafitado por artistas selecionados pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, dentro do que a gestão chamou de Museu de Arte de Rua (MAR).

torcedores que vêm aos jogos de carro, há a Passarela Palmeiras Arrancada Heroica 1942, cujo nome alude ao que é considerado um dos mais importantes anos da história do time.

Caminhando pela Avenida Antártica²⁹¹, logo após seu cruzamento com a Rua Barão de Teté, os bares da próxima quadra, com destaque para a Panificadora Antártica e o Bar do Alemão, são os primeiros do trajeto nos quais é possível avistar concentrações de torcedores – bem como de torcedores rivais, dependendo do adversário do dia. Em 2 de março de 2016, antes da partida contra o Rosário Central²⁹² pela fase de grupo da Libertadores, por exemplo, três torcedores com suas camisas em azul e amarelo bebiam, conversavam e tiravam fotos com os alviverdes em frente à Panificadora Antártica. Eles eram servidos por Carlos, que trabalha no estabelecimento desde 1989. Conversei com Carlos algumas vezes durante as idas a campo. Ele, que se diz são-paulino, mas afirma ser “comercialmente palmeirense”, pois trabalha ali há bastante tempo, também se considera “alguém que já viu muita coisa acontecer”, especialmente brigas de torcidas nos anos 1990. No dia já mencionado, ele comentou que acha que a arena tornou cenas como aquela – palmeirenses e *canallas*²⁹³ confraternizando na calçada – mais comuns. “Antigamente isso aqui tinha briga de garrafada na rua, vidro voando. Hoje está melhor com essa coisa da arena”.

Ao cruzar a Rua Padre Antônio Tomás, por onde entra a torcida visitante e os torcedores com ingresso para a Central Leste (portão C), chega-se à quadra onde estão localizados a sede social do clube e o Allianz Parque. Ali, a abordagem dos ambulantes passa a ser mais intensa, com chamamentos do tipo “Vai uma camisa aí, Palmeiras?” ou “Três latinhas, dez reais, Palmeiras”, como já descrito. É comum os ambulantes estarem vestidos com camisas do clube ou de times europeus, como Real Madrid Club de Fútbol, Futbol Club Barcelona, Juventus Football Club e Fußball-Club Bayern München (Bayern de Munique). Entre os times brasileiros, vendedores trajados com uniformes do Club de Regatas Vasco da Gama²⁹⁴ e da Associação Portuguesa de Desportos também podem ser encontrados nos jogos – caso da já mencionada noite de 2 de março de 2016, quando dois ambulantes vendiam cervejas no início da Rua Palestra Itália vestidos com camisas antigas dos dois clubes.

²⁹¹ Muitos torcedores seguem direto pela Avenida Francisco Matarazzo, rumo aos portões B e C da arena. O caminho que reproduzo aqui é daqueles que entram pelo portão A e dos que frequentam os bares das Ruas Caraibas, Diana e Palestra Itália antes dos jogos.

²⁹² O Club Atlético Rosário Central, time argentino da cidade de Rosário, e um dos mais tradicionais daquele país.

²⁹³ Alcinha dada aos torcedores do Rosário Central.

²⁹⁴ As torcidas organizadas do Vasco e do Palmeiras, como será descrito neste capítulo, são aliadas.

É comum também os comerciantes prenderem bandeiras e camisas em varais montados em postes, árvores e nas grades do próprio clube, especialmente na esquina entre a Rua Palestra Itália e a Avenida Antártica, o que contraria o conteúdo das faixas que o clube passou a pendurar, em 2016, em sua fachada: “Ingresso sujeito à conferência. Não compre de cambistas” e “Pirataria é crime! Não prejudique o Palmeiras, não compre produto pirata”. É nessa mesma esquina que se tem o primeiro contato com os cambistas que, mesmo com o surgimento do Avanti, ainda podem ser vistos – e ouvidos – em grande quantidade nas ruas que cercam a arena.

Antes de chegar à Rua Palestra Itália, ainda nessa mesma esquina, fica a banca de jornal de Elias. Nos jogos realizados nas tardes de sábado ou domingo, quando ainda pode ser considerado horário comercial, é comum avistá-lo vestido com uma camisa alviverde. Em um dos nossos contatos, ele me confessou que fecharia a banca mais cedo para ir ao jogo. Ao lado da banca, inscritos no asfalto da calçada quando este ainda estava fresco, lê-se palavras “Campeão da América 1999”, em alusão ao título da Libertadores da América daquele ano, e o símbolo PI, referência ao Palestra Itália.

A esquina entre a Avenida Antártica e o início da Rua Palestra Itália também é onde se encontra uma das grandes concentrações de ambulantes. Os vendedores de camisas, toucas, bonés, chaveiros e bandeiras estão presentes desde a saída do metrô Barra Funda, mas é nos muros da sede social do clube que eles aparecem em grande quantidade e vendendo outros artigos, como os cavalos de pelúcia do Fantástico²⁹⁵, atração dominical da Rede Globo de Televisão, e faixas com os dizeres “Chupa Gambá”, “Chupa Sardinha”, “Caiu em Itaquera o porco atropela” e “Palmeiras minha vida é você”.

Minha intenção ao descrever esse trajeto²⁹⁶ de maneira mais generalista, baseada nas recorrências observadas durante incursões a campo, é mostrar que o time não está presente apenas na Rua Palestra Itália, 214, e na Avenida Francisco Matarazzo, 1705, endereços oficiais do clube social e do Allianz Parque, respectivamente. O clubismo alviverde também não é visível somente nos bares temáticos, agrupamentos de torcedores e sedes de torcidas organizadas localizados nas ruas que cercam a arena, como Caraibas e Diana. Ele constitui uma territorialidade que escapa aos muros do clube, de seu novo campo e das ruas que os cercam

²⁹⁵ Ler a respeito em *Cavallinhos do Fantástico viram sucesso de vendas em estádios do Brasileiro*. UOL Notícias, 25 de maio de 2017. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/07/25/epidemia-do-brasileirao-diz-ambulante-sobre-cavallinhos-do-fantastico.htm>>. Acesso em 13 de maio de 2018.

²⁹⁶ Tal trajeto refere-se ao período em que as ruas do entorno da arena ainda não eram bloqueadas, tema do próximo subitem.

por meio de equipamentos identificados com a equipe ou utilizados pela torcida em dias de jogos. O mapa abaixo amplia o olhar para além do Allianz Parque e seus arredores, na tentativa de ilustrar as conexões dele com a cidade. As setas vermelhas ilustram o trajeto (MAGNANI, 1992) descrito até agora.

Figura 40: Trajeto

1. Centro de Treinamento do Palmeiras
2. Quadra do G.R.C.E.S. Mancha Verde²⁹⁷
3. Quadra e sede da Torcida Uniformizada do Palmeiras (T.U.P.)
4. Terminal Rodoviário Palmeiras/Barra Funda
5. Allianz Parque
6. Sociedade Esportiva Palmeiras
7. Ruas que concentram bares e agrupamentos torcedores

O hexágono formado pelos seis pontos realça o alcance dessa territorialidade alviverde, cujos limites físicos concentram o maior volume de equipamentos e torcedores. O ponto 1 representa o Centro de Treinamento do clube, também conhecido como Academia de Futebol

²⁹⁷ Antes apenas quadra da escola de samba, o endereço passou a funcionar em março de 2017 também como sede da torcida organizada. A mudança se deu após conflitos internos na agremiação, que resultaram no assassinato de Moacir Bianchi, um dos fundadores e líderes mais respeitados da organizada.

1²⁹⁸, onde o time profissional realiza suas atividades diárias e onde se situam alguns departamentos administrativos do clube, como o jurídico e o de marketing. É na frente do CT, na Avenida Marquês de São Vicente, que ocorrem as principais manifestações de apoio ou protesto, a depender da situação do time nos campeonatos disputados, convocadas pela Mancha Verde. Já as quadras da Mancha Verde e da T.U.P., respectivamente representadas pelos pontos 2 e 3, mostram a proximidade territorial das principais torcidas organizadas em relação ao Allianz Parque. O ponto 4 indica a estação Barra Funda, principal logradouro de transporte público por onde chegam torcedores em dias de jogo. O Allianz Parque e o clube social, ambos na Rua Palestra Itália, são os pontos 5 e 6, respectivamente, sendo 7 o conjunto de ruas que concentram os principais bares e agrupamentos.

Tal mapeamento pode ser compreendido sob a ideia de mancha proposta por Magnani, categoria para a abordagem da cidade que pode ser definida como “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante” (1996, p.19). Os pontos 5 e 7 foram explorados, respectivamente, nos capítulos 2 e 3, e se relacionam às dimensões interna e externa da arena multiuso²⁹⁹.

A mancha não se prende a limites geográficos oficialmente estabelecidos, o que significa que pode compreender partes de bairros diferentes – casos de Perdizes, Pompeia, Água Branca e Barra Funda. Isto porque, segundo Magnani, a cidade:

[...] não é um aglomerado de pontos, pedaços ou manchas excludentes: as pessoas circulam entre eles, fazem suas escolhas entre as várias alternativas – este ou aquele, este e aquele e depois aquele outro – de acordo com determinada lógica; mesmo quando se dirigem a seu pedaço favorito, no interior de determinada mancha, seguem caminhos que não são aleatórios (1992, p.197).

Segundo o autor, as manchas são “recortadas por trajetos, divididas por pórticos³⁰⁰ e pontuadas por pedaços” (MAGNANI, 1992, p.201). Assim, essa “mancha palmeirense” abriga o pedaço descrito no capítulo anterior e, como “[...] pertencer a um pedaço significa dispor de uma referência concreta, visível e estável” (MAGNANI, 1992, p.193), o aspecto territorial ganha importância para a essa análise.

²⁹⁸ O Palmeiras tem um segundo CT denominado Academia de Futebol 2, localizado em Guarulhos. É frequentado pelos atletas das categorias de base.

²⁹⁹ Explorar os demais pontos seria demasiadamente trabalhoso para o tempo de realização do mestrado.

³⁰⁰ Pórticos, segundo o autor, são “[...] espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens. Lugares que já não pertencem ao pedaço ou mancha de lá, mas ainda não se situam nos de cá [...]” (MAGNANI, 1992, p.199).

Chamo, portanto, de território (PERLONGHER, 1987) a área da cidade onde traços do clubismo e da sociabilidade palmeirense são percebidos por meio de logradouros oficiais³⁰¹ e estabelecimentos identificados de alguma maneira com o clube – espaço onde o sentimento de pertença (DAMO, 1998, p.11) a um time de futebol é um traço evidente, moral e fisicamente.

Nesse território opera-se um código cujas regras principais são as noções de rivalidade e aliança³⁰² – ou, em termos próximos, mas não idênticos ao par anterior, de amizade e inimizade – entre torcidas. A ideia de rivalidade clubística³⁰³ parte da ideia de que, “no futebol brasileiro todo clube tem seu ‘outro’, seu ‘contrário’.” (DAMO, 1998, p.67). A aliança, por sua vez, é baseada na associação entre determinadas torcidas organizadas de times diferentes que estabelecem uma “trama” de relações amistosas – “[...] trama que se revela numa preferência mais permanente, que se estabelece e se reafirma (ou não) a cada jogo, nos encontros e desencontros pelos estádios de futebol” (TOLEDO, 1996 p.109). Tais amizades extrapolam a sociabilidade existente entre os torcedores desses grupos organizados e se dilui pelo território. Pretendo explorar as duas condutas torcedoras adiante.

A rivalidade centenária entre Palmeiras e Corinthians pode ser percebida não só nas faixas vendidas pelos ambulantes em dias de jogo. Tanto dentro como fora da arena, o xingamento mais comum entre os palmeirenses é chamar alguém de gambá, como se a alcunha fosse a ofensa mais grave possível. Algumas situações observadas em campo servem como exemplo. Por volta das 17 horas do dia 2 de dezembro de 2015, data da final da Copa do Brasil entre Palmeiras e Santos, os torcedores do agrupamento C preparavam o churrasco na esquina entre as ruas Caraibas e Padre Chico. Dois deles prendiam uma grande bandeira verde e branca em uma placa de rua quando um carro parou no semáforo, ao lado deles. Quando o sinal ficou verde, o motorista colocou a cabeça para fora da janela, que já estava aberta, gritou “Vai, Corinthians” e, em seguida, acelerou o carro, seguindo veloz pela Rua Padre Chico. Os torcedores saíram correndo atrás do carro, mas desistiram quando perceberam que o automóvel que estava logo atrás do corintiano iniciou uma espécie de perseguição. Os outros torcedores que estavam na rua gritaram “Pega ele, pega esse gambá maldito”.

³⁰¹ É preciso destacar que existem diversos outros endereços pela cidade de São Paulo relevantes para a história e a identidade do Palmeiras – é o caso da Praça da Sé, na região central, por exemplo, onde o clube foi fundado como Palestra Itália em 26 de agosto de 1914. Cito este exemplo com o objetivo de mostrar que nem todos os logradouros importantes para o clube estão configurados nessa mancha que descrevo neste capítulo.

³⁰² Em Antropologia, o termo “aliança” remete principalmente a Lévi-Strauss. Em linhas gerais, na obra *As estruturas elementares do parentesco*, o autor explica que a proibição do incesto forçava casamentos entre indivíduos fora dos seus respectivos grupos, criando regras de reciprocidade nas quais as trocas de mulheres promoviam alianças entre eles.

³⁰³ A ideia de rivalidade clubística é bem explorada por Damo (1998), ao discutir o clássico gaúcho Grêmio x Internacional, o Gre-nal.

Gritar “Vai, Corinthians” ou “Chupa, porco” nos arredores do Allianz Parque, assim como ouvir em resposta alguma frase usando o termo “gambá”, ocorre especialmente nos jogos em que o Palmeiras joga fora de casa. Nesses casos, como a Rua Palestra Itália não fica fechada para o trânsito, é comum motoristas xingarem os torcedores vestidos com camisas do Palmeiras que ficam na calçada do Bar Alviverde. É o caso da transmissão do jogo com o Club Nacional de Football, pela Libertadores de 2016, em 17 de março: ao término da partida, com a vitória do time uruguaio, dois palmeirenses atravessavam a rua e, bem no trecho em frente à bilheteria, um carro passou buzinando e quase os atropelou. Um deles, em resposta, berrou: “Vai se f****, gambá do c*****!”.

Destaco ainda outra situação, ocorrida no início da noite de 31 de janeiro de 2016. Durante o intervalo do jogo contra o Botafogo Futebol Clube³⁰⁴, pela primeira rodada do Campeonato Paulista, o movimento nos bares da Rua Caraibas era tranquilo. Na frente do Alviverde, do outro lado da rua, duas mesas na calçada estavam preenchidas por cerca de dez torcedores. Havia mulheres e uma menina pequena, que brincava no chão. A poucos minutos do início do segundo tempo, começou ali uma confusão que atraiu a atenção de todos que estavam dentro do bar: um homem de camisa verde claro estava imobilizado no asfalto, deitado de bruços, enquanto apanhava de outro, vestido com uma camisa do Palmeiras. Em volta, as pessoas que antes estavam nas mesas gritavam. Aproximei-me para entender o que estava acontecendo, quando um rapaz com camisa da Mancha Verde disse-me: “Ele abusou da menininha, pegou ela no colo quando a gente distraiu e começou a beijar ela no pescoço”. Outro torcedor perguntou quem era o homem, que seguia no chão, levando pontapés de dois torcedores. O mesmo rapaz respondeu: “Não sei, ninguém sabe, ele já estava aí enchendo o saco desde cedo, bebendo e falando alto, e a gente queria ver o jogo”. Uma moça, também vestida com um blusão da Mancha Verde, afirmou que outra foi buscar ajuda. A mãe da garotinha estava muito nervosa e, chorando com a filha no colo, era consolada por outros torcedores.

Uma viatura de polícia chegou com dois policiais, que perguntaram o que havia acontecido. Foi quando percebi que o pai da menina estava ali, pois tinha sido trazido para conversar com os eles: “Ele pegou a minha filha no colo, passou a mão nela”, disse. Perguntado se conhecia o homem, o pai da criança negou. Os gritos não cessaram, pois a confusão chamou a atenção de quem passava por ali e dos torcedores que acompanhavam o jogo nos outros bares, mas diminuíram quando os policiais apareceram. Um policial pediu ao pai da garota para

³⁰⁴ Conhecido também como Botafogo de Ribeirão Preto.

acompanhá-lo até a delegacia, enquanto o outro oficial começou a colocar o homem, detido em flagrante, dentro da viatura – o que ocorreu sob mais gritos. Os torcedores diziam coisas como “Vai, seu gambá lixo, vai ‘para’ cadeia que é o lugar de bandido gambá”; “Vai virar bambi”³⁰⁵ na cadeia, pedófilo”; “Esse gambá não sai vivo de lá”, entre outros xingamentos. Isto mostra que, mesmo em uma situação grave, a rivalidade é acionada como um código moral. É possível dizer que, uma situação como essa, caso ocorresse em um local da cidade em que não houvesse uma territorialidade clubística tão definida, provavelmente não se acionaria tais termos entre os presentes em referência ao homem que praticou o delito.

Além do emprego do termo “gambá” como xingamento, essa espécie de alteridade moral construída e vivenciada pelos próprios torcedores do clube alviverde, organizados ou não, com relação aos torcedores do rival Corinthians também pode ser percebida, por exemplo, nos muros. O portão de uma casa na Rua Diana, cujos donos costumam pendurar uma bandeira do Palmeiras na fachada, amanheceu pichado com a palavra “Timão” em junho de 2016. No dia 18 daquele mês, em jogo contra o Santa Cruz Futebol Clube pela nona rodada do Campeonato Brasileiro, a pichação ainda estava visível, apesar de enfraquecida e, logo abaixo dela, a palavra “Porco” havia sido grafada com traços mais fortes. A rivalidade aparece até mesmo na rede de wi-fi da região. Durante a transmissão de partida com o Cruzeiro, no bar Alviverde, em 25 de junho de 2016, ao tentar conexão para o celular, encontrei uma rede denominada “Chupa Gambá” entre as disponíveis na esquina entre as Ruas Caraibas e Palestra Itália.

O reconhecimento de que a região constitui um território palmeirense emerge não só das provocações de torcedores rivais que passam pela região de carro ou motocicleta, mas também por quem mora próximo ao Allianz Parque mas não torce para o clube. Na tarde do dia 30 de janeiro de 2016, a Mancha Verde organizou um bloco de carnaval³⁰⁶ na Rua Diana. Eu conversava perto da esquina com a Rua Palestra Itália com o torcedor Leandro sobre a frequência do Xiqueirão, estabelecimento inaugurado à época e de que era dono. Perguntei se ele achava possível que tivesse alguém ali que torcesse para outro time, já que estávamos em uma festa promovida pela maior torcida organizada do clube. Antes que ele respondesse, um homem branco de cerca de quarenta anos, que bebia sozinho em uma mesa na calçada, interrompeu nossa conversa:

³⁰⁵ “Bambi” é um termo homofóbico usado pelos torcedores rivais do São Paulo Futebol Clube para se referirem aos são-paulinos.

³⁰⁶ A Mancha Verde organiza o bloco Barracão Folia na zona oeste paulistana desde 2003. Ver a respeito em *Bloco Barracão Folia 15 anos*. Disponível em: <<https://sitebloco.wixsite.com/barracaofolia15anos>>. Acesso em 10 de maio de 2018.

Eu sou corintiano. Moro aqui desde criança. Minha esposa é palmeirense e minha filhinha também. Sou sócio do clube há muitos anos. Já vi muita briga aí dentro por causa de provocação... porque nem todo mundo é palmeirense, né? Tipo eu. Mas hoje se eu vejo briga, eu ajudo a bater em quem começou a provocar. Tem que respeitar o território dos caras, não tem jeito. Vou fazer o quê?

Ele se chamava Renato. Ao ouvir o seu depoimento, Leandro concordou e disse, rindo: “Quer cantar de galo no galinheiro dos outros? Não pode, né?”. Mesmo em uma breve conversa, as palavras “território” e “galinheiro” foram utilizadas, respectivamente, por um rival e por um palmeirense.

O primeiro jogo do clube no Allianz Parque em 2016 também foi marcado por um episódio em que a ideia de territorialidade entre torcidas ganhou concretude. Na tarde de 13 de fevereiro, antes da partida contra o Clube Atlético Linense, eu estava com Sandro e mais um grupo de torcedores conversando em frente à então sede da Mancha Verde na Rua Caraibas, ao lado do bar Alviverde. Faltavam duas horas para o jogo e o entorno estava bastante movimentado, com ambulantes e barracas de lanche e bebida pelas ruas, além de uma grande quantidade de torcedores cantando e bebendo. Estávamos em uma roda de conversa no meio-fio, especulando sobre o início irregular do time no campeonato estadual³⁰⁷ quando um dos torcedores, ao encostar em uma das motocicletas estacionadas ao lado da calçada, notou um pequeno adesivo no painel dela: era um escudo do Corinthians com menos de cinco centímetros de diâmetro. Assim que percebeu, ele chamou quem estava por perto para ver, dizendo: “Você é louco, olha a coragem desse gambá filha da p***! Como é que pode uma coisa dessas?”. A atitude do dono da moto causou revolta e descrença entre os presentes. Sandro, que estava ao meu lado, dizia “não acreditar” no que via, quando decidiu ir até uma das barracas que vendiam pernil e calabresa ao longo da rua. Voltou rapidamente com uma faca na mão, emprestada do comerciante, e usou-a para arrancar o adesivo. Os torcedores, que acompanhavam a situação, juntaram-se em volta de Sandro para vê-lo em ação. Ao conseguir retirar o escudo do arquirrival, ele amassou o papel e jogou no chão, sob aplausos dos que o assistiam. “Isso é falta de respeito, gambá não pode aqui não”, repetia ele.

Situações como essas mostram que, por conta das disputas entre torcidas, a chance de encontrar algum torcedor vestindo uma camisa de um time brasileiro na região da arena que não seja do Palmeiras é baixa, especialmente em dias de jogo. Mas há exceções, e estas podem ser descritas em três tipos de situações. A primeira é caracterizada pela circulação de

³⁰⁷ Aquela era a quarta rodada do torneio, e a equipe tinha apenas 5 pontos, consequências de uma vitória e dois empates.

consumidores do Bourbon Shopping São Paulo, localizado na própria Rua Palestra Itália, a poucos metros da entrada do clube social e do portão A da arena, e pelo público que visita o Allianz Parque nos *tours* oferecidos pela administração da arena.

No shopping, em dias em que não há jogo do clube, é possível avistar torcedores vestindo camisas como a do Corinthians, São Paulo ou Flamengo. Tal cena é bastante recorrente, mesmo com a presença constante de torcedores alviverdes na região. Já no caso das visitas organizadas³⁰⁸ ao Allianz Parque, apesar de o público ser majoritariamente palmeirense, é possível encontrar torcedores de outros times curiosos sobre a arena. No sábado 30 de janeiro de 2016, por exemplo, na frente da bilheteria da Rua Palestra Itália, conversei com uma família cujo pai e o filho mais novo, de 7 anos, vestiam camisas brancas do Fluminense. Enquanto o menino tirava uma foto com o mascote do Palmeiras³⁰⁹ que entretinha alguns turistas, aproximei-me e perguntei a eles o que faziam ali. “Somos do Rio, mas moramos em Campinas, e vamos a todos os grandes estádios do Brasil. Já visitamos o novo Maracanã também”, disse-me o homem. Nessa mesma tarde, também avistei um torcedor do Internacional, trajado com a camisa vermelha do time colorado, de saída do Allianz Parque após o término de uma das visitas guiadas. Conversando com um dos responsáveis pelo *tour*³¹⁰ em setembro de 2016, ele me garantiu que eram vetados visitantes utilizando camisas de determinados times, como Corinthians e Flamengo, sob risco de a rivalidade criar um ambiente hostil.

O segundo tipo de situação em que camisas de outros times podem ser percebidas dentro do território alvverde é caracterizado pela circulação desses torcedores nas ruas mais afastadas da arena, algo que pude observar no ano de minha residência na região. Nos bares e restaurantes da Avenida Pompeia, que cruza com a Rua Palestra Itália justamente no trecho onde está o Bourbon Shopping, por exemplo, avistar um corintiano ou são-paulino não é tão incomum. É o caso da Lanchonete Souza, localizada no número 1.115 dessa avenida, na altura do Hospital São Camilo. Como frequentadora do local, que é bastante conhecido na região por funcionar 24 horas, pude observar em diversas ocasiões clientes usando camisas e jaquetas do Corinthians e do São Paulo, tanto durante o dia quanto durante a noite. Também vale a pena citar que, na rua onde residi, Dr. Augusto de Miranda, era realizada uma feira às quartas-feiras pela manhã. No dia 30 de março daquele ano, semana de derby (no Pacaembu, com mando alvverde, no dia

³⁰⁸ Durante a pesquisa de campo, realizei, entre 2016 e 2017, sete visitas para conhecer a arena.

³⁰⁹ Os mascotes do Palmeiras são dois: um periquito e um porco. É comum encontrar funcionários do clube vestindo tais fantasias na frente da loja oficial do clube, que fica na Rua Palestra Itália, especialmente em dias de jogo na arena.

³¹⁰ Entre 2016 e 2017, houve uma mudança da empresa que administra a visita guiada à arena. Portanto, tais regras podem ter sofrido alteração.

3 de abril), observei ao passar entre as barracas que um dos feirantes atendia os clientes vestido com blusa e calça da Gaviões da Fiel, a maior torcida organizada do rival palmeirense – algo quase impensável nas proximidades do Allianz Parque por conta da presença das sedes de entidades do tipo.

Por fim, o terceiro tipo – e o mais importante, em termos de sociabilidade torcedora – é encontrado nas alianças entre as torcidas organizadas, que podem ser definidas como relações amistosas entre algumas entidades desse tipo. Essas associações ocorrem entre torcidas de todo o País e, segundo Toledo, evocam “[...] esfera da reciprocidade, poder e prestígio” (1996, p.105). De acordo com ele, algumas dessas agremiações são semelhantes “[...] quanto à morfologia interna evidenciada por níveis socioeconômicos e culturais bastante congruentes” (1996, p.105), o que facilitaria a construção de parcerias que se manifestam, por exemplo, na recepção desses torcedores nas cidades de origem dos clubes e na troca de camisas e outros materiais quando os dois times se enfrentam. No caso da Mancha Verde³¹¹, são conhecidas as alianças com a Força Jovem (do Clube de Regatas Vasco da Gama), a Torcida Organizada Galoucura (do Clube Atlético Mineiro), a Torcida Jovem do Grêmio (do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense) e Inferno Coral (do Santa Cruz Futebol Clube)³¹². Por conta desses vínculos, os torcedores desses times, e não apenas aqueles associados a essas organizadas, são bem recebidos antes dos jogos, com permissão para circularem pela região da arena identificados com os adereços de seus clubes – o que é interessante, uma vez que Vasco e Atlético Mineiro têm, entre suas cores oficiais, o preto e o branco, combinação que remete ao rival Corinthians e que, como já descrito, é vetada, pelos torcedores palmeirenses, em alguns setores do Allianz Parque (como o Gol Norte, onde fica a Mancha Verde).

Ao todo, durante o período de etnografia, o clube enfrentou Vasco, Atlético Mineiro³¹³, Grêmio e Santa Cruz por 12 vezes, sendo cinco delas na arena³¹⁴. Nos jogos contra os clubes

³¹¹ Uma demonstração da amizade entre tais torcidas pode ser vista na ocasião da morte de Moacir Bianchi, um dos fundadores da Mancha Verde, em março de 2017. Após o assassinato do manchista, a Galoucura levou uma bandeira da organizada alviverde para um jogo do Atlético Mineiro. Ver a respeito em *Em forma de apoio, organizada do Atlético-MG exibe bandeira da Mancha Verde*. Torcedores.com, 4 de março de 2017. Disponível em: <<https://www.torcedores.com/noticias/2017/03/em-forma-de-apoio-organizada-do-atletico-mg-exibe-bandeira-da-mancha-verde>>. Acesso em 5 de maio de 2018.

³¹² Destaco essas pois são agremiações que representam torcedores de times com os quais o Palmeiras disputou partidas durante o período do trabalho de campo. No entanto, a Mancha Verde mantém relações de amizade com outras entidades não citadas, como a Mancha Azul, do Avaí Futebol Clube.

³¹³ Os torcedores do Atlético Mineiro que residem em São Paulo costumam frequentar um bar próximo ao Allianz Parque para verem os jogos importantes do seu time. O estabelecimento, Bar do Parque, fica na Rua Dona Germaine Burchard, a 900 metros da arena palmeirense.

³¹⁴ Pelo Campeonato Brasileiro de 2016 e 2017, o Palmeiras recebeu o Grêmio no Pacaembu por conta da agenda de eventos do Allianz Parque.

carioca e mineiro no Allianz Parque, não houve fechamento da Rua Padre Tomás, que dá acesso à entrada da torcida visitante, justamente por conta da conhecida relação amistosa entre as respectivas organizadas. No dia 14 de maio de 2017, quando do jogo com o Vasco pela primeira rodada do Campeonato Brasileiro, questionei um funcionário identificado com um colete Avanti sobre o motivo pelo qual a passagem da torcida estar livre. “A gente deixa aberto porque nesses jogos aí todo mundo é amigo, né?”, respondeu.

“Deixar aberto” significa que a circulação de vascaínos por todo o entorno do Allianz Parque é livre como se o jogo tivesse torcida única, pois parte-se do princípio de que a existência de uma aliança entre torcidas organizadas impede que haja qualquer briga ou distúrbio entre os torcedores rivais. De fato, o clima é bastante festivo nessas partidas, em que é possível ver torcedores do Vasco enrolados em bandeiras do Palmeiras e tirando retratos com bandeiras de seus respectivos times na frente da arena.

O mesmo ocorre nas partidas contra o Atlético Mineiro. Duas horas antes de um jogo com o time de Belo Horizonte em 2017, no dia 4 de junho, conheci Sara, André e Saulo, respectivamente um casal de idosos e seu afilhado, mineiros residentes em São Paulo. Nosso encontro foi no bar Alviverde onde eles, vestidos com camisas atleticanas, tomavam cerveja entre os palmeirenses. Nenhum dos três era associado à Galoucura ou a outra torcida organizada. Aquela era a segunda visita do trio ao Allianz Parque para ver o time alvinegro em campo onde, segundo Saulo, eles se sentem “confortáveis”:

A gente veio também ano passado, então fico tranquilo, bem à vontade. A gente sabe que é muito bem recebido aqui. Tanto que o Palmeiras lá em BH também é bem recebido em torno do [Estádio] Independência, sem problema nenhum. Nunca tive nenhum estresse aqui, graças a Deus; pelo contrário, o pessoal para, para tirar foto com a gente.

Sara, no entanto, lembra que sentiu medo na primeira vez que visitou a arena palmeirense, em junho de 2016, mas aprendeu que pode vir ao jogo “despreocupada”. “No ano passado, na primeira vez, eu fiquei meio receosa de vir direto com a camisa. Normalmente a gente leva na mochila para vestir depois, mas ele tem uns amigos que moram aqui e disseram ‘Não, pode ir tranquilo’”, disse-me.

Em partidas como essas é comum haver festa conjunta entre as torcidas amigas justamente na Rua Padre Antônio Tomás, espaço próximo ao portão C, da entrada dos visitantes e da sede da Pork’s. Na mesma tarde em que conheci o trio fui apresentada a Joel, um promotor de Justiça que torce pelo clube mineiro. Usando uma camisa alvinegra e um boné verde e branco

que dizia “Família Palmeirense”, ele batucava com amigos atleticanos³¹⁵ entre integrantes da Pork’s na esquina com a Rua Teixeira e Sousa, onde foram estendidas duas faixas³¹⁶: uma da torcida palmeirense Pork’s e outra da Camisa 13, uma torcida organizada do clube de Minas Gerais. No repertório, havia músicas comuns a ambas as torcidas, o que significa que termos como “gambá” eram proferidos por atleticanos e “maria³¹⁷”, por palmeirenses. Em volta da aglomeração, havia churrasco, ambulantes e fogos, e tanto atleticanos como palmeirenses revezavam-se para tremular grandes bandeiras do clube alviverde no meio da rua. Ao notar-me com uma câmera nas mãos, Joel perguntou o que eu fazia com ela e, assim, começamos uma conversa. Era a sua primeira vez ali desde a inauguração do Allianz Parque: ele havia viajado para São Paulo de ônibus com os amigos e o veículo estava estacionado a uma quadra de distância de onde conversávamos:

Eu adoro a torcida do Palmeiras, eu venho para cá feliz desde quando era Parque Antarctica. A gente é bem recebido demais, é muito massa. Essa união é a coisa mais legal que tem, e vocês podem ter certeza que já está tudo preparado para vocês serem recebidos assim lá em BH também.

Enquanto falávamos, passaram ao nosso lado um homem com camisa do Santa Cruz e outro vestindo um uniforme da Força Jovem – duas torcidas aliadas. Antes de se despedir para entrar na arena, Joel acrescentou, ao observar um torcedor palmeirense vestindo uma camisa azul. “Olha, eu já disse que gosto de vocês, mas essa camisa aí não dá não... o Palmeiras não combina com essa camisa azul”, disse, referindo-se à cor principal do maior rival atleticano, o Cruzeiro.

A fala de Joel é reveladora de um aspecto importante das alianças entre torcidas organizadas: elas consistem em parcerias que impulsionam comportamentos hospitaleiros e festivos, mas também funcionam dentro da lógica de um provérbio antigo que diz: “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”. Isto significa que a irmandade entre atleticanos e palmeirenses, por exemplo, reforça a rivalidade entre Palmeiras e Cruzeiro quando estes jogam no Allianz Parque. O mesmo vale para os outros clubes, com destaque para o Vasco. Quando o Palmeiras

³¹⁵ Enquanto observava as interações entre os torcedores, percebi que uma moradora de um prédio da Rua Teixeira e Souza filmava o movimento. Da janela da lavanderia do apartamento, ela registrava as imagens com um celular. Muitos moradores do entorno do Allianz Parque adotam essa prática como forma de denunciar os distúrbios causados pelos jogos e eventos realizados na arena.

³¹⁶ É comum que torcidas organizadas menores dos mesmos times tenham alianças entre si, assim como as maiores (caso de Mancha Verde e Galoucura, por exemplo).

³¹⁷ “Maria” é um termo homofóbico empregado por torcedores rivais para se referirem àqueles que torcem pelo Cruzeiro.

jogou contra o Flamengo em 14 de setembro de 2016, em uma das partidas mais decisivas do Campeonato Brasileiro daquele ano, entre as centenas de torcedores que receberam o ônibus do elenco alviverde na chegada à arena, identifiquei pelo menos cinco vascaínos devidamente identificados com suas respectivas camisas. O apoio também aparece em partidas que não envolvem diretamente rivais do clube carioca: na final da Copa do Brasil de 2015, a festa realizada antes de Palmeiras x Santos na esquina entre as Ruas Palestra Itália e Caraibas contou com uma grande bandeira da Força Jovem, vascaína, tremulada por integrantes da Mancha Verde, no meio da aglomeração de palmeirenses.

As alianças entre os palmeirenses e outras torcidas também são visíveis no território³¹⁸, em dias em que não há jogo entre os clubes. Nas partidas que acompanhei no bar Alviverde, era comum observar atleticanos e vascaínos trajando seus uniformes. Na noite de 4 de agosto de 2016, estive na Rua Caraibas para assistir à partida entre Chapecoense e Palmeiras. Logo após o fim do jogo, um ônibus alugado parou na frente da bilheteria da Rua Palestra Itália, onde desceram dezenas de atleticanos – era uma caravana que havia saído de Belo Horizonte para ver São Paulo x Atlético Mineiro no Morumbi naquela mesma noite. Com o encerramento do jogo, os torcedores mineiros rumaram para o Alviverde³¹⁹ e para a sede Mancha Verde, que ficava ao lado do bar.

Em jogos decisivos do Palmeiras contra os clubes cujas torcidas organizadas mantêm alianças, o clima amigo também é assinalável. Na noite de 19 de outubro de 2016, antes do empate em 1x1 com o Grêmio, que tirou o Palmeiras da final da Copa do Brasil daquele ano, dois torcedores gremistas, trajando camisas azuis, caminhavam pela Avenida Matarazzo entre a multidão. Eu os notei a alguns passos à minha frente enquanto rumava para o portão B da arena. Quando a dupla parou em frente à bilheteria, ao lado do portão cheio de torcedores, três deles aproximaram-se e perguntaram se os dois gremistas estavam perdidos. Um dos rapazes perguntou onde ficava a entrada de visitantes e o trio, solícito, indicou o caminho, levando-os até a esquina da avenida com a Rua Padre Antônio Tomás. Durante os minutos que observei a situação, não vi ou ouvi nenhum tipo de provocação para com eles.

A atmosfera amistosa entre essas torcidas e os palmeirenses, no entanto, não diminui o policiamento nos jogos, tampouco anula a possibilidade de jocosidades e chacotas. Na manhã de 24 de junho de 2016, duas horas antes do jogo com o Atlético Mineiro pelo Campeonato

³¹⁸ Em 2016, era possível ver pichações da Força Jovem, ligada ao Vasco, em dois imóveis ao longo da Rua Venâncio Aires.

³¹⁹ Trato o Alviverde como referência, como já explicitado. Mas é preciso destacar que, em pelo menos mais dois estabelecimentos do tipo no entorno da arena, é possível ver adesivos da Força Jovem e da Galoucura nas geladeiras, janelas e azulejos, ao lado de adesivos da Mancha Verde.

Brasileiro, um ônibus cheio de atleticanos passou pelo Viaduto Antártica e, na altura do shopping West Plaza, alguns deles abriram as janelas e gritaram “Chupa, porco!” para aqueles que caminhavam rumo ao Allianz Parque. Dois torcedores alviverdes responderam com xingamentos. Presenciei a cena enquanto contava o número de policiais da cavalaria presentes embaixo do viaduto: eram quinze, além de outros oficiais em pé, ao lado de um caminhão da Polícia de Choque (também chamado “caveirão”³²⁰).

Dentro de campo, as provocações entre torcidas aliadas também são constantes. O jogo contra o Grêmio pelo Campeonato Brasileiro de 2016, na noite de 2 de junho, foi realizado no Pacaembu. Com ingresso para ver a partida do tobogã, setor do municipal que fica ao lado da torcida visitante, testemunhei inúmeras ofensas e manifestações homofóbicas aos gremistas³²¹, especialmente quando o Palmeiras marcou o quarto gol, sacramentando a vitória por 4x3. Gestos como mostrar o dedo do meio, por exemplo, eram frequentes.

5.2 O cerco: quando a arena vai à rua

O dia 27 de novembro de 2016 foi marcado pela 37ª rodada do Campeonato Brasileiro, data em que o clube sagrou-se campeão do torneio depois de 22 anos ao derrotar pelo placar de 1x0 a Chapecoense no Allianz Parque³²². A expectativa dos torcedores para aquela tarde era grande – os ingressos foram esgotados dez dias antes³²³ da partida. Ciente da importância do jogo para a pesquisa, cheguei na Rua Palestra Itália às 9 horas da manhã, para acompanhar especialmente a chegada dos agrupamentos e as práticas torcedoras das entidades organizadas.

Apesar do horário, a esquina entre as ruas Caraibas e Palestra Itália já estava preenchida por algumas dezenas de torcedores – alguns bebiam nos bares, outros esperavam para retirar ingresso na bilheteria. Ao me aproximar do Alviverde percebi que havia dois policiais dentro do estabelecimento conversando com um dos funcionários. Quando os mesmos policiais saíram

³²⁰ Ver a respeito em *Blindado de 18 toneladas: saiba como é o caminhão do Choque da Polícia Militar de SP por dentro*. G1, 7 de março de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/blindado-de-18-toneladas-saiba-como-e-o-caminhao-do-choque-da-policia-militar-de-sp-por-dentro.ghml>>. Acesso em 2 de maio de 2018.

³²¹ A associação entre os torcedores gaúchos e homossexualidade é recorrente entre torcedores não só do Palmeiras, como de outros clubes.

³²² A última conquista da competição pelo clube alviverde fora em 1994, quando o torneio ainda não era disputado pelo sistema de pontos corridos.

³²³ Ler a respeito em *Torcida age rápido, e ingressos para Palmeiras x Chape já estão esgotados*. Globo Esporte, 18 de novembro de 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2016/11/torcida-age-rapido-e-ingressos-para-palmeiras-x-chape-ja-estao-esgotados.html>>. Acesso em 26 de janeiro de 2018.

e se encaminharam para o bar em frente, na própria Caraibas, eu os segui. Ao adentrarem o segundo estabelecimento, os oficiais pediram aos torcedores que mostrassem a eles suas carteirinhas do Avanti ou ingressos, para comprovarem que realmente estavam ali para ir ao jogo. Aqueles que não portavam nenhum dos dois eram retirados do bar, sob protestos, mas sem reações efusivas que colimassem em desacato de autoridade. Um policial me abordou e pediu meu “comprovante de ingresso”; mostrei meu cartão de sócio-torcedora. Fora desses dois bares, outros policiais realizavam o mesmo procedimento com aqueles nas calçadas, além de apreenderem as mercadorias dos ambulantes que circulavam pela região, como camisas e faixas de “Campeão Brasileiro 2016”.

Por volta das 10 horas da manhã mais policiais apareceram e pediram para todos os torcedores e transeuntes que estivessem nas ruas Caraibas, Palestra Itália e Diana, dentro ou fora dos estabelecimentos comerciais, que deixassem a região – o objetivo da operação era retirar dali todos aqueles que não fossem assistir ao jogo no Allianz Parque. Alguns bares fecharam as portas sem expulsar os torcedores. Os policiais pediram ao dono de um carro estacionado em frente ao bar Alviverde, que tocava samba em uma caixa de som no portamalas, para desligar a música. Também apreenderam a mercadoria dos ambulantes que circulavam nas vias logo cedo, inclusive as mochilas de alguns – um deles tentou esconder a sacola com camisas e bandeiras embaixo de um carro, mas o policial a encontrou. Outro rapaz, que tinha trazido adesivos para vender “para juntar dinheiro para seu noivado”, colocou as cartelas em cima de uma árvore para que os policiais não as pegassem.

Conforme as ruas eram esvaziadas, grades de ferro foram instaladas em quatro pontos: entre as ruas Caraibas e Venâncio Aires; entre as ruas Diana e Venâncio Aires e nas duas extremidades da rua Palestra Itália, no cruzamento com a Avenida Antártica e próximo ao Bourbon Shopping, como se observa no mapa abaixo, onde os pontos escuros caracterizam os pontos de interdição.

palmeirense na região e discorria sobre os rumos que o futebol brasileiro tem tomado por conta “dessas arenas”. “Não contava com isso aqui hoje, não me preparei para isso”, reclamava.

Circulei pelas vias quase vazias dentro do bloqueio por cerca de uma hora. Na Rua Diana, onde normalmente a Rasta Alviverde organiza shows de reggae ao vivo em jogos decisivos, não havia festa: apenas um dos integrantes empunhava uma grande bandeira no centro da rua, sem música. “Os caras pediram para gente desligar, né? Festa sem som, vai entender...”, disse-me um dos membros. Na Rua Palestra Itália, integrantes da Savoia colocaram parte do patrimônio, como os instrumentos, no asfalto, enquanto quatro deles tremulavam os bandeirões no centro da via desocupada.

No bar Alviverde conheci Jonas, um torcedor que veio de Brasília para acompanhar o jogo fora da arena. “Ninguém me tira daqui hoje, eu vim para ver isso”, falava para outros dois torcedores que tinha acabado de conhecer. Todos conseguiram permanecer ali, pois tinham chegado cedo e ficaram dentro do bar quando os policiais evacuaram as ruas.

O acesso a torcedores foi liberado apenas por volta do meio dia e somente para aqueles que portassem documento de identidade e ingresso para o setor cuja entrada fosse realizada pelo Portão A, localizado na Rua Palestra Itália. Aqueles com ingressos para os outros três portões (B pela Avenida Francisco Matarazzo e C/D pela Rua Antônio Tomás) tinham seu acesso negado. Além dos policiais, funcionários do Avanti munidos de tablets checavam a validade, a adimplência e os setores dos ingressos de quem tentasse passar. Assim, os torcedores de entidades como a Mancha Verde, que normalmente preenchem o setor Gol Norte, não conseguiram acessar a sede da entidade. De dentro do cercado, interagi com alguns que não tiveram a mesma sorte que eu. Um jovem casal estava bastante irritado com a interdição – sem ingresso, eles haviam saído de Itapevi, uma cidade da região metropolitana de São Paulo, para ver o jogo na Rua Caraibas: “Nunca teve isso, cara, ridículo. Vergonha, vergonha”, repetia o garoto, com uma lata de cerveja na mão direita, enquanto sua namorada dizia que, em vez de gastar com funcionários e grades, “era mais fácil colocar catraca na rua”. A cada torcedor que tinha a passagem negada como eles, o garoto puxava conversa, mostrando-se indignado:

Na moral, isso é uma pouca vergonha. Ingresso para entrar na rua é doído, hein? Qual setor é aqui? Aqui é rua, mano, e rua é pública! Nunca teve isso. Agora é ingresso para entrar na rua, tio? O que é isso? Fui entrar e a polícia: ‘Você tem ingresso?’ E eu: ‘Oxe, mas estou na rua’”. É uma coisa que não é lógica, isso. Me explica por que não pode andar na rua. É proibido andar na rua? E se eu moro ali? Não posso entrar por não ter ingresso? Mano, não existe. Não existe, não existe isso. Eu não posso ir comprar uma camisa ali na sede então? Mano, toda vez venho ver jogo ali na Mancha, na sede. Tem que ter ingresso para ir na rua agora. Nunca teve isso, nunca. Nunca. Só passa se tiver ingresso setor Turiassu. Olha o ingresso, 20 reais para entrar na Turiassu!

Por volta das duas horas da tarde, as ruas Caraibas e Palestra Itália já se encontravam bastante movimentadas com o fluxo de torcedores. No entanto, diferentemente da final da Copa do Brasil de 2015, era possível transitar sem esbarrar em outros torcedores, já que a aglomeração era visivelmente menor devido ao fluxo controlado. Também não havia barracas de lanches, churrasqueiras com espetinhos ou carrinhos de ambulantes espalhados. Alguns policiais ainda circulavam entre os torcedores, mas não estavam mais consultando se esses portavam ou não ingressos: abordavam apenas os que estavam com garrafas de vidro na rua, pedindo para que não manuseassem esse tipo de utensílio fora dos bares.

As faixas dos agrupamentos também não eram vistas dentro das ruas do bloqueio, mas a bateria da Mancha Verde performou suas músicas, como de costume, na frente do bar Alviverde. No meio da concentração de torcedores cantando e dançando, encontrei novamente Sandro, o mesmo que estava em cima de uma Kombi na festa de comemoração da Copa do Brasil de 2015, pulando nessa mesma rua junto aos integrantes da organizada. Em suas mãos estava uma cadeira³²⁴ em tom verde claro, que ele tinha arrancado do Allianz Parque e levado para casa. O assento tinha várias inscrições feitas com caneta, incluindo um desenho do escudo palmeirense. Perguntei como ele havia conseguido tirá-lo de dentro da arena sem ser visto e, pulando no ritmo da bateria, ele respondeu que “botou ela por dentro da camisa”, imitando o gesto. “Aí eu saí abraçado com a camisa, então se as câmeras pegassem, não iam ver eu levando a cadeira, iam ver eu abraçado com a camisa”. Insisti na pergunta, questionando o porquê de pegar uma cadeira:

Tipo, as pessoas botam faixa, né, tem pessoa que bota faixa, tem pessoa que faz uma camisa comemorativa, então eu quis fazer uma cadeira, com algo especial assim... Essa era a ideia, ter uma cadeira representando o título do Palmeiras.

Na noite que antecedeu o jogo com a Chapecoense pelo Campeonato Brasileiro de 2016, Sandro e seu irmão Mauro dormiram em uma barraca na Rua Caraibas. Como não tinham ingresso para a partida de horas mais tarde e sabiam que não conseguiriam permanecer no entorno pelo mesmo motivo, decidiram pernoitar na frente do Allianz Parque. “Só dormimos ali pela ansiedade... Para estar aqui na festa, sabe?”, lembrou Sandro meses depois, quando o entrevistei junto a seu irmão. Segundo Mauro, quando os policiais e outros funcionários

³²⁴ Segundo Sandro, durante a partida com o Rosario Central pela Libertadores de 2016, em 3 de março, a alegria da vitória motivou-o a subir no assento, que não aguentou seu peso e se partiu no meio: “A torcida estava pegada... daí a gente estava numa puta adrenalina, e eu estava em cima da cadeira, a cadeira quebrou certinho, pau!”, lembra-se.

começaram a retirar os torcedores das ruas, eles entraram no Dissidenti e esperaram a liberação dos torcedores com ingresso. “Na hora que eles chegaram para fazer o cerco, eles tamparam as ruas e depois vieram tirando todo mundo, quem não tinha ingresso. Aí a gente subiu para o Dissidenti e trancamos a porta”. Mesmo tendo conseguido driblar o controle e permanecer na Rua Caraibas para comemorar o título brasileiro, Mauro afirma que sua alegria não estava completa, uma vez que a limitação do acesso dos torcedores teria esmaecido a comemoração à época, além de enfraquecer as práticas torcedoras no entorno nos meses subsequentes:

Eu me recordo que naquele dia eu fiquei triste para c*****. Ali começou a matar um lugar que a gente sempre frequentava para festejar. Hoje em dia tipo... Se fosse um jogo antes, tivessem as ruas aberta antes, isso daqui teria bem mais gente do que tem hoje. Daria uma festa bem maior [...] Ali eu vi a morte da nossa segunda casa que é aqui, a Turiassu, a rua.

Conforme a hora da partida se aproximava, o acúmulo de torcedores, transeuntes e ambulantes nas barreiras aumentava e se espalhava pelo bairro. As filas de torcedores nas barreiras também aumentavam, já que era grande a quantidade daqueles que tentavam acessar a Rua Palestra Itália. A isso somavam-se os grupos de torcidas organizadas das subsedes da Mancha Verde que, conforme já descrito, costumavam chegar cantando pela Rua Palestra Itália. Impossibilitados de realizar o percurso rotineiro, os meninos uniformizados e de rostos pintados de verde chegavam pela Rua Venâncio Aires carregando uma faixa onde se lia “Campeão BR” ao lado do escudo alviverde.

Fora do cerco, os agrupamentos da Rua Caraibas, que em outros jogos ocupavam apenas as calçadas, expandiam-se para as ruas, e a passagem de carros e outros veículos era impossibilitada em mais vias do que o usual – a festa se espalhava até quatro quarteirões acima da arena, além de ocupar ruas como a Tucuna e a Cayowaa, que não costumam concentrar muitos torcedores antes das partidas. Na Rua Padre Chico, por exemplo, os passageiros de um ônibus de linha municipal abandonaram o veículo, que não conseguia passar no cruzamento com a Rua Caraibas, tamanha era a aglomeração torcedora com rojões, cervejas e bandeiras no meio da rua. Nesse mesmo quarteirão estava um agrupamento torcedor que costumava fazer seu churrasco na altura do número 40 da Caraibas, justamente no quarteirão que havia sido cercado pelas barreiras. Outro agrupamento que costumava ficar na esquina entre as ruas Caraibas e Venâncio Aires migrou para o muro da Escola Estadual Miss Browne.

O bloqueio que impediu o fluxo de todos aqueles sem ingresso nos arredores do Allianz Parque no jogo contra a Chapecoense, vetando a participação de tais torcedores na festa que antecedeu a partida e o título, diferenciando essa comemoração da festa da Copa do Brasil de

2015, não era inédito. Essa era a quarta vez que a operação acontecia em 2016 – as outras ocorreram nos três jogos anteriores pelo Campeonato Brasileiro: contra o Sport, em 23 de outubro; contra o Internacional, em 6 de novembro; contra o Botafogo, em 20 de novembro. Ou seja: quando os torcedores chegaram para a partida contra o Sport, foram surpreendidos com uma nova dinâmica nas ruas que circundam a arena – dinâmica esta que perdurou por toda a temporada de 2017 e pelo menos até o primeiro semestre de 2018, incluindo a final do Campeonato Paulista contra o Corinthians.

É preciso explicar que a imposição desse bloqueio faz parte de uma narrativa que teve início em 2 de dezembro de 2015³²⁵, data da final da Copa do Brasil e cuja descrição etnográfica abre esta dissertação. O debate sobre a arena “caber” ou não no bairro de Perdizes teve início ali e, desde então, houve um crescente de controle institucional nos momentos de pré-jogo no Allianz Parque para além do policiamento rotineiro. Em jogos como contra o Fluminense, em 25 de maio de 2016, era perceptível a ação de fiscais da Prefeitura de São Paulo entre os torcedores na Rua Palestra Itália, algo inédito nas idas a campo até aquele momento. O aumento do número de policiais no decorrer da temporada também foi notável, além da intensificação do debate público, que novamente reverberou na imprensa especializada.

Em 29 de junho daquele mesmo ano, durante audiência pública na Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp), Paulo Castilho, promotor de justiça no Ministério Público do Estado de São Paulo, defendeu o fechamento dos bares do entorno do Allianz Parque. Castilho é um dos atores mais longevos do debate público sobre a violência no futebol. Conhecido por clamar pelo fim das torcidas organizadas paulistas, é o responsável pela decisão judicial que instituiu a torcida única³²⁶ nos clássicos do estado. De acordo com reportagem da ESPN da época, o promotor deu a seguinte declaração sobre o entorno da arena palmeirense durante a sessão:

Os torcedores transformam aquilo lá numa terra de ninguém. Tudo bem, temos que fechar, mas vamos dar mecanismos para isso. Porque a polícia não pode entrar arbitrariamente e falar ‘não vai abrir esse bar’. Então, vamos dar mecanismos, apontar

³²⁵ Apesar de o jogo derradeiro desse torneio caracterizar uma espécie de ápice de diversos problemas, é preciso ressaltar que os moradores já anteviam os distúrbios antes de dezembro de 2015 – e até mesmo antes da inauguração da arena. Ler a respeito em Vizinhos do Allianz levam reclamações e sugestões ao MP. Portal Terra, 1 de outubro de 2015. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/palmeiras/vizinhos-do-palestra-italia-levam-reclamacoes-e-sugestoes-ao-mp,5cdaf355df5ea41f735362ab20098715ecujy1qx.html>>. Acesso em 15 de maio de 2018.

³²⁶ Ler a respeito em *Torcida única é irreversível em clássicos na cidade de São Paulo*. Folha de S. Paulo, 25 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2017/12/1945836-torcida-unica-e-irreversivel-em-classicos-na-cidade-de-sao-paulo.shtml>>. Acesso em 4 de junho de 2018.

solução. A gente está vendo que esse problema é terrível. Então, nós temos outras coisas também que podem melhorar no futebol³²⁷.

De acordo com ele, o que acontece nas ruas³²⁸ ao redor do Allianz Parque não combina com o atual momento do Palmeiras, tido como um clube moderno no cenário esportivo brasileiro, nem com as mudanças que a Copa de 2014 trouxeram para o futebol brasileiro:

O Palmeiras vem numa toada de profissionalização muito grande, esse é o lema da gestão do Paulo (Nobre), mas ainda enfrentamos dificuldades. Uma vez ou outra, ainda temos que chegar na Polícia Militar, tentar fazer com que ajeitem uma grade para aqui, outra para ali, facilitem a entrada do torcedor, liberem mais cedo e permitam, assim, que possamos proporcionar uma melhor experiência dentro dessa nova realidade que vivemos pós-Copa", disse, na ocasião³²⁹.

Antes das declarações do promotor e da audiência na Alesp, as negociações dos residentes da região da arena em órgãos e representações municipais e estaduais, incluindo o Ministério Público, já ocorriam. Eles afirmam, no entanto, que apesar das reclamações insistentes sobre os problemas causados pelos jogos e eventos na arena, não foram informados sobre a criação e implantação do bloqueio em outubro de 2016, o que será detalhado adiante.

Assim, a partir daquele mês, a livre circulação de torcedores foi impedida pela ação conjunta da Prefeitura de São Paulo, Ministério Público e Polícia Militar, com apoio da diretoria palmeirense, uma vez que os dados do Avanti são de propriedade do clube. Além disso, Paulo Nobre, presidente do Palmeiras entre 2013 e 2016³³⁰, declarou-se a favor³³¹ da medida por diversas vezes, em entrevistas para a imprensa especializada, afirmando que a mesma era uma demanda do próprio clube para o Ministério Público e a Polícia Militar para reduzir os furtos e o comércio ilegal de bebidas e ingressos no entorno da arena. Em uma das reportagens, ao falar sobre o roubo de celulares, Nobre disse que esse tipo de ação era de autoria de uma “gangue de

³²⁷ Ver a respeito em *Para promotor, entorno do Allianz Parque é ‘terra de ninguém’*. ESPN, 1 de julho de 2016. Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/610075_para-promotor-entorno-do-allianz-parque-e-terra-de-ninguem>. Acesso em 4 de junho de 2018.

³²⁸ É preciso lembrar que, de acordo com o artigo 6º da Lei Estadual nº 9.470, de 1996, é proibida a comercialização e o manuseio de bebidas alcoólicas, bebidas em lata, utensílios de vidro, fogos de artifício e mastros de bandeiras em dias de jogos dentro e fora dos estádios, caso ocorram dentro de um raio de 200 metros de distância deles.

³²⁹ Idem.

³³⁰ Nobre foi reeleito, portanto presidiu a instituição por dois mandatos consecutivos.

³³¹ Ver a respeito em *Paulo Nobre se diz favorável ao cerco da PM no entorno do Allianz Parque*. Lance!, 6 de novembro de 2016. Disponível em: <<http://www.lance.com.br/palmeiras/paulo-nobre-diz-favoravel-cerco-entorno-allianz-parque.html>>. Acesso em 3 de junho de 2018.

bolivianos³³²”. Também afirmou que bloquear o entorno era necessário para “encontrar uma solução para cada vez tirar das imediações essa marginália que infelizmente acaba vindo aqui para se locupletar do clube ou das pessoas que vêm ao jogo³³³”.

Quando questionados durante os jogos, funcionários e policiais que trabalham no cercamento em dias de jogo reproduzem um discurso semelhante. Ao apresentar minha carteirinha de sócio-torcedora e meu RG para acessar a Rua Palestra Itália no dia 6 de novembro, por exemplo, perguntei a um policial que checava os documentos sobre o motivo do bloqueio. Àquela altura, o assunto tinha ganhado ampla divulgação na imprensa, com reportagens repercutindo a origem e o motivo da interdição. A resposta do oficial foi sucinta: “É por causa dos ambulantes e dos cambistas. [*Por causa do*] comércio ilegal”.

Desde o primeiro dia da medida, em outubro de 2016, o bloqueio – ou cerco, como é chamado por alguns torcedores – adquiriu diversas formatações, sempre mais e mais rígidas em seu controle, até chegar a um padrão em meados de 2017 que perdura até o momento³³⁴. Se nos primeiros jogos em que as ruas foram cercadas ainda era possível acessar a Rua Palestra Itália com ingresso para o setor Gol Norte, bastando apresentar a carteirinha do Avanti como comprovante de ingresso, nos últimos meses a presença de funcionários do programa de sócio-torcedor tornou-se uma constante. As duas principais mudanças no aperfeiçoamento da iniciativa se referem à instalação de uma tenda para proteger os funcionários e seus *tablets* e à segmentação de filas por perfil. Em jogos realizados sob garoa, era comum não haver a checagem do setor por ingresso com os aparelhos nos primeiros meses de 2017, o que foi resolvido com tendas, semelhantes àsquelas usadas pelos agrupamentos torcedores nos dias chuvosos, nos quatro pontos das barreiras. Além disso, as filas passaram a ser divididas por tipo de acesso: moradores, sócio Avanti e *voucher*/ingressos físico.

Assim, entre 2017 e 2018, o bloqueio continuou. Perto das barreiras de acesso, as situações de tensão e conflito e entre torcida e funcionários do Avanti, os responsáveis por vetar ou não a passagem das pessoas, tornaram-se recorrentes: basta ficar por cerca de dez minutos observando o fluxo de torcedores para que se presencie uma cena do tipo. Antes do jogo contra o Internacional pela Copa do Brasil 2017, em 17 de maio, por exemplo, ao tentar acessar a Rua

³³² Ler a respeito em *Paulo Nobre comemora autoestima palmeirense e não descarta retorno*. Globo Esporte, 16 de dezembro de 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2016/12/paulo-nobre-comemora-autoestima-palmeirense-e-nao-descarta-retorno.html>>. Acesso em 3 de junho de 2018.

³³³ Ver a respeito em *PM bloqueia acesso ao estádio do Palmeiras antes de partida decisiva*. Folha de S. Paulo, 20 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2016/11/1833915-pm-bloqueia-acesso-ao-estadio-do-palmeiras-antes-de-partida-decisiva.shtml>>. Acesso em 4 de julho de 2018.

³³⁴ Refiro-me ao primeiro semestre de 2018, quando finalizei a escrita desta dissertação.

Palestra Itália – e não conseguir, pois meu ingresso era para o setor Gol Norte –, ouvi um torcedor discutir com uma fiscal. “Você me proíbe de entrar em uma rua, é o meu direito de ir e vir. Me mostra um papel com essa regra, onde é que está escrito que eu não posso passar?”, dizia o rapaz. Ela apenas respondeu: “Somente o portão A pode passar por aqui. Seu portão é pela Matarazzo, siga aqui pela direita, depois direita de novo”. Contrariado, ele foi embora.

Nesse mesmo dia, encontrei Manuel, um frequentador do Dissidenti e do setor Gol Norte. Ele também tinha tentado passar, mas ouviu a mesma resposta do rapaz que debateu com a funcionária. Ao me ver, ele disse que poderíamos tentar entrar pelo lado oposto da Rua Palestra Itália, na barreira próxima ao Bourbon Shopping. No caminho³³⁵, conversamos sobre o cerco, medida da qual ele discorda veementemente. “Eu já briguei com um fiscal em um jogo, disse para ele que queria ver ele me impedir de passar”, contou. “O cara me disse: ‘é para a sua segurança’. Logo eu, que fui roubado nas duas finais. O cara trombou em mim, era um cara grande. Eu estava com a minha filha e tinha colocado ela na minha frente para passar no meio da muvuca”, disse. Nas duas ocasiões, Manuel teve o celular furtado. Mesmo assim, ele afirma ser contra o cercamento das vias.

Mesmo com o bloqueio, muitos torcedores conseguem acessar as ruas mesmo sem ingresso para o portão A. Isso porque, embora o controle tenha aumentado no que tange à rigidez, os torcedores criaram estratégias para transpor o cerco. Entre elas, as mais comuns são dizer que é morador da região, sócio do clube social ou combinar com algum amigo que trabalhe ou more nas ruas cercadas para que autorize a sua passagem³³⁶. Também é possível contar com problemas técnicos: horas antes da partida contra o Atlético Mineiro, em 4 de junho de 2017, ouvi uma conversa entre cinco fiscais sobre um problema na rede dos *tablets*. Uma delas questionava aquela que parecia a supervisora: “O que eu faço se esse treco não está funcionando?”. “Pergunta o setor da pessoa e faz vista grossa se ela disser que é no A, né? Deixa passar, fazer o quê?”, respondeu a outra.

Por conta desse afastamento das ruas onde se concentram os bares e sedes de organizadas, é comum ouvir de alguns torcedores uma certa mágoa do clube por apoiar a decisão dos órgãos públicos de cercar a arena. Antes da partida com o Santo André, na tarde do dia 18 de janeiro de 2018, reencontrei o manchista Jorge. Ele estava com um amigo na barreira

³³⁵ Ao chegarmos na barreira oposta, não havia checagem por tablets – apenas mostramos nossas carteirinhas e fomos autorizados a seguir caminho.

³³⁶ É preciso dizer que, para conseguir realizar a etnografia durante o primeiro semestre de 2017, tive que chegar à região antes do bloqueio ser montado, uma vez que portão de entrada da arena é o B. Quando não era possível, contei com a ajuda de torcedores ou simplesmente não consegui acessar as ruas, tendo que circular pelas vias fora das barreiras como tantos outros torcedores.

do início da Rua Palestra Itália, ambos impedidos de continuar – seus ingressos eram para o setor Gol Norte. “O Palmeiras parece que quer isso aqui... um passeio turístico. Quem mesmo curtia de vir em estádio não pode mais”, comentou o amigo de Jorge, que respondeu:

Isso aqui [é] a mesma coisa de você dar uma festa na sua casa e os caras têm que chegar na sua rua, mas aí vem uns caras e colocam umas barreiras, dizendo que só vai entrar quem trouxe presente. Mas a festa é minha, né? Enfim, é o Palmeiras que organiza isso aí. O coletinho deles tem o símbolo do Palmeiras e nesses tablets eles digitam seu CPF e sabem que setor você comprou... quem forneceu isso aí? O Palmeiras, né? Eu já entrei umas dez vezes dizendo que precisava pegar minha segunda via do Avanti na bilheteria porque perdi a carteirinha. Mas ter que contar uma história toda vez? É dose...

Opinião semelhante tem Marcelo, um torcedor que conheci na final do Campeonato Paulista de 2018, em 8 de abril, contra o Corinthians. Assim como ocorreu no jogo que garantiu ao Palmeiras seu nono título³³⁷ do Campeonato Brasileiro, na final do torneio estadual as grades que impedem a passagem dos torcedores foram colocadas bem cedo, por volta das 10 horas da manhã. Era a quinta vez que os rivais se enfrentavam na arena, mas a primeira decisão entre os dois realizada ali após a reforma do estádio³³⁸. Por volta das 11 horas da manhã, debruçado na grade que bloqueava o trânsito no cruzamento entre as ruas Venâncio Aires e Caraibas, Marcelo observava os torcedores entregando suas carteirinhas do Avanti para a checagem dos funcionários. Sem ingresso, ele tinha chegado pouco depois que a polícia começou a retirar da região todos aqueles que não possuíam entrada para a partida. Marcelo era sócio-torcedor até 2015, mas cancelou o plano pois estava cursando faculdade no interior do estado e, por não poder comparecer com frequência aos jogos, achou que “valia a pena”. Agora, está desempregado e não pode pagar a mensalidade. Por isso, chegou cedo à Rua Caraibas para encontrar amigos. Porém, como o acesso às ruas só era liberado para quem tinha ingresso para o portão A, Marcelo comprou uma cerveja de um dos ambulantes que ali estavam e encostou na grade, sozinho. Aparentava estar chateado:

Como o Palmeiras não se opõe, eles fazem isso. Não é possível que o clube apoie isso... pessoal só ia torcer aqui de boa, quem não tem ingresso fica na rua. Eu vim para ver o jogo no Dissidenti, porque não pago o Avanti faz 2 meses. Tive que gastar dinheiro com outras coisas, né? Mas não poder assistir na rua, mano, na rua do

³³⁷ Em 2010, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) unificou os títulos nacionais conquistados entre 1959 a 1970, tornando Palmeiras e Santos os maiores campeões brasileiros até aquele momento. A decisão daquele que é considerado o órgão máximo do futebol brasileiro ainda causa controvérsias. Ler a respeito em *Palmeiras: nove vezes campeão brasileiro*. CBF, 27 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-serie-a/palmeiras-nove-vezes-campeao-brasileiro#.W0IqS6dKjIU>>. Acesso em 4 de abril de 2018.

³³⁸ Antes dessa, a última final entre Palmeiras e Corinthians no Parque Antarctica havia ocorrido em 1937, quando o clube alviverde ainda se chamava Palestra Itália.

estádio...Cortou o barato. O Palmeiras elitizou demais. Sempre vai ter os privilegiados e os que se f****.

Enquanto ele desabafava, um homem branco de meia idade com uma criança no colo começou a discutir com o funcionário que controlava o fluxo de transeuntes, que impedia a sua passagem. O homem tentou passar reto, ignorando o controle, mas o rapaz com um colete laranja e o nome Avanti nas costas impediu que ele seguisse caminho. Elevando o tom de voz, o homem repetia que só queria ir ao Bourbon Shopping, e que não daria a volta pois estava com a filha pequena: “Vou no shopping, sou morador do bairro! Vocês não têm direito. Essa rua é pública e vocês não têm ordem judicial. E eu sou palmeirense inclusive”, disse. O funcionário repetia as mesmas orientações e pedia que o homem caminhasse até a Avenida Pompeia e acessasse o shopping por lá. Nesse momento, um policial que estava próximo à grade interferiu na conversa: “O senhor tem ingresso?”, perguntou ao homem, que respondeu negativamente. O policial completou: “Isso aqui é um procedimento de segurança, inclusive para sua filha”. Contrariado, o homem retrucou: “Mas vou ter que andar mais uma quadra com criança no colo? Está quente, ela está com calor!”. Outros moradores, portando comprovantes de residência, como contas de luz, por exemplo, tinham a passagem liberada.

Uma mulher jovem tentou passar, dizendo que trabalharia como vendedora de bebidas dentro da arena naquele dia. Ela apresentou um papel e perguntou se poderia passar. O mesmo policial que vetou a passagem do pai com a criança, disse a ela: “Liga para alguém vir aqui, algum responsável te autorizar. Se eu abrir exceção para você vou ter que abrir para todo mundo”. A moça respondeu: “Foi só uma pergunta, relaxa”.

O bloqueio das ruas virou tema das conversas entre torcedores, algo extensamente debatido entre eles, especialmente nas primeiras vezes em que aconteceu, provocando ampla indignação. Nas minhas interações no local era quase impossível não abordar o assunto. Fábio, um dos autores do zine sobre práticas torcedoras do clube e conhecido por ter uma postura notadamente crítica à arena, disse-me que o cerco cria “periferias” em torno do Allianz Parque:

Então tinha um estádio recém-reformado. E aí, quem não entrava, ficava no entorno. Cada jogo tinha duas mil, no mínimo assim, jogo grande, final da Copa do Brasil, dezessete, vinte mil, mas qualquer joguinho ficava duas mil pessoas fora. E agora, depois do cerco, você vai diminuindo o número de pessoas, mas ainda vai criando raios de... criando periferias. Do mesmo jeito que funciona a cidade e a economia, então, vai criando raios excludentes de torcedores. E é complicado porque agora não tem como negar que essa exclusão se dá pelo lado econômico. Eu acho que isso é claro.

Guilherme, outro torcedor de perfil engajado e visto como transgressor por outros palmeirenses, credita a medida à posição elitista que o clube estaria adotando nos últimos anos. Segundo ele:

Esse cerco que eles fazem para minar ambulante, para tirar a pessoa que não tem o dinheiro, que vem para o Palestra para tomar uma cerveja, para assistir ao jogo na televisão, é uma forma de querer elitizar realmente o estádio, é um processo de elitização mesmo, as pessoas falam, ficou uma coisa meio batida, não, é uma elitização. Eles querem fazer o Palestra virar um Shopping Iguatemi, entendeu? Onde as pessoas consumam bastante produtos oficiais.

Já Sandro, ao lembrar a experiência de dormir na Rua Palestra Itália na noite que antecedeu o jogo do título do Campeonato Brasileiro 2016, relaciona o cercamento das ruas do entorno com o afastamento de torcedores considerados “maus elementos” e à gestão de Paulo Nobre como presidente do clube:

É que essa história aí começou com Paulo Nobre né, mano... Paulo Nobre queria elitizar aqui a torcida, ele queria afastar o que ele chamava de mau elemento que é o torcedor mais pobre, que é um torcedor mais caloroso, entendeu? Porque como o Palmeiras está aqui localizado nas Perdizes, os caras acham que o Palmeiras tem que ser para os ricos, que tem que afastar o torcedor pobre... E o torcedor pobre acaba se afastando mesmo, porque ele é maltratado aqui, quem é maltratado em um lugar vai voltar como, entendeu? Nós voltamos ainda porque a gente já extrapolou esse negócio aí, de paixão, de loucura. Mas um torcedor normal assim vai ficar lá na quebrada dele lá, faz um churrasco lá... Quantas vezes eu não escutei “que vou para estádio nada, ser sujeito aí a tomar bomba”, tomar esses bagulhos? Eu vou ficar aqui na quebrada tomando uma breja, fazendo um churrasco, entendeu? Vários amigos meus que frequentavam, que frequentava bastante, hoje preferem ficar mais tranquilos nas suas vilas, sei lá.

Ao debater o tema com Laercio, o torcedor do grupo com quem vi a maior parte dos jogos na arena no setor Gol Norte, ele recorreu ao argumento acionado por diversos palmeirenses – o mesmo que está na parede de um dos bares da Rua Caraibas e que abre este capítulo:

É histórico nosso se encontrar ao redor e tomar uma cerveja... se encontrar antes. Então nós estamos sendo prejudicados, não estamos podendo exercer isso. Isso eu acho errado. Porque assim, se houver alguma ocorrência, tem que prender quem fez a ocorrência, mas eles preferem proibir todos. Então aí todos perdem, sendo que não deveria. É histórico isso do Palmeiras, então deveria continuar. Porque assim, se houve a construção do shopping, os prédios e o Palestra já existiam. Então, eles que escolhessem outro local... (risos).

A posição contrária ao cerco, no entanto, não é generalizada. Há torcedores que dizem concordar com a medida pois se sentem mais protegidos com o bloqueio das vias, uma vez que

a circulação de pessoas fica limitada. Durante minha conversa com Laercio no intervalo de uma partida, seu amigo Daniel disse que ação não atrapalha sua rotina como torcedor:

Desde a época do Allianz, o entorno é bacana. Do Allianz não, do Palestra Itália, desculpe. Então, o entorno é a mesma coisa, o bloqueio está aí, mas não influencia muita coisa não, até ajuda, né? Vinha muita gente, está certo que é legal muita gente. Mas para a gente não está importando muito porque nós estamos no meio, né?! Não, mas o acesso às dependências do estádio, está bacana. Bom demais.

É relevante dizer que, em quase dois anos de duração, o bloqueio provocou algumas reações, organizadas ou não, dos torcedores. Ainda em 2016, um grupo denominado Movimento Contra o Cerco do Allianz Parque – Rua Palestra Livre criou uma página no Facebook³³⁹ e uma petição pública pedindo o fim do cerco. O abaixo-assinado³⁴⁰, já encerrado, teve 10.417 assinaturas³⁴¹. O texto que descrevia a demanda dos torcedores afirmava, entre outros trechos, que a medida desrespeitava o direito de livre reunião, que consta no inciso XVI do artigo 5º da Constituição Federal. O manifesto ainda associava o impedimento com um processo de elitização do clube: “Pela força do poder econômico, não temos condições de acompanhar nossa paixão no interior de nossa casa. Pois bem. Se não nos querem nas arquibancadas, as ruas não nos tomarão”.

Iniciativa semelhante teve o Dissidenti, um dos lugares mais conhecidos para o encontro de torcedores da Rua Caraibas, que também publicou uma “Carta Aberta ao Palmeiras” sobre o tema em julho de 2017³⁴². Questionando um suposto gasto do clube com a contratação de funcionários para “impedir o direito de ir e vir” da torcida, o texto afirmava: “O torcedor, que mesmo sem ingresso, antigamente participava da festa, assistindo os jogos no entorno do estádio, hoje é impedido. O pré-jogo, o esquentar, o jogo nos arredores está frio, não existe mais”. Assinado por todos os membros e publicado no Facebook, o manifesto gerou repercussão entre os palmeirenses, que passaram a comentar a publicação como se o estivessem assinando. Assim, o Dissidenti disponibilizou listas físicas em sua sede para que os frequentadores pudessem participar.

³³⁹ A página foi desativada.

³⁴⁰ Ver a respeito em *Torcida faz abaixo-assinado por fim do fechamento da Rua Palestra Itália*. Globo Esporte, 11 de novembro de 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2016/11/torcida-faz-abaixo-assinado-por-fim-do-fechamento-da-rua-palestra-italia.html>>. Acesso em 3 de janeiro de 2018.

³⁴¹ Ler a respeito em *Ministério Público/SP, Prefeitura de São Paulo, PM/SP, SEP; Contra o cerco do Allianz Parque em dias de jogos do Palmeiras*. Avaaz.org, 10 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2KSecdL>>. Acesso em 3 de janeiro de 2018.

³⁴² Ver publicação na página do Dissidenti no Facebook: <<https://bit.ly/2MYtKKy>>. Acesso em 4 de junho de 2018.

A expressão “Caraibas Livre” também apareceu, entre 2016 e 2017, em adesivos verdes colados nos postes e muros da Rua Caraibas. Em formato circular, os selos ainda continham a frase “Contra o cerco do Allianz Parque”. Ao avistá-los, contatei alguns torcedores para descobrir a autoria da ação, e cheguei a Odair, um torcedor que eu já conhecia previamente. Conversando com ele por meio da rede social Twitter, Odair disse-me que, por conta própria, pegou a imagem nas redes sociais, e decidiu imprimir e distribuir 100 adesivos autocolantes para amigos palmeirenses e para torcedores nos arredores da arena. Ele fez três tipos de adesivos: “A primeira imagem era rua Palestra Livre; a partir dessa mexi nas imagens e fiz Turiassu Livre e Caraibas Livre”. Odair afirma ter colado alguns selos dentro do Allianz Parque, em placas de rua e no restaurante Burger King localizado próximo ao Portão B da arena.

Entre as manifestações contrárias ao cerco, a mais recente é o surgimento do Ocupa Palestra!³⁴³, “um movimento feito por torcedoras e torcedores palmeirenses que buscam reverter os bloqueios ilícitos que impedem a circulação de pessoas ao redor do clube em dias de jogos e promover um Palmeiras mais inclusivo e popular”. Surgido no fim de 2017, o movimento publicou um manifesto³⁴⁴ onde afirmava que “A Rua Turiassu era muito mais verde do que a atual Rua Palestra Itália” e que “a morte de uma das poucas tradições da cultura futebolística do Futebol Paulista” – a reunião de palmeirenses nas ruas antes das partidas – era “inaceitável”. No entanto, o grupo tornou-se popular apenas em março de 2018, ao publicar um novo texto³⁴⁵ com abaixo-assinado, que dessa vez repercutiu nas redes sociais³⁴⁶ e na imprensa esportiva, recebendo apoio de diretores e conselheiros do clube, políticos, ex-jogadores, líderes de torcidas organizadas e repórteres esportivos, entre outros. Nele, o grupo pede a redução dos preços dos ingressos e a criação de um plano popular de sócio-torcedor.

Entre as ações do movimento no primeiro semestre de 2018, além de estabelecer um diálogo institucional com os atores responsáveis pelo fechamento das ruas, o grupo iniciou a panfletagem e a colagem de cartazes nos muros e postes do entorno do Allianz Parque, especialmente nas ruas Caraibas e Palestra Itália, com os dizeres “Ingresso caro não” e “Libera

³⁴³ O movimento começou a se articular quando eu já havia encerrado o trabalho de campo. Colhi alguns dados pela página oficial do grupo no Facebook, disponível em: <<https://www.facebook.com/ocupapalestra/>>. Acesso em 3 de junho de 2018.

³⁴⁴ Ver o texto completo na página do Facebook da AGIR - Arquibancada Ampla, Geral e Irrestrita, disponível em: <<https://bit.ly/2KUHjgz>>. Acesso em 3 de junho de 2018.

³⁴⁵ Ler a respeito em *Por ingressos mais baratos e um plano popular de sócio-torcedor*. Nosso Palestra, 26 de março de 2018. Disponível em: <<http://nossopalestra.com.br/por-ingressos-mais-baratos-e-um-plano-popular-de-socio-torcedor/>>. Acesso em 2 de maio de 2018.

³⁴⁶ O movimento utiliza hashtags como #IngressoCaroNão e #LiberaARua em suas postagens no Twitter, Facebook e Instagram.

a rua”. Mas, apesar dos esforços, as ações dos torcedores, até meados do mesmo ano, ainda não haviam surtido efeito no que tange ao fim do bloqueio das vias. Ao contrário: em entrevista³⁴⁷ concedida em março, o atual presidente, Maurício Galliotte, além de admitir que o clube concede os dados do Avanti para os órgãos públicos, declarou que, apesar de sentir falta da livre circulação de palmeirenses no entorno da arena, o cercamento das ruas fez decrescer o número de ocorrências – como furtos de carteiras e celulares – para 10% do que costumava ocorrer antes.

Com a manutenção do impedimento da circulação de torcedores, alguns efeitos são evidentes no território. Entre os mais notáveis, destaco três: a diminuição do comércio ambulante, o esmaecimento da festa torcedora na esquina das ruas Caraibas x Palestra Itália e o espraiamento da mesma para as ruas além das barreiras, alastrando as práticas torcedoras pelo bairro da Pompeia. Descreverei sucintamente um a um.

Conter o comércio ilegal nos arredores da arena fez com que toda a venda de alimentos e bebidas se desse dentro dos estabelecimentos comerciais, oficiais (como a Cantina Palestra, inaugurada na Avenida Francisco Matarazzo cerca de um mês depois do início do bloqueio, em 2016, e que também conta com um *food truck*³⁴⁸) ou não. Os ambulantes, que passaram a vender suas mercadorias apenas fora do bloqueio, podem ser vistos aglomerados junto às barreiras – alguns reclamam da queda nas vendas. Ao conversar com um deles antes do jogo contra o Cruzeiro pela Copa do Brasil de 2017, no dia 28 de junho, ouvi que o faturamento na venda de cerveja tinha caído pela metade: “Olha, aqui caiu uns 40% as minhas vendas. Fico sempre aqui fora. Antes da final, ainda dava, mas agora está difícil, tenho vendido metade do que costumava vender no ano passado”, disse. Ainda assim, dentro do bloqueio, é possível avistar cambistas e vendedores de pequenos souvenirs, como chaveiros e bonés, que conseguem passar com mais facilidade pela fiscalização. Alguns bares também sofreram com a diminuição do fluxo de torcedores nas ruas bloqueadas. Um deles, localizado na Rua Diana e inaugurado em 2016, fechou cerca de um ano depois de funcionamento³⁴⁹. É importante frisar que a maior concentração de barracas e carrinhos de lanches agora se dá nos limites dessas barreiras e na

³⁴⁷ Ler a respeito em *Galliotte lamenta cerco no Allianz Parque e tem saudade de festas na rua*. UOL, 15 de março de 2018. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/03/15/galliotte-explica-cerco-no-allianz-parque-e-admite-saudade-de-festas-na-rua.htm>>. Acesso em 30 de abril de 2018.

³⁴⁸ Ler a respeito em *Cantina Palestra chega para ser ponto de encontro da torcida palmeirense*. Site Oficial da Sociedade Esportiva Palmeiras, 21 de novembro de 2016. Disponível em: <<http://www.palmeiras.com.br/news/2016/11/21/cantina-palestra-chega-para-ser-ponto-de-encontro-da-torcida-palmeirense.shtml#.W0Lae6dKjIU>>. Acesso em 9 de junho de 2018.

³⁴⁹ Jorge, o manchista já mencionado, disse-me que o dono do estabelecimento – seu amigo de longa data –, “não aguentou essa coisa de cerco” e acabou fechando o bar, já que o movimento tinha decrescido consideravelmente.

Avenida Francisco Matarazzo, na Praça Conde Francisco Matarazzo Junior, próxima ao portão B do Allianz Parque.

Controlar o acesso de torcedores nas ruas do entorno reduziu a concentração dos mesmos nas esquinas das ruas Palestra Itália com a Diana e a Caraibas, o que parece ter amortecido o clima festivo antes de jogos decisivos ou eliminatórios. A quantidade de palmeirenses cantando e performando as músicas da Mancha Verde é um exemplo: antes da final do Campeonato Paulista de 2018 contra o Corinthians, apesar das dezenas de torcedores em volta dos manchistas para ouvir e entoar os cantos, o movimento nas ruas era bastante tranquilo, com menos rojões e sinalizadores, que foram ouvidos com mais frequência perto dos agrupamentos torcedores, fora do bloqueio. Uma hipótese que talvez explique esse “resfriamento” do clima torcedor é que, além da menor quantidade de pessoas nos arredores, a maior parte dos manchistas e outros torcedores organizados não conseguem acessar as ruas bloqueadas por possuírem apenas ingressos para o Gol Norte. Ou seja, a partir do momento em que as ruas Palestra Itália, Caraibas e Diana foram “setorizadas” de acordo com a lógica espacial da arena, aqueles que não têm entradas para um setor específico não podem acessar determinados espaços. Portanto, o público que circula pelas ruas e tem contato com a festa não seria exatamente o mesmo de antes.

No entanto, é preciso reforçar que a tentativa de ordenar a festa e as práticas torcedoras parece ter surtido efeito apenas nas ruas bloqueadas, uma vez que, como ocorreu no jogo derradeiro do Campeonato Brasileiro de 2016 contra a Chapecoense, a festa torcedora parece ter sido “empurrada” para as ruas paralelas e acima da arena. Além dos vendedores ambulantes, muitos torcedores marcam encontros nas barreiras, onde bebem cervejas e conversam sobre futebol com amigos antes dos jogos, criando uma espécie de sociabilidade do cerco. Outros aderiram aos agrupamentos que, por localizarem-se para além das barreiras, permitem mais liberdade no que tange às formas de torcer. No entanto, essa “migração” da festa rua acima segue incomodando os moradores do entorno, especialmente os que residem nas casas mais distantes da arena, que passaram a ser atingidas pelo movimento de torcedores justamente por causa do bloqueio das vias do entorno.

5.3 “Um peru no pires”: a relação dos moradores dos arredores com a arena

Em dezembro de 2015, pesquisando notícias sobre os impactos da final da Copa do Brasil contra o Santos, encontrei o *blog* de um movimento de moradores do entorno do Allianz

Parque³⁵⁰. A postagem que me levou à página narrava, do ponto de vista dos vizinhos da arena, situações vivenciadas durante a noite e a madrugada do dia 2 de dezembro daquele ano. Eram situações permeadas de incômodos diversos, tais quais o trânsito³⁵¹; dificuldade para chegar às residências; distúrbios causados pelo barulho e equipamentos urbanos “vandalizados”, além da grande quantidade de lixo que se acumulou na manhã do dia 3 de dezembro pelas ruas. Além da descrição dos problemas, a página trazia muitas fotos tiradas pelos próprios moradores.

Durante quase três anos, acompanhei a atualização do *blog* como parte da pesquisa, com o objetivo de compreender uma dimensão do debate em torno do caráter multiuso do Allianz Parque a que eu, como etnógrafa³⁵² (e mesmo como torcedora), não tinha acesso. Natural, uma vez que além da impossibilidade de captar toda a atmosfera dos arredores em dias de jogo, não pude, evidentemente, estar presente durante todos os eventos e shows que a arena recebeu durante esse período.

Não tive, a princípio, a intenção de entrar em contato com alguma entidade representativa dos moradores do bairro para compor a pesquisa. Porém, a necessidade de ouvir um grupo organizado com demandas críticas surgiu com mais intensidade no período de escrita da dissertação. Durante o trabalho de campo, conforme já descrito, presenciei situações de negociação e convivência aparentemente pacífica entre torcedores e residentes do entorno, que não exprimiam o discurso publicado pela imprensa. Assim, decidi entrar em contato por e-mail em janeiro de 2018 com os administradores do *blog*, com o intuito de tentar abranger esse suposto “outro lado” da disputa pelo entorno do Allianz Parque. Ao me apresentar, recebi uma resposta de Jaqueline³⁵³, uma das autoras da página, aceitando conversar pessoalmente comigo e explicando o site da seguinte maneira: “Temos um movimento de moradores das ruas do entorno da Arena Allianz Parque, que busca uma solução para os problemas que temos em dias de shows e jogos realizados na arena”.

Um encontro foi marcado em fevereiro de 2018, no apartamento de uma das moradoras do movimento. Todas as falas aqui reproduzidas fazem referência, portanto, à entrevista

³⁵⁰ O blog trata de diversas questões referentes a políticas e intervenções públicas urbanas da região oeste de São Paulo, e não apenas do Allianz Parque. Não identificarei o nome do movimento e do blog, assim como também preferi trocar o nome das moradoras que me concederam a entrevista.

³⁵¹ A Rua Palestra Itália é sempre fechada pelo órgão horas antes das partidas do Palmeiras. Em todos os jogos e shows, a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) monitora o trânsito da região da arena, montando um esquema especial por conta da grande quantidade de pessoas e carros acessando o entorno do Allianz Parque.

³⁵² Durante o ano de 2016, conforme já citado, eu residi no bairro da Pompeia, nas proximidades da arena. Porém, vivi a cerca de dois quilômetros de distância da Rua Palestra Itália, e as situações narradas aqui pelas minhas interlocutoras não faziam parte do meu cotidiano.

³⁵³ Todos os nomes das moradoras foram trocados.

realizada nessa data com quatro residentes dos arredores da arena. Descreverei a situação e relatarei os principais pontos da conversa que durou cerca de três horas e abordou diversos temas. Selecionei aqueles que julguei mais importantes para conduzir esta parte do texto e, por se tratar de uma conversa entre cinco pessoas, inseri aqui trechos – alguns um pouco longos – que retratam a dinâmica do diálogo. Com isso, meu objetivo é dar o máximo de clareza para a fala das moradoras, pois considero que elas representam atores-chave na dinâmica urbana do Allianz Parque que ainda não haviam sido ouvidos por uma pesquisa acadêmica.

Naquela tarde de fevereiro, encontrei-me com Jaqueline na frente do edifício onde ela reside, cujo condomínio tem prédios de nomes Palmeiras, Palestra Itália e Alviverde. Enquanto caminhávamos até o elevador, comentei que a região estava movimentada por conta do show do cantor Phil Collins, que ocorreria à noite. Jaqueline corrigiu-me: “O show é hoje e amanhã. A agenda da arena está na minha agenda, eu sei tudo o que vai acontecer ali”.

Já dentro do apartamento, mais duas moradoras me aguardavam: Isabel, que reside próxima ao portão C do Allianz Parque, cujo acesso ocorre pela Rua Padre Antonio Tomás, e Daniela, que mora em um prédio na Rua Palestra Itália, em frente ao portão A. Pouco depois chegou Maria, que reside próxima a Isabel. Entre elas, a mais falante era Jaqueline, que fez questão de explicar todo o imbróglia jurídico existente entre os vizinhos da arena, a administração do Allianz Parque e o clube social do Palmeiras.

A sala de Jaqueline tinha uma ampla janela voltada para as piscinas do clube, por onde entrava a música que os sócios ouviam em uma tarde de verão. A rede de wi-fi do clube também funciona dentro do apartamento de Jaqueline – ela me mostrou as redes disponíveis em seu celular –, tamanha a proximidade. A vista ainda permitia enxergar a esquina entre as ruas Caraibas e Palestra Itália, onde torcedores se aglomeravam para assistir à partida com o Corinthians pela primeira fase do Campeonato Paulista, que ocorria naquele dia. Os ruídos dos gritos e dos instrumentos musicais de torcedores organizados, apesar de difusos, eram igualmente audíveis. Comentei sobre a vista, ao que ela respondeu: “Antes de cobrirem, eu via o jogo da minha janela. A nossa rua é que deveria ser a Palestra Itália³⁵⁴”. Por conta da localização, ela chama seu apartamento -- mais precisamente seu quarto -- de “torre de observação”, pois dali consegue avistar boa parte das movimentações dos arredores da arena.

Introduzi o assunto, explicando minha pesquisa de mestrado para todas, ao que fui interrompida por Maria:

³⁵⁴ Ao dizer “cobrirem”, Jaqueline refere-se ao topo do Allianz Parque. Antes do fechamento para a reforma, era possível assistir a uma partida do Palmeiras da janela do apartamento.

Maria: Você está focando nos jogos? Porque assim, na verdade, se for para falar de jogos, eu até vou embora porque eu acho que eles incomodam, mas não tanto... não tanto quanto os eventos, os shows.

Jaqueline: Maria, não incomoda agora que tem o bloqueio. Se não tivesse o bloqueio, se não tivesse todo o resultado das ações feitas, nós íamos estar enlouquecidas.

Maria: Não, sim. Mas...

Mariana: Por que nos shows não têm bloqueio?

Maria: Alguns têm. Eu acho que, assim, os jogos, eles têm que ser tratados, mas como uma instância diferente. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. São dois eventos totalmente diferentes.

De pronto, pude perceber que as moradoras enxergam os jogos e os eventos de modos diferentes – ou seja, as funções “estádio” e “palco” da arena multiuso não incomodam da mesma maneira, o que fica ainda mais explícito na fala de Jaqueline:

Jaqueline: A gente aqui separa arena de Palmeiras, ok? Aliás, são três coisas: a sede social do clube, que provoca muito incômodo para nós que moramos aqui, nós que moramos lá. É um inferno, porque a diretoria do Palmeiras é absolutamente alheia. Não aceita nenhum diálogo, mesmo que a gente seja sócia, moradora. A gente tem um problema com a sede social [...]. A gente tem problema com a Real Arenas, que administra pela WTorre. Com os eventos na arena, nesse caso, os shows. E a gente tem problema também com a arena quando é dia de jogo. São problemas distintos. A gente tem problemas que são comuns a todos os moradores aqui, e a gente tem problema que cada prédio tem. Então, por exemplo...

Maria: Cada rua, né, não é nem prédio.

Jaqueline: Cada prédio, Maria. O incômodo que você tem na tua rua, na tua esquina, é diferente do incômodo que tenho aqui e nós somos da mesma rua.

Além da distinção entre os jogos do time e os eventos, as moradoras também explicitam, no discurso, uma diferença evidente entre o antes e o depois – ou seja, entre o estádio e a arena, entre o Parque Antarctica/Palestra Itália e o Allianz Parque, algo notável também na fala de muitos torcedores com quem mantive contato. Assim, os distúrbios causados pelos jogos e eventos não são exatamente uma novidade do Allianz Parque. Jaqueline afirma, por exemplo, que a discussão em torno do barulho e das aglomerações nas vias do bairro data desde antes da reforma do estádio:

[...]nós tínhamos problemas... tinha gente na rua, não era uma quantidade grande, mas tinha muita violência, né. Tinha muita briga, começaram a ter alguns shows... para quem morava aqui, era um barulho absurdo, eu nunca me esqueço daquele show do Ozzy³⁵⁵ que ficavam três horas da manhã e eu não tinha nenhum lugar para ficar na minha casa, era um desespero porque não era nada fechado.

³⁵⁵ Ozzy Osbourne, conhecido como “pai do *heavy metal*” e líder da banda Black Sabbath, apresentou-se no estádio do Palmeiras em abril de 2008.

Por volta de 2007 ou 2008, Jaqueline e Isabel já faziam parte do Conselho Comunitário de Segurança do Estado de São Paulo (Conseg)³⁵⁶ das Perdizes, onde relatavam os problemas do bairro. De acordo com elas, a denúncia desses incômodos provocados pelo então estádio Palestra Itália resultou em uma petição no Ministério Público de São Paulo, que também incluía os futuros problemas que a reforma, iniciada em 2010, causaria aos vizinhos. A denúncia foi acatada e um inquérito foi aberto. À época, a investigação do órgão resultou em uma ação civil que pedia a suspensão da obra no estádio³⁵⁷, o que mostra que a relação entre os moradores e a arena começa antes mesmo da inauguração do Allianz Parque. Jaqueline comenta:

A arena estava construindo, e ele elenca... a petição... a ação civil pública que o promotor fez é muito interessante de ser lida, porque ele é tipo uma crônica de uma morte anunciada. Ele coloca na ação os possíveis impactos que geraria uma arena daquele porte que, se você pega hoje, você faz uma checklist. É como se o Doutor Freitas tivesse hoje relatando o que está acontecendo. Porque assim: fundamentalmente isso aqui é uma obra nova que foi construída com alvará de reforma. O que isso implica legalmente? Por ser alvará de reforma, não é exigida uma série de parâmetros que estão previstos no Plano Diretor, na lei de zoneamento, na norma de obras, numa série de coisas.

A preocupação em manter o discurso legal, baseado na legislação vigente, é bastante notável nas falas das residentes. Durante todo o tempo de nossa conversa, as quatro moradoras acionaram em suas falas uma série de dispositivos e leis para justificar suas demandas e ações: “Nós aqui não somos uma associação de moradores, nós somos o que a gente chama de um movimento de moradores”, define Jaqueline, detalhando a participação delas em instâncias políticas. “A gente estuda muito legislação, porque assim, você tem que ter argumentos para não ser ridicularizada como uma vizinha”, completa. Ela e Isabel fazem parte da Operação Urbana Água Branca³⁵⁸, enquanto Maria é representante dos moradores do conselho participativo³⁵⁹.

³⁵⁶ Os Consegs são entidades presentes nos municípios paulistas que representam as demandas da comunidade, por meio da presença de líderes comunitários e moradores, com intuito de apoiar as ações da Polícia Civil e Militar.

³⁵⁷ Ler a respeito em *MP pede suspensão de alvará para obras da Arena Palestra*. Blog do Perrone – UOL Notícias, 11 de maio de 2011. Disponível em: <<https://blogdoperrone.blogosfera.uol.com.br/2011/05/mp-pede-suspensao-de-alvara-para-obras-da-arena-palestra>>. Acesso em 2 de julho de 2018.

³⁵⁸ A Operação Urbana Água Branca abriga os bairros da Água Branca, Perdizes e Barra Funda. O objetivo da iniciativa é discutir e implantar melhorias na região, desenvolvendo questões referentes ao trânsito e a inundações, por exemplo, que são constantes na região. Ler a respeito em *Operação Urbana Consorciada Água Branca*. Site da Prefeitura de São Paulo, 5 de julho de 2010. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/urbanismo/sp_urbanismo/operacoes_urbanas/agua_branca/index.php?p=19589>. Acesso em 2 de abril de 2018.

³⁵⁹ Os conselhos participativos municipais estão presentes nas 32 prefeituras regionais de São Paulo, e funcionam como organismos de controle social por meio da participação da sociedade. Ver a respeito em *O que*

Além das já descritas, as moradoras têm outras formas de atuação, como documentar todos os distúrbios, pedir cópia dos alvarás, enviar cartas ao subprefeito da região -- para citar algumas. Segundo Jaqueline, o que elas desejam é apenas o cumprimento da lei: “Porque é isso, cumpra-se a lei que a nossa vida seria bem mais pacífica. Se cumprisse a lei, entendeu?”. Ela continua:

[...] Tudo que a gente faz, Mariana, tudo a gente põe cópia para o Ministério Público, porque nós precisamos ter uma documentação para que saia daquela coisa, “é reclamação de morador”, ok? Então assim, a Maria tem um problema lá, então a gente fotografa, registra, documenta e entrega ao MP. Ela grava, a gente pega, registra e manda para o MP. [...] é um dossiê, né? Porque assim, para que saia dessa história de, “ai, aquelas moradoras reclamantes, aqueles homens reclamantes e tal”, não é isso e a gente sempre se pauta... a gente nunca fez um pedido que não fosse previsto na legislação. Até para não ficar, “vocês tão querendo privilégios”, que a gente já escutou isso, quando o moço do PSIU³⁶⁰ fala: “não vou tomar partido de ninguém”, ele está querendo dizer que eu estou pedindo para ele me beneficiar em detrimento de alguém. Então por isso que a gente fala que a legislação é essa, cumpra-se. [...] Vou reclamar... porque meu problema não é ter a festa, faça a festa que quiser, mas pelo amor de Deus, não bota aquela caixa de som no último volume!

Enquanto conversávamos naquela tarde, mensagens chegavam no grupo de WhatsApp dos moradores, interrompendo a entrevista: “O Paulo disse que a rua foi fechada”, comentou Jaqueline. Perguntei se era por conta do show, ao que ela respondeu: “Não é só por causa do show, bloqueou por causa do jogo. Tenho certeza absoluta. O José falou que ia deixar a rua aberta”. Segundo ela: “Conforme os moradores vão na reunião e topam participar do grupo, eles são inseridos nesse grupo onde a gente fica falando tudo assim: ‘Olha, a rua está assim’, ou ‘vai ter uma reunião assado’”. Jaqueline inclusive reforça que os distúrbios causados pela arena no cotidiano aproximaram os moradores: “Aliás, a arena, a única coisa boa é que eu conheci meus vizinhos. Virei amiga dos meus vizinhos”.

A aproximação entre os moradores, segundo elas, começou anos antes da inauguração do Allianz Parque. A iniciativa dos vizinhos da arena, portanto, não é inédita: teve início durante a construção da arena, com um abaixo-assinado “pedindo alguma ação possível relacionada à mitigação de impactos”, de acordo com Jaqueline. O documento foi levado ao Ministério

é o Conselho. Site da Prefeitura de São Paulo, 5 de abril de 2017. Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/regionais/santana_tucuruvi/participacao_social/conselhos_e_orgaos_colegiados/index.php?p=71087>. Acesso em 2 de abril de 2018.

³⁶⁰ O Programa Silêncio Urbano (PSIU), da Prefeitura de São Paulo, conta com uma legislação que permite que órgãos públicos fiscalizem a poluição sonora da cidade, supervisionando estabelecimentos, obras, igrejas e casas religiosas e residências, entre outros, e recebendo denúncias de cidadãos. Ver a respeito em *Lei do PSIU*. Site da Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <<http://www.capital.sp.gov.br/cidadao/rua-e-bairro/legislacao/lei-do-psiu>>. Acesso em 2 de abril de 2018.

Público e anexado a um inquérito aberto entre 2012 e 2013 por outra associação de residentes da região, que investigava problemas de mobilidade na região. Nos dois anos seguintes, foram realizadas diversas reuniões nos condomínios da região, com o objetivo de identificar os problemas específicos de cada prédio. Desses encontros, segundo elas, foi sistematizado um documento com os problemas enfrentados e as propostas sugeridas pelos vizinhos do futuro Allianz Parque. O texto foi entregue à promotoria em 2015, uma conversa com a prefeitura foi agendada, reunindo também WTorre, Batalhão de Choque³⁶¹ e Polícia Militar.

Assim, foram constituídos grupos de trabalho com esses atores para pensar soluções para as questões apontadas pelos moradores. Tais grupos construíram um plano de ação que diferenciava jogos e eventos na arena, propondo medidas mitigadoras dos impactos de ambos. Entre as soluções propostas, estava a criação de uma “superquadra” que, segundo Jaqueline, seria uma grande área “para além da Turiassu”, incluindo ruas como a Venâncio Aires, com a possibilidade de instituir a identificação para moradores. Segundo ela:

Então isso estava num debate, nós também questionávamos porque a gente não conseguia entrar e sair de carro com aquela confusão que existia, a ambulância não chegava, tinha situações de vizinhos que tinham que ter socorro médico e não chegava o socorro médico, tal. Então a super quadra teria bloqueios... [...] para os dias de eventos na arena. Quando eles entregam esse plano de ação, que o promotor passa para nós e a gente começa a discutir... e o plano de ação também previa a criação de um grupo executivo permanente com representação dos órgãos da prefeitura que são envolvidos, mais a PM, o Batalhão de Choque, os moradores... que aí a gente sugeriu a ele que, além de incluir os moradores, incluísse também representação do Batalhão e da PM.

Mas, de acordo com Jaqueline, a saída do promotor que estava cuidando do caso prejudicou o andamento do processo – e algumas demandas nunca saíram do papel. Ela completa:

Aí 2016 finaliza o ano de que jeito? Teve aquelas duas finais de campeonato, que foi a primeira final³⁶² de campeonato, a segunda³⁶³ já estava com bloqueio. A primeira final de campeonato... que foi em 2015... é, assim, o comandante do Batalhão dizia: “Olha, a gente não tinha controle nenhum do que aconteceu aqui”, porque teve muita gente que foi roubada, muita gente que estava com ingresso e não conseguiu entrar porque levaram sua carteira na muvuca. Aí eles, por iniciativa do Batalhão de Choque, com a W Torre, com a prefeitura, decidiram fazer esses bloqueios. Que não é o perímetro que era a superquadra, mas era para que o Batalhão de Choque tivesse controle.

³⁶¹ O 2.º Batalhão de Polícia de Choque (2.º BPChq) da Polícia Militar do Estado de São Paulo atua em situações em que é necessário o controle de “distúrbios civis”, o que inclui eventos esportivos como jogos de futebol.

³⁶² Jaqueline refere-se à final da Copa do Brasil de 2015.

³⁶³ O jogo entre Palmeiras e Chapecoense, em 27 de novembro de 2016, deu o título do Campeonato Brasileiro ao clube alviverde e, por essa razão, é encarado como uma final, mesmo sendo um torneio de pontos corridos.

Segundo elas, o bloqueio dos arredores da arena que teve início no dia 23 de outubro de 2016 não atende ao plano de ação que estava em discussão nos últimos anos entre os moradores e o poder público. Além disso, elas afirmam que não foram avisadas sobre o início da ação – foram surpreendidas tanto quanto os torcedores:

Jaqueline: Essa decisão do bloqueio, vem desse plano de ação que era essa proposta da superquadra. Nós também fomos surpreendidas, nós não sabíamos, nós moradores não fomos informados. Nós não fomos informados! Em um belo dia, você não passa ali porquê... “Você vai aonde? Você tem bilhete?”, “Não, sou moradora”, “Não pode passar, dá a volta”. Ai a gente começou uma briga com eles.

Mariana: Com eles do Batalhão, no caso?

Jaqueline: Do Batalhão, da arena, do Palmeiras...

Jaqueline: “Por que é que morador não entra?”. Hoje você tem um caminhozinho com uma plaquinha.

Mariana: “Moradores”, exato.

Jaqueline: Para chegar nessa plaquinha “Moradores”, precisamos reclamar muito! [...]

Daniela: E só chegava a pé também, né.

Mariana: Vocês andam com o endereço ou não?

Jaqueline: Não, agora a gente consegue passar, mas já tive muita...

Daniela: E só chegava a pé, não esquece.

Jaqueline: Isso, só chegava a pé. E tinha policial que, “Você mora em qual prédio?”, “Eu moro ali”. Eu posso andar, eu tenho o direito de andar.

Para elas, a iniciativa serve apenas para filtrar o acesso do torcedor ao entorno e para facilitar o trabalho do Batalhão de Choque, e não para impedir a circulação de ambulantes e a aglomeração da torcida, uma vez que, fora das barreiras, ambos se acumulam. Isabel reconhece: “Isso prejudicou muito quem está fora do bloqueio”. Jaqueline completa: “Então assim, as propostas são propostas mitigadoras, tudo que mitiga e a gente fala que não gosta dessa palavra, não resolve o problema, mas minimiza, é uma coisa de muitos anos”. No entanto, elas reconhecem que alguns impactos foram suavizados. Daniela, por exemplo, afirma que a intenção do bloqueio é também “afastar *[o torcedor]* de tal modo que não valesse a pena ir. Eles estariam tão longe, que não valeria a pena vir”. Quando perguntei do que os torcedores estariam longe, ela respondeu: “da arena”.

As moradoras também afirmam que, com o bloqueio, as brigas diminuíram, assim como os tumultos provocados pelo excesso de pessoas:

Jaqueline: [...] Claro, com isso tirou aquele mundo de ambulantes que ficavam lá com churrasquinho, com fogareiro, era uma coisa muito insegura. [...] eu falo que o São Marcos que protege a gente aqui no bairro. Eu sou devota de São Marcos, mais do que palmeirense. Então, eu acho que só não teve uma tragédia, sei lá o porquê. Este bloqueio, para os moradores daqui nossa! Né, Daniela? A Daniela pode falar.

Daniela: Caraibas, Turiassu, para todo mundo.

Isabel: Antes do bloqueio houve um fato onde dois agentes da GCM... não, é fiscais, né?

Jaqueline: Fiscais da prefeitura.

Isabel: Foram seriamente agredidos, eles até precisaram ficar afastados. Pelo menos eu sei que ainda estavam algum tempo atrás. Porque eles foram agredidos, né.

Jaqueline: Por ambulantes.

Isabel: Por ambulantes.

Jaqueline: A situação estava completamente fora de controle.

Daniela: Você não viu como é que ficava a rua Turiassu! Você não conseguia passar.

Isabel: Não dava para passar.

No entanto, elas reconhecem que, apesar do incômodo causado aos moradores e moradoras, os torcedores estariam no seu direito de estar nas ruas antes dos jogos, o que fica evidente nessa fala de Maria, que se coloca no lugar de uma torcedora:

Se a própria organização, o próprio Allianz, fecha a rua, por que que eu não posso fechar? Eu sou torcedora, eu posso fechar a rua. Por quê? Porque a torcida inimiga, ela vem pela Teixeira e Sousa. Eles fecham a rua Teixeira e Sousa totalmente só para torcida entrar. Quer dizer, meu, então por que que eu não posso sentar na rua e fazer um churrasco?

Apesar das melhorias trazidas pelo bloqueio, elas afirmam que o maior problema de quem mora na região ainda permanece sem uma solução concreta: os distúrbios causados em dias de shows, apresentações e festivais musicais. Reproduzo abaixo um trecho da conversa entre elas que exprime a questão – Maria, a mais incomodada com esse tipo de evento, começa:

Maria: O show é o seguinte. Você pega todas essas questões que foram levantadas e apontadas pelo jogo e multiplica por cinco, dez, quanto você quiser. Então fora o acúmulo de pessoas, o incômodo, porque assim, parece que não se aprende com o erro do passado. Então, cada vez que você vai conversar, “Porra, de novo a fila aqui”, “Ah, não, mas é o organizador”. Então, veja bem, o organizador... eu não tenho competência para passar para o organizador os erros do show passado? Não consigo entender como funciona isso. [...] as filas, as filas são enormes. No dia do evento, na véspera do evento... então... aquele moleque que veio...

Jaqueline: Justin Bieber.

Maria: Justin Bieber!

Daniela: Aquele foi o pior.

Maria: Aquilo ali... foi uma coisa... eles fizeram um palco na frente que eu tive um...

Jaqueline: Não sei se você viu as fotos do Justin Bieber, eu vou te mostrar.

Isabel: Um sócia que não teve dinheiro para ir ao show, não sei, por alguma razão ou não quis ir, a gente não entra no mérito, montou um palco na porta da casa dela. Com microfone, caixas de som...

Maria: Eu tive um ataque.

Segundo elas, os shows começam a incomodar antes mesmo do dia marcado. Isto porque as filas de fãs meses antes da data da apresentação e a montagem das estruturas mudam a rotina dos moradores, causando problemas diversos mesmo de madrugada. No caso específico das filas, Jaqueline ressalta, ainda sobre o show do astro adolescente Justin Bieber: “O show foi em

abril e eles começaram a acampar em outubro. Outubro... novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril. Seis meses!”. Daniela completa: “[...] foi o evento que teve mais gente. Essas menininhas, elas gritam, gritam, gritam o tempo todo. De noite, de manhã, uma semana antes. Foi o evento que teve pilhas desta altura de sujeira lá na Turiassu”. Para reforçar a fala de Daniela, Jaqueline pegou o celular e mostra-me algumas fotos do dia do show, algumas das quais foram postadas no blog do movimento: “Isso aqui era uma fila, olha isso aqui: a extensão toda a Turiassu. Eram as 55 mil pessoas na rua durante o dia. Isso aqui é em frente à casa da Maria, dá uma olhada. Policiamento cercou um pedaço da rua. Eu não consegui sair da minha casa a pé”. Alguns shows, no entanto, causam menos tumultos. “Você pode ver que existem shows e shows. Hoje não tem ninguém, está sossegado”, afirma Daniela, referindo-se à apresentação do cantor Phil Collins.

Os ruídos causados pela montagem dos palcos, no entanto, são presentes em todo o tipo de apresentação musical na arena, independentemente do tamanho do público:

Jaqueline: A montagem dessas grades era feita de madrugada, então você está lá linda e formosa dormindo... “trrrrrrrrr”, você pulava assim da cama.

Daniela: Os caras pegam e jogam dentro do caminhão. Ou então chegam dentro do caminhão e jogam.

Jaqueline: Então isso a gente conseguiu... de tanto que a gente pediu, pediu, pediu...

Daniela: A CET autorizou deixar eles fazerem durante o dia. [...]

Várias delas em uníssono: Eles faziam assim: “tssssssss... piii piii piii piii tssssssss” (risos)

Daniela: É isso a noite toda na cabeça.

Isabel: A gente fica tudo na janela. [...]

Daniela: Os caras jogando aquilo dentro do caminhão às três horas da manhã.

Jaqueline: Então, assim, show para gente é muito pior do que jogo.

O som das apresentações também escapa da estrutura da arena, fazendo com que os moradores ouçam grande parte do *setlist* dos shows. Para ilustrar o problema, Daniela mostrou-me, em seu celular, um vídeo de um vaso tremendo em cima de uma mesa. Segundo ela, as imagens foram gravadas em novembro de 2017, durante o show da banda inglesa Coldplay no Allianz Parque. Elas se recordam daquele dia:

Jaqueline: O show do Coldplay, tem uma música... eu sei disso porque eu já assisti a esse show que eles apresentaram por vídeo inteirinho. Tem lá pelas tantas uma música que ele pede para todo mundo abaixar, ele abaixa também, aí ele pede para todo mundo levantar pulando. Eu conferi no setlist deles, porque eu achei que estava ficando louca. Eu estava aqui, eu costumo gravar o som. Eu estou aqui, era umas dez e meia da noite, aí eu senti o apartamento balançar. Eu senti o chão do pessoal pulando lá. Não sabia o que estava acontecendo lá, eu só estava escutando a música. Aí, fiquei aqui tentando entender o que eu estava... “Estou louca!”. Aí minha vizinha do sétimo andar me manda uma mensagem: “Você está em casa? Meu apartamento balançou”. Na sequência, a Daniela: “Gente, meu apartamento balançou!”. [...]

Daniela: Você lembra aquela cena do Jurassic Park? Do copo d'água no console do carro?

Mariana: Lembro.

Daniela: Eu fiz uma foto dessa dentro do meu apartamento.

Para elas, o problema dos shows também é a concentração de grandes quantidades de pessoas que não conhecem a região, deixando o entorno da arena ainda mais tumultuado. “O Palestra era para trinta mil pessoas, isso daqui tem cinquenta e cinco mil. O Palestra tinha shows...O jogo, quando dava vinte e cinco mil, trinta mil, era uma final da Libertadores que deu, né. A lotação completa”, lembra Jaqueline. Já Maria reforça que, nos shows do Allianz Parque:

As pessoas vêm, elas não conhecem o entorno. A gente fala, o torcedor, ele fica lá do outro lado, depois ele dá um jeito, ele atravessa o shopping, mas ele conhece o entorno. Ele sabe onde é que ele entra, ele sabe como é que ele sai, etc. O indivíduo, a família, enfim. A pessoa que vem para o show, ela não sabe. Ela fica rodando que nem peru bêbado, “ah, mas onde que é o portão não sei o quê?”.

Isabel completa:

Isso é um problema seríssimo, essa falta de informação. Agora, estava vindo agora e encontrei com um casal ali. Os dois pararam e “será que é ali com aquele povo ou será que a gente vai ter que dar a volta?”. Entendeu? O pessoal não sabe, então muitas vezes o pessoal vem do lado de lá, para do lado de cá... vem do lado da Pompéia, para do lado da Francisco Matarazzo, e a entrada é aqui.

Durante todos os temas abordados na conversa, percebi na fala de Jaqueline, Isabel, Maria e Daniela uma espécie de rancor ao falar do Palmeiras. Nota-se que a mudança de estádio para arena também afetou as relações dos moradores e moradoras do entorno com o clube³⁶⁴, criando uma espécie de distanciamento entre ambos e reforçando problemas já existentes com os eventos realizados pela sede social, como o barulho causado por festas juninas e comemorações de ano novo. Isabel e Daniela, por exemplo, eram sócias do Palmeiras, mas cancelaram o título nos últimos anos. O diálogo a seguir exprime o sentimento das moradoras:

Maria: [...] eu sou de um tempo em que o clube, quando vencia, ele abria as portas para os vizinhos. Os vizinhos eram do clube.

Jaqueline: Isso é verdade, isso que a Maria está falando é verdade.

Maria: “Venha comemorar o título”, eu sou dessa época. De entrar no clube.

Daniela: O Palmeiras era uma família.

³⁶⁴ Maria lembra, por exemplo, que nos anos 90 as moradias dos jogadores da base do Palmeiras eram vizinhas ao seu prédio. Segundo ela, os barulhos de festas eram constantes – e incômodos: “Eles punham caixa de som, na frente ficavam as ‘marias-chuteiras’ dançando na rua. Uma coisa horrorosa. [...] Quantas vezes eu não tive que reclamar porque eu não era obrigada a compartilhar o gosto musical deles”.

Maria: Era uma família!

Jaqueline: É, e a vizinhança participava.

Maria: [...] então eu acho que a partir dos anos 90 com... não sei se com uniões políticas, com novas diretorias, com as aquisições que foram feitas, então o bairro ele sofreu... era um bairro estritamente residencial, passou a não ser mais. [...]

Daniela: Agora, todo mundo fala: “ah, porque o Palmeiras está aqui desde 1914”.

Mariana: Eu ia entrar nessa pergunta.

Jaqueline: E eu tenho uma resposta pronta!

Daniela: Olha, eu estou aqui desde 1973. Eu era torcedora do Palmeiras, eu era sócia do Palmeiras. Não sou mais as duas coisas. Eu ia assistir todos os treinos, conhecia todos os jogadores. Eu morava mais no Palmeiras do que na minha casa. Só que quando tinha jogo, não tinha esse negócio de torcida. Os torcedores chegavam, entravam, assistiam o jogo e iam embora. Não tinha esse monte de bar que tem agora. Os poucos bares que tinham principalmente aquele da esquina da Caraibas...o dono era o Seu Antônio, português. Dia de jogo ele fechava as portinhas dele e ia embora. Todos os bares fechavam, entendeu? Então não tinha essa palhaçada que tem hoje... Esse monte de ambulante, esse monte de reunião de torcida. Não tinha torcida uniformizada.

Mariana: Vocês acham que a arena trouxe isso?

Isabel: Não.

Jaqueline: Não

Daniela: Como não?

Isabel: Não, não foi a arena.

Daniela: Foi depois que eles reformaram, ou foi na mesma época que isso começou a se formar numa forma pior.

Jaqueline: Não, não. O próprio Palmeiras...

Mariana: Então foi de 2010 a 2014 para cá?

Daniela: Sim. O povo vinha, assistia e ia embora para casa. Não ficava enchendo o saco de madrugada, porque enquanto... quando acaba o bloqueio, alguns poucos ambulantes vêm. Mas, enquanto tem ambulante, tem torcedor e enquanto tem torcedor, tem ambulante. Então vara a madrugada. Era muito diferente.

Algumas delas, assim como muitos torcedores com quem mantive contato durante o trabalho de campo, dizem sentir saudades do antigo estádio:

Jaqueline: Eu, por exemplo... aí eu vou falar, assim: essa arena é um desastre. Para quem tinha o Parque Antártica, aquele jardim suspenso, eu adorava aquela...

Isabel: Tinha que andar na arquibancada, né.

Jaqueline: É muito chato essa história de ficar sentado em banquinhos.

Mariana: Você chegou a ir em algum jogo?

Jaqueline: Sim, eu fui em dois jogos. Assim, não fui muito não porque eu acho muito caro o ingresso.

Isabel conta que se mudou para a região em 1973. Ela tem três filhos, sendo que dois deles eram “aficionados pelo Palmeiras”. “Nós frequentávamos, vivíamos no Palmeiras, e os dois meninos se tornaram sócios da Mancha. Lá nos anos 80, quando a Mancha nasceu. Eles se tornaram... assistiam ao jogo, ficavam juntos com a Mancha”, lembra ela, que considera esse um comportamento “saudável”, diferente do que ela enxerga hoje na torcida: “Aí foi o grande problema quando as agremiações esportivas, as torcidas, tiveram poder, foram estimuladas eu não sei por quê, o que ocasionou tudo isso, houve uma mudança radical de comportamento. Para violência, entendeu?”.

Para Isabel, que mora na Rua Barão de Teté, próximo à entrada dos torcedores do time visitante e ao portão pelo qual entram os ônibus dos times, tanto do Palmeiras como do rival que o clube enfrenta. Ao narrar os problemas, ela reconhece que a precificação dos ingressos teve, como um dos seus principais efeitos, o aumento da quantidade de torcedores nas ruas – justamente aqueles que não conseguem entrar na arena:

Ali a minha rua fica tomada de gente que vem para o jogo. São todos uns bagunceiros, mal-educados porque tem a calçada e eles andam na rua. Mas eles vão, assistem o jogo, acabou o jogo eles vão embora! Criança vai aqui no colo, vai na mão, vai a mulher, vai a namorada. Então, eu até brinco com elas, e digo que tem uma diferença entre o torcedor que vem pela minha rua e o torcedor que vem por aqui. O da minha rua são torcedores, vêm de metrô, vêm de carro, mas são torcedores. Acabou o jogo e eles vão embora! [...] qual a diferença de hoje para antes? Antes, vinham vinte mil torcedores, vinte e dois mil. Hoje vêm quantos? Quarenta mil, ok? E um grande problema que houve que você vai ver nesse manifesto é que antes o clube era acessível a todos os torcedores. Hoje, o time só é acessível a torcedor rico, que pode pagar o ingresso.

Ao dizer “manifesto”, Isabel refere-se aos cartazes do movimento Ocupa Palestra que foram colados nos muros e postes do entorno do Allianz Parque. Isabel continua: “O torcedor que pode pagar por ingresso caro. Aí esse aqui reclama que ele não pode entrar no estádio, ele quer ficar na rua! Só que o direito dele termina quando começa o meu, entendeu? E isso é uma questão que tem que ser discutida pela sociedade”. Daniela completa Isabel: “O problema é que eles barbarizam na rua”.

Para Jaqueline, que encontrou o cartaz naquela manhã e trouxe-o para a conversa, o que ocorre é uma “gentrificação da torcida” – termo acionado por ela mesma. Ao ler o texto, ela diz:

[...] A torcida do Palmeiras ficou branca, alta, bem vestida e bem dormida. Porque é muito caro vir aqui... você vê, você conhece. Você vê como é a torcida. Quem ia antes no jogo, quem vai hoje no jogo, você nitidamente você percebe uma diferença de público, que é um público com maior poder aquisitivo. Eu acho justa a reivindicação, então eu acho assim, “libera a rua para gente poder sentir e ficar perto do clima do jogo”. Pega os quarenta mil e vai exigir dessa diretoria baixar o preço do ingresso. [...] começa bem. O texto começa bem, né? Porque assim, a questão da tradição, super legal, a tradição, super gostoso estar perto daquilo que a gente ama. Nenhum problema. O problema é que o seguinte, meu amigo, olha aquilo ali, ó. Ali onde eles estão... e é pouca gente.

Jaqueline, que mora ao lado do estádio há 20 anos, aponta para a esquina entre as Ruas Palestra Itália e Caraibas, de sua janela, onde os carros já não passavam mais devido à quantidade de palmeirenses tentando espiar o jogo nas televisões dos bares. Ela, que afirma ser palmeirense desde os 6 anos de idade, reforça que o problema não é gostar ou desgostar do

clube, já que nasceu no bairro da Água Branca e viveu a infância frequentando o Palmeiras. Ela se lembra:

Quando tinha aqui o estádio, eu vinha muito em jogos aqui, todos os meus sobrinhos, a tia que introduziu eles no campo, vinham assistir todos os jogos da Libertadores, adoravam vir aqui. Depois que eu mudei para esse apartamento, eu chegava em casa de quarta-feira trabalhando, estava lá no quarto, não sei o quê, escutava “uhhh!”. Continuava lá, não sei o quê, “uhhh!”. No terceiro “uhhh!” eu já estava aqui pendurada e assistia ao jogo inteiro. Então assim, uma relação super legal. Eu acho que a gente precisa entender o seguinte: o problema aqui é que não é contra Palmeiras, porque todo mundo aqui é palmeirense.[...] Ninguém quer que derrube a arena, porque a arena não vai ser derrubada, ninguém quer mudar daqui porque aqui é um lugar bom para se morar, eu acho que a solução encontrada é uma solução de diálogo dentro do que pode ser estabelecido. Agora, tem vários interesses por trás, interesse econômico.

Apesar de todos os distúrbios e incômodos detalhados durante a conversa, que vão desde a dificuldade para estacionar e sair de casa em dias de jogos e shows, até uma grande quantidade de ratos que aparecem nas ruas por conta do lixo deixado nas ruas após os eventos, com exceção de Daniela, as moradoras não pensam em deixar o bairro:

Mariana: Vocês pensam em ir embora daqui?

Jaqueline: Não. Eu não. Esse bairro é maravilhoso, esse meu apartamento é maravilhoso.

Isabel: Eu talvez.

Daniela: Eu mudaria daqui se fosse para sair de São Paulo.

Isabel: Eu mudaria por uma razão, o meu apartamento ficou pequeno só para mim e meu marido. Mas eu amo morar aqui.

Daniela: Eu mudaria com prazer.

Isabel: Eu vou a pé para a Barra Funda, vou a pé para o Bourbon, a minha filha mora na Augusto de Miranda, as crianças tão na escola ali...

Daniela: Eu se pudesse, eu caía fora.

De modo geral, posso dizer que a longa conversa que tive com as quatro moradoras mostra que elas culpam a prefeitura pelos distúrbios causados tanto em jogos do Palmeiras como nos shows e eventos diversos – e não a torcida, como a abordagem de grande parte da imprensa esportiva deu a entender. Jaqueline não hesita em dizer:

Jaqueline: [...] A responsabilidade de toda essa confusão é institucional e é da prefeitura. Porque a prefeitura autorizou a construção de um negócio desse tamanho e ela própria não foi rigorosa nas exigências legais, né. Se fosse obra nova, teria que respeitar toda a parte de contrapartida de meio-ambiente da lei do Plano Diretor da época, uma série de coisas, né. Que hoje, a gente olha para o que está acontecendo e você vê nitidamente, assim, o que que você faz? Aí tem dois apelidos para arena, né: o capitão do batalhão de choque diz que é um peru em cima de um pires, e aquele corintiano lá da semana passada falou que é uma baleia dentro de um aquário.

Daniela: O apelido novo é Moby Dick.

Jaqueline: Porque ela não cabe no bairro, ela não cabe no bairro. Simples assim.

Isabel: Além de não caber no bairro, ninguém consegue caçar (risos).

Maria: Um diretor [do Palmeiras] me disse que ali era um elefante em cima de um pires.

Isabel: Está mais para baleia branca mesmo.

Para elas, apenas o cumprimento da legislação vigente e o aumento da fiscalização já acarretariam em melhorias na qualidade de vida dos vizinhos e vizinhas do Allianz Parque. “Ela [a arena] está aqui desde 102 anos, só que tem uma lei do plano diretor, que é de 2004, que foi revisado em 2016. A lei do plano diretor vale para quem nasceu em mil novecentos e bolinha”, diz Jaqueline. “Não importa se você nasceu primeiro, mas você tem regra, a cidade tem regra”. Para ela, falta uma ação coletiva que estabeleça padrões de atuação dos atores públicos:

Tem que ter uma ação da prefeitura que não existe. Ou você altera a legislação para adequar, então esta zona mista passa a ser uma zona de... porque assim, você tem alguns instrumentos dentro da legislação que fala assim: você tem padrões para incomodidades, né? E na legislação diz o seguinte: você pode tomar providências desde que... se você tiver um vizinho, um estabelecimento do lado da sua casa que crie incomodidade. Qual é a incomodidade da arena? É o barulho? Faça tratamento acústico. Vai ter que gastar dinheiro. A W Torre vai ter que gastar dinheiro. Então nós vamos chegar num outro capítulo. O problema é ruído? Então você vai fazer uma coisa: o produtor, se ele passar do ruído ele vai ser multado, no terceiro show que ele fizer aqui na arena, ele vai começar a respeitar o ruído. [...] Trabalhe de alguma maneira que você crie algum padrão. Rua, rua é um problema. Eu acho que a forma de solucionar pessoas ocupando ruas e calçadas é abrir mais cedo a arena. Para abrir mais cedo, você tem que ter o Batalhão de Choque chegando mais cedo. Implica numa ação coletiva de todos os órgãos. Não é responsabilidade de um só.

Depois de três horas de entrevista, algumas das moradoras – caso de Maria e Isabel – precisavam ir embora. Ao encerrarmos a conversa, deixei o prédio de Jaqueline na companhia dela e caminhamos juntas até a esquina das Ruas Palestra Itália e Caraibas, intransitável durante o segundo tempo do jogo com o Corinthians, com muitos torcedores nervosos nas ruas com a derrota parcial do clube alviverde. Ao mesmo tempo, chegavam à região dezenas de espectadores para o show que ocorreria em cerca de três horas na arena. Ao nos despedirmos, ela disse: “Vou ao supermercado, mas antes vou tirar umas fotos para colocar no blog”.

Salvas as óbvias diferenças epistemológicas, a conversa com as moradoras lembrou-me do artigo *The Case of Mistaken Identity: Problems in Representing Women on the Right*, do livro *When They Read What We Write* (BRETTEL, 1996). De autoria de Faye Ginsburg, o texto descreve alguns problemas que a antropóloga teve ao publicar sua pesquisa etnográfica com mulheres de grupos a favor e contra o aborto nos Estados Unidos. De modo bem geral, o que Ginsburg mostra no referido artigo, por meio da fala das suas interlocutoras, é que os dois polos aparentemente opostos da discussão tinham mais pontos de consonância do que os estereótipos – e, ao ouvir os dois lados do debate, ela teve a sua objetividade científica colocada em dúvida por seus pares, muitos dos quais, assim como ela, eram a favor do aborto.

Moradores e torcedores, por vezes dispostos em lados divergentes das disputas pelo entorno da arena, têm argumentos com mais convergências do que à primeira vista se supõe. Jaqueline e Isabel, por exemplo, reconhecem que o alto preço dos ingressos impede que muitos torcedores adentrem a arena – precificação esta que, de acordo com Jaqueline, mudou o perfil da torcida –, enquanto Maria entende a legitimidade da ocupação das ruas pelos palmeirenses. As três, juntamente a Daniela, também construíram, com o passar dos anos, uma relação com o clube, seja por meio da frequência das suas respectivas famílias ao clube social, seja por meio da presença nos jogos do antigo Palestra Itália. Ao admitirem um distanciamento da instituição pelos impactos que o Allianz Parque trouxe para a vida delas e de outros vizinhos, assumem também que tais problemas as aproximaram, criando relações entre atores que viviam há décadas no bairro e sequer se conheciam.

É possível fazer num paralelo com o cenário que Frúgoli faz dos usos das ruas da Vila Madalena durante a Copa do Mundo no Brasil, em 2014. De acordo com o autor, o bairro “abrigou múltiplos agentes e suas modalidades de torcer, com justaposições” que envolviam relações de diversos planos (2016, p.19). Assim como ocorre no entorno do Allianz Parque, o que ele pode observar na ocasião de suas incursões a campo revelou que “tal dimensão coletiva e festiva acirrou conflitos já existentes entre moradores e frequentadores da Vila, já observadas em outras ocasiões, sobretudo na época do carnaval [...]” (FRÚGOLI, 2016, p.19).

5.4 Iconografia

Figura 42: Bandeiras e torcedores de ambas as torcidas na Rua Caraibas no pré-jogo entre Palmeiras e Vasco em 23.11.2015. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 43: Palmeiras x Atlético-MG, 24.07.2016. Torcedores do Galo circulam livremente na Rua Padre Antonio Tomás. Entre as torcidas organizadas Mancha Verde e Galoucura existe uma relação de amizade. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 44: Palmeiras x Grêmio, 19.10.2016. Último jogo de 2016 antes dos bloqueios das ruas, com barracas, ambulantes e torcedores sem Avanti. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 45: Palmeiras x Peñarol, 12.04.2017. Com o cercamento das ruas, fluxo de torcedores é menor. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 46: Palmeiras x Sport-PE, 23.10.2016. Primeiro jogo em que as ruas foram bloqueadas. Imagem da Rua Caraibas. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 47: Palmeiras x Sport-PE, 23.10.2016. Primeiro jogo em que as ruas foram bloqueadas. Imagem da Rua Diana. Ao fundo, bandeiras da T.U.P. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 48: Palmeiras x Chapecoense, 27.11.2016. Devido ao bloqueio na Rua Caraibas, torcedores concentram-se na Rua Venâncio Aires. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 49: Porta com alusão ao centenário do clube, 10.03.2016. Rua Palestra Itália. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

Figura 50: Lambe do grupo de torcedores, 10.03.2016. Avenida Pompeia. (Foto: Mariana Carolina Mandelli)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na seção final desta dissertação, retomo meus principais achados etnográficos com o objetivo de analisar os temas fundamentais tratados ao longo deste texto.

Meu principal problema de pesquisa centrava-se em avaliar se a transformação do Estádio Palestra Itália em uma arena multiuso teria trazido efeitos nas práticas torcedoras dos palmeirenses que frequentam os jogos do time. Como a etnografia foi realizada principalmente entre o fim de 2015 e o início 2017, ou seja, foi iniciada quase um ano após a inauguração do Allianz Parque, não foi possível captar ou identificar as modificações nas formas de torcer na transição de um campo para o outro. Tais relatos, impressões e opiniões emergiram, portanto, apenas do discurso e da memória afetiva dos interlocutores³⁶⁵, com quem mantive contato durante esses dois anos em que acompanhei as partidas de futebol da Sociedade Esportiva Palmeiras (SEP).

Com base nos dados coletados no trabalho de campo, é possível dizer que o próprio acesso às entradas dos jogos passou por mudanças estruturantes. Por mais que o programa de sócio-torcedor Avanti não seja exatamente uma novidade, uma vez que o surgimento do mesmo é anterior à inauguração do Allianz Parque, o alto valor dos ingressos dificulta a frequência ocasional aos jogos, já que o volume de entradas comercializado nas bilheterias após o fim da venda preferencial aos sócios-torcedores é restrito para a alta demanda, além de ser composto apenas dos setores de maiores preços. A cota de entradas comercializadas pela W Torre, concedida via contrato entre o Palmeiras e a construtora, é um elemento a mais nessa disputa pelo acesso, o que acaba confundindo o torcedor mais antigo que estava acostumado a adquirir seus ingressos nas longas filas das bilheterias – tais filas, aliás, aparecem no discurso desses e de outros palmeirenses com um misto de saudosismo e crítica, que leva em conta as histórias “daquela época” mas também reconhece as facilidades do sistema digital do sócio-torcedor. Como forma de burlar as regras do sistema e subverter a lógica da “figuração canhestra do capital” (TOLEDO, 2010, p. 179) que esses programas representam hoje no futebol brasileiro e mundial, ocorre o empréstimo de carteirinhas e vendas de ingressos dos associados, práticas proibidas pelo regulamento, mas que constituem estratégias criadas pelos torcedores para dar acesso à arena, mesmo sem estabelecer um vínculo com o serviço do Avanti.

³⁶⁵ Conforme já referenciado na introdução deste trabalho, não fui uma frequentadora do Palestra Itália.

Dentro da arena, o setor Gol Norte pode ser interpretado como a área do Allianz Parque onde se observam práticas torcedoras mais transgressoras ao espaço controlado, o que pode ser exemplificado pela relação que os torcedores estabelecem com os assentos: ignorando-os, ao decidirem assistir ao jogo em pé; quebrando-os, ao comemorarem um gol; subindo nos mesmos, para cantarem ou performarem as músicas entoadas pela torcida organizada Mancha Verde; e, por fim, utilizando-os como instrumentos musicais, especialmente no período entre 2016 e 2017, em que estes artigos foram proibidos pelo Ministério Público de São Paulo dentro dos estádios paulistas. Ao passo que refutam as cadeiras impostas pela arquitetura da arena, os torcedores, organizados e não organizados, também se apropriam delas e, conseqüentemente, rompem com o perfil de comportamento torcedor esperado dos frequentadores desses ambientes vigiados, como demanda o “caderno de encargos” da Federação Internacional de Futebol (FIFA) (HOLLANDA, 2014, p. 323).

No que tange ao ambiente interno da arena – ou seja, dentro do Allianz Parque –, a etnografia revelou práticas torcedoras direcionadas e não espontâneas, como as presentes no encarte *Match Day* e telões, que não são adotadas pelos torcedores que frequentam o Gol Norte, cujas formas de torcer, como cânticos e corporalidades, são majoritariamente ditadas pela Mancha Verde. Ainda que, dentro desse mesmo setor, as disputas pelo torcer sejam visíveis, como ocorre com a imposição dos códigos manchistas aos torcedores não organizados em alguns gomos do Gol Norte – códigos estes que são anteriores à construção da arena, tais quais a obrigação de usar a cor branca e as orientações para participar das músicas e danças dessa torcida organizada –, são as formas de torcer desse grupo que se sobressaem em relação a esse e outros setores. Mesmo com ressalvas, é a Mancha Verde quem ainda desempenha um papel condutor de práticas torcedoras majoritárias no Allianz Parque, uma vez que, além de ser a maior torcida desse tipo em quantidade de associados, sua performance constante durante os 90 minutos dos jogos do Palmeiras é acompanhada por sujeitos que não fazem parte da mesma. Nesse sentido, é interessante observar que, se a princípio o ambiente confortável, seguro e vigilante da arena multiuso refuta o torcedor organizado pelo seu estereótipo marginalizado pela mídia, que remete a ideias como desordem e violência, essa mesma arena reconhece e se aproveita da performance desse mesmo perfil torcedor, mercantilizando-o. Tal aspecto fica evidente nos próprios telões, que alimentam-se das músicas manchistas, exibindo trechos destas para que o público geral, dos outros setores do Allianz Parque, cante tais versos e endosse o coro torcedor.

Assim, a ideia de uma “festa ritualizada” na arquibancada, que segundo autores como Mascarenhas (2004, 2015) teria esmaecido por conta da “arenização” dos estádios brasileiros,

mostra-se, ainda que com prejuízos e restrições causados principalmente pela arquitetura e pelas formas de acesso à arena, resistente, justamente por conta da atuação da torcida organizada. Cantos, performances, mosaicos e a distribuição de balões ainda são iniciativas da Mancha Verde para jogos decisivos do clube, e muitas vezes envolvem todo o público presente – e não apenas o setor Gol Norte. Vale lembrar a proibição de bandeiras e álcool nos estádios paulistas, entre outros itens, não são vetos inerentes às novas arenas de futebol, mas sim iniciativas do poder público anteriores a elas.

As ruas do entorno do Allianz Parque – ou seja, o espaço fora da arena multiuso – foram impactadas pela construção da mesma, o que foi percebido com a abertura de novos estabelecimentos, comerciais ou não, identificados com o Palmeiras, como bares e sedes de torcidas organizadas. Nesse pedaço palmeirense (MAGNANI, 1996), vive-se, antes dos jogos, o que torcedores como Érico chamam de “cultura de arquibancada”, algo que a reforma do estádio teria enfraquecido – ou mesmo apagado – na opinião desses sujeitos. Tal conceituação, apesar de vaga e ampla, pode ser interpretada à luz de um torcer mais livre, com menos controle por parte de equipamentos intrínsecos ao “padrão FIFA” – como as câmeras, as cadeiras e os telões – e faria uma espécie de oposição a outra expressão de significado igualmente difuso: “futebol moderno”. Isto porque é na rua que se faz o churrasco entre torcedores e torcedoras e onde não há a interdição para o consumo de álcool e o manuseio de bandeirões, rojões e sinalizadores; é também onde, antes do cercamento das ruas, o acesso era livre a todos os palmeirenses, sem a necessidade de filiação a um serviço de sócio-torcedor. Dessa maneira, é na rua que esses sujeitos encontram a possibilidade de vivenciar o estádio de outrora, revivendo uma espécie de memória afetiva dos tempos de Palestra Itália. O uso da rua para torcer e manifestar o clubismo com menos intervenções do que encontradas dentro da arena ganha, assim, um contorno curioso se pensarmos que a Rua Turiassu teve seu nome modificado em 2015, meses após a inauguração do Allianz Parque, recebendo justamente a alcunha do antigo estádio, reforçando semanticamente essa espécie de deslocamento da atmosfera e da vivência do estádio antigo para o entorno do campo. portanto. O Palestra Itália é reconstruído e recriado na rua em dias de jogo do Palmeiras, que ressignificam esse espaço com cânticos, corporalidades e redes de sociabilidade semelhantes aos vivenciados anteriormente.

Nesse sentido, o discurso de vários torcedores com quem interagi durante o trabalho de campo permite afirmar que eles não se sentem “em casa” no Allianz Parque, fazendo, da rua, um ambiente mais acolhedor para suas formas de torcer. Portanto, no entorno, tem-se uma diversidade maior de sujeitos e práticas torcedoras, ao passo que, dentro da arena, haveria um movimento de conformação e diminuição de comportamentos outrora “tradicionais” nos

estádios brasileiros. A rua ofereceria, portanto, uma sensação maior de pertencimento a esse tipo de torcedor e torcedora, uma vez que ela guardaria a resistência de formas de torcer que remontam ao período pré-arena do Palmeiras. Frequentar os jogos realizados no Pacaembu seria, portanto, outra oportunidade de (re)viver experiência semelhante dentro de uma arquitetura antiga que, por mais que tenha sofrido modificações nas últimas décadas, ainda reserva espaço para esses modos torcedores.

Ainda sobre o entorno do Allianz Parque, é possível afirmar que a inauguração de uma arena multiuso, que não atende apenas aos interesses do próprio clube (no sentido de que o contrato entre o Palmeiras e a W Torre “desaloja” o time de seu próprio campo em prol de eventos), pode ter incentivado alguns torcedores a demarcarem seu território com uma série de intervenções urbanas, tais quais a colagem de lambes, cartazes e adesivos pelas ruas, além de pichações nos muros e no asfalto e a pintura de casas e bares em tons de verde. Tais marcas clubistas reforçam uma territorialidade pré-estabelecida pelos equipamentos ligados ao Palmeiras espalhados em um raio relativamente pequeno em relação à localização geográfica da arena, o que conforma, portanto, um território moral e físico. A constituição de tal territorialidade alusiva ao clube pode ser interpretada, portanto, à luz dos impactos trazidos pela construção do Allianz Parque, se pensarmos que a reforma do estádio fez com que os torcedores que não se sentem “em casa” dentro da própria “casa” transferissem, simbólica e materialmente, esse pertencimento para a rua.

No entanto, é preciso ressaltar que as dimensões de “dentro” e de “fora” do Allianz Parque aparecem entre aspas no decorrer desta dissertação porque os dados etnográficos também revelaram que, apesar de espacialmente opostas, simbolicamente tais dimensões apresentam consonâncias relevantes. Ambas se interferem mutuamente, com o cruzamento de valores e usos, e tal intercâmbio evidencia-se justamente pela análise das formas de torcer. Um exemplo é o bloqueio das ruas do entorno em dias de jogo do clube, vigente desde outubro de 2016 com o objetivo de diminuir os impactos da circulação da torcida pelo bairro nos dias de jogos, o que incluiria ruídos, acúmulo de lixo e furtos. Assim, com base nas situações descritas com base na etnografia, é possível afirmar que, de certa forma, a rua também foi “arenizada” uma vez que apenas os torcedores com ingressos para o setor Gol Sul e Central Oeste conseguem transitar pelas ruas Palestra Itália, Caraibas e Diana, conhecidas como ponto de encontro de palmeirenses antes das partidas. Essas vias passaram, portanto, por uma setorização, sendo que a circulação nelas fica restrita apenas àqueles que detêm ingresso para determinados lugares do campo. Dessa maneira, o cercamento do entorno obedece à lógica do Allianz Parque, configurando uma privatização do espaço público.

Além disso, a disseminação de um comércio antes menos comum ao mundo do futebol, com a venda de souvenirs oficiais e itens considerados “gourmet”, como cervejas artesanais, bem como a abertura de bares que buscam um “público diferenciado” e que comercializam itens como copos temáticos – à semelhança do que ocorre dentro do Allianz Parque – também evidenciam isso que chamo de “arenização” da rua.

Assim, a arena, se pensada como casa da torcida palmeirense, estabelece fluxos simbólicos com a rua no que tange às práticas torcedoras e a valores ressaltados pelo “padrão FIFA”, como segurança, controle e consumo, mais visíveis no país a partir das intervenções antes da Copa do Mundo de 2014, que se desdobram até hoje, com suas peculiaridades.

Como desdobramentos desta pesquisa, entendo que a relação entre moradores e torcedores precisa ser melhor explorada para além das entrevistas com residentes do entorno, como realizei nesta dissertação, com ênfase inicial num público feminino. Pensar o Palmeiras, ainda que não exclusivamente, como um “clube de bairro”, problematizando tal ideia, pode ser um caminho interessante para investigar tais interações com maior profundidade etnográfica.

A questão de gênero também merece destaque, no sentido de que as Ciências Sociais ainda carecem de mulheres que realizem pesquisas de campo em espaços reconhecidos como masculinos. A construção do “eu feminino” nesse tipo de etnografia, tema sobre o qual fui afetada em diversas dimensões, é algo a ser esmiuçado teórica e empiricamente, com a importância e profundidade que tal tema demanda merece.

Um tema que se mostra cada vez mais relevante no mundo contemporâneo, afetando profundamente as redes de sociabilidade, incluindo as de torcedores e torcedoras, é o que podemos chamar de digitalização das formas de torcer, que incluem desde as interações dos sujeitos com os telões da arena, por meio do envio de fotos durante as partidas de futebol, até a criação de grupos temáticos de WhatsApp e Facebook formados apenas por palmeirenses, por exemplo. O uso do celular (TOLEDO, 2016) ocupa um espaço fundamental nessas situações, inclusive durante os jogos, onde torcedores palmeirenses fazem *selfies*, postam imagens e gravam vídeos e áudios, além de usarem esses conteúdos virtuais para provocar os amigos que torcem por times rivais.

Penso também que é preciso acompanhar a dinâmica do entorno da arena. Em dois anos e alguns meses de observação, as mudanças nos arredores foram significativas, tanto no que tange à abertura e fechamento de novos estabelecimentos comerciais identificados com o clube e sedes de torcidas organizadas, como no próprio bloqueio das ruas em dia de jogo, iniciativa que impactou diretamente a circulação dos palmeirenses e, conseqüentemente, de suas práticas

torcedoras. Ademais, a organização de diversos torcedores para negociar os rumos desse processo, como é o caso do movimento Ocupa Palestra, merece atenção especial.

Os agrupamentos como células de um “novo modelo de torcida” em contraponto às torcidas organizadas, como relata o torcedor Felipe, integrante de um desses grupos, é outro tema que merece desdobramentos teóricos, uma vez que parecem dar indícios de formas diferenciadas de organização de torcedores, com adereços e nomes próprios, mas com outros objetivos e iniciativas.

Em síntese, as observações etnográficas revelaram um quadro onde é possível ver que a reforma do estádio palmeirense acirrou disputas antigas, de diferentes níveis. No que tange ao torcer, por exemplo, o discurso de vários torcedores – especialmente os manchistas – revela que embates simbólicos entre quem seria mais ou menos palmeirense, valorando as formas de torcer de quem frequentaria as partidas do Palmeiras pelo clubismo e não pela “visita ao novo estádio”, foi reforçado com a arena, uma vez que esta atrairia um torcedor de outro perfil, mais propenso ao evento e ao consumo do que ao jogo em si. Além disso, na dimensão urbana, as contendas pré-existentes entre moradores, torcedores e clube, evidentes no discurso das vizinhas à arena ouvidas nesta dissertação, intensificaram-se especialmente por conta do caráter multiuso do Allianz Parque.

Surgiram, por meio do trabalho de campo, categorias que ilustram justamente esses cenários, tais quais: dentro x fora; casa x rua; Allianz Parque x Pacaembu; moradores x torcedores; torcida organizada x agrupamento torcedor; torcedor “antigo”/verdadeiro x torcedor consumidor/modinha; Avanti x Passaporte Allianz Parque; entre outras. Tais classificações, por outro lado, não dão conta da diversidade de práticas torcedoras coletadas durante o trabalho de campo, tampouco das dimensões simbólicas percebidas e vivenciadas durante as partidas do Palmeiras, que se mostraram muito mais complexas do possíveis categorizações, ainda que elas sejam importantes para traçarmos um modelo esquemático desta etnografia.

Em suma, a arena palmeirense não se limita apenas à sua estrutura física, já que se espalha pelas ruas do entorno e pelo bairro, afetando a dinâmica do espaço urbano de maneira inegável, contraposta, como vimos, a um conjunto bastante diversificado de práticas torcedoras que se manifestam em tais espaços e que também ensejam diversas formas de se fazer a cidade (AGIER, 2011) intrínsecas ao universo do futebol, revelando um ponto de contato bastante profícuo entre a Antropologia Urbana e a Antropologia das Práticas Esportivas.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, F. “Meu corpo em campo: reflexões e desafios no trabalho etnográfico com imigrantes na Itália”. In: “Adversidades no fazer antropológico”. In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 26, v.1, p.309-326, 2017.
- ALVES, V.; MATEUZI, M.; MOUTINHO, L. “Quanto Mais Você Me Nega, Mais Eu Me Reafirmo”: Visibilidade e Afetos na Cena Negra Periférica Paulistana. In.: *Revista TOMO*. n. 28 jan/jun, 2016.
- AMARAL A. I.; FREITAS, C. C. de M.; GIMENEZ, H. M.; IAMAMOTO, S.; PANNAIN, R. N. “Campo, gênero e academia: notas sobre a experiência de cinco mulheres brasileiras na Bolívia”. In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 26, v.1, p.348-369, 2017.
- ARAÚJO, R. Arenas Esportivas: do Conceito Básico ao Estado da Arte. In: DACOSTA, L. et al. (Org.). *Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. p. 553-555.
- ARAUJO, J. R. de C. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. 1996. 179f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279020>>. Acesso em: 21 jun. 2018.
- AGIER, M. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Terceiro Nome, 2011.
- AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 1994.
- _____. *In the metro*. Tradução (inglês) Tom Conley. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.
- AZEVEDO, A. G. de. *O desenvolvimento de estratégia do programa sócio-torcedor relacionado com a visão gerencial do futebol profissional no Distrito Federal*. 2013. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- BAIRROS, L. “Nossos Feminismos Revisitados”. In: *Revista Estudos Feministas*. n2/95, v.3, p.458-463, 1995.
- BESSA, P.; COELHO, K.; PATRIARCA, L.; RIBEIRO, F. “Adversidades no fazer antropológico”. In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 26, v.1, p.230-234, 2017.
- BLACKING, J. “Música, cultura e experiência”. In *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 16, p. 201-218, 2007.
- BOCCHI, G. M. M. *Do estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo de ‘atualização’*. 2016. 237 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais”. *Em Tese: revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC*. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

CAMPOS, F. de; TOLEDO, L. H. de. O Brasil na arquibancada: notas sobre a sociabilidade torcedora. *Revista USP*. São Paulo, n. 99, p. 123-138, 2013.

CAMPOS, F. “Arquitetura da exclusão: apontamentos para a inquietação com o conforto”. In: CAMPOS, F.; ALFONSI, D. (Orgs.). *Futebol, objeto das ciências humanas*. São Paulo: LeYa, 2014.

CAMPOS, P. A. F. *As formas de uso e a apropriação do estádio do Mineirão após a reforma*. Campinas: Tese de Doutorado em Educação Física/UNICAMP, 2016.

CERETO, M. P. *Arquitetura de massas: o caso de estádios brasileiros*. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado em Arquitetura/UFRGS, 2003.

CLASTRES, P. *A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. p. 17-62

CURI, M. *Espaços da emoção: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública*. 2012. 317 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

_____. A disputa pelo legado em megaeventos esportivos no Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 65-88, dez. 2013.

_____. Novos estádios de futebol para o Brasil: uma arquitetura most-modern? In: *Entre Jogos e Copas: reflexões de uma década esportiva*. SPAGGIARI, E.; MACHADO, G. M. C.; GIGLIO, S. S. (Orgs.). São Paulo: Intermeios, FAPESP, 2016. p. 55-84.

DAMATTA, R. *A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMO, A. S. *Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Futebol Porto Alegrense e seus torcedores*. 1998. 257 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

_____. A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia. *Gênero*, Niterói, v. 7, n. 2, p. 137-152, 1. sem. 2007.

_____. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec e ANPOCS, 2007.

_____. “O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro”. In: CAMPOS, Flávio; ALFONSI, Daniela (Orgs.). *Futebol, objeto das ciências humanas*. São Paulo: LeYa, 2014.

_____. Produção e consumo de megaeventos esportivos – apontamentos em perspectiva antropológica. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, ano 8, v. 8, n. 21, p. 67-92, mar. 2011.

_____. “O desejo, o direito e o dever: a trama que trouxe a Copa ao Brasil”. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 41-80, abr/jun de 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/29910/19077>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

_____. Paixão partilhada e participativa – o caso do futebol. *História: Questões & Debates*, Curitiba (UFPR), n. 57, p. 45-72, jul./dez. 2012.

_____. Novas abordagens sobre o esporte em Ciências Humanas no Brasil. In: *Entre Jogos e Copas: reflexões de uma década esportiva*. SPAGGIARI, E.; MACHADO, G. M. C.; GIGLIO, S. S. (Orgs.). São Paulo: Intermeios, FAPESP, 2016. p.325-353.

DAMO, A. S.; OLIVEN, R. G. *Megaeventos esportivos no Brasil: um olhar antropológico*. Campinas: Armazém do Ipê, 2014.

DELEUZE, G. *Conversações*; tradução de Peter Pál Pelbart. — São Paulo: Ed. 34, 1992. 232 p. (Coleção TRANS).

D’ORNELLAS, C. “Grandes eventos, uma perspectiva sobre a segurança e as novas arenas”. In: HOLLANDA, B. B. B. de; REIS, H. H. B. dos (Orgs.). *Hooliganismo e Copa de 2014*. Rio de Janeiro: 7letras, 2014. p. 159-170.

DRULA, A. J. *O processo de transformação de um estádio para arena: o caso da Arena da Baixada*. Curitiba: Dissertação de Mestrado em Educação Física/UFPR, 2015.

FAVERO, R. P.; HOLLANDA, B. B. de. *Cronologia das torcidas organizadas (V)*: TUP – Torcida Uniformizada da Sociedade Esportiva Palmeiras. Ludopédio, 16 de novembro de 2017. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/tup-torcida-uniformizada-da-sociedade-esportiva-palmeiras/>>. Acesso em 1 de maio de 2018.

_____. *Cronologia das torcidas organizadas (VI)*: Mancha Verde – Sociedade Esportiva Palmeiras (parte II). Ludopedio, 17 de janeiro de 2018. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/cronologia-das-torcidas-organizadas-v-mancha-verde-sociedade-esportiva-palmeiras-parte-ii/>>. Acesso em 2 de maio de 2018.

FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo: Global, 1987.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREHSE, F. 7. “A rua no Brasil em questão (etnográfica)”. In: KOWARICK, L.; FRÚGOLI JUNIOR, H (Orgs). *Pluralidade urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos*. São Paulo: Editora 34, 2016. p.197-205.

FRÚGOLI JUNIOR., H. “Copa do Mundo de 2014 nas ruas da Vila Madalena (São Paulo) e usos ampliados dos espaços públicos”. In: 40º Encontro Anual da Anpocs, St 23 – Pensar a

Cidade no Brasil: Limitações, Potencialidades e Perspectivas, jun. 2016, Caxambu. Disponível em:

<<http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st23-5/10377-copa-do-mundo-de-2014-nas-ruas-da-vila-madalena-sao-paulo-e-usos-ampliados-dos-espacos-publicos/file>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

GAFFNEY, C. Mega-events and socio-spatial dynamics in Rio de Janeiro 1919- 2016. *Journal of Latin American Geography*, v. 9, n. 1, p. 7-29, 2010.

_____. Virando o jogo: The Challenges and Possibilities for Social Mobilization in Brazilian Football. *Journal of Sport & Social*, ed. 39(2), p.155-174, mar. 2013. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0193723513515887>>. Acesso em: 3 abr. 2017.

_____. The Urban Impacts of the 2014 World Cup. In: GRUNEAU, Richard; HORN, John (Orgs.). *Mega-Events and Globalization: Capital and Spectacle in a Changing World Order*. London: Routledge, p.167-183, 2015.

_____. Segurança Pública e os Megaeventos no Brasil. In: GAFFNEY, C.; JUNIOR, O. A.; RIBEIRO, L. C. (Orgs.). *Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016*. Rio de Janeiro: Letra Capital, p. 165-184, 2015. Disponível em: <http://www.zora.uzh.ch/115005/1/rj_megaeventos_2015.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2017.

_____. Arenas de Conflito: os processos conflituosos durante a preparação para a Copa do Mundo no Brasil. In: GAFFNEY, C.; JUNIOR, O. A.; RIBEIRO, L. C. (Orgs.) *Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016*. Rio de Janeiro: Letra Capital, p.185-202, 2015. Disponível em: <http://www.zora.uzh.ch/115005/1/rj_megaeventos_2015.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2017.

_____. A construção de equipamentos esportivos voltados para a elite na cidade do Rio de Janeiro. In: CASTRO, D. G.; GAFFNEY, C.; NOVAES, P. R.; RODRIGUES, J. M.; SANTOS, C. P.; JUNIOR, O. A. (Orgs.) *Rio de Janeiro: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016*. Rio de Janeiro: Letra Capital, p.117-144, 2015. Disponível em: <http://www.zora.uzh.ch/115003/1/rj_megaeventos_2015.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2017.

_____. Segurança pública e grandes eventos no Rio de Janeiro. In: CASTRO, D. G.; GAFFNEY, C.; NOVAES, P. R.; RODRIGUES, J. M.; SANTOS, C. P.; JUNIOR, O. A. (Orgs.) *Rio de Janeiro: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016*. Rio de Janeiro: Letra Capital, p.145-170. 2015. Disponível em: <http://www.zora.uzh.ch/115003/1/rj_megaeventos_2015.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2017.

GAFFNEY, C.; MASCARENHAS, G. “O estádio de futebol como espaço disciplinar”. In: *Seminário Internacional Foucault Perspectivas*, UFSC, Florianópolis, 2004. Disponível em: <https://gefut.files.wordpress.com/2015/04/espaco_disciplinar_estadios-libre.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2017.

_____. “The soccer stadium as a disciplinary space”. *Revista Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, n. 1, v. 1, p. 1-16, nov.2005-fev. 2006.

_____. “O estádio de futebol como espaço disciplinar”. In: Hollanda, B.B.B.; BURLAMAQUI, L. (Orgs.). *Desvendando o jogo: nova luz sobre o futebol*. 1ed. Niterói: Editora da UFF, 2014, v. 1, p. 85-106.

_____. “A Festa Acabou? Os Estádios de Futebol e a Disciplina Socioespacial.” In *Desvendando O Jogo: Nova Luz Sobre O Futebol*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2014.

GALUPPO, F. R.; OLIVEIRA FILHO, J. E. *Parque dos Sonhos*. Jundiaí: In House, 2016.

GASTALDO, É. “O complô da torcida”: futebol e performance masculina em bares. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 24, v.11, p.107-123, 2005.

GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. “A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009)”. *Revista de História*, São Paulo, v. 163, n. 2, p.293-350, dez. 2010.

GINSBURG, F. “The Case of Mistaken Identity: Problems in Representing Women on the Right”. In: BRETTEL, C. (Org.) *When They Read What We Write*. Santa Barbara: Praeger, 1996, p.163-176.

GLUCKMAN, M. “Análise de uma situação social na Zululândia Moderna”. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Global, 1987, parte III, p. 227-267.

GOELLNER, S. V. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005.

GUEDES, S. L. Esporte, lazer e sociabilidade. In: *Horizontes das Ciências Sociais: Antropologia*. Coordenador geral Carlos Benedito Martins; Coordenador de área Luiz Fernando Dias Duarte. São Paulo: Anpocs, 2010. p. 431-456.

_____. *O Futebol Brasileiro – Instituição Zero*. Dissertação em Antropologia Social, PPGAS-MN, Rio de Janeiro: UFRJ, 1977.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, 1995, p.7-41.

HERZFELD, M. *Antropologia prática teórica na cultura e na sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2014.

HOLLANDA, B. B. B. de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)*. 2008. 771 f. Tese (Doutorado) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

_____. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

_____. “O fim do Estádio-Nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014”. In: *Futebol objeto das ciências humanas*. CAMPOS, F. de; ALFONSI, D. (Orgs.). São Paulo: Leya, 2014, p. 321-346.

LEMOS JUNIOR, J. R.; MOURA, A. B. M.; SCOTT, P. “Territorializando a Copa: discursos em torno das mudanças Territoriais na construção da arena e da cidade da Copa em Pernambuco”. *II Conferência Internacional Megaeventos e a Cidade*, S-AT1 - Territórios e Transformações urbanas, Rio de Janeiro, UFRJ-IPPUR, 27-30 de abril, 2014.

MAGNANI, J. G. O campo da Antropologia. In: PASSOS, M. L. P. (Org.). *Os campos do conhecimento e o conhecimento da cidade*. São Paulo: Museu Paulista da USP, 1992. p. 45-56. (Cadernos de História de São Paulo, 1).

_____. O velho e bom caderno de campo. *Revista Sexta Feira*, n. 1, p. 8-12, maio 1997.

_____. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

_____. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. de L. (Orgs.) *Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana*. EDUSP, São Paulo, 1996.

_____. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* nº 49, vol. 17, jun./2002, p. 11-29.

MAGNANI, J. G.; MANTESE, B. *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MASCARENHAS, G. “Mega-eventos esportivos, desenvolvimento urbano e cidadania: uma análise da gestão da cidade do Rio de Janeiro por ocasião dos Jogos Pan-americanos de 2007”. *Scripta Nova: Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, ago. 2007.

_____. “Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol”. *Cidades (Unesp)*, São Paulo, v. 10, p. 142-170, 2013.

_____. “Pacificação e exclusão: o estádio de futebol na produção da cidade-espetáculo” In: *XVI ENANPUR*, 2015, Belo Horizonte. XVI ENANPUR - Sessões Temáticas. Belo Horizonte, 2015. v. 1. p. 1-14.

_____. “A produção da cidade olímpica e os sinais da crise do modelo globalitário”. *Geousp – Espaço e Tempo* (Online), v. 20, n. 1, p. 52-68, mês. 2016. ISSN 2179- 0892.

_____. “Brasil: impactos da Copa do Mundo e das Olimpíadas”. In: GAFFNEY, C.; JUNIOR, O. A.; RIBEIRO, L. C. (Orgs.). *Brasil: Os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016*. Rio de Janeiro: Letra Capital, p.7-12, 2015. Disponível em: <http://www.zora.uzh.ch/115005/1/rj_megaeventos_2015.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2017.

- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2003. p. 183-314.
- MEDEIROS, F. “Adversidades e lugares de fala na produção do conhecimento etnográfico com policiais civis”. In: *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 26, v.1, p.327-347, 2017.
- MELO, M. de A. *O rio que corre pela aldeia: relações estabelecidas por torcedores comuns de Belo Horizonte com o torcer, com a violência e com o novo estádio Independência*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer/UFGM, 2013.
- MELO, E. S. O.; GAFFNEY, C. *Megaeventos esportivos: reestruturação urbana para quem?* Rio de Janeiro: Observatório da Metrópoles, FASE, IPPUR/ UFRJ 2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/5916300/Mega-eventos_esportivos_reestrutura%C3%A7%C3%A3o_urbana_para_quem>. Acesso em: 7 abr. 2017.
- _____. *Megaeventos esportivos no Brasil: uma perspectiva sobre futuras transformações e conflitos urbanos*. Rio de Janeiro: Observatório da Metrópoles, FASE, IPPUR/ UFRJ, 2010. Disponível em: <<https://fase.org.br/wp-content/uploads/2014/08/Artigo-Megaeventos.doc>>. Acesso em: 7 abr. 2017.
- MELLO, E. de C. “O estádio de futebol e sua percepção inovadora”. *Revista USP*. São Paulo, n.99, p.153-158, 2013.
- MOURÃO, L.; MOREL, M. “As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.26, p.73-86, 2005.
- MURAD, M. *A Violência e o Futebol – dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro, FGV, 2007.
- _____. *Para Entender a Violência no Futebol*. Coleção Benvirá. São Paulo, Saraiva, 2012.
- NORONHA, M. P. *Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o “lugar” feminino no futebol clubístico*. Tese (Doutorado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. São Leopoldo, RS, 2010.
- PEIRANO, M. “Etnografia Não é Método”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42.
- PERLONGHER, N. *O negócio do michê*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.
- PIMENTA, C. A. M. *Torcidas organizadas de futebol: violência e autoafirmação, aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté, Vogal, 1997.
- _____. Violência entre torcidas organizadas de futebol. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 14, n. 2, p. 122-128, jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 março 2018.

PISANI, M. da S. *‘Sou feita de chuva, sol e barro’*: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

RAEDER, S. “Desenvolvimento Urbano em Sedes de Megaeventos Esportivos”. In.: DACOSTA, L. et al. (Org.). *Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008, p.201-209.

_____. “Conflitos no ordenamento territorial em sedes de megaeventos esportivos”. *Esporte e Sociedade: Revista Digital*, ano 4, n. 10, nov. 2008/fev. 2009. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1005.pdf>>. Acesso em 20 março 2018.

REIS, H. H. B. dos. Espetáculo Futebolístico e Violência: Uma complexa relação. In: DAOLIO J. (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 105-130.

_____. *Futebol e violência*. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

_____. Hooliganismo no Brasil: estilo de vida, violência/marginalidade/delinquência, incivilidade? – Contribuições ao debate a partir de um diálogo transacional. In: HOLLANDA, B. B. B. de; REIS, H. H. B. dos (Orgs.). *Hooliganismo e Copa de 2014*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7letras, 2014, p. 113-120.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?*. São Paulo: Letramento, 2017.

SILVA, R. H. A.; ZIVIANI, P. “A Copa Do Mundo e as cidades: ‘juntos num só ritmo’, #sóquenão”. *Revista USP*, São Paulo, n. 102, p. 69-81, jun./jul./ago. 2014.

SOUSA, D. *Parque Antarctica: um patrimônio do lazer na cidade de São Paulo no início do século XX*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em História) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2014.

SOUZA, M. de (Org.). *Arenas do Brasil: arquitetura e engenharia nos estádios brasileiros para a Copa de 2014*. São Paulo: Mandarim Editora, 2014.

SPAGGIARI, E.; MACHADO, G. M. C.; GIGLIO, S. S. (Orgs.). *Entre Jogos e Copas: reflexões de uma década esportiva*. São Paulo: Intermeios, Fapesp, 2016.

STREAPCO, J. P. “Cego é aquele que só vê a bola”: O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. (1894-1942). 2010. 228 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

TOLEDO, L. H. de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

_____. Identidades e conflitos em campo: a guerra do Pacaembu. *Revista USP*, São Paulo, n. 32, p. 108-117, dez./jan./fev. 1997.

_____. *Lógicas no Futebol: Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional*. 2000. 341 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. *No país do futebol*. São Paulo: Jorge Zahar, 2000.

_____. “A Cidade das Torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo”. In: *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*/José Guilherme C. Magnani; Lilian de Lucca Torres (Orgs.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.

_____. Torcer: metafísica do homem comum. *Revista de História* (USP), v. 1, 2010, p. 175-190.

_____. “Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010”. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; ET AL. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, 7 letras, 2012.

_____. Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerão e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 19, n. 40, jul./dez. 2013, p. 149-184.

_____. De olhos bem abertos ou o que se viu e ouviu na Copa do Mundo de 2014: ensaio de antropologia das emoções esportivas. *Entre Jogos e Copas: reflexões de uma década esportiva*. SPAGGIARI, E.; MACHADO, G. M. C.; GIGLIO, S. S. (Orgs.). São Paulo: Intermeios, FAPESP, 2016. p. 33-54.

VAN VELSEN, J. “A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado”. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Global, 1987, parte III, p. 345-374.

VERÍSSIMO, M. “Ordem Urbana e Controle Social dos Comportamentos: um relato dos processos de atualização das formas de uso de estádios de futebol antes da Copa do Mundo de 2014”. *Revista Enfoques*, Rio de Janeiro, vol. 13 (1), p.179-205, jun. 2014.